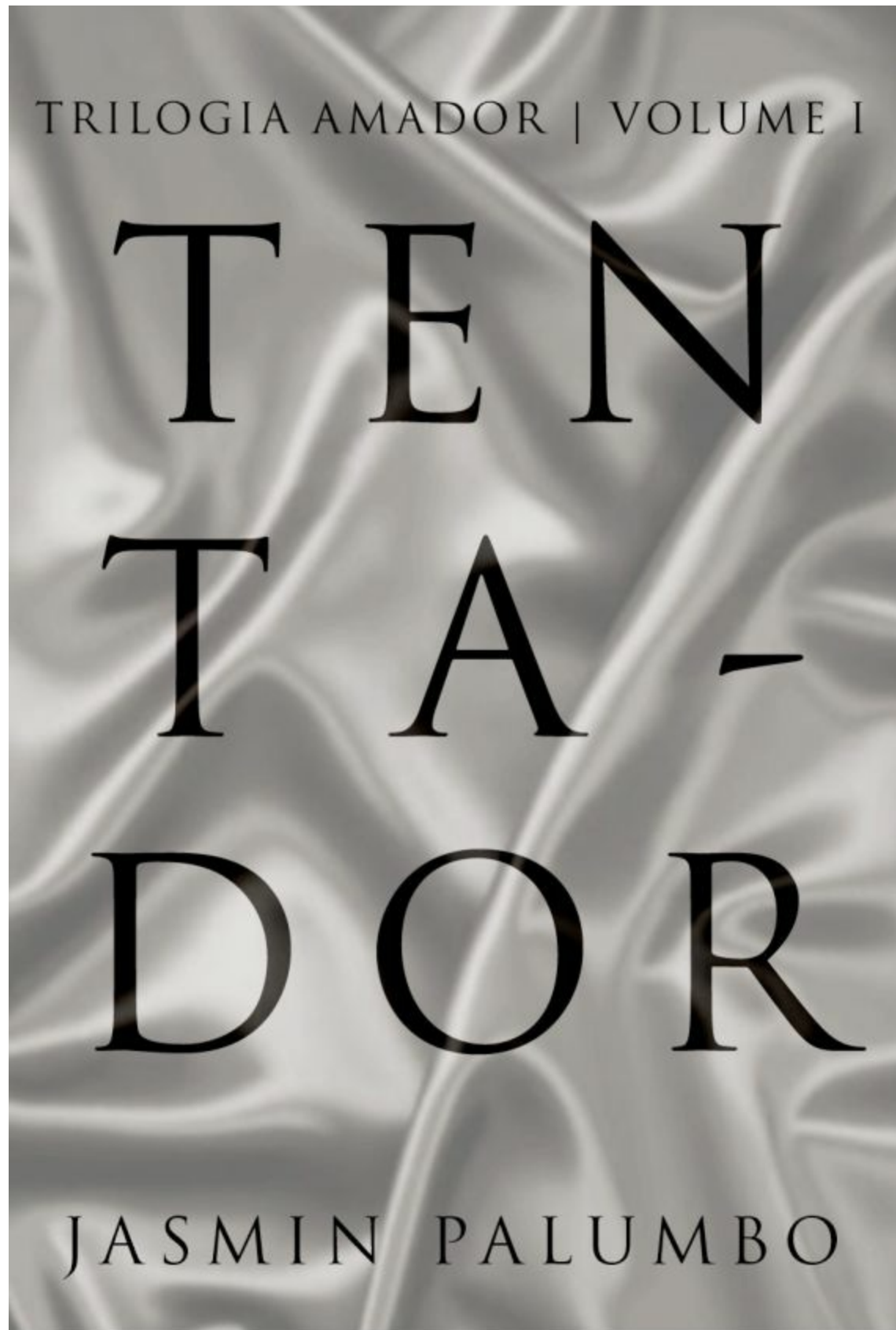


TRILOGIA AMADOR | VOLUME I

TEN- TA- DOR

JASMIN PALUMBO





PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Tentador

Copyright © 2016 Jasmin Palumbo

1ª edição 2016

Revisão: JPalumbo

Capa: JPalumbo Diagramação digital: JPalumbo

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Os versos das canções aqui reproduzidas foram usados com base no Art. 46 da Lei Brasileira do Direito Autoral.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Sumário **I**

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

XXIII

XXIV

XXV

XXVI

XXVII

XXVIII

XXIX

XXX

XXXI

[XXXII](#)

[XXXIII](#)

[XXXIV](#)

[XXXV](#)

[XXXVI](#)

[XXXVII](#)

[XXXVIII](#)

[XXXIX](#)

[XL](#)

[XLI](#)

[XLII](#)

[XLIII](#)

[XLIV](#)

[XLV](#)

[XLVI](#)

[XLVII](#)

[XLVIII](#)

[XLIX](#)

[L](#)

[Hoje era um dia daqueles.](#)

[LI](#)

[LII](#)

[BÔNUS](#)

[LIII](#)

[LIV](#)

[LV](#)

[LVI](#)

[LVII](#)

[LVIII](#)

[LIX](#)

[LX](#)

PERIGOSAS

[LXI](#)

[LXII](#)

[LXIII](#)

[LXIV](#)

[EXTRA](#)

NACIONAIS-ACHERON

I



Esse era apenas mais um dia estressante de trabalho, entregas de produtos e cobranças. Por sorte, eu tinha quem fizesse isso para mim. Eu era a patroa, mas tinha tanto trabalho quanto os outros.

Eu era dona de uma agência de publicidade/modelos.

Na minha adolescência eu sonhava em ser uma modelo famosa, eu tinha altura, mas nunca tive o corpo de uma modelo. E nunca quis ter. Desisti dessa carreira, mas isso foi anos depois de desfilar para algumas marcas de roupas e fazer algumas propagandas pelo mundo. Eu era mais modelo fotográfica que tudo, desfiles era raros para mim. Mesmo só com fotos, eu ganhava bastante dinheiro.

Eu tive a sorte de conhecer as pessoas certas, pois mesmo eu nunca tendo o corpo magro e perfeito de uma modelo, eu tinha contatos. Aprendi cedo que ter contatos importantes era tudo. Em uma dessas viagens conheci meu ex-marido, mas isso era outra longa história.

NACIONAIS-ACHERON

Descobri aos 20 e poucos que eu gostava mesmo era de mandar. Então, me tornei empresária, estudei a distância e abri minha agência sozinha. Da qual, hoje em dia, anos depois, tem um nome valorizado e respeitado.

Hoje era um dia daqueles, onde tínhamos que apresentar campanhas, contratar fotógrafos, comprar cenários, escolher o modelo perfeito para a campanha. Nessa parte que os modelos entravam. Eu tinha que escolher o melhor para a campanha.

Minha agência de publicidade era, digamos assim... sexy. Pois só trabalhávamos com campanhas de roupas íntimas, preservativos, algumas vezes até filmávamos para comerciais de algum novo motel, ou uma nova camisinha, ou pílulas milagrosas para os homens, também fazíamos comerciais e divulgações de novos sex shops. Bem, era isso, alguma empresa contratava a agência, e nós dávamos o produto pronto.

Nós tínhamos modelos contratados na agência, pois algumas vezes, esses modelos precisavam desfilarem para alguma grife de moda íntima. Outras vezes contratávamos para longo prazo ou para somente uma campanha um novo modelo, quando a empresa que nos contratava não quisesse os modelos que apresentávamos.

Nesta manhã de quarta-feira uma empresa tinha nos contratado para fazer a propaganda de cuecas boxers (isso era nada mais nada menos que: escolher um bom modelo e tirar fotos dele com a *super* nova cueca), e se a empresa gostasse do nosso trabalho contrataríamos novamente para gravar um comercial de camisinhas (ou seja, precisaríamos de um casal).

Tudo parecia normal, mas eles não queriam apenas um cara bonito para apresentar à cueca boxer, eles queriam ‘o’ cara bonito, e se escolhessem bem esse mesmo cara faria a campanha das camisinhas.

Eu entendia que teria que ser o cara, já que o comercial seguia a linha de: compre de presente para seu namorado/noivo/amante/marido. Mas eles

NACIONAIS-ACHERON

queriam tudo já feito: modelo escolhido, fotos tiradas, a modelo que faria par com ele (caso eles aceitassem o cara que faria a propaganda da cueca), o cenário e um pôster dele com a “super” cueca... Tudo isso em alguns dias. Já para o sábado eles queriam o rapaz escolhido.

Eu até tinha pensado: fácil achar um cara gostoso que faça uma boa propaganda ao usar a cueca boxer, até que o gerente sênior da empresa em questão disse: – Nós não queremos um rapaz muito conhecido, tem que ser alguém comum, mas que ao mesmo tempo seja sofisticado e que tenha uma noção com o que é ser modelo.

Putá merda! pensei.

Onde eu acharia alguém que:

- 1) Fosse “ô” cara 2) Mas que não fosse conhecido *demais* entre os modelos 3) Porém que tivesse uma ideia do que é ser modelo 4) E que fosse sofisticado?

Onde caralho?!



Já era tarde de quarta e a porta da minha sala na agência estava entreaberta quando eu vi minha assistente batendo-a nela.

– Entre!

Minha assistente, era uma estagiária de seus 19 anos. Seu cabelo negro era acima dos ombros, era alta para a sua idade, tinha uma pele clara e bronzeada. Um tom que daria inveja em muitas outras mulheres que matavam

NACIONAIS-ACHERON

por aquela cor, sem parecer falso.

Eu, por outro lado, não ligava. Minha pele era morena clara, deixando-me sempre com um tom levemente bronzeado.

Seus olhos eram grandes e de um castanho claro muito bonito. Ela vestia uma calça branca que se ajustava bem as suas poucas curvas, uma blusa amarela com um decote canoa, mangas até os cotovelos. Sua sapatilha era simples e preta, mas até bonitinha. Minha estagiária não se vestia tão bem, mas eu não poderia culpá-la. Roupas boas eram caras e eu só pude me dar ao luxo delas já na fase adulta.

Já eu vestia uma saia preta até os joelhos e um top azul-marinho com um decote discreto. Meu salto não era muito alto, mas o suficiente para me elevar um pouco mais.

– Senhora, – ela começou falando baixo como sempre fazia e tossiu um pouco antes de continuar – eu queria saber se eu posso confirmar a presença da senhora no evento de sábado.

A menina falava parecendo que tinha medo de mim. Talvez ela realmente tivesse... Eu era uma pessoa que poderia facilmente intimidar e assustar alguém. Eu não fazia por mal, para crescer na vida, eu precisei me tornar quem eu sou hoje: dona de minha própria agência, não uma subordinada.

Eu tinha esquecido completamente desse evento. Era algo mais como um “pós-evento”, porque o evento já tinha ocorrido; e foi um sucesso. Agora para comemorar a empresa estava dando uma festa.

O evento realmente foi apenas um desfile e apresentação de uma nova coleção de roupas de uma empresa de grife; agora seria a comemoração. Eu não faltaria, porque, eu, com a minha equipe da agência, que tínhamos escolhido os modelos. A nova coleção de roupas era magnífica, mas, sem nós, os melhores modelos não iriam ter estado lá. O sucesso deles era o nosso

NACIONAIS-ACHERON

também.

- Pode confirmar Victoria. Confirme que todos nós da equipe iremos.
- Vi seu grande e genuíno sorriso surgir e aos poucos foi se desfazendo.
- Eu estou confirmada também?
- Claro! Você faz parte da equipe, tanto quanto qualquer um.
- Obrigada senhora.

Em questão de segundos ela saiu. Eu não era a melhor patroa do mundo, mas eu sabia como tratar uma boa estagiária, e eu sabia como era difícil o primeiro emprego e toda a insegurança.

O evento de sábado!

Como eu não pensei nisso antes?

Esse seria o melhor momento para achar o cara para fazer a propaganda da cueca boxer.

Precisávamos desesperadamente fechar esse contrato com a tal empresa. Eles além de pagarem muito bem, tinham um grande reconhecimento no mercado. Isso daria ainda mais visibilidade para a minha agência.

II



Era uma quarta-feira, daquelas que você não quer de jeito

nenhum levantar da cama! Para a minha sorte eu tinha que ir à academia, depois encontrar o meu pai e ver se os meus trabalhos estariam de pé.

Eu trabalhava como modelo, não que eu gostasse muito, no entanto eu seguia a carreira de meu pai.

Meu pai, também Christopher, (meu pai disse que a ideia de colocar o mesmo nome em mim partiu de minha mãe), ele era um dos modelos mais requisitados, não mais para desfiles.

Atualmente ele tinha 44 anos, mas mesmo assim chamavam-no para eventos e comerciais de alguma coisa. Já eu tinha 23 anos e todos diziam que eu era a cópia dele, tirando os meus olhos pretos, que eu tinha puxado de minha mãe, meu pai tinha os olhos mais azuis que eu já tinha visto.

Eu não sabia se eu gostaria de seguir essa carreira mais afundo. Tinha a plena consciência que, um dia, a beleza acaba e eu não viveria dela para sempre. Todavia, por enquanto, eu aproveitava e desfrutava de ganhar dinheiro pela aparência. Não faria mal a ninguém.

Como, atualmente, eu morava na cidade, eu percebia o quanto o mundo girava em função de *mais* dinheiro e *mais* beleza.

Era claro que aparência importava, não seria hipócrita, mas, na cidade, muitas mulheres deixavam todo e qualquer pudor de lado.

Depois que eu vim para a cidade com meu pai, quando tinha meus 18 anos, eu aproveitei bastante das mulheres. No interior eu tive um relacionamento com uma menina doce e delicada, Júlia. De vez em quando nós ainda nos falávamos.

Eu odiava levar as mulheres da cidade para eventos que só poderia ir acompanhado. Então, sendo assim, eu chamava Júlia.

Quando ela podia, ela vinha ao meu resgate, mas nem sempre era assim. Júlia tinha 23 anos e era uma das mais novas médicas formadas no interior em que nascemos e ela amava o que fazia. Ela tinha simplicidade não só por ajudar os outros, mas no nosso interior.

Alguns meses depois de formada, (ela tinha a sorte de ser adiantada no colégio), não demorou para Júlia ter emprego em dobro, porém quando se gosta do que faz, muitas horas de trabalho, não se torna algo ruim ou cansativo, pelo contrário.

O nosso relacionamento durou cerca de quatro anos, mas no final desses quatro anos vemos que não valia mais continuar, eu morava com meus pais no interior, até que eles se separaram quando eu tinha 11 anos.

Minha mãe ficou devastada e surtou, ela dizia que meu pai tinha terminado com ela por causa de outra. Dois anos depois da separação ela se matou. Eu fui morar com a minha tia (materna) ainda no interior.

Meu pai não deu sinal de vida, ela estava em outro país e nós não conseguíamos falar com ele, foi então que comecei a acreditar que era por outra mulher. Durante meses não conseguimos falar com ele sobre o acontecido, ele só mandava o dinheiro da pensão.

Meses depois do suicídio de minha mãe, ele voltou ao país e descobriu o que aconteceu, ele queria me levar com ele para a cidade, mas eu não aceitei, durante o tempo que ele ficou fora minha tia tinha tomado minha guarda, e eu com meus quase 14 anos tinha me apaixonado pela minha vizinha, que era Júlia.

Demorou um tempo para eu confiar em meu pai de novo, mas quando eu já tinha feito 14 anos e estava namorando Júlia ele começou a se aproximar mais e começou a costurar a minha confiança quebrada, que por

NACIONAIS-ACHERON

sorte não foi completamente.

Minha tia dizia que provavelmente o relacionamento dele com a *vagabunda* teria acabado. Lógico que ela não falava isso para mim, mas eu a ouvia sussurrar com meu tio.

Com o tempo meu pai novamente tinha minha confiança, até minha tia que tinha relutantemente negado que ele existia começou a amolecer.

Quando eu tinha 16 anos eu perdi minha virgindade com Júlia, meu pai foi o primeiro a saber, era bom ter alguém com quem pudesse conversar sobre sexo.

Por mais que eu amasse a minha tia esse não era o tipo de assunto que falávamos, mas eu respeito imensamente minha tia Myrna, sem ela eu acho que não teria a mesma educação com as mulheres. Ela me dizia que se eu amasse uma mulher teria que lutar por ela, e que eu nunca, *nunca* poderia trair.

Eu concordava completamente com isso. Ainda mais, depois de tudo que passei com o relacionamento de meus pais – e a depressão de minha mãe – a última coisa que eu queria era fazer uma mulher sofrer.

Quando eu fiz 17 anos minha relação com meu pai estava 100% outra vez, como se nunca o fio da confiança tivesse partido, ele queria que eu fosse morar com ele, mas eu não queria deixar Júlia, nem meus tios e amigos.

Meus tios tinham me acolhido como um filho deles, porque minha tia era estéril e o que ela mais queria era um filho homem. Eu tinha servido para alguma coisa de útil para ela.

Meu pai e eu fizemos um trato, dizendo que, quando eu me formasse e se quisesse eu iria para a cidade com ele, mas se fosse minha escolha ficar, ele teria que aceitar.

Assim que eu me formei que foram poucos meses depois do nosso trato (e eu ainda tinha 17 anos) meu pai me disse que eu teria que decidi, e que na

cidade seria bom para mim até as possibilidades de trabalho.

Eu pensei bastante sobre e quando eu fiz 18 anos percebi que seria melhor mesmo para mim. Todos me apoiaram, mas antes da minha viagem, eu e Júlia conversamos e decidimos que era melhor terminar.

Primeiro que: antes da sentença do término nós já não tínhamos mais o mesmo amor. O amor que eu sentia por ela estava se transformando e eu já não a desejava como mulher, e sim, como amiga, e ela me disse o mesmo.

Com isso terminamos antes de nos machucarmos, e agora somos bons amigos, que se falam de vez em quando. Eu ainda vou para o interior quando tenho tempo, revejo meus tios, meus amigos, e é claro, Júlia. Nesses cinco anos em que eu estava na cidade tinha feito bastante coisa, em questão de trabalhos e mulheres. Eu levei comigo as coisas que meu pai me ensinou sobre sexo, e levei comigo o que minha tia me ensinou sobre os sentimentos.



Eu estava entrando na academia enquanto encarava meu tênis e sem prestar atenção para nada quando uma menina surgiu na minha frente, chamando-me: – Chris... – e sorriu.

As mulheres da cidade não tinham o que eu sempre admirei das mulheres do interior: simplicidade.

Não que eu quisesse que elas se fingissem de algo que claramente não eram, sobretudo, às vezes, uma troca de olhares simples era muito mais intenso que um flerte escrachado.

Sorri por educação para a mulher, da qual não recordava-me o nome e

assenti, passando direto.

– Irmão! – Ian, meu melhor amigo, tinha parado de correr em uma esteira para me gritar.

Eu ri.

Ian vestia apenas uma bermuda, ostentando seus músculos enquanto sua camisa servia a ele de lenço.

Ele tinha sido uma das primeiras pessoas que eu conheci na cidade e logo me identifiquei. Era difícil achar um bom amigo, como ele.

– E aí! – falei indo para a esteira do lado, Ian aproveitou a deixa e ligou à esteira dele novamente.

Sua pele negra era o contraste da minha. Ele tinha 25 anos, mas parecia mais jovem, porque suas feições eram sutis. Embora seu olhar demonstrasse uma maturidade de quem viveu mais do que seus 25 anos de fato.

– Você vai para a festa de sábado?

– Qual?

– A da empresa de grife. Você foi comigo ao evento, e odiou porque não te chamaram para desfilar... Então, agora, é a festa de comemoração desse evento.

Ian deu um sorriso torto e uma piscadela para uma menina que passava, e ela retribuiu, mas Ian não saiu do lugar e ela não se aproximou. Depois comecei a me lembrar da festa que ele falava.

– Nem me lembre disso, fiquei com puta ódio por não terem me chamado para desfilar, mas acho que vou à festa.

– Você tem que ir! – dessa vez Ian olhou para mim. – Porque além de ter muita mulher gostosa lá, vai ser bom pra pegarmos contato. Não ligue que não te chamaram para o desfile, quem arrumou os modelos foi uma agência de publicidade e não a empresa que deu o evento.

– Não sabia disso...

– É, eu também não, mas um amigo meu falou que essa agência de publicidade só contrata os mais conhecidos. – olhando para mim Ian continuou – Tudo bem que seu pai é o Sr. Stuart, mas...

– Eu entendo! – cortei-o – Mas agora que eu sei que tem essa agência de publicidade posso descobrir quem é o dono e tentar pegar o contato dele, caso ele esteja nessa festa.

– Acho que isso deve ser fácil. *Ela* com certeza estará lá, já que foram eles dá agência que contrataram os modelos para a empresa.

– Ela?

– Sim! Gênero feminino mesmo. É uma mulher que é a dona da agência.

– Bom saber! – eu tinha que ir para essa festa saber quem é e conhecer essa mulher.

Precisava de contatos e de trabalho. Estranho que, se essa agência era realmente tão conhecida, como Ian deu a entender, não entendia porque meu pai nunca tinha me falado dela.

Eu e Ian conversamos ainda mais sobre a dona da agência, ele dizia-me que não sabia o nome da dona da agência, porque ela era muito difícil de se encontrar, *intencionalmente*, para não haver uma série de modelos desesperados atrás dela.

Eu ri. Não estava desesperado por trabalho, mas conhecê-la seria bom para ter ainda mais contatos profissionais.

III



Já era sexta-feira e até agora não tínhamos escolhido um modelo que a empresa aceitasse. A única esperança da agência conseguir esse maldito modelo era na festa de amanhã. Coisa que eu não estava muito ansiosa para ir.

Eu sabia que precisaria ir e fazer novos contatos; encontrar meus clientes antigos, sorrir para todos que alguém me apresentasse, e, era claro, teria que ver aquele bando de velho estúpido com meninas que poderiam ser confundidas muito bem com suas netas e/ou as coelhinhas da playboy.

A maioria das mulheres desses tipos de eventos eram loiras. Eu, por outro lado, era ruiva. Ruiva natural, mas tinha pintado para deixá-lo ainda mais vermelho.

Os homens desses eventos eram todos previsíveis: se não eram velhos com suas garotinhas, eram senhores de olho nas meninas bem mais novas, já os homens mais novos eram extremamente narcisistas, sempre pensando em

NACIONAIS-ACHERON

seu próprio umbigo e sua própria aparência. Poderiam até ser gostosinhos, mas a companhia era uma merda.

Eu sempre acabava sozinha. ‘Antes só do que mal acompanhada’ nunca me serviu tão bem.

– Victoria mande marcar uma reunião. *Agora*. – falei a minha assistente enquanto saía e ia até a sala de reuniões.

Nós precisávamos urgentemente do modelo, e eu não tinha mais para onde correr a não ser fazendo uma reunião e mandando para todo um serviço para a festa de amanhã.

Aos poucos todos iam entrando na sala e tomando seu lugar. Em cinco minutos contados, Victoria havia conseguido chamar todos da agência que saíam de seus cubículos praticamente correndo para entrar na sala.

Quando todos já tinham se sentado eu resolvi dizer de vez o que eu estava pensando.

– Bem, como já sabem ainda não conseguimos o modelo para a campanha de cueca boxer. Como todos devem já estar cientes só pegaremos o contrato de gravar o comercial do preservativo se conseguimos esse cara. – fiz uma pausa olhando todos ao redor, pareciam atentos e penetrados.

– Então, amanhã terá a festa de comemoração ao sucesso que foi o desfile que produzimos. O sucesso do desfile foi graças a nós também e todos aqui têm o direito de ir amanhã e se divertir bastante, porém preciso de um favor de vocês.

– Outra coisa que queria comunicar antes é que, como não achamos esse cara eu tive que pedir mais tempo para a empresa – todos pareciam aliviados nessa hora, e eu também estava; a porra da empresa queria o cara para amanhã, mas como eu pedi mais tempo, eles aceitaram – mas eles já o querem escolhido até terça-feira, e se não tivermos eles cancelaram com nossa agência.

NACIONAIS-ACHERON

– Então o favor que eu preciso é que vocês trabalhem amanhã na festa atrás desse cara. Bem, meninas procurem por esse cara, e deem o número e o endereço da *empresa* para ele, mandem ele vim na segunda-feira pela manhã. Acho que vocês estão atentas com tudo que ele precisa ter, e como precisa ser não estão? – todas as meninas na sala assentiram para mim.

– Meninos, eu acho que vocês podem ser de grande ajuda para procurar esse cara. Vocês vão saber quando encontrarem um tipo viril que combinaria, eu tenho certeza que vocês vão saber quando o vê.

Eu sabia que eles identificariam esse homem, afinal, todos ou grande maioria que trabalhavam no *Help Hot* (eu tinha escolhido esse nome para a minha agência porque para mim funcionava como um trocadilho: ajuda quente) eram de homens e mulheres que um dia foram modelos, ou algo da mídia, alguns perderam a fama, outros trabalhavam por prazer.

– E a garota que fará par com o modelo no comercial do preservativo?
– Benjamin perguntou.

Eu conhecia Benny desde pouco antes de abrir a minha agência, que hoje já tinha quase dez anos, comecei ela cedo com a ajuda de meu fodido ex marido, que, no mínimo, para isso serviu.

Benny tinha sido um modelo de muito sucesso e era atualmente aposentado nessa carreira, ele se recusava até a fazer *merchandising*. Dizia que não queria mais estar nos holofotes e que o que eu pagava era o suficiente para ele viver bem, junto com o dinheiro que ele havia acumulado durante sua carreira. Eu invejava isso dele, Benny não queria mais do que podia ter, ele era feliz com o que tinha, sem reclamar.

Ele era como minha mão direita na agência, sempre que eu estava ausente, ele assumia. Por algo que ele nunca me disse, ele nunca quis ser meu sócio. De vez em quando era uma merda não ter um sócio para me ajudar mais, mas tirando Benny, eu não confiaria dividir minha agência com mais

ninguém.

Benny tinha um corpo maravilhoso e tinha um espírito jovial (talvez devêssemos contar também que ele era gay, para o desespero das mulheres), ele tinha 37 anos, mas de certa forma conseguia parecer muito mais novo.

Meu amigo estreitou seus olhos cor de caramelo para mim e disse: – Não vamos contratar a menina?

– Oh, sim! Vamos contratá-la, mas como tive que pedir mais tempo para apresentar o modelo, eles decidiram que a modelo pode ser escolhida depois. Caso eles, nessa terça, aceitem o garoto.

Estranhei um pouco porque ninguém na sala tinha protestado ou feito algum som de desgosto quando disse sobre eles caçarem o modelo gostoso.

Se bem que acho que não será uma tarefa difícil para as meninas.

– Para encerrar preciso saber se alguém tem algum tipo de objeção. – nada, ninguém disse um pio. – Ok, voltem aos seus trabalhos!

Quando todos tinham saído só restou eu e Benny na sala, ele se virou na minha direção, parecia que ele tinha algo em mente.

– E você?

– Eu o quê?

– Você manda todos nós caçarmos esse *boy magia* que até agora nenhum serviu, mas tenho certeza que nenhum deles terá um olhar tão afiado para escolher alguém como você tem. – ele fez uma pausa encolhendo os ombros para parecer menor.

Ele era a única pessoa que eu conhecia que não ficava intimidado com minha presença, pelo contrário, ele já tinha me feito corar de vergonha, o que era quase impossível acontecer comigo.

– Então eis que minha pergunta surge: e você vai *caçá-lo*?

“Caçá-lo” dava uma definição totalmente diferente do que eu faria.

Parecia até que iria para uma noite de bebedeira para caçar algum macho gostoso e viril para obter uma boa transa selvagem.

– Sim.

– “Sim” o quê, Agatha? – Benny sorriu me dando aquele lindo sorriso com covinhas. – Me diga, em alto e bom tom.

Eu sorri.

– Sim Benny, eu também vou *caçá-lo!*

– Esta é a minha garota. – Benny disse e bateu na minha bunda me fazendo sorri mais.

IV



– *Vamos Júlia,* você precisa vir ao meu socorro! –

exagerei no celular enquanto falava com a minha ex.

Eu precisava urgentemente de um par para a festa do sábado, que no caso, era amanhã, e eu não queria de jeito nenhum levar qualquer uma ou ir sozinho. Eu queria levar Júlia porque ela sabia fazer o papel de “estou-interessada-no-que-os-senhores-falam”, mesmo quando eu sabia que ela

estava com a cabeça em outro planeta.

– Devo ir com que roupa? – Júlia cedeu, depois de tanto eu insistir.

– Vá com o seu vestido mais bonito.

– Você vai querer o que lá?

– Conhecer pessoas, mas principalmente uma.

– Uma? – o tom de Júlia era definitivamente de curiosidade.

– Sim. Ouvi falar que ela é dona de uma agência de publicidade que contrata modelos. Preciso conhecê-la! Quem sabe ela me chame na próxima vez?!

– Qual o nome da agência? – Júlia sempre me fazia várias perguntas desse gênero, porque quando chegávamos ao evento ela era uma mão na roda, e me ajudava a procurar o que ou quem eu precisava.

– Acho que é *Help Hot* – fiz uma pausa para uma respiração profunda – mas eu não sei como ela é só sei que o nome dela é Agatha Lancellotti.

– Não achou nenhuma foto dela?

– Não, pelo visto ela se esconde bem.

– Ou você não sabe procurar. – ouvi o riso de Júlia do outro lado da linha – Como você não conseguiu achar a foto de uma dona de uma agência famosa?

Eu bufei e Júlia começou a rir.

– *Tá*, talvez eu não saiba procurar, mas eu também não quero saber quem ela é antes da hora. Sei seu nome, ela tem 32 anos e é separada... – parei abruptamente, pois eu sabia muito bem que conclusão Júlia tiraria disso.

Ian era quem não sabia bem das informações. Descobri sobre ela em uma rápida pesquisa, mas não quis saber muito. Eu gostava de me surpreender e tinha outros motivos também.

– Então você acha que tem chance com ela? – Júlia riu ainda mais, eu a

amava, sem dúvida, mas ela adorava me encher com coisas que eu nem sequer tinha dito.

– Nãaaaao! Eu só quero conhecê-la, *beleza*?

– Mas por que então você não procurou sua foto?

– Não sei, achei melhor não ver.

– Por quê?

– Porque eu sou louco, satisfeita? – Júlia riu ainda mais, mas dessa vez eu ri junto com ela.

Era claro que eu e ela sabíamos o porquê para eu procurar a foto. Eu tinha um problema que era: eu adorava ser surpreendido, como já havia dito, se por acaso eu visse a foto dela antes da hora, e se alguém me apresentasse a ela, eu não saberia fingir que nunca a tinha visto, provavelmente eu deixaria escapar que procurei saber dela pela internet.

– Chris, a gente sabe que você não sabe fingir. Você é um péssimo ator, até mesmo com coisas pequenas como essa seria.

– Isso não seria fingir, seria mentir. Mentir fingindo que nunca a vi antes, e você sabe que eu não consigo mentir, nem fingir para mulher alguma. Não depois de tudo.

Pude sentir que Júlia parou de rir, ela sabia muito sobre mim, na verdade, tudo sobre mim, ela esteve comigo nos momentos mais difíceis da minha vida, e ela sabia que depois de tudo que aconteceu com minha mãe, que ficou alucinada pelo fato de meu pai mentir e enganá-la, eu simplesmente não conseguia fazer o mesmo com uma mulher. Eu tinha medo do que uma mulher faria se eu mentisse para ela, mesmo em situações pequenas, eu ficava angustiado por mentir ou mesmo fingir para uma mulher.

– Oh, eu sei. – disse Júlia mais séria, ou talvez, triste.

– Está tudo bem, Júlia! Preciso desligar, eu tenho ainda que comprar

minha roupa para a festa.

– Certo, vou sair daqui hoje e também escolher o vestido.

– Onde te pego?

– No hotel.

– Não vai vir direto para meu apartamento?

– Não, mas pode ser que eu durma nele, porém vou direto para o hotel quando chegar na cidade.

– Ok! – disse antes de desligar.

Júlia tinha a cópia da chave do meu apartamento. Era a única que eu tinha coragem de dar, mesmo meu amigo Ian não tinha. Tínhamos um acordo simples de que quando ela viesse para a cidade, mesmo sem avisar, que ela pudesse ir direto para meu apartamento. Algumas vezes, como hoje, ela preferia ir direto para o hotel, pois, no mínimo, nele, ela teria comida decente.

Sempre antes dela vir a cidade eu comprava tudo que ela gostava no mercado, mas Júlia dizia que ela dava trabalho demais. Não dava nenhum trabalho, na verdade, eu amava quando ela vinha. Além de eu ser um maldito machista e amar também quando ela cozinhava para mim.

Eu não levava mulheres para meu apartamento, a única era Júlia e mais nenhuma. Quando queria foder, as levava para motéis. Era mais simples no dia seguinte. Eu não era um bastardo estúpido. Mas eu gostava da simplicidade de foder em motéis. No dia seguinte em motéis, simplesmente íamos embora, já no meu apartamento eu teria que dispensá-las educadamente.

Eu não fazia o tipo de cara que gostaria de ter um café da manhã romântico com uma foda casual. Poucas mulheres entendiam o real significado de “casual”. Não sei qual era o problema da maioria das mulheres de querer tanto ter um relacionamento. Eu estava bem da maneira que estava.

Já tinha tido minha cota de relacionamento na adolescência e queria aproveitar minha vida de solteiro na fase adulta... Que era definitivamente a melhor fase para ser um solteiro convicto.



Mais tarde daquele mesmo dia, eu já tinha comprado a roupa, e Júlia já estaria feito o mesmo, e provavelmente ela estaria a caminho para o hotel, ou estaria lá em poucas horas.

Em algumas horas a festa começaria.

V



Era enfim a porra do sábado! Finalmente e infelizmente.

Hoje era a nossa última chance de achar um modelo perfeito. Tínhamos muita chance de achá-lo na festa, mas, por outro lado, se não achássemos, perderíamos essa grande campanha dois em um, onde achando um modelo para as cuecas também participaríamos da campanha dos preservativos. Era tudo ou nada.

Meu celular vibrou no banco do passageiro da minha Mercedes. Eu estava voltando da agência. Eu tinha dado os últimos toques sobre o homem que precisávamos. Agora eu estava dirigindo para ir à minha casa. Faltava algumas horas para a festa começar, mas eu tinha ainda algumas coisas do trabalho para resolver em casa, então, depois, escolheria o vestido em uma boa loja que era perto de minha casa. Ainda tinha maquiagem, cabelo e uma depilação nas pernas já marcada.

NACIONAIS-ACHERON

– Alô? – falei colocando o celular no viva voz e deixando-o em meu colo.

– Oi, uh, sou eu... Victoria. – minha assistente/estagiária soava nervosa, mas ela não estava mais do que eu.

– O que você quer, Victoria? Acabamos de nos ver na agência.

– Eu sei, me desculpe, é que... – ela fez uma pausa então continuou como um jato – eu achei que, bem, *uh*, a senhora poderia me ajudar a escolher o meu vestido... Eu não tenho muito dinheiro para alugar ou comprar algum, mas acho que o que tenho dá para algo bom.

Sentime um pouco culpada, eu normalmente vivia estressada, e sabia que jogava a culpa em cima dela, mesmo ela não fazendo nada errado.

– Você pode passar na minha casa em uma hora? Nesse tempo dá para eu terminar alguns trabalhos pendentes, é pouca coisa mesmo.

– E de lá vamos numa loja que a senhora frequenta? – Victoria soou um pouco feliz, mas, ao mesmo tempo, desanimada, eu sabia que ela não teria dinheiro para alugar ou comprar nada nas lojas que eu frequentava.

– Não... Quer dizer, se você não se incomodar eu posso te dar um vestido meu, que acabei nunca usando, mas, ainda assim, eu preciso passar na loja para comprar o meu vestido, se você não se incomodar em me acompanhar...

– Oh, eu adoraria ir! E aceito o vestido, obrigada! Muito obrigada! – agora sim, ela estava definitivamente animada e feliz.

– Mas você ainda nem viu o vestido...

– Se foi a senhora que comprou deve ser lindo.

– Obrigada! Te vejo em uma hora então.

– Até lá!

Desliguei o celular e quando me dei conta já estava entrando no

condomínio onde morava. Ultimamente eu estava tão no automático que nem mal dava-me conta.



Poucas horas mais tarde eu e Victoria estávamos prontas. Eu tinha escolhido um vestido vermelho como uma fenda que ia até a coxa. Era um vestido estilo Jéssica Rabbit, menos vulgar, mais sensual.

Levei um enorme casaco de camurça preto que Benny comprou para mim e eu nunca tinha usado. Se ele não me visse usando agora – no mínimo – não me perdoaria.

Victoria ficou com meu vestido preto que tinha as costas nuas, porém tinha uns traços do próprio pano do vestido que não deixava as costas completamente à mostra. Ele era curto, mas para ela que era tão jovem e bonita ficava como uma boneca.

Eu já tinha também feito minha depilação nas pernas, e Victoria tinha feito a maquiagem e o cabelo no mesmo lugar que eu. Deixavam por conta da casa, já que eu sempre frequentava o salão. Victoria decidiu deixar seu cabelo com cachos e solto, já eu optei pelo coque clássico.

Alguém tocou a campainha.

– Senhora, podemos ir? – o homem que estava na porta, só podia ser o motorista que eu tinha contratado para levar a mim e a Benny, e agora a Victoria.

Olhei para o carro e vi que Benny já estava nele.

Ah claro, então é por isso que o porteiro não me avisou que o

motorista chegou!

– Desculpe a minha falta de educação, sou Roger, e sou o motorista contratado.

– Sim, certo – fiz uma pausa – Sou Agatha, prazer.

Roger abriu um sorriso sem dentes.

– Vamos logo baby, não temos o tempo todo! – Benny gritou pela janela da limusine.

Me virei para chamar Victoria que já estava ao meu lado.

– Vamos?! – perguntei a ela pegando minha bolsa.

– Sim, claro.

Roger abriu a porta da limusine para nós duas, assim que entramos Benny abriu um sorriso caloroso e beijou nossas bochechas.

– Não sabia que Victoria vinha com a gente também. – ele disse.

– É que... – Victoria começou meio sem jeito.

– Não, tudo bem. – eu falei, colocando minha mão em seu ombro – Eu a convidei, ela precisava de uma ajuda para escolher o vestido e *violá*. – gesticulei para o vestido que ela usava.

– Nossa! Este é realmente lindo, Vicky. – Benny tinha esse jeito fácil de conquistar as pessoas e fazê-las ficar confortáveis.

Benny além de usar um apelido para ela, fez-se de desentendido. O mesmo sabia que aquele vestido era meu, mesmo ele sabendo também que eu nunca o usei. Embora, ele não cometeu a gafe de falar algo sobre e constrangê-la.

– Na verdade, estamos lindos. Olhem para nós! Somos gostosura pura.

Victoria pareceu tranquila e riu e eu ri também. No final do trajeto estávamos os três rindo e descontraindo bastante.

VI



— *Como estou?* — perguntei com um sorriso grande para Júlia. Estávamos na frente do hotel que ela estava hospedada enquanto o nosso motorista estava esperando na frente do Bentley alugado.

— Lindo, Tyler! E eu? — Júlia era a única que me chamava pelo meu segundo nome.

Júlia parecia um pouco envergonhada, não entendia o porquê, ela definitivamente estava linda com seu cabelo loiro solto e vestido de mangas compridas, com costas nuas. O vestido era lilás, que ficava lindo na pele pálida de Júlia. Ele era curto, um pouco acima dos joelhos. Seu salto alto era preto, mas mesmo de salto ela era ainda menor que eu.

— E então, estou tão mal assim?

— Você parece uma boneca, Srta. Casey. — sorri para ela e ela devolveu o sorriso.

Seus olhos verdes-esmeralda brilharam e ela pareceu ainda mais linda, ela tinha algo que fazia qualquer um gostar dela, ela era um pouco, digamos

assim, angelical.

– Puta merda! Vou fazer inveja nos outros homens.

Júlia sorriu, mais uma vez, e me deu um soco de brincadeira no ombro.

– Exagerado, *Sr. Tyler*.

– Você só diz isso porque você não se vê com meus olhos e dos outros machos.

Era claro que eu agora só via Júlia como uma boneca perfeita e angelical, mas os outros homens veriam como algo para se desvendar.

Quem não gostaria de ver o que tinha por trás do anjo?

Sorte minha que ela não deixava ninguém “desvendá-la”. Depois de mim ela só teve outros dois homens namorados, com quem teve relacionamentos duradouros. Um de um ano e outro de dois anos.

O primeiro acabou porque ela se dedicava demais ao trabalho e o segundo porque o namoro já não tinha mais química.

A parte da “sorte minha” era porque se ela ficasse com qualquer um, *talvez*, não tivéssemos tanto contato.

– Okay! Deixe de me galantear e vamos para a festa!

– A senhora que manda.

Estávamos dentro do Bentley quando Júlia perguntou: – Legal este carro! Seu pai que te deu o dinheiro para o aluguel dele e do motorista?

– Não, eu tenho o meu dinheiro! – respondi, mas Júlia me olhou acusatoriamente e eu levantei minhas mãos em sinal de rendição. – Admito que ele me deixou um bom dinheiro, mas isto aqui – gesticulei para o carro e o motorista – eu paguei com meu dinheiro.

– Bom! E por falar no Sr. Christopher Pai... Onde está ele?

– Me encontrei com ele na quarta passada, ele disse que ia viajar. – Lembrei-me da quarta-feira que eu tinha levantado da cama com esforço e fui

para a academia, e nesse dia, por sinal, que Ian tinha me falado dessa festa de sábado.

Nessa quarta, meu pai estava com tanta pressa que nem pude perguntar a ele sobre a agência e a tal de Agatha. Ele simplesmente me encontrou em um bar, onde só eu comi e ele falou que viajaria e não teria data certa para voltar. Então me deu dinheiro suficiente para meses com regalias, mas eu ainda, nem sequer, tinha usado esse dinheiro. E me sentia melhor assim!

– A trabalho, imagino... – Júlia me fitava sem hesitar.

– Sim, como sempre. – concordei.

– E como está a relação de vocês?

– *Numa* boa, não tenho do que me queixar.

Olhei pela minha janela e vi que já estávamos no local da festa. Barulho. Pipocar de flashes. Vestidos com cara de caríssimos. Homens de terno. Carros importados. Limusines. Tudo isso junto em um único lugar.

– É, acho que chegamos. – brinquei.

Júlia olhou pela sua janela e sorriu.

– Definitivamente.

VII



Acho que todo mundo diz isso, mas eu odiava aquele tipo de festa, aquilo para mim era o acúmulo da futilidade... E, eu, infelizmente, fazia parte dele.

– Está entediada, né? – Benny me perguntou sentado no meu lado do bar.

Sim, naquela festa tinha um bar, e, por sinal, um muito bom!

Benny tirou minha bebida da minha mão e tomou tudo em um único gole. Arregalei meus olhos para ele, e ele apenas sorriu.

– Não me odeie por dizer isto, mas, você está horrível sentada bebendo como uma velha solitária, baby.

– Eu sou uma velha solitária.

Ele riu.

– Você, Agatha, é, sem dúvida, uma das mulheres mais bonitas desta festa.

– *Uma das?* – fiz-me de descontente – Você sempre me disse que eu

era a única! O que aconteceu para mudar esse seu pensamento?

– A Branca de Neve apareceu. – ele riu, e eu não deixei de rir também.

– Então, quer dizer que eu sou a bruxa?

– Uma bruxa muito gostosa, *talvez*. – ele respirou fundo para se recompor – Mas como eu ia dizendo, nossa querida Victoria e o resto da equipe está procurando pelo *boy magia*, mas eu sei que eles nunca vão escolher tão bem quanto você ou eu... Então, que tal, nós dois juntos vermos o *boy*?

– Como assim “vermos o boy?” Você já o escolheu?

– Sim, mas quero seu consentimento. – Benny gesticulou para a pista de dança onde tocava umas músicas até animadas demais para o meu gosto – Ele veio com a Branca de Neve loira. Conversei com ela e a mesma me disse que eles são só amigos. – Benny deu um sorriso malicioso para mim e eu revirei os olhos.

– Branca de Neve loira, uh? – tentei mudar o foco de Benny.

– Vocês não têm absolutamente nada a ver, mas ela, com certeza, é uma das mais bonitas da festa... Junto com você, é claro. – ele fez uma pausa, como se pensasse bem o que ia dizer – Ela é angelical e você é quente. – Benny estreitou a testa e balançou a cabeça – Mas não tente mudar meu foco! Você tem que conhecer o garoto!

– Qual o nome dele?

– Não perguntei isso a ela, se não ia soar estranho. Apenas, *como quem não quer nada*, perguntei se eles namoravam, pois antes dele começar a dançar eles estavam de brancos dados, mas ela respondeu que eram amigos, logo me despedi e vim aqui. – dessa vez Benny já estava puxando minha mão e me levando para a perto da pista de dança.

– Por que você precisa que eu veja esse garoto, – fitei Benny – se você,

pelo visto, já o escolheu?

Eu sorri e ele também, era mais que claro, que ele tinha absolutamente escolhido o cara.

– O que ele pode ter de tão especial para eu ter que ver? Você sabe que você poderia convidá-lo a estar na agência na segunda. Não precisa do meu consentimento com isso...

– Cala boca, mulher! – Benny sorriu, agora maliciosamente – Você tem que ver porque ele simplesmente fez todas as mulheres da pista de dança babarem por ele. E ele nem sequer está seduzindo ninguém!

– Como assim?

– Olhe, baby! – Benny tocou no meu queixo e delicadamente virou o meu rosto para a pista de dança.

Sem querer soltei um baixo gemido. Não fazia a mínima de onde aquele gemido tinha vindo, mas veio.

Benny não precisou, nem sequer, apontar para o garoto em questão. Eu já o via dançando completamente *tentador* e seduzindo todas as mulheres. Mas ele não dançava para elas ou para a garota que estava com ele, que logo reparei quem era, porque o blazer dele estava no braço dela.

Ele usava roupa social, calça social, gravata e camisa social, mas, isso não o deixava velho, porém mais jovial do que qualquer um com uma roupa social ficava. Ele deveria ter no dia a dia um estilo meio grunge. No mínimo era isso que ele me fazia pensar pela forma que ele se encaixava naquela roupa: largado, despojado e sem tentar ser perfeito.

Sua gravata estava frouxa em seu pescoço, as mangas da camisa social branca estavam arregaçadas até os cotovelos, deixando notável seus músculos.

Algumas vezes ele passava suas mãos por seu cabelo comprido,

fazendo assim seus músculos flexionarem... E eu suspirar.

Ele dançava para si, era um jeito sexy e despojado, mesmo a música sendo uma batida frenética e sem lógica, mas ele dava alguma lógica aquela música sem sentido e para aquela pista de dança.

Ele dançava sorrindo. Algumas vezes ele desvia sua atenção da sua dança e sorria para a garota com ele, outras vezes, ele sorria para todas as outras “garotas” que estavam na pista de dança.

Bem, “garotas” não seria o termo certo para se usar. Tinha várias garotas em torno de vinte à trinta anos, mas também senhoras, que eu sabia que eram viúvas, com seus quarenta à cinquenta. Todas sorriam para ele, querendo à sua atenção.

Todas queriam à sua atenção, mas ele agora só dava sua atenção para uma única... A mim.

Ele olhava fixamente para mim e eu não conseguia desviar meus olhos do dele. Ele era alto, deveria ter seus 1,90. Seu corpo deixava transparente, mesmo pela roupa social, que ele passava muito tempo na academia.

Eu nunca fui fã de homens que cultivavam seu corpo de uma forma anormal, mas, ao ver e desejar o corpo do garoto, percebi que eu poderia ser uma fã número um de malhados. Contanto que fosse um homem como aquele.

Seu cabelo era preto um pouco comprido demais para meu gosto, (acima dos ombros), mas dava a ele um ar de menino ao mesmo tempo em que a barba dava um ar de mais maduro.

Sua barba era bem-feita... Tão sexy! E ficava tão bem nele. Eram poucos homens que conseguiam ficar daquele jeito mesmo com barba.

Ele ainda me fitava com seus olhos pretos. Um preto que me chamava, tão preto que dava vontade de mergulhar ali em todas suas sombras e escuridão. Ele tinha uma mistura de Johnny Depp com Dave Grohl, porém,
NACIONAIS-ACHERON

ambos, uns vinte anos e poucos atrás.

– E então? – Benny perguntou me tirando do transe.

– O quê? – agora eu olhava fixamente para Benny, que sorria de um jeito perverso. – O quê? – repeti.

– Vá até ele! Eu sei que você quer.

– Não! Claro que não vou! – Benny me olhava com uma sobrancelha erguida, me pressionando a assumir – Certo! O garoto é gostoso...

– Gostoso, uh? – desta vez Benny deu um sorriso perverso meio sinistro.

– Sim, o mais gostoso, sexy e atraente desta festa, mas eu não posso simplesmente ir até ele. E, também, todas as mulheres da pista de dança já estão fazendo isso por mim!

– E se ele chegasse até você?! – e isso não era uma pergunta, ele estava gesticulando para alguém atrás de mim.

Ah, não!

Merda, merda, merda, merda, merda...

VIII



Eu dançava feliz sem ligar para quem me olhasse – e

muitas estavam me olhando –. A música era eletrônica, numa batida maluca.

Eu sorria para Júlia que estava num canto com meu blazer no braço. Ela odiava dançar, dizia que passaríamos vergonha por causa dela. Sendo assim, não insisti para ela dançar comigo, até porque música eletrônica não se dançava junto.

Quando eu comecei a dançar a pista estava quase vazia, tocava umas músicas melódicas demais para mim. Mas eu fui conversar com o DJ e ele disse que não faria mal algum colocar algo mais agitado, aceitando colocar eletrônica.

Quando eu comecei a dançar ainda tinha pouca gente em volta. Talvez com vergonha, talvez não sabiam como dançar. Eu ensinei alguns passos básicos para alguns homens que se aproximaram, depois outros que já sabiam começaram a dançar. As mulheres ainda estavam distante, mas logo começaram a vir pedindo-me para ensiná-las a dançar. E em alguns minutos a pista estava cheia.

Olhei de novo para Júlia que continuava no canto sorrindo para mim, sorri de volta para ela. Ainda sorrindo olhei para todas em minha volta quando meu olhar pousou em uma mulher de vestido vermelho que também olhava para mim.

Ela não só me olhava, ela me comia com os olhos, e, pela primeira vez, eu gostei de ver aquilo em alguém.

Normalmente quando alguma mulher me olhava demais eu não ficava com tanto interesse. Deixavam transparecer que eram uma conquista fácil. No entanto, quando enxerguei *aquilo* nos olhos na mulher de vermelho eu gostei de um jeito novo.

NACIONAIS-ACHERON

Ela era realmente linda, não aquelas mulheres lindas com beleza enjoativa, mas uma mulher de verdade. *Completa.*

Seu vestido vermelho era de alça, que, de uma forma sexy, delineava seus seios. Ele era longo e uma fenda que começava na coxa, deixando sua perna à mostra me fazia engolir em seco.

Encarei até mesmo seu sapato preto. O salto era vermelho vinho, o sapato era fechado, mas com alguns detalhes que brilhavam. *Completamente tentador.*

Ela era morena clara, deixando sua pele parecer naturalmente bronzeada. Seu rosto era perfeito, com expressões fortes e selvagens. Olhos azuis tão brilhantes que, mesmo na distância que estávamos, eu poderia notar seu brilho.

Sua boca era simétrica e gostosa, com um batom cor de boca que destacavam ainda mais seus lábios, eu umedecia os meus. O cabelo dela estava com um coque, mas, mesmo assim, deu para perceber que era ruivo, um tom claro de vermelho.

Ela era uma ruiva dos olhos azuis. Uma raridade. Um pecado. *Uma tentação.*

Um homem estava ao lado dela, e ele tinha falado alguma coisa para fazê-la olhar para ele, dando as costas para mim.

Andei devagar em direção a eles. Antes de estar perto o bastante para ouvir bem o que eles falavam, entendi que o amigo dela disse algo como “Gostoso, uh?”. Não compreendi se ele queria que ela confirmasse ou se ele estava repetindo o que ela falou.

Não precisei pensar muito sobre quando pude ouvi-la dizer: – Sim, o mais gostoso, sexy e atraente desta festa, mas eu não posso simplesmente ir até ele. E, também, todas as mulheres da pista de dança já estão fazendo isso por mim!

NACIONAIS-ACHERON

– E se ele chegasse até você?! – o amigo dela estava gesticulando para mim.

Antes da dama de vermelho tentadora se virar, eu sussurrei em seu ouvido: – Fico lisonjeado.

IX



Nossa! Isso foi o máximo que eu conseguir pensar quando ouvir a voz dele tão próxima a mim. Sua voz era um pouco rouca, mas aquela rouquidão que te leva às nuvens. Por uma louca fração de segundos imaginei aquela voz tentadora sussurrando meu nome enquanto gozava para mim...

Sua voz fez meu corpo todo arrepiar e praticamente entrar em combustão, apenas pela sua aproximação.

– Olá, prazer. Eu me chamo Benjamin, mas todos me chamam de Benny. – então assim, sem mais, nem menos, ouvi Benny se apresentar ao garoto, me tirando completamente das minhas fantasias insanas.

Benny estava do meu lado com a mão estendida. O garoto não hesitou em pegar a mão de Benny.

– O prazer é meu! Eu me chamo Christopher, mas todos me chamam de Chris. – disse o garoto sorrindo para Benny que retribuiu o sorriso caloroso do rapaz.

Naquele momento estava tão enfeitiçada pelo garoto que nem pensei na coincidência do nome Christopher, porque a beleza dele me distraia, mas esse era o problema: a beleza dele. Eu sabia que tinha algo de familiar nele, além daquele nome que me lembrava de tantas coisas do passado.

– *Chris*, esta é minha amiga... Agatha, Chris; Chris, Agatha.

Merda, eu não sabia direito como agir.

O que diabos está acontecendo comigo?

– Prazer! – disse categoricamente.

Eu agora estava em frente à Chris e ao lado de Benny.

Chris ainda sorria, mas, dessa vez, o sorriso era só para mim. Ou assim eu acreditava.

– Prazer! – Chris estendeu a mão para mim.

Hesitei uns segundos, mas depois o cumprimentei. Sua mão era fria, mas forte e decidida e eu pude perceber isso somente com o seu aperto. Ele demorou mais que o necessário para afastar sua mão da minha e quando assim o fez seus dedos deslizaram por minha palma. Embora, não por tempo demais para ser invasivo.

– Ouvi falar de você. – Chris disse bem na minha frente.

Não houve tempo para eu perguntar de onde, porque sua acompanhante pôs-se ao seu lado.

Ela era linda. Parecia uma princesa sexy usando um vestido curto. Seu vestido era lilás e a deixava com um toque jovial. Ela conseguia ser ainda mais bela porque tinha olhos penetrantes cor de verde-esmeralda.

– Essa é minha *amiga* Júlia; Júlia estes são Benny e Agatha. – percebi de imediato que Chris usou uma ênfase na palavra “amiga”.

– Prazer! – Júlia estendeu sua pequena mão, com um largo sorrindo para mim e Benny.

– Prazer, Júlia. – Benny disse, enquanto cumprimentava-a, voltado para Chris ele perguntou: – Que mal lhe pergunte, mas é Christopher de quê? Tenho a impressão que já te vi em algum lugar.

Enquanto Christopher abria a boca para responder meu celular vibrou. O mesmo estava em minha mão, já que eu havia deixado minha bolsa e casaco em uma pequena sala da festa, mas não pude deixar meu celular longe de mim, porque, basicamente, eu estava ali a trabalho.

Rapidamente cumprimentei Júlia dizendo o metódico “prazer” e pedi licença para atender ao celular.

Na linha era Victoria. Distante o bastante deles, eu atendi: – Sim?

– Uh, oi. Eu só liguei para avisar que já estou indo embora.

– Ok, tudo bem! – falei séria demais, então fiz uma pausa e acrescentei – Algum problema?

– Não, nada. É que eu não estou me sentindo muito bem e eu não conseguir achar ninguém bom o suficiente para a campanha. *Sinto muito.*

Meu pensamento voou para Christopher, mas algo me dizia que não seria bom chamá-lo para essa campanha. Não que ele não fosse bom o suficiente, mas, porque *eu*, sabia como seria tentador e louco trabalhar com ele sem poder fazer nada.

Merda!

Eu não deveria querer fazer nada com ele. O garoto deveria ser uns dez anos mais novo que eu e, além disso, havia algo de familiar nele. Até mesmo Benny parecia ter sentindo tal familiaridade.

– Eu entendo! Saúde em primeiro lugar. – fiz uma pausa para soltar a respiração – E como você voltará para casa?

– De táxi, já o chamei.

– Certo! Até segunda. E cuide-se.

– Obrigada! Até mais.

Finalizei a ligação e voltei para onde estava, mas agora só estava Benny.

– Tudo bem? – perguntei colocando minha mão no ombro de meu amigo para chamar sua atenção para mim – Pensei que você não deixaria o menino sair daqui tão cedo...

– Não é isso... Você não imagina o que eu descobri dele.

– Nossa! – coloquei uma mão sobre meu coração – E isso foi forte o bastante para nem chamá-lo para a campanha? – sorri – Ele é um *serial killer*?! Adivinhei? – comecei a rir, mas logo parei quando notei que Benny nem sequer mostrou os dentes.

Quando ele começou a falar, estava sério demais: – É, não chamei. Você precisa saber o que eu sei dele...

– Depois, depois. Estou a fim de ir embora *também*. Pegarei meu casaco e bolsa que deixei no closet horrível e mal iluminado. – tentei, mais uma vez, sem sucesso, levantar o astral de Benny que, novamente, não sorriu, nem um pouco. – Se você não quiser ir, tudo bem...

– Eu vou! Na limusine nós poderemos conversar sobre o Christopher...
– Benny fez uma pausa franzindo o cenho – Quem mais vai embora, além de nós?

Comecei a pensar na pergunta de Benny, mas logo me dei conta que eu havia dito que eu queria ir embora *também*.

– Ah, sim! Victoria está indo, algo como um mal estar, eu acho. Foi ela que me ligou para avisar e que não achou ninguém a altura para a campanha.

– Entendo. – ele assentiu – Vá pegar seu casaco, enquanto isso vou tomar mais um destes. – Benny falava apontando para o Martini que ele bebia
– Mais tarde temos que ligar para Victoria, para ver se está tudo bem com ela.

– ele disse como fosse uma nota mental: *ligar para Victoria*.

Não quis questionar, nem adicionar nada, apenas entreguei meu celular, para ele guardar em seu bolso e fui atrás do meu casaco no péssimo closet da festa...

O segurança do mesmo procurou pelo meu nome em uma lista e me deu um ticket com um número impresso. Entrei na microssala e procurei pelo número correspondente ao ticket para achar meu casaco e finalmente ir embora...

X



Depois de eu ter falado um pouco de mim para

Benny, percebi que ele educadamente tentava se afastar. Mesmo sem entender nada e querendo muito conhecer melhor Agatha, resolvi, como cavalheiro, me afastar dele, mas, não necessariamente, me afastar dela.

–... Quem poderia imaginar? – já distante de Benny ouvi Júlia falando,
NACIONAIS-ACHERON

mas só tinha prestado atenção que ela realmente falava agora. – Tudo bem com você? Parece perdido. Foi Agatha que te deixou assim? – ela ria baixinho, mas eu não consegui rir junto.

– Sim, – admiti – ela me deixou... fascinado.

– E você sabe também que ela é separada, logo você tem chance, mas não sabe direito como começar, já que ela é uma mulher experiente.

– Você me conhece tão bem que assusta. – dessa vez nós dois rimos.

– Eu cheguei naquela hora porque vi que você se deduraria. E eu estava certa! Faltou pouco para você dizer que pesquisou por ela e mais precisamente por sua agência.

– É, eu sou um burro mesmo. Mas eu não quero conhecê-la só por causa de sua agência. Eu quero conhecer *ela*.

– E se eu não chegasse naquele momento ela acharia que você só quer conhecê-la por puro interesse.

– Você, mais uma vez, tem razão!

– Acho que ela está indo embora. Ela está indo para o caminho do closet. – Júlia disse gesticulando discretamente para Agatha que não podia nos ver de onde nós estávamos.

E, como sempre, Júlia estava certa, ela parecia que ia embora, mas, com certeza, voltaria para ir com Benny que ainda estava sentado no bar.

– Eu deixei minha bolsa no closet. Você, como é um cavalheiro, poderia ir pegar para mim? – voltei minha atenção para o rosto delicado de Júlia que sorria maliciosamente, retribui o sorriso.

– Sim, é claro, minha dama, mas enquanto isso você poderia se divertir um pouco, hein?

– Trato feito! Vou *tentar* dançar, beber e falar com Ian.

Meu amigo Ian estava conversando com outros homens e mulheres,

mas mais parecia uma conversa formal, pois todos estavam sérios demais.

– Você não acha que lá está entediante?

– Sim, mas ajudarei seu amigo! Acredito que ele merece um apoio para aguentar aquele tédio. – Júlia sorria de um jeito meigo que fez seus olhos brilharem.

Beijei sua testa, pegando meu blazer em seu braço e fui a caminho do closet.

Falei meu nome e de minha acompanhante ao segurança, expliquei que eu estava indo pegar a bolsa dela, por ela. O segurança me deu um ticket com um número e eu entrei no closet.

A “microsala” poderia ser considerada pequena ao tamanho do resto, como o salão de dança, o bar e até mesmo ao banheiro, mas comparada ao meu apartamento a sala era de um tamanho normal.

As bolsas estavam organizadas de um lado em uma estante, (nenhuma bolsa por cima da outra, cada uma com seu espaço), já os casacos estavam cada um em um cabide, mas tinham casacos demais, era uma confusão de números e mesmo assim estava tudo bem organizado.

Só tinha um problema na sala – que, para mim, vinha muito a calhar – à luz do closet não estava muito boa. Alguns lugares estavam mais claros e outros mais escuros. Com isso, demorei longos segundos para ver que Agatha realmente estava na sala.

Ela estava com a coluna curvada para uma arara de casacos. A minha visão era definitivamente fascinante. Seu vestido estava delineando perfeitamente sua bunda.

Porra! Eu me imaginava tirando com os dentes o vestido e expondo todo seu belíssimo e tentador corpo.

Agatha murmurava alguns palavrões e curvava ainda mais o corpo,

quase enfiando a cabeça na arara. Alguns dos números de casacos estavam bastante expostos, mas outros pareciam que tinham caído e estava escondido quase dentro dos casacos.

Agatha estava tão atenta ao que fazia que nem me viu parar atrás dela. Um passo a mais e eu encostaria meu pau em sua bunda.

Somente por pensar nisso meu pau começou a latejar, quase como pedindo para sair, mas eu respirei fundo, porque – ainda – não era hora de ficar excitado.

Tossi, chamando sua atenção.

– Olá! Tudo bem por aí? – falei engasgando um pouco nas palavras e tentando soar engraçado, mas não deu muito certo.

Depois tudo aconteceu rápido demais...

Agatha tomou um susto com a minha voz *ou* a minha chegada inesperada. E ao tentar retirar sua cabeça da arara deu um passo para trás, fazendo assim sua bunda bater no meu pau – agora excitado –. Ela levantou sua cabeça da arara rápido demais e a bateu no ferro da mesma, desmanchando um pouco do seu coque impecável.

– Me desculpe! Não era minha intenção te assustar.

Agatha estava de frente para mim tentando arrumar o coque, o que, por sinal, apenas desarrumava com sua impaciência.

Eu, como bom cavalheiro que era, tentei ajudá-la, mas quando dei um passo para frente e ergui minhas mãos para sua cabeça, ela recuou e ao dar um passo para trás quase se esbarrou na arara. A segurei pela cintura para evitar a batida.

Ela não parecia ser uma mulher desastrada, mas minha presença a deixava definitivamente perdida em si. Adorei saber que eu também provocava essa mulher.

– O que... você está... fazendo? – disse ela pausadamente.

Agatha olhava para a minha na mão em sua cintura e para os meus olhos como quem não soubesse para onde fitar.

Encarei ainda mais seus olhos azuis penetrantes. Não eram somente azuis, tinham um toque de verde também.

Que olhos são esses?

Com certeza, os mais bonitos que eu já vi em toda minha vida. Não queria deixar de olhá-los.

Olhos perfeitos, para um rosto lindo e um corpo melhor ainda, daquela dama de vermelho. Era o pacote completo do prazer e tentação.

Ela tinha algumas sardas em seu nariz fino e na bochecha, mas parecia querer esconder com a maquiagem pesada. Imaginei vê-la sem nada. Sem maquiagem, sem cabelo arrumado, sem roupa. Somente com aqueles saltos de "foda-me duro."

– Evitando de você se esbarrar na arara. – sorri tentando ser brincalhão, mas reparei que era inútil, ela estava séria demais para qualquer tipo de gracinha.

– Não digo isto... – Agatha gesticulou para minha mão em sua cintura e depois se afastou dela dando um passo ao lado direito, ainda séria ela acrescentou: – Digo, o quê, você está fazendo aqui dentro.

Ela gesticulou, porém, dessa vez, ela fez círculos no ar.

Notei suas unhas vermelhas e compridas sonhando em como eu gostaria daquelas mesmas unhas arranhando minhas costas e suas mãos passando pelo meu corpo...

Sorri soltando o ar.

Balancei minha cabeça, pondo aquele pensamento para longe, afinal Agatha ainda esperava uma resposta.

– Eu vim para pegar a bolsa de Júlia. Estamos indo embora também.

– Certo! Mas as bolsas ficam daquele lado. Aqui, como você pode ver, são apenas casacos...

Essa mulher tinha algum problema com as mãos, pois não as deixava paradas.

Gesticulava para a estante de bolsas, depois para a arara de casacos, e, por fim, deixou seus braços cruzados o que fez seus seios se destacarem ainda mais.

Eu, como bom homem heterossexual que era, desviei meus olhos dos olhos dela e fitei rapidamente seus belos seios. Ela percebeu e descruzou seus braços, voltei minha atenção para seu rosto e seu penteado bagunçado.

– Eu acho que você, como um bom cavalheiro, deve olhar para meu rosto e nada mais.

Agatha estava com seus braços cruzados frouxamente na barriga.

Eu sorri maliciosamente e ela pareceu surpresa com meu sorriso, dei um passo em direção a ela passando minhas mãos pelo meu cabelo quando disse: – Me perdoe, *linda dama de vermelho*, mas se a senhorita não quisesse ser olhada não deveria vir com um vestido como este. – tentei soar refinado e outra vez brincarhã.

Dessa vez notei que teve algum efeito nela, porque ela me deu um sorriso torto que pareceu ser involuntário, em poucos segundos ela ficou séria novamente, mas falou: – Então, jovem cavalheiro, você está dizendo que a culpa é minha?

Captei em seu olhar a sentença de diversão. Finalmente eu estava indo para o caminho certo.

– Certamente, minha dama, a culpa é toda sua e de seu magnífico vestido.

Quase completei dizendo algo como ‘seu vestido chamando para o sexo’, mas mudei de opinião rapidamente. Soaria rude demais e eu não perderia a oportunidade que estava tendo.

Avancei mais um passo e ela, do nada, ficou completamente séria novamente.

– Creio que você tem que ir! Sua acompanhante deve estar te esperando, assim como Benny está esperando por mim.

– Júlia está bem e aposto que Benny também. – dei mais um passo e agora nós estávamos cara a cara.

Agatha desviou os olhos de mim e voltou para a arara como quem procurasse alguma coisa, e é claro ela estava procurando realmente algo. O casaco. Mas ela também estava usando o casaco como desculpa para não olhar para mim.

Eu não queria ser rude ou fazer algo que a desagradasse. Mas, ainda assim, toquei seu queixo para virar seu rosto para mim, por um momento ela parecia que deixaria, no entanto, Agatha logo balançou a cabeça e pegou meu ticket em minha mão, indo em direção a estante das bolsas, pegando a bolsa com o número correspondente e me dando.

– Acho que é esta!

– Sim é, mas...

– Tchau Christopher! – Agatha falou amargamente.

Me virei em direção à porta, sabendo que Agatha tinha se virado novamente para a arara de roupas.

Sai do closet e falei para o segurança: – Não deixe ninguém entrar! E se alguém quiser, bata na porta antes, faça algum barulho, qualquer coisa para me dar mais um tempo.

– Mais um tempo, de quê, senhor? – o segurança me perguntou sério,

desviando seu olhar de mim para olhar para o closet e me olhou de novo – Isso é proibido. Tenho que pedir para o senhor se retirar.

Tirei algumas notas graúdas do bolso da calça e dei para o segurança.

– Me dê trinta minutos!

– Não aceitamos suborno, senhor.

– Ei, o que de mais tem nisso? Eu não vou quebrar, nem roubar nada lá dentro. Ninguém saberá de nada, além de você e eu! E você ainda sairá com um dinheiro a mais.

O segurança hesitou ainda mais, mas depois pegou o dinheiro e gesticulou para dentro da sala.

– Trinta minutos. Nem mais, nem menos.

Assenti, batendo no seu ombro e voltei para dentro.

Eu não tinha fechado a porta quando sai, sendo assim, Agatha nem sequer percebeu quando voltei. Tranquei rapidamente a porta evitando fazer barulho.

Dessa vez fui em direção a ela sem hesitar. Agatha estava com um casaco de camurça preto na mão e no instante que estava virando-se, eu a puxei pelo braço. Ela soltou um baixo grito e, em sequência, derrubou o casaco, já eu derrubei a bolsa de Júlia e o meu blazer.

Sem esperar, aproveitei a chance e a beijei com tudo que tinha.

XI



Eu posso afirmar que Christopher me deixou escolha

para sair do beijo, mas ao mesmo tempo, não.

Ele me segurava com força, mas não tanta força que me deixava espremida e obrigada a beijá-lo, mas força o suficiente. Eu poderia me afastar, o problema era que quando seus lábios encostaram nos meus eu não conseguia mais nada. Eu não queria mais nada, além do que estava acontecendo.

Seus lábios eram macios e me beijavam com determinação, como se já soubesse todos os passos para me enlouquecer. Sua língua tocava na minha, fazendo-me gemer em sua boca. Christopher me apertou ainda mais, senti seu corpo sob toda aquela roupa indesejável.

Sabe aquela coisa estúpida de que parecia que tinha só nós dois ali e nada mais, como se não existisse um segurança logo atrás daquela porta, e outras pessoas pela festa? Sim, era exatamente isso que eu sentia. Não existia mais nada além de nós.

Christopher começou a me beijar delicadamente e eu pude sentir sua essência com uma mistura de vodca e algum bom perfume. O cheiro da pele dele invadiu o meu olfato, era como terra molhada, mas doce e deliciosa.

Seus lábios macios, me davam uma vontade de mordê-los e explorá-los mais, sua língua brincava com a minha como se soubesse exatamente o que estava fazendo. E realmente sabia.

Ele me puxou para ainda mais perto, meu peito roçando a blusa dele, e eu podia sentir o quanto ele estava excitado, pois seu pênis esmagava minha barriga.

O beijo estava tornando-se cada vez mais intenso. Christopher me empurrou para uma parede. Uma de suas mãos apertava minha bunda e a outra mão puxava meu cabelo. Provavelmente acabando com meu penteado, mas quem ligava para isso numa hora dessas?!

– Este vestido é importante pra você? – Christopher perguntou.

O que o vestido tem a ver com isso, agora?

– N-não. – *merda, eu tinha mesmo acabado de me engasgar?!*

Eu não conseguia nem sequer responder a uma pergunta tão simples dele, sem perceber o quanto sua voz era deliciosa e o quanto eu queria essa mesma voz sussurrando o meu nome.

Chris estava bem com sua testa colada na minha, mas pude perceber que ele seu meio sorriso.

Até que ele se ajoelhou à minha frente, segurando a parte da fenda do vestido, e, com um pouco de pressão, o rasgou. Meu vestido era de marca, bom pano e tudo mais, porém, mesmo assim, com a força exercida por ele, o mesmo conseguiu rasgá-lo.

Fiquei chocada sem saber o que fazer. Estava agora em um closet de calcinha rendada vermelha, salto alto e mais nada com um homem que acabei

de conhecer.

– Por quê? – comecei, mas ele me cortou colocando um dedo nos meus lábios.

Ele me carregou tão rapidamente e me pôs em uma mesa no canto, que eu, nem tinha reparado antes. A mesa estava com algumas bolsas, as quais foram empurradas para trás por Chris, em seguida, ele também me empurrou mais para trás, colocando-me no centro da mesa.

Christopher tirou delicadamente minha calcinha e colocou minhas pernas na mesa, me deixando completamente vulnerável, aberta, na frente de um homem ainda vestido... Aquilo me deixou excitada. Bem, *ainda mais*.

– Eu precisava te ver... assim. – Christopher lambeu os lábios e olhava para os meus olhos e para minha genitália exposta e molhada.

A situação, era, um tanto quanto, cênica, no entanto, eu não sentia-me nem um pouco envergonhada ou amedrontada.

Deus, pelo contrário, eu sentia-me fervendo de antecipação!

Ele montou em mim, ali mesmo na mesa, me beijou mais um pouco, depois foi escorregando beijando e mordendo minha orelha, pescoço, ombro, até que parou em meu seio direito. Ele lambeu meu seio o provocando, sua barba roçava meu seio me dando cócegas e me deixando ainda mais molhada. Quando ele começou a chupá-lo com força, eu soltei um longo suspiro.

Em seguida, gemi alto, pouco me importando se havia alguém lá fora ou não.

Às vezes fazemos coisas totalmente impulsivas, das quais nos arrependemos depois, mas durante o ato, nada importa de verdade. O mundo para ao nosso comando. E agora eu mandava ele parar por mim, porque eu queria ser completamente fodida e estava totalmente entregue àquele garoto.

Meu sexo ardia.

Merda, eu preciso dele dentro de mim. Rápido!

Coloquei minha mão em seu cabelo e a outra em seu ombro, gemendo e sussurrando qualquer coisa, uma das mãos dele estavam no meu seio esquerdo e a outra alisava meu quadril.

– Por favor... – sussurrei.

– O quê?

– Me toque, me foda... qualquer coisa.

O que diabos eu estou fazendo? Por que eu estou praticamente suplicando algo para ele?

Ele riu.

– Daqui a pouco, mas antes um pouco mais disso. – ele abocanhou meu outro mamilo e com a mão brincava com meu mamilo direito enquanto sua mão livre continuava passeando pelo meu quadril.

Ele apertava meu mamilo direito entre os dedos e depois fazia leves movimentos circulares. Eu só sabia gemer, enquanto apertava seu cabelo com uma mão, minha outra mão aperta seu ombro de uma forma, que, com certeza, deixaria marcas. Eu queria deixar marcas!

Oh! Eu deveria perder minha cabeça, mas eu não ligava para porra nenhuma. Eu sabia o que eu queria, e o que eu queria não tinha nada a ver com parar o que estava acontecendo nesse momento.

Christopher lambia meu mamilo esquerdo, enquanto sua barba roçava o mesmo, me fazendo estremecer e gemer. Ele lambia um pouco, mordida um pouco, chupava muito.

Que delícia era sua boca chupando meu mamilo enrijecido!

Ele chupava meu mamilo e algumas vezes, todo o meu seio... Assim como eu deixaria marcas de minha unha em seu ombro, ele deixaria marca no meu seio, depois de toda essa chupada.

Ninguém veria meus seios, além de mim, e assim que eu o visse mais tarde, saberia que o encontraria vermelho, em seguida a lembrança do que eu estava fazendo aqui me acertaria em cheio. Eu amaria, enfim teria uma boa noite de sono essa noite, ao lembrar da minha impulsão.

Chris definitivamente adorava seios, pois ele não largava os meus, se continuasse dessa forma, eu gozaria só por esse ato.

Ele largou meu mamilo esquerdo e eu gemi de frustração, ele riu. Eu podia sentir seu membro duro encostar em mim, e nunca quis tanto algo como agora.

Christopher continuou em cima de mim e apoiou suas duas mãos na mesa. Ele então devorou todo meu corpo com seu olhar. Sem pudor algum eu coloquei minhas duas mãos em suas costas e as arqueei para meus seios tocarem em sua camisa social, agora amassada.

Chris gemeu e com um movimento primitivo agarrou meus braços e me posicionou de volta na mesa. Ele agarrou cada um dos meus seios com as mãos cheias, esmagando-os e massageando-os.

– Acho que nem eu, nem você, aguenta mais isso, não é? – sua voz rouca causava arrepios por todo meu corpo.

Eu apenas balancei a cabeça em resposta, observando seu sorriso. Um tanto perverso e muito gostoso.

– Por mim tudo bem.

Sendo assim, ele largou meus seios me colocando em uma melhor posição na mesa, em seguida foi descendo ao meu sexo exposto e molhado. Ele sorriu, mais uma vez, ao ver o quanto eu esperava e desejava por ele.

Com meus cotovelos sustentando meu corpo, eu o encarava, encarar minha intimidade.

Minhas pernas estavam flexionadas em frente a ele, com meu salto fino

cravado levemente em suas costas.

Ele deu uma estocada simples com um dedo em minha entrada, mas que me fez gemer alto e ele gemeu também. Devagar ele tirou seu dedo de dentro de mim e tocou meu clitóris tão sutilmente que eu desconfiava que àquilo não era real.

Ele passou aquele mesmo dedo úmido do meu líquido ao redor de mim, pelos meus grandes lábios. Com um movimento simples de estocada, porém com dois dedos, ele enfiou de uma vez em minha entrada, fazendo-me suspirar.

– Nossa como você é gostosa. É tão bom te explorar. – e era exatamente isso que ele estava fazendo: me explorando.

– Eu preciso te provar. Isso é... *tentador* demais. Você é tentadora demais. – com poucas frases com aquela voz gostosa ele estava quase me levando ao clímax ali mesmo, assim mesmo – Calma garota, preciso provar você antes disso. – disse ele praticamente adivinhando que eu estava perto.

Chris deu mais uma estocada com dois dedos com mais agilidade e atingiu meu ponto G, eu gritava de desejo. Eu precisava gozar! Não aguentaria segurar muito.

Eu nem sequer conseguia mais me equilibrar na mesa com os cotovelos, simplesmente deitei, deixando o desejo me levar.

Sem eu esperar, ele passou a língua em minha fenda, com calma, nos meus grandes lábios. Ele foi para meu clitóris, como sempre, brincando um pouco ali, dando lambidas ágeis, ele fazia movimentos circulares com a língua enquanto sua barba roçava por toda minha genitália.

Chris atingiu meu ponto G com um dedo com tanta facilidade que eu pensava se ele não tinha um manual do prazer em casa. Senti mais um dedo estocar. Seus dois dedos e a língua brincavam comigo de um jeito tentador e insano.

NACIONAIS-ACHERON

Eu gritava de desejo e tesão. Nunca tinha tido um sexo oral tão louco e provocante, nem mesmo com meu ex-marido. Homens não gostavam de fazer sexo oral, mas com ele era diferente, era como se ele gostasse daquilo e se divertisse.

Eu não era tão jovem e nem inexperiente. Eu sabia bastante sobre sexo na prática, mas Christopher me fazia sentir diferente. Antes eu fazia sexo quase como uma obrigação, porém com ele, eu me divertia e queria mais e mais.

Sua língua não parava de me lambe, enquanto seus dedos me comiam. Sua língua lambeu com movimentos circulares meu clitóris e o mordeu bem de leve, me fazendo gemer seu nome.

– Tão perto... – eu disse.

– Eu sei, pode vir. – Christopher falou olhando para minha vagina como se estivesse falando com “ela” e não comigo.

Rápido e ágil, ele enfiou a língua no meu sexo, sua barba roçava toda minha intimidade e era tão bom, ele foi tão fundo como nenhum outro...

Eu estava à beira da loucura de tanto tesão, quando meu orgasmo começou a se formar, Christopher pareceu sentir, porque segurou meu quadril com força em frente ao rosto dele, sem tirar a língua de mim.

Ele parecia que estava me devorando, lambendo com tudo, daquele jeito insano, ele não parava de fazer movimentos círculos pelo meu clitóris, e algumas vezes o mordendo de leve.

Eu gritei quando a primeira onda de orgasmo veio e minhas pernas quase desabaram na mesa, mas Christopher as deixou descansando em seus ombros. Minhas pernas balançavam no ar, mas eu me sentia segura porque sabia que ele estava ali para me segurar.

Foi então que múltiplas ondas de orgasmos vieram meio se misturando com a primeira e fazendo uma só, demorada e infinitamente prazerosa.

NACIONAIS-ACHERON

Christopher ainda me lambia, me devorava, me explorava, minhas pernas ainda estavam em seus ombros, tremendo um pouco. Não me importei quando fiquei mole, enquanto o múltiplo orgasmo me abandonava devagar, antes me devastando por completo.

– Christopher! – gemi – Meu! Deus! Christopher! – e era só isso que eu repetia.

– Oh, você é foda! Tão gostosa...

Devagar ele tirou minhas pernas de seus ombros, pondo-as com cuidado na mesa gélida.

Sem muita demora, ele estava do meu lado sentado na mesa, enquanto eu continuava deitada, ainda meio mole. Senti sua barba passando no meu ombro e subindo para meu pescoço. Suspirei fechando meus olhos, ainda estava meio grogue.

Subitamente ele parou, abri meus olhos para vê-lo procurar por algo. Em pouco tempo ele estava em pé, ao meu lado, estendendo sua mão. Eu a peguei. Seu toque ainda me deixava zozza.

Ele me colocou de pé e se ajoelhou à minha frente, fez menção para eu abrir as pernas. Quando eu ia protestar ele começou a me limpar com lenços umedecidos.

Christopher levantou um de meus pés, vestindo minha calcinha em mim e surpreendendo-me por tal delicadeza. Arrumou meu cabelo do jeito que pode, com um sorriso tímido. Limpou e arrumou a mesa com outros lenços, jogando-os em seguida no lixo.

Quando eu não mais esperava que ele fosse fazer nada, o mesmo pegou meu casaco, vestindo-me nele. Ele encontrou meu vestido rasgado no chão, o dobrou agilmente e achou minha bolsa (que ele já sabia qual era porque tinha visto o número do meu ticket).

Percebi que ele ia abrindo, mas parou, olhou para mim como se

NACIONAIS-ACHERON

perguntasse se poderia, eu balancei a cabeça afirmando, ele abriu e colocou cuidadosamente o vestido lá dentro, logo após, me entregou, como se não tivesse feito nada. Ou como ele fosse naturalmente assim. Eu não duvidava que ele fosse mesmo.

Felizmente minha bolsa não era minúscula, porque o vestindo coube perfeitamente nela.

– Agora você está ótima! Ninguém perceberá nada... Tirando esse seu olhar...

– Meu olhar?

– Sim, esse de quem acaba de ter um ótimo orgasmo. Ou talvez múltiplos. – ele sorriu maliciosamente para mim. – Desculpe, mas temos que ir, Júlia me espera e o Montanha ali na frente entrará. Meia hora já passou.

– Meia hora?

Como eu estava sendo estúpida repetindo o fim das frases dele, mas não conseguia evitar, ainda estava meio grogue, e ainda queria mais, mas não, nada de querer mais. Não teria mais. Ele era bem mais novo que eu, e eu tinha essa impressão estranha de que o conhecia.

Não, definitivamente nada de ter mais.

– Depois eu explico. – ele sorriu – Outra noite dessas, quem sabe?

– Não... – comecei.

– Você me deve alguns orgasmos. Você me paga isso e estamos quites.
– outro sorriso malicioso.

Como dizer não a ele? Eu tinha que sair dali urgentemente, e nunca mais o ver, essa era a solução.

– Desculpe, eu tenho que ir. Como você mesmo disse meia hora já passou e Benny deve estar enfurecido comigo.

– Por que não me dá seu número?

– Não, desculpe, eu tenho que ir *mesmo*. – e saí.

A última visão que tive dele era dele com olhos tristes, mas o sorriso permanecia.

Perguntei-me quantas vezes ele sorriu para disfarçar algo, quantas dores ele já tinha vivido e sorrido?

Não, não, eu não podia pensar nessas besteiras! Foi só um caso e mais nada.

Antes de encontrar Benny abri minha bolsa, desbravando-a para achar um espelho. Encarei-me e notei que meus olhos realmente estavam como de quem tinha acabado de ter um ótimo orgasmo... *múltiplo*.

Estranho que nenhum outro tinha reparado que eu olhava assim, normalmente eles nem sequer queriam *me* dar orgasmos, a questão era mais tê-los.

Como diabos aquele menino viu algo que nenhum outro viu? Por que logo ele viu?

Oh, merda! Eu estava bastante ferrada, mas, por sorte, não o encontraria nunca mais. Que assim fosse.

Ele era problema para mim, e eu, problema para ele.

XII



Encontrei Júlia com Ian na pista de dança. Quando ela

disse que “tentaria” dançar, eu não acreditei que ela realmente iria.

Júlia estava dançando com Ian!

Que estranho, já que nem eu a fazia dançar, mas ri da cena. Ela me olhou rindo e parou de dançar, depois caminhou até mim junto com Ian.

– Você ainda quer ir? – perguntei à Júlia que estava na minha frente com a cara séria, mas olhar brincalhão.

Por sorte, ao sair do closet lembrei-me de pegar sua bolsa, por pouco tinha esquecido, com isso estendi sua bolsa para ela, ela pegou e olhou pelo canto do olho para Ian que também a olhava.

– Sim, porque não quero acordar muito tarde amanhã. – ela disse me olhando.

– Você voltará amanhã para o interior? – Ian perguntou a ela.

– Sim, – ela pausou, passando seu olhar de mim a ele – tenho que trabalhar e tudo...

– Quando você entra de férias? – oh, algo estava rolando ali e eu não sabia?

– Não sei ainda.

Ian dessa vez apenas assentiu.

– E você Ian, vai agora? – perguntei.

– Não, ainda tenho umas coisas para fazer. – disse olhando para algumas mulheres da festa.

Júlia que olhava para ele desviou o olhar, pegou meu braço e categoricamente falou: – Tchau, Ian.

Ele voltou a olhar para nós e viu nossos braços cruzados.

– Tchau, pra vocês dois.

Bati no seu ombro e sai com Júlia.



– Está acontecendo algo que eu não sei? – perguntei à Júlia quando já estávamos dentro do Bentley a caminho do hotel.

Imaginei que só iríamos até ele para Júlia pagar as contas e pegar suas coisas para então seguirmos para meu apartamento. Meu apartamento era pequeno, um quarto e um banheiro, contudo, minha cama sempre teria espaço para ela.

Eu e Júlia éramos apenas amigos, nada de coloridos, porém isso não era motivo para nós não podermos dormir na mesma cama, sem segundas intenções. Eu preferia que nossa relação, hoje em dia, fosse apenas de amizade, seria menos trabalhoso.

– Do que você está falando? – Júlia franziu a testa.

– Não se faça de sonsa. Você e Ian...

– Não, claro que não teve nada. – ela pausou olhando a rua pela janela do carro – Ele é seu melhor amigo e...

– E nós não temos nada, além de amizade Júlia. Você tem todo o direito para ficar com quem quiser.

– Não é só por isso Christopher. Você não entende...

– Me faça entender!

– Não posso. – ela virou o rosto para me olhar e reparei que seus olhos verdes brilharam pelas lágrimas que ameaçavam cair.

– Júlia... – comecei chegando mais perto dela no carro, mas ela se esquivou agarrando-se à porta.

Naquela maldita hora o Bentley parou em frente ao hotel.

Ela saiu rapidamente nem esperando o motorista abrir a porta para ela. Sai atrás dela e puxei seu braço sem colocar força.

– Me conte o que está havendo. – pausei quando vi seu olhar triste – Por favor... – soltei seu braço quando ela ficou cara a cara comigo.

Passei delicadamente minha mão em seu rosto, vendo suas lágrimas rolarem, com cuidado limpei esperando por sua resposta.

– Você não vê mesmo, não é?

– Me fale para eu poder enxergar.

Júlia se aproximou ainda mais de mim deixando nossas testas coladas. Minha mão continuava em seu rosto delicado. Ela pegou minha outra mão que estava escondida no bolso da calça e entrelaçou com a pequena mão dela, sua outra mão posou na minha mão que estava em seu rosto.

Júlia encostou sua boca a minha. Apenas um toque e sussurrou sem se afastar.

– A culpa é sua. – sem mais nem menos se virou e foi embora para dentro do hotel.

Ela poderia ficar no meu apartamento, mas pelo visto hoje ela queria ficar longe de mim. Ainda tentei chamá-la, sem fazer uma cena, porém ela não se virou para me olhar. Não entendia qual era o seu problema. Sempre resolvíamos facilmente as coisas entre nós, contanto que conversássemos. Júlia indo embora dessa forma não ajudaria em nada para eu entender o que a chateava.

A culpa era minha? O que diabos isso significa? Que a culpa dela não ficar com Ian é minha por que ele é meu melhor amigo? Ou por que a culpa é

minha por ela não querer ficar com ele ou por ele não querer ficar com ela?
Ela ainda sentia algo por mim e por isso a culpa era minha?

Que merda! As mulheres eram complexas demais para mim!

No Bentley falei para o motorista ir para meu apartamento. O endereço já estava salvo no GPS. Eu precisava de uma boa noite de sono e amanhã eu precisava sair para beber.

XIII



Quando encontrei Benny ele não fez nenhum comentário sarcástico da minha aparência, mesmo que, com certeza, ele percebeu que aconteceu algo. Ele parecia focado a ir embora. Não discuti quando ele pegou minha mão e mais rápido que o necessário me levou para fora.

Na limusine ele pareceu relaxar, devolvendo meu celular para eu guardar devidamente comigo. Mandou o motorista nos levar para minha casa, imaginei que ele ficaria comigo nela.

Benny era assim, marcava as coisas no ato, sem nem me comunicar. Embora, eu nunca tivesse ligado. Ele era meu melhor amigo, porque não dizer, meu único amigo. O resto das pessoas que estavam em minha vida ou era devido a trabalho ou interesse. Eu estava acostumada com isso, mas ter Benny fazia tudo ser mais fácil.

– Eu tenho que te falar sobre Christopher... – Benny me encarava e sua voz estava um tanto embargada.

Por um momento, meu amigo não parecia o mesmo, Benny parecia uma versão mais velha dele mesmo, de Benny para Benjamin Cardello.

– Não preciso saber nada sobre ele, nós não vamos mais no ver e...

– O nome dele é... – Benny me cortou, sem parecer ouvir meu protesto enquanto a limusine praticamente corria – Christopher Tyler *Stuart*.

Christopher Stuart. Esse nome me assombrava. Eu não o ouvia há anos. Ele tinha sido uma das pessoas importantes no meu passado, que alavancou minha carreira como modelo, entretanto, nós tinha rompido qualquer contato.

– Stuart? Tem certeza? – perguntei e quem estava com a voz embargada agora era eu. – Então... ele é filho de Christopher.

– Sim, mas ele não usa o sobrenome do pai, e sim Tyler. – Benny deu de ombros – Ele não deve querer usar o sobrenome daquele crápula para ganhar reconhecimento.

Benny sabia minha vida toda. Ele poderia escrever a minha fodida biografia, desde meu pai fodido, minha falecida mãe e meus "contatos" quando modelo.

Suspirei e depois dei de ombros.

– Como já disse, não vamos mais nos encontrar, de qualquer forma...

– Melhor assim! – Benny me analisou de cima a baixo, parando um pouco mais em minha panturrilha que estava nua, voltou seu olhos caramelos no meu – Baby, você tem algo para me contar?

Engoli em seco.

– Talvez... – lhe dei um sorriso torto e meu amigo entendeu tudo, mas ao contrário de acusações ele caiu na gargalhada.

Benny bateu palmas e entre risos disse: – Você precisa me contar os detalhes sórdidos! – era por isso que eu o amava.

Ele era, além de meu melhor amigo, a única pessoa que eu amava,

tirando, obviamente, a mim mesma.

- Em minha casa!
- Definitivamente, baby! Precisamos encher a cara!



Eu e Benny bebemos o suficiente para entrarmos, ambos, em um coma alcoólico, se nosso organismo já não estivesse acostumado a tanto álcool.

Benny passava tanto tempo em minha casa que já tinha deixado algumas roupas dele, nela.

Quando chegamos em minha casa fomos tomar um banho, eu em minha suíte e Benny em um quarto de hóspedes que ele ficava. Era praticamente o quarto dele.

Eu vesti um moletom enorme e uma calcinha boxer, não precisava ser dito para Benny ficar à vontade, ele já sabia que podia e vestia uma cueca boxer preta e uma camisa larga.

Nos sentamos em meu sofá e começamos a beber um vinho que eu deixava guardado há tempos, porém Benny sempre o degustava. "Degustava" era um eufemismo. Ele o atacava, quase acabando, algumas vezes o acabava, no entanto, o mesmo sempre comprava um novo para mim.

O problema de Benny era o cigarro. Ele não largava aquela coisa. Ele sempre fumava, mas na minha frente, ele não fumava mais que dois cigarros. Eu tinha medo de que ele, por trás de mim, fumasse mais que um maço.

Eu fumava ocasionalmente, já Benny fumava por causa do frio, estresse, alegria, raiva, tristeza, tensão, nervosismo e todos os motivos

possíveis.

Eu insistia para ele largar aquele vício, mas ele me dizia que um vício não se larga, se prende. Achava sem nexos sua resposta, porém não discutia sobre. Eu não era idiota de falar que ele morreria mais cedo por causa do cigarro, eu sabia que essa era uma argumentação clichê e sua resposta seria o típico: "De algum modo eu tenho que morrer, baby, que seja fazendo algo que eu goste."

Bebemos toda a garrafa do vinho e um forte uísque.

– Detalhes sórdidos! – Benny pediu se deitando em meu sofá e colocando suas pernas em cima das minhas.

– O garoto é impressionante... – admiti e coloquei a culpa no álcool. *Quem nunca?* – Ele é um doce e tão gostoso, Benny.

– Ele pode se tornar seu vício, como o cigarro é pra mim. Fique longe! É quase impossível largar os nossos vícios.

– Não é você mesmo que diz, que, vícios não se largam, se prendem?

Benny gargalhou e assentiu.

– Mas você tem a chance de largá-lo, eu nem lembro quando foi a minha chance de largar meu cigarro.

– Eu já disse Benny, não vou mais encontrá-lo!

– A vida, às vezes, nos prega peças que não conseguimos escapar.

– Você está muito bêbado, não é?

Benny tirou suas pernas de cima das minhas e deitou sua cabeça em meu colo.

– Estou do jeito que eu gosto, baby!

– Muito bêbado?

– Definitivamente! – eu e Benny caímos na gargalhada e dormimos aquela noite em meu sofá, depois de virar a madrugada conversando, no

mínimo, meu sofá era confortável e macio.

XIV



Eu não gostava muito de domingos. Não porque amanhã

era segunda, mas porque domingo era sempre uma merda, ou quase sempre, hoje eu sairia para beber em algum bar com Ian.

Depois de deixar Júlia no hotel, segui para meu pequeno apartamento, dormi como uma pedra, estava exausto. Só acordei por causa do meu celular vibrando. Eu nem me lembrava de ter deixado o celular na cama, mas era nela onde ele estava quando acordei.

– Alô? – falei com a voz mais rouca do que o habitual ao deslizar o dedo pela tela do mesmo e o atender.

– Imaginei que você estava dormindo... – era Júlia, eu não precisava confirmar vendo o identificar de chamadas, reconhecia sua voz no ato – Estou ligando para avisar que já estou indo para o interior.

– Bom dia! – sentei em minha cama, com uma mão eu segurava o

celular em minha orelha, com a outra tirava o lençol de cima de mim.

Eu dormia nu ou de cueca, hoje eu vestia uma cueca branca, e já podia ver e sentir meu pau habitualmente ereto nessa manhã.

– Você não ouviu nada do que eu falei, Tyler? – Júlia parecia puta da vida e eu me senti uma merda por não levá-la até a estação de ônibus de viagens.

Toquei em meu saco e depois levantei da cama, passei a mão em meu cabelo desarrumado e andei até o único banheiro da casa.

– Que horas sai seu ônibus? – perguntei enquanto lavava meu rosto com uma mão na pia.

Depois ainda falavam que os homens não conseguiam fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo...

– Em breve! Vinte minutos, no máximo.

– Por que você não me avisou antes? – coloquei o celular em uma parte seca da pia e acionei o alto-falante.

Comecei a escovar meus dentes esperando Júlia falar. Ela quase sempre fazia isso de não me avisar o horário de suas viagens. Eu não podia marcar nada com ela direito, pois em um momento ela estava, no outro já tinha se mandado. Gostaria que ela ficasse mais, mas entendia que sua profissão vinha acima de tudo.

– Não gosto de me despedir pessoalmente. Pelo celular, no fim, é só desligar a chamada.

– Você é maluca! – falei cuspiendo a pasta de dentes. – Quando você têm férias?

Júlia riu.

– Médicos iniciantes não tem férias, temos é muito trabalho e pouco descanso... Mas ajudar as pessoas, e não minto, o salário, faz valer a pena.

– Quando você tiver algum tempo, me fala! – insisti e então pensei na noite anterior. – O que você queria dizer com o que falou ontem?

– Esqueça e até mais!

Não tive tempo nem de dizer "até" quando vi que ela desligou a chamada. Bem que Júlia disse que no celular era só desligar a chamada, pessoalmente ela não fugiria da minha pergunta tão fácil. Não insisti ligando de novo, mas mandei uma mensagem dizendo lhe desejando boa viagem.



Eu esperava Ian em minha casa, para sairmos. Ele tinha me confirmado que iria e eu não poderia recusar uma escapada de leve nessa rotina chata que era o domingo.

Ian viria de táxi, já que nós iríamos beber e seria mais prudente não dirigirmos. Meu apartamento era perto do apartamento de Ian, caminhando daria trinta minutos, de carro menos de dez minutos.

Como decidimos um bar próximo vesti uma calça surrada preta e uma camisa folgada cinza, mas de mangas compridas pretas. Eu nunca fui o tipo de cara metrossexual. Pegava a primeira roupa que via, vestia e fim. Júlia sempre me disse que eu me vestia bem para um largado, até minha tia Myrna comentava sobre as minhas escolhas de roupas.

Me olhei no espelho do banheiro e penteei meu cabelo. Outra coisa que nunca tive a intenção de mudar quando moleque até então era meu cabelo, gostava dele mais comprido e me sentia bem assim. Eu sabia que nem todas as mulheres gostavam de homens com cabelo maior que o normal, porém

mesmo meu cabelo sendo acima de meus ombros (mais especificamente em meu pescoço), elas aparentavam gostar.

Conheci muitas mulheres que usavam meu cabelo como flerte, fazendo cafuné nele ou o tocando para aproximar mais seus rostos de mim. Sempre preferi as mulheres que flertavam diretamente, flertes suaves não me enchiam os olhos, mas eu praticava bastante dessa técnica, já que muitas das mulheres que conheci na capital eram da academia e jovens demais para ter coragem de um flerte seco e direto.

Aproveitei para pentear também minha barba, depois usei uma lâmina para delinear-la. Desde pirralho sonhava em ter barba, quando a minha enfim deu sinal de sua existência, não parei de usá-la, até que Júlia me convenceu de que estava ridículo aqueles fios aleatórios e eu me barbeei. Sobretudo, aos vinte anos, (e eu já estava na capital), deixei minha barba crescer de vez, só me barbeando completamente em poucas ocasiões.

Agora minha barba estava no seu sétimo dia, não deixava passar de duas semanas sem aparar, se não, eu seria confundido com um “mendigo estiloso”.

Enquanto pensava besteiras meu interfone tocou da cozinha.

– Sim? – falei no momento que atendi.

– Boa noite, Chris! Seu amigo, Ian, mandou avisar que está te esperando aqui. – até o porteiro do meu prédio me chamava de "Chris".

Eu morava no mesmo prédio desde o primeiro dia que vim morar na capital e era amigo de todos os funcionários do mesmo, desde o porteiro aos faxineiros.

– Obrigado! – respondi já pegando minha carteira e celular.

Encontrei Ian sentado no banco da frente do táxi conversando com o taxista enquanto me esperava. Quando ele me viu saindo do prédio, abriu um largo sorriso iluminado para mim. Ian estava aprontando alguma merda

NACIONAIS-ACHERON

fodida, eu já podia prever.

Entrei no banco traseiro do carro dando boa noite e Ian mandou o taxista pisar fundo.

– Hoje nossa noite vai ser longa, irmão! – Ian se virou para me olhar.

Ele era sempre assim: direto. Mal me cumprimentava.

– Não estamos indo pra algum bar, porra? – não quis soar grosso, mas acabei sendo, porém Ian não era o tipo que se magoava fácil.

Vantagem de ter amigos homens: você podia ser rude como o caralho com eles, eles em troca serão com você, sem discussão, como aconteceria com uma amiga. Depois de namorar Júlia, eu sempre procurei uma mulher simples, como seria uma amizade com algum amigo.

Eu queria uma mulher, acima de tudo, feminina, mas que não fosse fresca demais, que comesse sem ligar para celulite e gordura... Sinceramente, eu nem sabia o que era celulite.

Eu gosto de mulher! Mulher de verdade, com curvas e formas, com feminilidade, com graça, com simplicidade, lealdade e honestidade, mas também com humor.

Adorava mulher bem-arrumada, maquiada, cheirosa e com cabelo perfeitamente no lugar, sobretudo, eu era homem o suficiente para dizer que preferia uma mulher desarrumada, sem maquiagem, cheirando a sexo e com o cabelo *perfeitamente* bagunçado depois de uma foda selvagem.

Melhor ainda seria uma mulher assim exposta na minha cama, usando nada mais que um sorriso de satisfação e sua essência natural.

Eu amava mulher, não tinha droga mais viciante que uma mulher gostosa, com seios e bunda fartos – com ou sem celulite, com ou sem alguns quilos a mais –. Ainda mais viciante seria uma mulher gostosa desinibida e com aquela simplicidade magnetizante.

– Não, sua puta! – Ian piscou para mim, me fazendo rir – Vamos encher a cara pôr ontem!

– Por ontem? – ergui uma sobrancelha em dúvida.

– Fiquei naquele evento até mais tarde, *sozinho*, não comi uma mulher e não peguei um contato útil.

– Não tem como você saber se o contato é ou não útil, só faz um dia...

– Foda-se! Quero beber e foder alguma gostosa. Não há um dia específico para isso e se você não quiser, volta com o táxi pra casa.

Cai na gargalhada antes de responder: – Quando você já me viu recusando uma noitada, com uma possível foda?

Ian gargalhou também, vi pelo retrovisor que até mesmo o taxista sorriu com minha resposta.

– Não uma "possível" foda, *umas* fodas! Em noites de domingo na boate que vamos, o que mais tem é mulher sem compromisso procurando um homem de verdade pra lhe satisfazer *algumas vezes* durante a noite.

Eu, o taxista e Ian caímos, mais uma vez, nos risos. Eu ainda nem tinha bebido e já me sentia melhor. Ian era uma comédia ambulante, não tinha como não rir ao lado dele.

Sem querer, ainda no táxi, pensei em Agatha e como eu gostaria que ela fosse aquela mulher exposta na minha cama com somente um sorriso de satisfação e sua essência natural.

XV



Domingos eram um pé no saco, pior quando você acorda com uma ressaca daquelas. Simplesmente porque amanhã era segunda. Segunda-feira do inferno seria essa de amanhã! Eu não sabia se alguém da minha agência tinha convidado algum modelo pré-selecionado para amanhã, para terça já fecharmos o contrato. Tínhamos que fechar!

– Não pensa muito que cansa, atrai problemas e dá rugas! – Benny me disse me trazendo café e comida para nós no sofá onde tínhamos dormido.

– Você parece estar dentro de minha mente! – exclamei e ele riu.

– Queria que o garoto não fosse filho de quem fosse. – Benny já não ria, e mesmo sem citar nomes, eu já sabia involuntariamente que ele referia-se à Chris – Ele seria perfeito para a campanha.

– Infelizmente. – murmurei enquanto bebia meu café preto. – Será que alguém da equipe teve sorte na escolha do modelo?

– Não podemos saber até amanhã.

Assenti, em seguida coloquei a xícara vazia de café no braço do sofá e massageei minhas têmporas que latejavam. Benny percebeu o que eu fazia e gargalhou imitando meu gesto.

– Acho que bebemos demais. – ele disse.

– Você acha? – revirei os olhos para meu amigo – Meu corpo e minha cabeça parece que estão com um complô contra mim, de tanto que ambas não param de latejar.

– Você sabe o que faz melhorar uma ressaca...

– O quê? – intervim. – Frutas e vitaminas?

– Não! Quem realmente faz essa merda? – essa foi a vez de Benny revirar os olhos, em seguida ele sorriu cinicamente deixando visível suas covinhas e piscou para mim – Não parar de beber!

Gargalhei um pouco, porque se continuasse minha cabeça provavelmente estouraria... Talvez a ideia de Benny não fosse das piores. Sorri, eu estava ficando louca em sequer pensar em beber num domingo de manhã.

– Não vou me embriagar numa manhã, Benjamin.

– Acho que você não olhou no relógio baby, mas já é de tarde! – ele respondeu sem se abalar.

– Puta merda! Sério? – sem esperar resposta dele olhei para meu relógio analógico de parede que estava na sala. – Já são 13h?! Isso muda tudo...

Benny caiu numa gargalhada baixa que eu logo acompanhei.

– Álcool agora? – ele disse batendo palmas.

– Vamos no mínimo tomar um banho e comer antes.

Ele assentiu, nos levantávamos e fomos cada um para seu quarto tomar

um banho.

Me olhei no espelho de corpo todo da minha suíte e sorri. Eu estava com o rosto todo amassado. Meu cabelo estava em um coque desarrumado, se via um fraco indício de olheiras e como eu não estava usando maquiagem nenhuma, não teria como disfarçar.

Engraçado mesmo era meu "pijama" que usava. Eu nunca fui o tipo de mulher que usava algum tipo *baby doll* broxante, sem sal e nem açúcar, contudo, nunca usei também *baby doll* sexy, sempre usei o que me fazia sentir-me o mais confortável possível para mim.

Baby doll sexy mesmo é uma mulher sem ele. Eu era mulher o suficiente para saber disso, sem precisar ser homem. Mas eu entendia todo o jogo da antecipação de usar uma lingerie ou *baby doll* sexy, porém a questão final não era usá-lo e sim, tirá-lo. Eu preferia – quando ia transar – já aparecer completamente nua, excerto por um salto agulha.

Eu não era uma fanática ou compulsiva por saltos altos, mas amava cravar um bom salto na bunda de um homem. Me fazia sentir por cima, mesmo quando, literalmente, estivesse por baixo.

Bem, meu "pijama" atual era um moletom e calcinha boxer que estavam tão amassados quanto meu rosto. Me despi rapidamente e fui tomar meu banho, quando abri o chuveiro a água meio fria escorreu por todo meu corpo, antes de eu me afastar e esperar esquentar. Toquei em meus mamilos duros pelo frio e suspirei.

Foda-se! Mas admitia que eu pensava em Christopher e em suas mãos, lábios, boca, voz... Tudo. Eu queria tudo dele, porém não haveria possibilidade nenhuma para isso e seria melhor assim.

Tomei meu banho meio rápido, tentando não pensar nele, mesmo sentindo que só de imaginá-lo meu sexo ardia e eu sentia-me lubrificar.

Eu precisava começar a beber! Já não me importava que era um

NACIONAIS-ACHERON

domingo, pela manhã, tarde ou noite. Não fazia mais diferença! Eu só queria beber e me distrair, para talvez assim não pensar mais no garoto mais tentador que já conheci.

Fora do banheiro decidi vestir uma calça jeans claro e um top preto, não deixando de fora um salto, não tão alto quanto eu gostava. Eu era uma mulher alta e sabia que não poderia exagerar em saltos para não ficar mais alta do que muitos homens.

Deixei meu cabelo solto, ele estava abaixo dos ombros. Eu amava meu cabelo, não era como as outras mulheres que sempre reclamavam do seu cabelo, por serem indomáveis.

O meu, para desespero de muitas, não era totalmente liso, era um liso ondulado, que dificilmente embaraçava. Eu quase não o alisava, deixando ele natural. Só em momentos propícios, como eventos ou encontros formais, que eu o alisava ou ia a algum salão para fazer um penteado digno do evento.

Eu não tinha falado ainda com Benny, mas eu estava querendo ir a um restaurante bacana e beber um pouco nele, quem sabe até depois sair para outro lugar... Uma boate, talvez.

Sai do meu quarto enquanto penteava meu cabelo domável e ondulado, indo até o quarto de "hóspedes" (para não dizer "quarto de Benny", já que eu nem sequer tinha hóspedes) e batendo duas vezes na porta.

– Decidi ir a um restaurante e à noite ir a alguma boate... O que você acha?

Não demorou quase nada para Benny abrir à porta, sorrindo.

Ele vestia uma calça de couro marrom e uma camisa preta com um decote V. Bem típico de Benny vestir uma roupa daquelas, mas eu não podia deixar de admitir que ele estava muito bonito.

– Você decidiu o restaurante e eu decido à boate.

– Fechado! – eu sabia que me arrependeria de deixar a decisão da boate para Benny, mas não pensei naquele momento, além de quê, queria me distrair totalmente.

Eu não conhecia outra forma de me distrair mais como essa de: sair, beber e – possivelmente – foder.

XVI



Eu não sabia para qual boate Ian estava me levando,

mas assim que o táxi parou e eu li o nome dela, eu sai do táxi rindo.

Satisfaction, era o nome da boate. E não era uma boate qualquer, era uma boate de swing. Eu já tinha ouvido falar muito sobre ela, entre alguns amigos, pois aquela era a única boate de swing da região que aceitava à entrada de solteiros.

Antigamente tinha um dia da semana específico, porém, depois de anos ela se tornou entre meus amigos "a boate do sexo dos solteiros e casados". "Swing" já não descrevia tão bem essa boate. Todos falavam muito bem dela, principalmente do dono dela, que hoje deveria ter um pouco menos de 50

anos.

– Você não brincou quando disse que íamos foder, Sr. Howard! – brinquei as risos enquanto eu e meu amigo caminhávamos até a entrada da boate.

– Eu estava precisando disso... – Ian ria, mas percebi que seu semblante tinha mudado, embora quê, bem rapidamente – Você já entrou nessa boate?

– Não, mas não sei nem porquê, já que sempre tive curiosidade.

– Você vai gostar... – eu e Ian pagamos nossas entradas e eu fiquei estupefato pela boate por dentro.

Logo na entrada tinha um salão enorme com um bar e uma pista de dança. Um DJ tocava uma música eletrônica e ninguém tinha vergonha de dançar. A pista estava cheia de mulheres e homens seduzindo um ao outro. Não era nada vulgar ou sexual e sim sensual.

– Isso não é nada. – Ian comentou ao ver minha expressão. – Além de ser uma boate que entra solteiros, aqui tem no subterrâneo outro bar com strippers, porém é só para os VIPs. Tem também um quarto escuro, onde ninguém vê nada e toca uma música baixa ao fundo, sem DJ. Aqui há quartos privados, comunitários, onde todos fazem tudo para todos verem, e outra série de quartos para determinados tipos de fantasias sexuais.

– Como você sabe tudo isso?

– Já vim aqui algumas vezes, e tenho alguns amigos que conhecem o dono.

Fomos até o bar e pedimos uma boa vodca. Uísque era muito caro, ainda mais naquela boate.

– Como funciona exatamente? – gesticulei discretamente para as pessoas na pista de dança, enquanto eu pegava meu copo com vodca.

– Não muito diferente de uma boate normal, a diferença que aqui as pessoas sabem claramente o que querem. Sem muita conversa, direto para as preliminares.

– Mulher escolhe o homem ou não existe isso?

– Se você estiver interessado em alguém, você pode se aproximar, se ela não hesitar e deixar você continuar, você continua, mas se ela dizer um "não" você não pensa duas vezes e se afasta.

– É estritamente proibido insistir, porém, sabemos que você não faria isso. E, ah, se você vê, por exemplo, duas mulheres juntas, você não pode se aproximar, mas elas podem te chamar, o mesmo vale para o caso de você se interessar por um ménage com um casal que já está nas preliminares.

– Mais alguma regra? – perguntei enquanto bebia minha vodca em grandes goles, Ian não ficava atrás, bebia bem rápido. Com pressa óbvia para ir até as mulheres na pista de dança.

Algumas mulheres pareciam já terem nos notado, pois algumas insinuavam para nós com danças mais sexuais e mais rebolados.

– Sexo sempre com camisinha, nos quartos privativos e nos comunitários há camisinhas e brinquedos sexuais. Sem beijo na boca também.

– Sem beijo? Por quê? – perguntei erguendo uma sobrancelha. Eu me sentia um virgem inexperiente, mas tinha que saber de tudo antes de qualquer coisa.

– Aqui é só sexo, beijo é como se fosse romance. Mas tem mulher que não se importa em beijar, porém, é melhor deixá-la tomar a iniciativa ou perguntar desde o começo se ela se importa ou não.

Dei de ombros, acabando com meu segundo copo de vodca e colocando no balcão. Eu não me importava com beijo na boca, era algo na preliminar que não me faria falta.

NACIONAIS-ACHERON

Uma mulher, de aparentemente, trinta e poucos anos se aproximou de Ian, sem falar nada, apenas sorriu e pediu para o barmen um uísque, do qual ela bebeu em questão de segundos. Sem esperar mais, ela pôs-se de frente à Ian e começou um assunto sobre sexo com ele, sem pudor algum. Logo no começo da noite e eu já estava gostando daquele lugar.

– Irmão! – Ian me disse – Não espere por mim, qualquer coisa te mando uma mensagem no fim da noite.

Quando eu abri a boca para murmurar um "beleza", a mulher que estava, agora ao lado dele, disse: – Ele não quer participar? – sua voz era calma e não hesitava.

Ian olhou brevemente para a mulher, depois para mim e deu de ombros, esperando minha resposta.

Eu não ligaria em fazer um ménage com uma mulher gostosa e meu amigo, contanto que seu pau não encostasse em mim. Sobretudo, nessa noite, em especial, eu não me sentia no clima para embarcar na primeira oportunidade de sexo.

– Não, eu vou para pista de dança! – falei me despedindo deles e seguindo para a pista.

Começou a tocar um MIX de várias músicas, algumas que eu conhecia, outras que não fazia a mínima ideia de quem era sequer o cantor, porém ficou muito bom e muito fácil de dançar.

Puxei as mangas da minha camisa até os cotovelos e comecei a dançar, dessa vez eu dancei para todas as mulheres que estavam na pista. Eu sorria torto para todas. Eu queria todas sem pudor nenhum.

Depois de meia música, algumas mulheres se aproximaram, umas bem mais velhas que as outras, mas tão gostosas quanto.

Reparei em duas mulheres dançando perto de mim, (havia vários homens na pista de dança também, mas eu não tinha porque descrevê-los),
NACIONAIS-ACHERON

elas estavam de frente uma para outra. Dançavam enquanto os seios de cada uma, roçavam na outra, e como ambas usavam uma camisa fina, podia-se notar, mesmo com a luz baixa do ambiente, seus mamilos duros.

Uma das mulheres usava uma camisa branca e uma saia longa, parecia ser um pouco mais velha que a outra, já a mais nova, vestia uma camisa preta e um short. Só de olhá-las eu estava começando a ter uma ereção. Era uma cena muito sexy e não se via todo dia.

Não me aproximei delas, esperei para ver se uma das duas me notavam e me chamavam para participar. Elas pareciam dispersas demais com o que acontecia em volta delas, para sequer me notarem. Alguns homens as cercavam também. Todos querendo serem escolhidos por aquelas mulheres.

Continuei dançando enquanto outro MIX começou a tocar e algumas mulheres se aproximaram mais em mim.

Vi uma silhueta deliciosa de uma mulher que acabava de pôr os pés na pista de dança. Ela vestia uma calça, acompanhada com um salto e um top preto, não consegui ver seu rosto pois senti uma mão puxar minha camisa e me virar de costas para a tentadora nova aparição na pista de dança.

Assim que eu fiquei de frente com a mulher que me puxou, ela me soltou. Provavelmente não querendo ser invasiva demais.

Ela era belíssima e quente. Ela era uma loira, não muito alta, e com muito busto. Ela sorriu para mim e se aproximou ainda mais, colocando sua boca em minha orelha direita.

– Eu e minha amiga queremos *jogar* com você... – ela me disse sem rodeios e como deixa, sua amiga passou as mãos pelas minhas costas e apoiou sua cabeça em meu ombro esquerdo.

Sua amiga era uma gata, não tinha como negar. Ela era uma morena com olhos enormes, daqueles que quando chupam seu pau, não largam seu olhar.

Eu não acreditava que realizaria minha fantasia antiga de foder, ou melhor, jogar com duas mulheres, sendo uma loira e outra morena.

Eu conhecia essa expressão "jogar" que se usavam em boates como essa, significava que não seria nada pessoal ou sério. Puramente diversão, que era o que eu procurava hoje, para só assim eu esquecer de uma ruiva tentadora.

Eu já tinha feito um ménage com duas mulheres, mas nunca uma loira e outra morena. Hoje seria minha fantasia virando realidade, contudo, infelizmente, nenhuma das duas eram uma ruiva. Ruiva essa que eu não hesitaria em trocar as duas por ela.

Eu estava fodido!

– Onde? – primeiro olhei para a morena, depois à loira.

Eu poderia estar fodido, mas eu não deixaria de me divertir por isso. A vida não parava para ninguém. Comigo não seria diferente, eu, no mínimo, não me deixaria parar por ninguém.

Ambas mulheres sorriram e a morena pegou minha mão, me guiando até algum quarto. Não me importaria se fosse ou não privativo.

Antes de ser guiado pela morena, procurei mais uma vez, ver a silhueta daquela mulher de calça e top, e consegui enxergar um vislumbre de uma ruiva.

Eu só poderia estar fodido mesmo!

XVII



Decidi um restaurante de comida italiana que eu

amava. Eu e Benny preferimos pegar um táxi e deixar minha Mercedes em casa, já que iríamos beber e era melhor evitar qualquer possível problema quanto fosse possível.

Comemos e bebemos vinho. Benny, além de fumante voraz, era um degustador de inúmeros vinhos. Eu não reclama desse seu outro vício, até porque, eu mesma, amava um bom vinho. Em minha casa tinha uma adega pequena com meus vinhos e uísques preferidos.

Eu não vivia bebendo, mas quando tinha vontade bebia, moderadamente ou não. Aprendi com todos os troncos e barrancos pelos quais já passei que beber era muitas vezes o melhor remédio quando você não poderia fazer nada, sobre nada.

"Melhor beber, do que chorar!" Benny vivia me dizendo isso. Ele tinha uma tese que era: ficar bêbada tudo bem, contanto que, você não dê um

vexame, contudo, nunca, chore.

Benny dizia que chorar além de deixar uma mulher linda com o rosto de um palhaço que perdeu o emprego, causava um cansaço de chorar que era desnecessário. Eu concordava. Eu não chorava mais há anos. Invés disso, eu bebia.

Antigamente eu bebia cerveja, de diversas marcas, mas depois que comecei a ganhar mais dinheiro comecei a beber coisas melhores, como meus vinhos e uísques... Infelizmente, algumas vezes, eu voltava ao passado e bebia uma cerveja bem gelada. Sorte minha que eu sempre tinha Benny para me acompanhar na bebedeira.

Depois do almoço, mais tarde que o normal, decidimos dá uma volta pela cidade.

– Iremos para qual boate? – perguntei à Benny enquanto caminhávamos agora em um shopping para passar o tempo.

– Não vou te contar ainda... – então meu amigo me puxou pelo braço e praticamente me obrigou a assistir a um filme no cinema.

O filme não foi de todo mal, o pior foi dá outras centenas de voltas pelo shopping, olhando lojas e mais lojas aleatórias.

– Então Benny? – insisti, dessa vez, nós saíamos do shopping.

Não tinha me dado conta de quanto tempo já tinha passado, mas já era tarde o suficiente para boates abrirem.

Benny não me respondeu e pediu um táxi, ambos sentamos no banco traseiro e Benny deu o endereço ao taxista. Não era estranho o endereço que ele falava, mas não me vinha a mente qual boate exatamente era situada naquela região.

– Não vai me dizer mesmo? – perguntei me sentindo uma criança.

– Você verá e me agradecerá depois. – Benny disse e piscou para mim

– Por que eu te agradeceria?

– Estou lhe levando a um lugar, baby, que te lembrava que os demônios não são bons quando presos.

– O que você quer dizer com isso? – meu amigo deveria estar louco e eu não sabia.

Benny revirou os olhos para mim, como se fosse óbvio o que ele dizia, mas só eu não conseguia compreender, em seguida, o resto todo ele disse em um sussurro: – Já cansei de você presa, baby. Percebeu que só está ligada de verdade à agência? Você precisa libertar seus demônios.

– Quais demônios seriam esses? – fechei o cenho.

– O demônio da tentação.

– Você bebeu mais do que devia, Benny?

– Não se faça de sonsa, baby. – Benny me fitou sério, como poucas vezes havia feito antes – Eu sei que *aquele garoto* mexeu mais com você do que você consegue admitir... Contudo, há uma centena de outros homens tão tentadores quanto ele, você só precisa deixá-los entrar, *literalmente*. – Benny piscou e riu com seu duplo sentido de merda.

Não era necessário dizer quem era o "garoto", pois estava mais que óbvio.

O táxi parou naquele momento e Benny pagou o taxista e foi o primeiro a sair do carro. Ele parecia com pressa: ou para fugir de mim ou para entrar na boate o mais depressa possível.

Assim que li o letreiro da boate que estávamos eu entendi todo o discurso de Benny. Realmente ele tinha se superado, não só me levando a uma boate, mas a uma boate de swing. A *Satisfaction*, uma das boates de swing mais famosas do país.

Primeiro eu pensei em bater em Benny por me levar aquela boate,

depois eu relaxei. Era uma boate de qualidade e eu mesma já tinha ido algumas vezes nela para uns "jogos casuais", já que ela era a única que eu conhecia que aceitava a entrada de solteiros.

– Não queira me matar, por favor, eu só quero seu bem. – Benny sorria torto e hesitando um pouco colocou o braço sobre meus ombros.

– Ainda não quero te matar... – brinquei enquanto Benny pagava nossas entradas.

Ele era meu amigo gay, mas ele dizia que certas coisas machistas, como pagar para mim, ele faria. Na maioria das vezes nós dividíamos, mas algumas vezes, quando ele decidia algo e me puxava para ir junto (como agora) ele pagava para nós dois.

O lugar, como sempre, mesmo para um domingo, estava animado e cheio. Um MIX de diversas músicas tocava, selecionadas por um DJ, não era nada mal feito naquela boate. Tudo para proporcionar o conforto de todos.

– Vamos beber mais, antes de qualquer coisa! – Benny falou enquanto me puxava para o bar.

– Não se esqueça que amanhã é segunda e...

– E você é a minha fodida patroa, que junto comigo, acordará com uma ressaca. – Benny interrompeu-me.

– Não sei como eu consigo ser sua amiga. – disse rindo e pedido ao barmen uma água com gás, já Benny não hesitou em pedir um uísque puro.

Eu não queria exagerar.

– Há coisas na vida que nunca descobriremos as respostas exatas, por um simples motivo.

– Que seria? – questionei.

– Porque não há exatidão a tudo.

Às vezes, Benny parecia um verdadeiro filósofo. Me lembrei de seu

sonho de vida abandonado há tempos: estudar filosofia, talvez até lecionar.

Infelizmente os anos foram passando e em um momento ele se achou velho demais para continuar a sonhar com aquilo e desistiu. Ele não pôde estudar, porque tinha que modelar e ser modelo estava dando dinheiro, enquanto ser um filósofo demoraria muito mais e ele ganharia bem menos.

Eu não sabia se realmente ele tinha deixado de sonhar em estudar filosofia ou só me falava isso para eu não insistir que ele tentasse. Ele só tinha trinta e sete anos e poderia fazer tantas coisas ainda, não entendia como ele conseguia se privar tanto de seus sonhos, sendo quem era e com o espírito sempre jovial que tinha.

Realmente há coisas que nunca entenderei.

– Meu filósofo particular! – brinquei bebendo minha água.

– Você não vai beber água com gás o resto da noite, vai? – Benny mudou de assunto.

Assenti, afirmando que ia beber sim só água com gás. Ele riu e pediu um Martini.

– Eu não vou beber mais Benny! – disse, mas não adiantou e ele empurrou o Martini para mim, tirando e colocando minha água longe.

– Não tem graça ficar bêbado sozinho. Você tem que ser minha amiga até na bebedeira. – Benny fingia-se sério.

Eu hesitei, mas enfim bebi o Martini, que estava muito bom, por sinal.

Não demorou muito mais para eu sentir o efeito do álcool em mim, pois eu quis dançar na pista. Eu nunca dançava, a não ser socialmente e quando era obrigada.

– Vamos dançar? – Benny parecia ler meus pensamentos.

Sem esperar coloquei meu copo vazio no balcão junto com uma nota alta o suficiente para pagar as bebidas que pedimos.

Assim que coloquei o pé na pista de dança com Benny ao meu lado, eu vi um homem que me fez quase desequilibrar, ou talvez isso fosse apenas efeito do álcool, porém eu não era de ficar bêbada, porque estava acostumada a beber muito.

Eu, talvez, estivesse sonhando acordada ou algo fodido do tipo, porque o homem me lembrava Christopher.

Ele vestia uma calça meio rasgada e uma camisa cinza de mangas pretas, suspensas até os cotovelos. Não consegui ver seu rosto, pois analisei por tempo o bastante seu corpo, quando tentei ver seu rosto uma mulher o puxou, deixando ele de costas para mim.

Analisei até mesmo suas costas, escondidas pela camisa, mas não pude apreciá-lo por muito tempo, pois outra mulher morena ficou na frente.

Em algum momento ele viraria, mas não perdi tempo com um homem que já estava em um jogo com duas. Queria alguém nessa noite que só me desse atenção.

Andei até uma parte da pista de dança, com Benny me seguindo e fiquei de lado do homem e suas duas mulheres. Se ele se virasse não me veria, nem o contrário, mas isso não foi o suficiente para não me fazer virar a cabeça e ver quando a morena puxou ele pela mão e o tirou dali, com a outra mulher correndo atrás deles.

Mas Benny deveria estar certo, eu deveria precisar apenas jogar, pois até mesmo em uma boate de swing eu me lembrava daquele garoto.

Que porra está acontecendo com minha cabeça?

Eu só poderia estar fodida mesmo!

XVIII



Entrei em um quarto privativo com as duas mulheres. Só dessa forma com aquelas duas belas mulheres que eu pararia de pensar em uma certa ruiva tentadora.

Não esperei muito tempo, e mal olhei para o quarto, fui tirando minha camisa sobre minha cabeça. As duas mulheres também não esperaram um segundo a mais e tiraram suas roupas. Eu, normalmente, tiraria as roupas delas com calma, enquanto apreciaria seus corpos, mas hoje, eu não estava no clima de ter calma. Eu queria jogar, se assim fosse, forte e áspero.

Não demorou para nossas roupas estarem no chão.

As duas mulheres estavam deitadas já completamente nuas na enorme cama king size. Eu estava ajoelhado, ainda de cueca, na beirada da cama, apreciando a visão daquelas duas gostosas nuas para mim.

Meu pau estava duro como uma pedra por elas. Essa noite eu iria para o inferno e voltaria.

Passei minha mão na panturrilha da loira e a outra mão livre, na da morena. Ambas sorriram em antecipação.

Fiz movimentos circulares nas duas bem leves e fui subindo devagar,
NACIONAIS-ACHERON

até parar na coxa de ambas. Apertei suas coxas e percebi a diferença delas, enquanto a loira tinha seios maiores, a morena tinha pernas mais torneadas. Era meu pacote completo para a minha luxúria.

A loira piscou para a morena que respondeu ao ato, e sem esperar mais, a loira pegou o mamilo da morena com uma das mãos e o massageou, oscilando entre apertar e massagear, fazendo a morena gemer baixinho.

A morena colocou uma mão no rosto da loira e se virou um pouco de lado para também apalpá-la em um dos seios enormes. Foi a vez da loira soltar um gemido, que se tornou entrecortado e alto quando eu enfiei dois dedos em sua boceta molhadinha. Fiz o mesmo com a morena, que gemeu ainda mais alto que a loira.

Eu amava isso, amava uma mulher sem pudores, sem amarras, sem vergonha. Mulher tímida me encantava, mas não faria meu pau latejar, como essas mulheres faziam.

Eu amava uma mulher que xingasse, bebesse e comesse, sem hesitar e sem perder a sensualidade feminina natural. Era uma merda conhecer mulheres de academias, pois todas se preocupavam tanto com a aparência que deixavam de lado todos os outros atrativos, como, por exemplo, um bom papo.

Aquelas mulheres me levariam para o inferno com seus gemidos altos. E eu não me importava de ir para o inferno nessa noite, contanto que eu jogasse com elas antes disso.

A loira começou a chupar o mamilo da morena, enquanto eu as fodia com meus dedos.

Tirei meus dedos da morena e levei a mão da loira para a entrada da outra mulher. A loira não hesitou em enfiar três dedos na morena que se contorcia na cama de prazer.

Com uma mão livre, (a outra eu continuasse fodendo a loira),
NACIONAIS-ACHERON

aproveitei para apalpar o delicioso e enorme seio da loira. Depois soltei o seio da loira para sentir o outro seio livre da morena que continuava a ser comida e lambida pela loira.

Minha noite foi longa...

A morena em um momento chupou meu pau, sem ligar para camisinha, (o que era ótimo, oral com camisinha era uma merda quase sem sensibilidade), até chegar perto da minha libertação. Enquanto a morena me chupava, a loira chupava ela, até ela gozar.

Depois eu fiz um oral na loira, enquanto comia com meus dedos à morena. As duas gozaram, a loira primeiro que a morena. Era uma delícia ouvir duas mulheres gemerem e você saber que é por sua causa.

Comi (com camisinha, que como Ian tinha dito, tinha várias em uma cômoda ao lado da cama) a morena primeiro, enquanto ela fazia um oral na loira e eu não perdi a oportunidade para colocar dois dedos no ânus da loira que estava de quatro da minha frente, expondo uma bunda tão gostosa quanto seus seios. Nós três gememos em uníssono quando o clímax nos abateu forte e duro.

Me dei de pausa a oportunidade de fazer um merecido oral na morena (depois que ela tomou um rápido banho), e a loira não hesitou em levar todo meu pau em sua boca.

Obviamente não demorou nada para meu membro começar a endurecer nos lábios daquela mulher que me fazia um boquete praticamente perfeito, quando suas mãos massagearam minhas bolas, eu já estava completamente duro para fodê-la como ela merecia.

Comi a loira como se o mundo fosse acabar, tão duro que ela não parava de gemer por nenhum segundo, mesmo quando sua boca estava na boceta da morena. A morena ficou de quatro para mim, como a loira antes estava, suas mãos agarravam a cabeceira da cama, enquanto a loira não perdia

NACIONAIS-ACHERON

tempo de abrir as nádegas dela para mim, como se já soubesse o que eu faria e fiz. Enfiei dois dedos devagar no ânus da morena que gemia pelo oral da loira e pelos meus dedos que comiam sua bunda. Mais uma vez nós três tivemos um orgasmo, quase, na mesma hora que o outro.

Fomos para hidromassagem descansar e relaxar um pouco o corpo, mas eu ainda não estava no fim, e elas não pareciam querer isso também.

Na hidromassagem elas se aproximaram mais de mim e eu perguntei se elas topavam um anal. Nenhuma das duas hesitaram, aceitaram sem discussão.

Minha noite naquela boate terminou assim: depois de ter feito sexo anal em cada uma das duas, primeiro com a loira, enquanto meus dedos comiam sua boceta e a outra mulher chupava os seios da loira. A mesma coisa quando fiz um anal com a morena, eu a comia com os dedos, e a loira a chupava nos seios.



– A gente podia jogar de novo qualquer dia desses... – a loira, que eu ainda não sabia o nome disse e eu apenas assenti.

Estávamos os três exaustos e agora completamente vestidos para sair do quarto.

A morena disse algo que não prestei atenção e anotou o número dela e da outra em um papel com o nome de ambas. Aceitei grato, poderia realmente querer usá-lo em qualquer noitada. Elas não estavam me dando seu número para algum encontro ou relacionamento de merda, e sim, para jogar,

ou seja, transar causalmente.

Qual homem não recusaria o número de duas mulheres prontas a qualquer dia para "jogar" juntas com ele?

Me despedi mecanicamente delas e no bar tirei meu celular do bolso e mandei uma mensagem para Ian, dizendo que esperaria ele no bar por, no máximo, trinta minutos, se ele não aparecesse eu iria embora.

Procurei pela mulher que tinha visto antes e, como imaginava, eu não a achei. Decidi pedir uma cerveja bem gelada no bar, só assim para eu parar de pensar em ruivas: bêbado.

XIX



Depois que o homem com as duas mulheres desapareceu, eu decidi deixar toda a merda de lado sobre amanhã ser segunda e beber. Benny praticamente saltitou de felicidade quando eu voltei ao bar e pedi um uísque com gelo.

– Muito bem baby, beba como se amanhã não fosse segunda! – Benny disse me fazendo ri.

Eu simplesmente tinha o amigo mais estúpido de todos.

Bebi realmente como se amanhã não fosse segunda e eu como se eu não tivesse que escolher um modelo para apresentar a agência na terça.

Pare de pensar, Agatha! – minha voz interna me aconselhou. Mais que certa, contudo, na prática as coisas não funcionavam tão bem.

Benny falava sem parar e algumas vezes me fazia rir, mas minha mente estava em outro lugar, mesmo eu não querendo pensar em nada mais, eu pensava. E era sempre trabalho, trabalho, entregas e problemas.

– Baby, tem um homem maravilhoso te olhando! – Benny anunciou eufórico.

Eu não estava tão animada quanto ele, mas me virei sem hesitar para o homem em questão... E de fato, era um homem muito bonito. Moreno, alto, forte, sem barba, cabelo perfeitamente no lugar. Lindo, mas sem um atrativo maior, nada que me fizesse olhar duas vezes, como um certo alguém... Porém eu estava naquela boate para me perder completamente e deixar todos os problemas de lado. Eu não sairia daquele lugar sem uma boa foda.

– Tem muitos homens maravilhosos aqui. – comentei, me virando para encarar Benny.

– De fato! Acho que estamos perdendo tempo... – Benny não esperou uma reação minha quando me puxou para a pista de dança. Sorte que o copo do uísque já não estava mais em minhas mãos e o efeito dele, infelizmente, ainda não tinha começado.

Tentei deixar mais uma vez os problemas de lado e comecei a dançar com Benny ao som de mais um MIX.

Benny dançava próximo a mim, algumas vezes ele passava suas mãos em minha cintura ou quadril, enquanto dançava freneticamente.

Tinha muito tempo eu não dançava. Na verdade, eu nunca dançava, mas tem dias em nossas vidas que são feitas para se abrir uma exceção. Eu estava abrindo uma agora.

Rapidamente o homem que me olhava antes chegou mais perto de mim, mas não me tocou. Todos achavam que Benny era meu acompanhante e não se aproximariam se não fossem convidados. Benny deve ter percebido isso também, pois tirou suas mãos de meu quadril e piscou para o moreno próximo a nós.

O homem sorriu e com passos largos ficou ao meu lado. Benny se afastou, não sem antes sussurrar no meu ouvido algo como "fim da noite,
NACIONAIS-ACHERON

mensagem.". Eu e Benny tínhamos esse acordo que sempre lembrávamos: se saíssemos para uma boate, qualquer uma que fosse, e nós nos afastássemos, tínhamos a obrigação de avisar ao outro no fim da noite de algum modo o que aconteceu e onde estávamos. Agora, naquela boate, não seria diferente.

Eu não era mais uma garota de vinte anos, cheia de pudores e vergonhas. Eu era uma mulher muito bem decidida, e com toda essa decisão, me pus na frente do homem moreno, colocando minhas mãos em seu peito e sentindo seu peitoral. Ele sorriu e percebi que ele deveria ter minha idade ou um pouco mais.

O moreno colocou a mão em minha cintura e dançou sensualmente para mim. Eu já podia sentir seu pau me roçando de leve, nada agressivo demais. Bem cronometrado, com todo o cuidado.

Eu não sabia definir se eu gostava dos atos mecânicos do moreno na minha frente, mas, ainda assim, eu o queria. Eu queria jogar com ele. Com ele *e* com outro.

Depois de ver aquele homem com estilo meio grunge no início da noite, (me fazendo lembrar de quem não deveria), saindo para algum quarto com duas mulheres, eu guardei aquela vontade para mim.

Dois.

Era isso que eu queria hoje e era isso que eu teria.

Continuei a dançar, me desprendendo um pouco do moreno para olhar os outros homens na pista. Benny já estava em um canto de papo com um homem poucos centímetros mais baixo que ele. Não demorou muito para Benny se virar para mim, piscar e sair com o seu homem da noite.

Não hesitei em escolher meu segundo homem da noite e não foi difícil saber quem eu queria.

Ele dançava calmamente, nada para chamar a atenção de ninguém, mas cativou a minha. Era um homem, provavelmente, da minha altura, nada de

NACIONAIS-ACHERON

muitos músculos, também moreno, mas sua pele era muito mais bronzeada que o do primeiro homem.

Ele não demorou muito para me ver olhando para ele. Parecia ser um pouco mais novo que eu e bem mais atrevido que o primeiro homem. Enquanto o primeiro parecia ser mais sério e mais centrado, o segundo parecia ser mais atrevido e despojado. Gostei da mistura. Era, sem dúvida, eles que eu queria.

Sorri para o segundo que se aproximou em segundos. Encostei propositalmente minha bunda no pau do primeiro homem e fiquei de frente para o segundo que não hesitou em colocar suas mãos em meus quadris, o primeiro homem estava agora com as mãos em minha cintura. Estávamos em um sanduíche. E o recheio da vez era eu.

– Vamos jogar? – perguntei olhando para o primeiro homem, depois para o segundo. Ambos assentiram sem pestanejar.

Fomos para um quarto privativo. Deixei claro que não queria beijos na boca e sexo só com camisinha. Já era de praxe ter camisinhas nos quartos, mas eu queria deixar tudo esclarecido antes de qualquer coisa. Eu não queria saber nomes, nem me interessava ter os números deles. Eu não ligaria, nem eles ligariam para mim, então, não precisamos conversar muito.

O primeiro tirou logo a roupa, ficando de cueca e me deliciando com seu corpo bem definido. O segundo continuou de roupa por mais um tempo, ele disse que queria tirar a minha antes.

Deixei que ele tirasse toda minha roupa, me deixando facilmente e completamente nua na frente de um homem seminu e outro vestido.

O segundo tinha mãos habilidosas e ágeis. Não vacilou no momento que tirava minha calça e top. Na verdade, vacilou apenas para acariciar meu corpo. Senti meu sexo latejar de tesão. Eu precisava disso. Eu precisava jogar e eu nem sabia o quanto. Não tanto até aquele momento.

O segundo ficou de costas para mim, passando suas mãos em meu abdômen e descendo devagar. O outro assistia com um olhar de luxúria. Uma mão do segundo desceu para meu púbis, e não demorou em afastar minhas pernas e colocar dois dedos dentro de mim. Eu estava molhada por eles. E o segundo moreno sentiu isso, pois ele deitou sua testa em meu ombro e com a mão livre apalpou meu seio.

O primeiro homem se aproximou e com uma sincronia perfeita o segundo tirou sua mão de meu seio, para o primeiro apalpar meus dois mamilos duros com movimentos circulares leves e algumas apertadas, deixando-os ainda mais duros.

Minha noite foi longa e deliciosa. Os dois homens eram heterossexuais, disseram desde o início, e assim foi até o fim da noite. Nenhum encostou no outro. Tudo era voltado para mim.

Recebi e senti tudo que uma mulher merecia sentir. O primeiro homem me fez um oral de gritar e gozar loucamente (o que eu fiz), enquanto o segundo chupava meus seios. Tudo no começo foi só para mim, e eu amei aquilo, mas gostava também de fazer. Não tinha nenhum problema em chupar um pau de um cara interessante.

Fodi primeiro com o segundo moreno e fiz um boquete para o primeiro. A melhor coisa de os três receberem algo, era que os três gozariam. E nós três gozamos e gememos mais e mais quase em uníssono.

Depois de uma breve pausa fodi com os dois. Já tinha feito aquilo antes, mas daquela vez foi melhor. O segundo foi por trás e o primeiro na frente. Eles eram pacientes e cuidadosos, porém também sabiam foder fundo e duro como ninguém. Pareciam até que ambos já tinha feito outros ménage à trois juntos antes.

Tive um orgasmo matador que fez todo meu corpo ficar completamente mole, porém eu ainda queria mais. Eles também.

Descansamos e relaxamos na hidromassagem, e ali mesmo jogamos de novo.

Chuei o pau do segundo, quando ele sentou-se fora da hidromassagem, enquanto o primeiro me fodeu. Ele disse que não queria fazer anal, que preferia de novo minha vagina e assim foi. E foi a melhor escolha dele.

Mais uma vez naquela noite, nós três, gozamos forte. Quando o segundo moreno estava perto, assim como fiz com o primeiro, eu tirava minha boca e terminava masturbando. Eu não engoliria porra de nenhum estranho, mesmo que não ligasse em chupar, eu ligava em engolir.



No bar eu pedi uma água sem gás. Já tinha tomado um banho e me despedido dos homens. Era muito bom jogar naquela boate. Era tudo sem amarras, sem pretensão para depois, sem pudores, sem frescura. Só sexo casual.

Tirei meu celular do bolso e mandei uma mensagem para Benny, dizendo que eu estava no bar, mas iria embora sem ele a qualquer hora e que ele me avisasse mais tarde sobre qualquer coisa. E se não avisasse eu colocaria a porra do FBI atrás de seu paradeiro.

O local estava cheio e a iluminação intencionalmente fraca debilitava qualquer possibilidade de reconhecer alguém... Debilitava, mas não totalmente.

Eu não sei se o inferno estava ao meu favor, mas acreditei que estava. Só poderia ser isso, para quê, no momento que eu me virei, mais uma vez,

NACIONAIS-ACHERON

para o balcão do bar, para entregar o copo vazio da água que acabara de tomar, eu simplesmente parei, na metade da volta e vi a última pessoa que eu gostaria de ver agora.

Eu vi o pecado em pessoa. Eu vi a minha perdição.

Pior: eu vi minha maior tentação.

XX



***Eu** estava esperando inutilmente uma resposta de*

Ian, mas obviamente, ele não me respondeu e eu já esperava há longos minutos.

Eu estava em um canto do bar, parcialmente escondido. "Jogar" com aquelas duas mulheres havia me deixado mais cansado do que eu gostaria de admiti.

Sim, eu estava cansado. Sim, eu estava contando os minutos para ir para meu apartamento tomar um bom banho e só acordar amanhã, depois de uma boa noite de sono, para amanhã começar tudo de novo: academia e

NACIONAIS-ACHERON

procurar algum emprego. Eu não aguentava mais ficar sem ter um bom evento, para ganhar o meu dinheiro.

Enfim, eu estava com a cabeça a mil, mas, ainda assim, senti meu corpo todo ferver e querer loucamente entrar em um dos quartos privativos novamente para só sair dele pela manhã, quando eu vi a visão mais tentadora da noite. Meu pau começou a latejar no ato.

A Ruiva, minha dama de vermelho, estava no bar, bebendo algo que poderia ser álcool ou água. Foi então que me lembrei da ruiva que vi mais cedo na boate, antes de eu sair para o quarto com as duas mulheres, e me dei conta de que era ela, o tom do seu ruivo era igual. Agatha era a ruiva de mais cedo. A coincidência não poderia ser maior e melhor.

Eu estava eufórico. Precisava ir até ela e ficar no foco de sua visão. Não queria me aproximar de vez e provavelmente assustá-la com a minha presença, teria que chegar devagar.

Me aproximei, mas não muito, só o suficiente para ela me ver. Fiquei encarando ela sem piedade. Eu estava em pé, se ela se virasse, ficaria de frente para mim e me veria dando um sorriso torto e presunçoso. Apoiei meu cotovelo no balcão e meu rosto em minha mão.

Agatha enfim virou-se, pondo o copo no balcão, mas em frações de segundos após colocar o copo sobre o balcão ela me viu. E ela não se mexeu. Ficou estática onde estava. Não estávamos tão perto um do outro, deveríamos estar a uma distância de um metro. Ninguém estava entre nós, com isso parecíamos estar um de frente ao outro, sem qualquer longitude. Eu podia sentir a energia que o corpo de Agatha emanava, mesmo naquela curta distância.

Tirei meu cotovelo do balcão, ainda sorrindo andei até ela, devagar o suficiente para caso ela quisesse se virar e ir embora, tinha a chance... Felizmente ela não fez. Agatha continuou onde estava.

Percebi que sua respiração tinha se tornado entrecortada, porque sua boca se abriu para chupar um pouco de ar. Imaginei aqueles lábios chupando outra coisa que não fosse o ar. Agatha me flagrou encarando seus lábios e fechou sua boca, mas antes disso ela mordiscou seu lábio inferior.

Putá que pariu! Essa mulher estava fazendo meu pau se contorcer dentro da calça, que havia passado de justa em minha virilha, para apertada.

– *Ruiva*, eu estou começando a acreditar em destino... – sussurrei no ouvido de Agatha, que estremeceu, mas não se afastou.

Não toquei nela, mas me aproximei ao ponto de sentir seus belos seios roçarem em meu peito. Eu queria ter o prazer novamente de chupar seus mamilos até se tornarem duros. Na verdade, acho que eles já estavam duros agora mesmo com a minha aproximação.

– Você... aqui?! – Agatha parecia fodidamente surpresa e eu amava cada reação sua à minha presença.

Ela sentia a mesma coisa que eu, estava explícito. Ah, como eu estava gostando de cada segundo precioso daquilo!

– Sim, o próprio. – afastei minha boca de sua orelha e fitei seu rosto, deixando propositalmente nossos narizes tão perto que se roçavam.

Mais uma vez me admirei com sua beleza.

– Como você está? – tentei soar calmo, enquanto por dentro fervia e só pensava nas inúmeras coisas sórdidas que eu poderia fazer com seu corpo.

– O que você está fazendo aqui? – Agatha desviou da minha pergunta e ela estava, definitivamente, desequilibrada e sem jeito com toda a situação.

– O mesmo que você, *Ruiva*. E a propósito, poderíamos aproveitar...

– Não! – Agatha me cortou e se afastou de mim, entendendo minha intenção.

O lugar que estávamos era perfeito para fazermos o que queríamos. Eu

só não entendia porque ela não admitia seus desejos e se entregava totalmente a eles.

– Não vamos ter mais nada e...

Não deixei ela terminar de dizer todos os porquês de não podermos ter nada, simplesmente aproveitei a oportunidade de seus lábios entreabertos e a beijei com profundidade, colocando minha língua em sua boca e demonstrando todo meu desejo por ela.

Nesse momento, como para enfatizar tudo, começou a tocar *Car Crash*, de Three Days Grace.

A música fazia uma metáfora sobre "acidente de carro" e que não se conseguia desviar o olhar... Era exatamente assim que eu me sentia com Agatha: eu não conseguia parar no sinal vermelho. Ela era como meu acidente de carro.

"Eu não conseguia parar no sinal vermelho Você é como um acidente de carro, e eu não consigo desviar o olhar"

Vermelho. Essa cor definia nossa relação sem definição comum. Vermelho representava o desejo. E foi isso que eu senti quando vi Agatha pela primeira vez no evento. Minha dama de vermelho, ainda por cima ruiva. *Minha* ruiva.

Não! Agatha não tinha nada de *minha*. Mas seria assim que a chamaria: Ruiva. Ela não precisaria saber, mas isso representaria todo desejo que eu sentia por ela.

Agatha não reagiu quando minha língua tocou a dela, primeiro eu pude sentir sua hesitação, em seguida senti sua abertura para mim, me deixando,

enfim, beijá-la como ela merecia ser beijada.

Seu gosto era agridoce, seu cheiro era ainda melhor. Ontem Agatha cheirava à algum bom perfume, hoje ela cheirava a sexo. Pena que seu cheiro de sexo não havia sido proporcionado por mim, porém era tão tentador quanto fosse eu quem tivesse a deixado cheirar assim.

Eu não entendia o porquê, mas não gostava de imaginar Agatha com outro homem. Eu queria ela só para mim, mesmo que isso não fosse possível por agora. Mas eu queria e o que eu queria, eu tinha.

Coloquei uma mão em sua nuca e a outra passei em seu quadril, trazendo o corpo dela para mais perto do meu. Eu sabia que Agatha estava sentido meu pau ereto por ela. E era isso mesmo que eu queria, que ela soubesse o quanto eu a desejava. E muito.

Agatha passou ambas as mãos em meu cabelo e eu gemi em sua boca quando ela puxou, com uma das mãos, meu cabelo. Depois ela continuou puxando de leve, ao perceber, meu prazer com aquilo. Definitivamente ela era diferente das outras mulheres com quem já estive antes, só pelo jeito com ela me tocava e beijava.

Agatha deixou uma mão em meu cabelo, com a outra ela desceu para minha nuca e a colocou por dentro da minha camisa que tinha uma gola larga. Ela apertou minha pele de leve e a arranhou mais. Gemi novamente em seus lábios macios.

Apalpei com uma mão sua bunda. E puta que pariu! Que bunda! Que mulher do caralho! Tudo nela me fazia querer gemer sem sentido.

Com a mão que estava em sua nuca, subi para seu cabelo, e a prendi ali. Não puxei seu cabelo, apenas segurei forte. Ela sairia se quisesse, mas ela não parecia querer, para minha felicidade.

Larguei a boca de Agatha e puxei um pouco seu pescoço para trás, deixando ele exposto para mim. Beijeí seu pescoço devagar, sabendo que

NACIONAIS-ACHERON

amanhã, ela veria uma marca do meu ato de hoje.

Comecei a lamber e morder o seu lóbulo, em seguida mordi sua orelha, o que fez Agatha gemer e puxar mais meu cabelo. Gemi em sequência.

Inferno! Era para lá que essa mulher me fazia ir e voltar.

Eu estava fodido, mas estava completamente enfeitiçado por ela. Era como uma droga, eu não queria largar. Queria mais e mais.

Agatha puxou meu cabelo o suficiente para eu tirar meus lábios de seu corpo. Ela me deu um sorriso torto de amolecer qualquer coração e colou sua boca em minha orelha, fazendo o mesmo que eu fazia antes, mas ela era pior, ela gemia e sussurrava em minha orelha, fazendo todo o meu corpo se arrepiar.

Eu nunca tinha beijado uma mulher que me fizesse sentir, como estava me sentindo agora: perdido, esfomeado, alucinado... Nem nos meus beijos da adolescência eu tinha ficado como estava agora. Aquela mulher despertava coisas em mim que eu não sabia que existiam.

Agatha se afastou novamente de mim, dessa vez, eu sorri e apertei sua bunda. Ela soltou um gemido de puro prazer. Finalmente eu tinha vencido. Ela era minha, mesmo que só por hoje.

Quebrando todo o clima, eu ouvi alguém a chamar: – Agatha? Baby porra!

Fiquei puto como nunca quando ela se afastou totalmente de mim, empurrando minhas mãos de seu corpo e procurando a voz que a chamava.

– Benny? – Agatha disse, mas ela não parecia envergonhada por ter sido pega aos beijos comigo – Eu estava te esperando.

– Percebi... – Benny, o amigo de Agatha, que eu havia conhecido ontem, olhava para mim de cima a baixo com um olhar entre travesso e tenso

– Chris, não é?

– Sim! – respondi estendendo minha mão para ele que não hesitou em pegá-la firme.

– Não imaginei que iríamos nos reencontrar tão cedo. – Benny sorria para mim, e ele parecia ser um homem tão amistoso e fraterno que eu não conseguia deixar de sorrir para ele.

Nunca, em toda minha vida, eu tinha tido algum preconceito. Tive uma criação que poderia favorecer a isso, mas, felizmente, eu não era um homem assim. Minha tia, Myrna, com certeza, desaprovava meu modo de viver, se ela soubesse todos os meus casos com mulheres aleatórias. Ela não era uma mulher de preconceitos, mas sim de "pré-conceitos" malditos que a fariam deixar de se envolver com muitas pessoas boas por eles.

– Quem diria, não é? – falei, e em seguida fitei os olhos azuis de Agatha – Como eu estava dizendo, Ruiva, posso estar agora, acreditando em destino.

– Você não parecia que estava *dizendo* nada... – Benny comentou, o que fez eu e Agatha rirmos.

Esse cara deveria ser realmente ótimo, para fazer até mesmo Agatha rir.

– Bem, infelizmente precisamos ir, certo baby? – ele completou olhando para sua amiga que assentiu, mas não sem antes olhar para mim.

– A gente poderia ficar mais um pouco... – sussurrei, puxando delicadamente Agatha para mais perto de mim.

– Não posso...

– Ou não quer? – a cortei.

– Ambos.

– É evidente que você quer, mas não vou insistir, pois agora eu acredito

em destino, e tenho certeza que vamos nos ver de nosso. – disse cada palavra com cuidado.

Não, eu não acreditava em destino. Mas sim, eu iria atrás daquela mulher novamente, com isso, nós nos encontraríamos. Ela seria minha. Não me importava por quanto tempo, mas ela seria minha por, pelo menos, uma noite e eu não a teria pela metade, ou cansada, como hoje ela deveria estar. Eu a teria completa e só para mim.

Com uma pressa anormal Benny se despediu, puxando Agatha pela mão que não resistiu e seguiu o amigo, sem nem sequer me dizer um maldito "tchau".

Meu pau continuava duro como uma pedra quando Ian enfim apareceu com um sorriso de orelha a orelha. Felizmente, meu pau começou a murchar a visão de meu amigo.

– Perdi algo? – ele perguntou parando na minha frente.

– Perdeu tudo. – disse.

Ian deu a ideia de irmos para um barzinho tranquilo para conversarmos. Eu não tinha a intenção de contar a Ian sobre Agatha, mas falaria sobre as duas mulheres com quem eu estive, ele preferiria ouvir isso, de qualquer forma, do que todo drama mexicano de merda com a Ruiva.

Enfim assenti para Ian, já saindo da boate.

XXI



— *Queporra de cena foi aquela que eu vi?* — Benny

berrava quando entrávamos no táxi, assustando o taxista. — Vocês pareciam foder com a boca um do outro.

— Menos Benjamin! — sussurrei totalmente envergonhada.

Benny era o único que me deixava naquele estado de vergonha.

Falei para o taxista meu endereço e meu amigo não perdeu tempo para engatilhar em outra questão: — Você tem muito o que me explicar, mocinha... Se eu não tivesse te tirado dali você provavelmente teria fodido com o garoto até o amanhecer, esquecendo de mim.

Dessa vez eu gargalhei.

— Eu não foderia com o garoto... Ele deve ser uns dez anos mais novo que eu, porra!

— Baby, você só tem trinta e dois anos. Se você se acha velha, eu sou um fodido zumbi de grife. — Benny e eu gargalhamos, acho que até o taxista estava achando graça daquela cena patética que protagonizávamos.

– Não me acho velha, mas não acho legal transar com um menino que poderia me chamar de "tia".

– Menos baby! – Benny colocou suas mãos em meu rosto, me fazendo encará-lo. – Não importa a idade, importa é de que família ele veio, mas precisamente de que pai.

Respirei pesadamente.

Para mim a idade importava e muito. Nunca tinha tido nada com homens muito mais novos que eu. Estava acostumada a conviver com homens mais velhos e mais maduros. Nunca tive paciência para ensinar.

Garotos davam trabalho, e só pensavam em besteiras. Eu era uma mulher e uma mulher precisava de um homem, não um garoto. Seja para foder ou vida pessoal.

O maior problema de Christopher, além de sua idade, era obviamente seu pai. Eu não gostava nem de lembrar do meu passado. Tinha deixado ele para trás e eu estava bem assim.

Benny me conheceu pouco depois de eu ter abandonado meu passado, mas para ele eu tive coragem de dizer tudo, ele entendeu, e me apoiou. Passou comigo o presente sobre meu início do namoro, meu noivado rápido e depois sobre meu casamento fracassado.

Juntos, eu e Benny, sempre pensamos para frente. O futuro nos aguardava, o passado tinha sido apagado... Assim eu queria acreditar.

– Eu sei, e eu sinto agora que, – disse – eu preciso beber muito. Amanhã temos que escolher o modelo que nem sequer achamos.

– Não me faça pensar nisso porra.

Rindo entramos em minha casa, ambos prontos para encher a cara enquanto eu contava cada detalhe sobre o beijo de Christopher.



O que era foda? Acordar numa segunda-feira às 9h, quando você tem que estar em seu trabalho às 8h. Pior? Acordar com ressaca e com um braço pesado sobre você.

– Filho da puta, acorda! – xinguei Benny que apoiava, não só o braço, como quase metade de seu corpo em cima de mim.

Tínhamos dormido em minha cama, seminus e completamente bêbados. Eu vestia uma calcinha e um blusão, (que um dia tinha sido do próprio Benny), e ele vestia uma cueca boxer cinza.

– Você precisa ser mais gentil na hora de acordar uma pessoa! – Benny resmungou, enfim tirando seu peso de cima de mim.

– Estamos atrasados! – falei enquanto corria para meu banheiro.

– Sim, e é por isso que, não são só nós que temos a chave da agência...

– Como você consegue ser tão calmo em dias como hoje?

– Dias como hoje? – ouvi Benny responder do quarto, eu já estava tomando um banho quente.

Ele, deveria estar ainda deitado em minha cama, com seu antebraço cobrindo seus olhos da claridade daquela manhã.

– Para mim, hoje é um dia de muita ressaca. – completou.

– Benny, você é um perdido! Como posso ser sua amiga?

– Você é tão perdida quanto eu. E dizem que os perdidos se acham, quando estão juntos.

Fiquei sem resposta. Ele tinha razão. Sempre tinha.

Quando sai do banheiro, depois de minha higiene diária, enrolada em um robe, Benny enfim levantou da cama e foi se arrumar no outro quarto.

Decidi vestir um vestido preto acima dos joelhos. Tinha mangas compridas, com um decote canoa, de botões e era solto no corpo, estava propício para ser usado em uma manhã.

Optei por um salto nude e cabelo solto. Minha ressaca era das pesadas e para disfarçar minha cara de quem passou à noite em claro, coloquei um óculos, não sem antes, usar um pouco de maquiagem, bem leve, até mesmo pelo horário.

Sai do quarto a tempo de não esquecer minha bolsa com tudo que precisava dentro dela. Benny saiu do quarto enquanto vestia uma camisa que eu tinha dado de presente a ele.

Era uma camisa básica, mas eu tinha achado a cara dele quando comprei. Era no estilo de polo, com botões e tudo, menos o tecido, que dessa era mais leve. A camisa era branca com detalhes em verde. Benny vestia também uma bermuda azul e calçava um sapato esportivo. Ficava lindo de qualquer forma. Nunca diriam que Benny tinha trinta e sete anos.

Fomos na minha Mercedes, Benny tinha um carro, mas não era muito fã de dirigir. Eu, por outro lado, nunca me importei com isso. Na verdade, eu sempre gostei de carros e velocidade, mas nunca tive muito tempo para isso.

Quando chegamos na agência, ela estava claramente aberta, como Benny havia dito, não éramos os únicos com a chave, por segurança, quem tinha à chave, além de mim e Benny, era Jerry, que trabalhava comigo desde sempre. Era o fotógrafo e o cara que fazia todas as montagens necessárias nas fotos. Tinha contrato com outros fotógrafos, mas Jerry era o único de contrato vitalício. E Jerry já tinha sido um dos longos casos de Benny.

Benny era um caso incurável. Muitas mulheres não acreditavam quando ele dizia que era homossexual, pois, para mim, ele tinha alguns trejeitos, mas, para a maioria, ele parecia heterossexual.

Ele era gay, mas já tinha cuidado de mim, e literalmente, brigado por

NACIONAIS-ACHERON

mim, como um homem “de verdade” faria. Não que ele não fosse um homem “de verdade”. Ele era e muito. Mas, muitos homens, sendo homossexuais ou heterossexuais, nunca teriam me defendido como meu amigo já o fez. Aquilo havia sido algo de homem de verdade, independente de sua sexualidade.

Eu devia muito a ele por ser um homem admirável, e ainda por cima, ser meu amigo, diante de tudo que eu tinha passado e feito.

Benny se dizia do mundo. Nunca se prendia a ninguém, quando eu noivei com meu ex, Benny achava que eu tinha feito a maior bobagem de toda minha vida. O fodido tinha razão, mas eu tive que quebrar a cara antes disso para saber. Me casei, e em menos de dois anos, me separei.

Namorei por quatro anos, dos meus vinte e três aos vinte e sete anos, noivei com vinte e sete anos, um ano depois me casei e antes dos meus trinta anos me separei. Perdi quase sete anos da minha vida com um homem de merda... Mas eu tinha deixado esse passado para trás, como os outros.

Estacionei o carro na minha vaga e sai com meu óculos no rosto e bolsa no braço, com Benny do meu lado, para dentro da agência.

Os modelos pré-selecionados deveriam estar na agência às 10h e já era quase isso. Por sorte, não tínhamos nos atrasado mais.

– Bom dia! Um dos modelos já chegou! – Victoria disse toda animada assim que eu e Benny colocamos o pé dentro.

– Eu preciso que você vá comprar um café da manhã para mim e Benny, mais algumas aspirinas. Depois leve na minha sala. – disse passando direto por ela que assentiu e correu para rua.

– Seja mais gentil, sua vadia maldosa! – só Benny conseguia me chamar de "vadia" sem me ofender.

– Eu não sou gentil, porque sou prática.

Benny gargalhou enquanto entrávamos em minha sala.

Joguei minha bolsa em cima de um sofá do qual Benny deitou, usando minha bolsa como travesseiro. Não tive coragem de retirar meu óculos, mesmo já dentro da agência preferi ficar com eles.

Meu rosto deveria estar péssimo, e minha cabeça doía mais ainda.

– Não vai querer saber quem é o primeiro modelo mais pontual? – Benny disse com os olhos fechados.

Sentei em minha poltrona e relaxei meu corpo nela.

– Depois de comer...

– Concordo. Estou morto!

Passava das 10h quando Victoria trouxe o café da manhã com tudo que tínhamos direito e as benditas aspirinas.

– O que eu falo para o modelo ou o deixo esperando? – Victoria perguntou antes de sair da sala.

Benny e eu estávamos usando minha mesa de trabalho, como mesa de jantar, espalhando tudo que Victoria havia trazido nela. Olhei para Benny antes de responder e ele deu de ombros tomando umas duas aspirinas de vez.

– Você acha que ele tem alguma chance? – perguntei à Victoria que hesitou, provavelmente estava pasma que eu queria saber a opinião dela.

– Sinceramente, eu acho que ele é perfeito para o perfil.

– Se é assim, confiando em seu julgamento, pode pedir à Jerry para tirar algumas fotos dele. Ele sabe como tem que ser. – eu estava a ponto de mandá-la ir logo, quando lembrei do último detalhe. – Espero que o modelo esteja com uma cueca decente, porque ele vai ter que tirar a roupa.

– Sim senhora, direi tudo à Jerry.

Eu e Benny ficamos mais alguns minutos em minha sala, comendo e bebendo um bom café preto.

– Precisamos ir! Alguns outros modelos devem ter chegado. – Benny

informou, levantando do sofá, do qual só tinha se sentado para comer. – É um alívio saber que temos opções e principalmente que a equipe trabalha, enquanto nós passamos o final de semana bebendo e fodendo.

Não contive minha risada, e assim fomos, rindo, até o andar de baixo. Minha agência não era enorme, tinha um andar, sendo um, meu, de Benny e um espaço para Victoria. No andar de baixo tinha um espaço para as fotos, banheiros, trocadores com roupas em excesso, outro espaço que servia como uma recepção, da qual, algumas vezes, Victoria ficava, quando necessário.

Não trabalhávamos apenas agenciando modelos para empresas, trabalhávamos também com books profissionais, mas não de modelos quaisquer.

Eu nunca pensei muito sobre destino e coincidência... Mas hoje eu estava a ponto de admitir acreditar em destino. Acho que até Benny, cético como era, estava começando aos poucos a crê nisso, porque com sincronia eu e ele tiramos nossos óculos de sol para ver com precisão a pessoa à nossa frente.

Eu não sabia o que pensar, sobre acreditar ou não, já que eu nem sequer estava pensando mais quando cheguei no estúdio, e encontrei, de cueca, sorrindo para mim, um totalmente viril, musculoso, sexy e *tentador*... Christopher.

XXII



Tudo estava conspirando a meu favor. Eu nem conseguia acreditar que ontem, no barzinho, que eu e Ian paramos para conversar aquela menina havia me parado.

Estávamos sentado na varanda do bar, quando ela começou a me encarar, até Ian percebeu suas olhadas diretas para mim e comentou. Eu não estava no clima de um flerte aleatório, então continuei na minha, contando para Ian sobre as duas mulheres, mas não disse nada de Agatha, parecia errado falar sobre ela.

A menina, que deveria ser um pouco mais jovem que eu, se levantou e veio em nossa direção. Ian vibrou, dizendo que era uma garota com atitude. Eu continuei quieto, não pensando em nenhuma "garota", e sim em uma mulher.

– Oi, boa noite! – disse a menina.

Parecia sem graça, provavelmente ela não estava acostumada em tomar uma atitude. Eu e Ian respondemos, Ian mais animado que eu e a menina me fitou, praticamente analisando todo meu rosto, antes de voltar a falar.

– Eu trabalho em uma agência de publicidade, e hã... não queria

incomodar você, mas estamos procurando um modelo, para duas campanhas. Se fecharmos com uma, a outra é certa. – ela soltou tudo como um jato.

– Qual seu nome e para qual agência você trabalha? – disse antes que ela começasse a falar seu monólogo.

– Victoria, mas podem me chamar de Vicky. Trabalho para a Help Hot.
– Vicky falou mais calma dessa vez e me entregou um cartão, com o endereço da agência, número, e-mail e o nome da dona: Agatha Lancellotti.

Agora, definitivamente, eu acreditava em destino.

Eu fui o primeiro a chegar na agência, com pressa para poder ver Agatha, mas ela chegou mais tarde que o normal e se trancou em sua sala, me deixando esperar, mesmo que ela não soubesse que era eu quem esperava.

Como eu fui o primeiro a chegar, fui o primeiro a ter minhas fotos tiradas. Algumas de rosto, sorrindo e sério, outras sem camisa, e umas centenas sem calça.

Eu estava com meu cabelo preso por um elástico, mas metade estava solto, já que não ficava, de maneira nenhuma, preso. Antes, vestia uma calça skinny e uma camisa cinza escuro. Hoje tinha apenas delineado minha barba, mas não a aparado, deixando ela um pouco grande, mas sempre arrumada. Como eu já sabia que teria que em algum momento tirar a roupa optei por uma cueca boxer preta, que não marcaria nada, como uma branca marcaria.

Passou pela minha cabeça usar uma cueca branca com a única intenção de atizar a imaginação de Agatha, mas eu não poderia brincar sobre, já que também estava precisando de um emprego.

Com cueca preta ou não, se tornou impagável a expressão no rosto de Agatha quando me viu seminu. Ela e seu amigo Benny tiraram até os óculos de sol que usavam. Benny rapidamente o pôs de volta, já Agatha tirou o dela e colocou sobre a mesa de Jerry, deixando-o ali.

Era óbvio que ela não esperava me ver, quando mais da forma que eu

NACIONAIS-ACHERON

estava... despido. Seu olhar me devorava, Agatha não tinha nenhuma vergonha de me olhar de cima a baixo. Ela era a única mulher que me olhava assim e eu gostava. Eu também deveria estar com o mesmo olhar enquanto a encarava sorrindo.

Minha dama de vermelha, minha Ruiva, estava de preta nessa manhã, o que me fez lembrar da Viúva Negra. Talvez a Viúva Negra e Agatha tivessem muitas coisas em comum.

Eu só conseguia imaginar Agatha deitada em minha cama, sem aquele vestido de mangas. Ela calçava um sapato simples, mas quase tão alto quanto o da noite de sábado. Eu não me importaria se ela apertasse aqueles saltos em minha pele.

Agatha e Benny se aproximaram, ambos com passos hesitantes.

– Agatha, essa preciosidade aqui foi selecionado por Vicky! – exclamou Jerry, o fotógrafo, para Agatha. – Foi muita sorte dela achar ele para gente... Ele é ou não perfeito para a campanha?

Agatha sem tirar os olhos de mim respondeu: – Mas ele não é o único. Aposto que há outros tão bons quanto ele.

– Os outros, são apenas sete, estão esperando lá fora. Estamos tirando as fotos por ordem de chegada. – disse Jerry.

– Fez bem! – Benny respondeu sorrindo para Jerry – Cadê o outro fotógrafo? Não podemos deixar os meninos esperarem tanto, melhor adiantando e tirando fotos de dois de vez.

– Meu assistente está com os meninos, tirando fotos de perfil. As de cueca que serão aqui... – Jerry hesitou, olhando de Benny para Agatha – Fizemos mal em decidir por você?

– Não, vocês se organizaram bem. – respondeu Agatha para Jerry, depois direcionou-se para seu amigo. – Benny, vá atrás de Victoria e organize os nomes dos rapazes por ordem alfabética. – vendo a expressão de Benny,
NACIONAIS-ACHERON

Agatha sorriu – *Por favor.*

– E você, o que vai fazer? – Benny perguntou à Agatha.

– Ficarei aqui e verei todos os pré-selecionados.

Benny não disse nada, mas abaixou seu óculos o suficiente para vermos metade de seus olhos e seu olhar parecia dizer mil coisas. Ele se despediu de todos, inclusive a mim com um aceno rápido e saiu do estúdio em busca de Victoria.

– Onde eu estava com a minha cabeça? – Jerry praticamente berrou pondo suas mãos nas laterais de sua cabeça. – Eu nem sequer os apresentei... Que indelicadeza a minha.

– Concordo! – Agatha não hesitou em dizer, mas ela sorria – Porém não é necessário. Eu já o conheço!

Agatha se aproximou ainda mais de mim e eu não me intimidei em parar na sua frente, enquanto olhava seus olhos azuis e sua boca rosada. Deixei um sorriso torto com centenas de intenções perversas, do qual ela retribuiu sem vergonha.

– Eu disse sobre o destino, Ruiva... – falei à Agatha que estreitou um pouco os olhos ao me ouvir chamando-a de "Ruiva", mas não comentou.

– Estou começando a acreditar em destino ou... – Agatha me deu um sorriso completo, de mostrar os dentes e fazer eu querer me ajoelhar em seus pés – você anda me perseguindo.

Abri um sorriso maior para Agatha e passei minha língua em meu lábio inferior, meu membro latejou à visão de Agatha mordendo seus lábios. Essa mulher queria foder com minha cabeça... *com minhas cabeças*, parece-me mais certo para o momento.

Um flash forte quebrou nosso contato visual, fazendo eu e Agatha olharmos para Jerry, que tinha a câmera no olho.

– Desculpem! – ele disse soltando a câmera que ficou presa em seu pescoço, em seguida ele levantou os braços em sinal de rendição. – Eu não resisti. Vocês estavam tão perfeitos e...

– Tudo bem, Jerry! – Agatha o interrompeu – Vamos ao trabalho.
E fomos.

Tirei mais poucas fotos de cueca e logo Agatha me mandou esperar na recepção que hoje mesmo ela já escolheria três, dos sete modelos para amanhã apresentar à empresa, então amanhã ela diria qual dos três havia passado para as duas campanhas.

Agatha deixou claro também que, talvez, a empresa não aceitasse nenhum dos três modelos, sendo assim, sem trabalho, contudo, ela explicou que todos os três modelos teriam suas fotos pela agência e seriam incluídos em próximos trabalhos, caso esse não desse em nada.

Ontem Vicky tirou todas as minhas dúvidas sobre as duas campanhas. Seria ótimo para mim consegui-las. Quanto mais que teria um comercial de camisinha envolvido, o que pagaria mais.

Ian perguntou o porquê dele também não ser chamado, Victoria disse que ele poderia aparecer na agência se quisesse, mas ela achava que eu era perfeito para ambas as campanhas pelo meu cabelo, Ian riu e me desejou boa sorte. Vicky educadamente entregou também para Ian um cartão da agência. Era bom ter um amigo verdadeiro que não sentiria inveja ou raiva de mim.

Porém, ainda assim, Ian não deixou de perturbar que se tivesse um cabelo comprido e “estilo de merda” conseguiria a proposta da campanha. Eu não fiz nada além de rir com meu amigo.

Enquanto eu esperava na recepção os poucos outros modelos apareciam. Todos eram muito amistosos e conversavam numa boa, sem levar em conta que todos queriam a mesma coisa, mesmo que só houvesse chance para um.

Eu senti uma coisa estranha quando um dos modelos entrou no assunto Agatha, e todos que esperavam, sem exceção, concordaram o quanto ela era gostosa. Alguns até diziam que ela tinha dado mole para ele.

Eu não sabia definir com palavras o que eu estava sentido ao ouvir tudo aquilo, mas não era nada bom. Enquanto o assunto foi Agatha eu fiquei calado, não interagiria naquela merda.

Finalmente o sétimo modelo apareceu dizendo que em menos de dez minutos Agatha daria a resposta dos três que haviam passado.

Merda de tempo que se arrastava quando você queria que ele passasse rápido!

Será que de sacanagem, Agatha, não me escolheria?

XXIII



Depois de todas as fotos tiradas, eu peguei meu óculos de sol em cima da mesa de Jerry e subi, junto com Jerry e as fotos, para a sala de Benny. Benny estava fazendo algo em seu computador, seu óculos de sol em cima de sua mesa, dando para ver melhor agora sua cara de ressaca. Victoria organizava a lista dos modelos de hoje e das possíveis modelos para a propaganda da camisinha.

– Os meninos estão lá embaixo, na recepção esperando por nossa decisão. – disse sentando-me em uma cadeira ao lado de Victoria, e colocando meu óculos de sol ao lado do de Benny, Jerry continuou em pé, enquanto espalhava duas fotos de cada rapaz. Uma de perfil, outra de cueca.

– Vocês gostaram de Chris, quem eu selecionei? – Victoria perguntou olhando para todos nós.

NACIONAIS-ACHERON

Ela pegou a foto de Christopher com a cueca e deu um suspiro baixo, mas perceptível.

Não me agradou o modo como Victoria parecia ser íntima dele. Eu sabia que era totalmente infantil da minha parte senti o que eu sentia, mas eu simplesmente não gostava e ponto.

Pensei sobre mais cedo. O corpo de Christopher, seu olhar, completamente exposto para mim.

Reparei que Chris estava me chamando de "Ruiva" em alguns momentos. Era estranho o modo como ele me tratava, tirando toda a tensão, ele ainda me tratava com todo um respeito sem igual. Até mesmo me chamando por um apelido, coisa que nenhum outro homem fez comigo – tirando Benny que me chamava de "baby" – nem mesmo meu antigo e fodido marido. Na verdade, ele me chamava de muitas coisas, principalmente no sexo, mas nenhuma era falada de uma maneira doce.

– Eu e a câmera o amamos! – Jerry disse quebrando meu transe mental.
– Não sei se minha opinião vai fazer diferença, mas eu escolho ele. Nem sequer precisa dos outros dois.

Victoria riu e Benny me fitou. Ele esperava para saber o que eu diria sobre Christopher, contudo, eu teria que agir profissionalmente e eu sabia que Jerry não estava errado.

Christopher era perfeito para as campanhas. A empresa seria louca se não o aceitasse, e a nossa agência ganharia ainda mais visibilidade se fechássemos esse contrato. Infelizmente que, para fechar esse contrato, eu precisaria ser obrigada à me encontrar com Christopher por algum tempo seguido. E isso seria tão tóxico, quanto tentador.

– Eu concordo. – comecei, tirando todas as ideias anteriores da mente.

Eu tinha que ser profissional. Olhando para os três, completei: – Christopher é, sem dúvida, o modelo ideal.

NACIONAIS-ACHERON

Jerry só faltou saltitar, Victoria bateu palmas de leve, e Benny assentiu para mim. Ele era o único que entendia. Ele sabia também que eu não deixaria de selecionar Christopher.

Os outros rapazes tinham seus atributos e vantagens, mas Christopher se sobressaía. Talvez, passou pela minha cabeça rapidamente, que eu fosse a única que o enxergava daquela forma. Assim que reparei que Jerry e Victoria ainda comemoravam, eu sorri.

Não, definitivamente não era só eu que estava enfeitiçada com a beleza daquele garoto.

Decidimos os outros dois modelos, por obrigação, porque nós quatro concordávamos que Christopher conseguiria modelar na campanha.

Benny perguntou se eu queria mesmo falar com os modelos, e eu disse que sim. Afinal, eu não era dona da agência à toa. Mas pedi para ele descer comigo, não tinha a intenção de falar com todos os sete rapazes, já bastava ter que lidar com Christopher.

Deixei meu bendito óculos de sol na mesa de Benny pensando em pegar depois, e tive que encarar os meninos olho a olho.

Victoria e Jerry desceram também, mas eles foram para o estúdio.

– Desculpem a demora, – disse aos garotos, todos deveriam ter de vinte anos à vinte e cinco, no máximo, era o perfil que a empresa escolhera – serei bem breve. – eu não sabia ser de outra forma.

Eu era o típico: curta e grossa. E não sabia agir diferente.

Benny ficou do meu lado de um jeito quase protetor, enquanto eu dizia os nomes dos três selecionados. Quando eu falei o nome "Christopher Tyler" eu quase engasguei.

Christopher, por outro lado, sorriu daquele seu jeito presunçoso e largado. Agora, obviamente, ele estava vestido, mas eu só conseguia

imaginar ele sem aquela camisa e a calça skinny.

Benny direcionou os quatro modelos para a porta, dizendo que eles seriam os primeiros a serem lembrados, caso tivéssemos uma nova importante campanha.

– Bem, – disse para Chris e os outros dois selecionados, enquanto Benny voltava. – estaremos amanhã, mais tardar, na quarta, enviando uma resposta para vocês. Mesmo quem não passar será avisado.

Benny pegou três folhetos, explicando detalhadamente sobre a campanha, o contrato e o salário, entregando aos garotos.

– Leiam tudo, por favor. – Benny avisou a eles – Gostamos de praticidade, se amanhã dermos a resposta, queremos que o selecionado já esteja totalmente ciente da campanha, e se ainda aceita.

Os dois modelos assentiram e Christopher foi o único que sorriu em resposta.

Merda! Eu odiava amar aquele seu sorriso tentador.

– Alguma dúvida? – perguntei e nenhum dos três disse nada – Então amanhã entraremos em contato com vocês. – eu e Benny andamos educadamente com os meninos até a porta, mas Christopher me puxou para voltarmos, deixando Benny levando os meninos.

Não era como se nós estivéssemos saindo de fininho, seria melhor se fosse assim, mas não, Benny e os dois modelos nos entreolharam quando Christopher me puxou de volta para a recepção vazia.

– Ruiva, – Chris sussurrou antes de continuar – que horas a agência fecha? – Christopher me empurrou em uma parede, pressionando seu corpo no meu e pondo suas mãos na lateral de minha cabeça.

Eu não poderia sair e eu também não queria. O corpo de Christopher fazia todo o meu corpo vibrar em reação ao dele. Eu não me sentia oprimida,

nem submissa naquela posição. Na verdade, eu me sentia desejada, e com uma puta tesão, só pela sua aproximação.

Estava claro, que, esse garoto me faria pecar. Com ele eu iria para o inferno sem reclamar.

– Às 17h. – respondi fitando os olhos de Christopher.

Meu corpo poderia entrar em combustão, mas ele não precisaria saber disso. Continuei quieta, com minhas mãos sobre meu próprio corpo. Christopher colocou deliberadamente sua testa na minha, e eu pude sentir sua respiração calma em meus rosto. Seu hálito era de mente, fodidamente refrescante.

– Imagino que você fique um pouco mais após o horário... – Chris falava devagar, provocando seu hálito em mim, com lufadas leves de ar.

– Sim, eu fico.

– Depois das 17h, eu te buscarei. – ele disse, depois me deu um beijo na testa e começou a se afastar.

– Hã? – praticamente berrei.

Christopher se virou para me fitar e sorriu, antes de repetir com toda a calma do mundo: – Depois das 17h, eu te buscarei.

– Isso eu entendi, mas...

– Vou levar você para jantar. – Christopher me cortou.

E sem eu esperar, caminhou até mim novamente, puxando-me pela nuca e me beijando.

Seu beijo sempre tinha gosto de primeiro beijo, com sensações novas e tudo. Minhas mãos foram para seu rosto, enquanto uma das dele foi para minha bunda, elevando-me mais e me deixando flutuando um pouco, sua outra mão soltou minha nuca, depois que eu me entreguei a ele e me segurou pelo meu cabelo.

Se ele continuasse a me beijar daquela forma eu não resistiria mais nenhum segundo e puxaria ele para minha sala, onde poderíamos terminar o que ele começou com um simples beijo.

Admitia que "simples" não era uma característica que poderia ser associada à Christopher.

Seus lábios chupavam os meus, devagar e com ritmo. Sua língua tocava a minha e fazia movimentos circulares dentro de minha boca, me estingando. Gemi em sua boca e pus minhas mãos em seu cabelo, que estava metade preso, metade solto.

Seu cabelo era tão fino que escorregava dos meus dedos, mas para que isso não acontecesse eu o puxava um pouco, de leve, fazendo Christopher gemer em resposta.

Chris tirou uma mão de meu cabelo e desceu para minha bunda, ficando agora com as duas mãos me apalpando sobre a roupa... Christopher me empurrou para a parede que antes eu estava encostada e levantou meu vestido apalpando agora minha bunda por baixo.

Continuei com uma mão em seu cabelo, e com a outra descí para tocar em seu pau sobre a calça. A ereção de Christopher era totalmente palpável, mesmo sobre a calça. Ambos gememos com nossos toques.

Só pensava em entrelaçar minhas pernas em sua cintura e foder com ele ali mesmo. Amaldiçoei todo aquele tecido que nos separavam de verdade.

Christopher tirou uma das mãos de minha bunda e trouxe para minha coxa, fazendo com os dedos movimentos circulares e me matando de antecipação. Ele levou um dedo à minha calcinha de tecido fino e passou seus dedos nela, fazendo um ziguezague lento.

Ele gemeu quando sentiu minha umidade. Quando eu achei que Christopher me tocava onde eu ardia e esperava molhada por ele, ele se afastou de mim, não sem antes arrumar meu vestido e tentar pentear meu

NACIONAIS-ACHERON

cabelo.

– Então... – Christopher agora sorria.

Ele colocou uma mão dentro do bolso da calça e outra em meu queixo, fazendo-me encarar seus olhos negros.

– Jantar, depois das 17h. Não se esqueça, Ruiva!

Christopher simplesmente me deixou ali, excitada por ele, sem me dar tempo para dizer um "não" sequer...

E eu queria dizer não a ele?

Foda-se! Eu sabia que eu não queria. Na verdade, eu admitiria, sem graça, que, eu estava ansiosa para o nosso jantar. E eu não gostava de me sentir assim, mas estava, fodidamente ansiosa para mais tarde.

XXIV



Eu deixei de pensar e agi quando beijei à Ruiva.

Se Agatha não quisesse me encontrar para jantar, ela poderia, muito bem, dizer "não" ou não estar para quando eu fosse buscá-la. Mas algo me dizia que ela estaria me esperando. Ela queria me encontrar, tanto quanto eu.

Sorri ao pensar que mais tarde eu teria um encontro. Um encontro com
NACIONAIS-ACHERON

minha dama de vermelho.



Ainda era cedo quando cheguei na academia e encontrei Ian levantando peso. Eu tinha levado uma muda de roupa no meu carro, já pensando em ir direto da agência para a academia.

– Como foi na agência? – Ian não parou de levantar o peso para falar comigo, assim que me viu parar ao seu lado.

– Passei, estou entre os três selecionados. – disse categoricamente, sentando-me em uma cadeira e pegando um pino de peso.

– E quando você vai saber que você passou? – Ian me fez rir de seu modo confiante.

Ele não tinha dúvidas que eu passaria, mesmo eu tendo algumas dúvidas sobre isso.

Eu sempre confiei em meu potencial, mas hoje eu me sentia diferente. Queria passar nessa seleção não apenas para ganhar o dinheiro, mas porque eu queria ter a oportunidade de ficar mais perto de Agatha sem me tornar invasivo. Eu nunca me importei com isso antes, depois de Júlia, eu só tive casos, e todos muito simples, sem pressão... Sempre havia um ou outro probleminha, mas nada que fosse realmente complicado, como era com Agatha.

Eu não me sentia tendo um "caso" com ela. Nem sequer tínhamos transado. Coisa que eu gostaria de mudar ainda hoje. Enfim, com Agatha eu não sentia que seria certo tratá-la da forma que eu travava as outras garotas.

Bem, essa era a questão: Agatha não era uma garota, Agatha era uma mulher.

– Amanhã! – respondi à Ian, colocando mais peso no pino.

Não falei com Ian sobre Agatha, isso era outra coisa que eu não sentia ser certo. Eu falaria de qualquer foda minha para ele, mas Agatha não tinha como ser classificada como "qualquer foda".

Eu estava fodidamente tentado com aquela mulher. Algo nela me fascinava de uma forma quase anormal. Eu nunca tinha me sentido assim com outra mulher, nem mesmo com Júlia. Meu relacionamento com Júlia tinha sido bom, mas tinha sido pacato, comum.

Depois de duas horas de exercícios na academia eu fui ao meu apartamento com meu Chevrolet. Eu precisava de um banho para esfriar à mente. Faltavam algumas horas para eu ir ao meu encontro com Agatha.

Encontro. Eu já não ia a um, há anos. Eu não sabia para qual restaurante levar Agatha e por um momento, me senti inseguro.

Eu não tinha o melhor carro, nem o melhor apartamento, nem muito dinheiro, mas eu queria conquistar, nem que fosse apenas por uma noite, essa mulher que tinha tudo que eu não tinha.

O dinheiro que meu pai havia deixado para mim seria muito útil hoje. Eu não tinha a intenção de levar Agatha a algum restaurante chique e fresco, mas não a levaria para qualquer lugar para comer, sei lá, um hambúrguer. Teria que levá-la a um restaurante simples, porém, de qualidade. Só me restava decidi qual...

Parando de pensar em Agatha, lembrei de meu pai, que não dava sinal de vida há dias. Se isso fosse novidade eu ficaria preocupado, mas não era. O Sr. Stuart vivia desaparecendo e reaparecendo. Ele já não desfilava há anos, contudo, sempre havia um novo evento, comercial, perfume, campanha e afins, da qual ele era convidado a participar. E ganhava muito por isso.

Eu não tinha a pretensão de continuar com essa vida de modelo por

NACIONAIS-ACHERON

muitos anos, só o suficiente para ganhar um dinheiro bacana e decidi que curso na faculdade eu gostaria de estudar. Estudos nunca foi muito o que eu sentia combinar comigo, talvez porque eu não tinha, ainda, me interessado por área nenhuma. Antes dos meus trinta anos eu esperava ter decidido isso.

Eu ganharia muito mais dinheiro como modelo se usasse o nome de meu pai, mas eu preferia ser conhecido e chamado por "Christopher Tyler", não "Christopher Stuart". Eu não gostaria de ganhar nenhum tipo de fama pela fama de meu pai. Eu queria conquistar a minha, mesmo que demorasse.

Em meu apartamento eu enfim tomei um banho, bem demorado. Eu precisava tentar relaxar. O que o banho não foi capaz de me proporcionar. Eu sabia o que melhoraria meu estresse e tensão, e sem dúvida, não era um banho demorado.



Mais tarde comi algumas frutas, depois tentei dormir, em vão... Tudo para passar o tempo até dar o horário para eu me arrumar. Quando eu olhei no relógio, praticamente gozei de alegria ao constatar que era mais de 16h. O tempo havia passado numa puta lentidão assassina.

Não hesitei em pular do meu pequeno sofá, onde tentava ver algo na televisão sobre esportes, para ir direto ao banheiro tomar outro banho e me arrumar para meu encontro com Agatha... Só de imaginar aquela mulher meu corpo fervia em resposta.

No banho me dei conta de que ainda não tinha decidido o restaurante. Eu tinha passado algumas horas tentando me distrair e não pensar muito

sobre Agatha que deixei até de pensar em algum restaurante, mas não consegui deixar de pensar em Agatha. Ela, junto com seus beijos e suas curvas estavam em minha mente.

Depois do banho vesti uma outra calça skinny preta e uma camisa azul de mangas. Enquanto vestia a camisa eu vi minha antiga jaqueta cor de vinho e sua cor me deu a decisão perfeita sobre o restaurante.

Entrei em meu carro um pouco hesitante. Eu queria chegar na agência antes do horário do fechamento, tinha medo de que Agatha desse a desculpa de que eu não tinha ainda chegado e ela não queria ficar esperando, ou qualquer outra merda.

Alguns minutos depois e eu já estava estacionando em frente à agência. No estacionamento não tinha mais tantos carros como pela manhã. Eu esperava que Agatha não tivesse fugido de mim. Eu estava com uma puta tensão, mas nunca insistiria se ela não quisesse, mesmo que eu continuasse querendo... *E muito*.

Depois de estacionar o carro, eu descii dele e adquiri toda a confiança que precisava para, pelo menos, fingir bem. Cada passo que eu dava até a entrada da agência me deixava mais tranquilo e menos tenso.

Minha tensão foi toda embora quando Agatha abriu a porta da agência para mim, com um olhar entre descrença e prazer ao simples fato de me ver.

– Eu não acreditei que você realmente viria! – ela disse ajeitando uma bolsa no ombro.

– Por que eu não viria se o que eu mais pensei nesses últimos dias é em você, Ruiva? – admiti.

Agatha não teve a reação que eu imaginava, invés de corar ou perguntar algo óbvio como "você realmente pensa em mim?", ela respondeu sem hesitar, fitando-me: – Já temos algo em comum. – sua resposta me pegou desprevenido, disfarcei sorrindo e analisando todo seu rosto, desde os seus

NACIONAIS-ACHERON

olhos azuis, suas sardas à sua boca rosada e cheia.

– Baby! Vamos! – berrou Benny enquanto se aproximava, mas parou assim que me viu parado na frente da porta da agência.

– Oi pra você também Benny! – brinquei sorrindo.

– Oi pra você Chris! – retribui Benny me olhando atrás de Agatha, depois ele a fitou com calma antes de perguntar – Então, vamos ou não Agatha?

– Acho que ela não te contou Benny, – comecei falando com Benny antes que Agatha pudesse cortar, ele me fitava enquanto apoiava o queixo no ombro de sua amiga – mas eu e a Ruiva, vamos sair!

– A Ruiva, huh? – Benny retrucou rindo, assenti – Mas como eu vou embora se Agatha é a minha carona?

– Ele não pode dirigir seu carro? – perguntei à Agatha.

– Pode, mas como eu...

– Eu levo você em casa. – a cortei para evitar discussão.

– Se ele for com meu carro para casa dele, – Agatha começou – como eu vou vim para a agência amanhã?

– Eu posso ser um bom motorista. – respondi sem pensar duas vezes, antes que Benny pudesse dizer algo.

Seria melhor do que eu imaginava. Benny sem carro faria eu ter que, além de levar Agatha em casa mais tarde, levá-la também para a agência amanhã.

– Não duvido do garoto. – Benny respondeu empurrando de leve Agatha para mim.

A segurei pela cintura, da qual ela não reclamou.

– Chave do carro, baby!

Agatha se afastou de mim para procurar em sua bolsa a chave e

entregar à Benny.

– Cuide dela com amor! – ouvi Agatha dizer à Benny o que não compreendi de início.

Benny bateu à porta da agência resmungando algo como "os outros trancam" e seguimos para o estacionamento. Benny destravou o carro de Agatha e o farol de uma Mercedes acendeu e apagou duas vezes em resposta.

Sim, definitivamente era dela que Agatha se referia sobre "cuidar com amor". Meu carro não era nada comparado aquela Mercedes, mas eu não era o tipo de cara que choramingava por isso. Eu tinha o que o meu dinheiro podia comprar.

– Tudo bem mesmo baby? – Benny perguntou à Agatha abrindo a porta do motorista da Mercedes.

– Sim, já conversamos sobre isso. – ela respondeu e seu amigo assentiu, antes de se despedir de mim e de Agatha.

Eu e Agatha ficamos parados no estacionamento enquanto a Mercedes sumia de nossa visão.

– Então, – Agatha me encarou e me deu um sorriso torto – onde vamos jantar?

– Surpresa, Ruiva! – respondi pegando sua mão e levando-a ao meu humilde carro, comparando-o ao dela.

XXV



As horas pareciam se arrastar e o beijo que Christopher me deu ficou repetindo em minha cabeça.

Benny me perguntou o que aconteceu quando ele me puxou, mas eu evitei responder naquele momento para mais ninguém ouvir, disse que contaria a ele quando fôssemos almoçar.

No horário do almoço não foi diferente, Benny me encheu para eu falar o mais rápido possível o que aconteceu. Estávamos em um restaurante perto da agência, sorte que estávamos a sós e em uma das cabines do restaurante, porque senão, todos ouviriam o grito de Benny quando eu terminei de falar tudo, desde o beijo ao convite de jantar.

– Eu não acredito! – ele disse com ambas as mãos em suas bochechas.
– Não poderia ser outro garoto gostoso e viril atrás de você? Tem que ser logo o filho de Christopher...

– Eu sei, é loucura. Depois de tantos anos sem sinal de vida daquele homem, eu me encontro com seu filho. – respondi um pouco tensa.

– Mas o que você vai fazer quanto ao convite do jantar?

Definitivamente é um encontro e um encontro acaba em sexo. – Benny estava rindo enquanto falava, mas depois ao completar, ele ficou sério e eu sabia que lá vinha algo importante – Você vai transar com o filho daquele homem?

– O filho "daquele homem" não é "aquele homem". – lembrei à Benny.

– Eu sei baby! O garoto é totalmente diferente do pai... Ele até te chamou ontem por um apelido, um *bom apelido*, "Ruiva!".

Sorri e estremei um pouco ao lembrar de um apelido que tive há anos. Hoje em dia, ninguém nunca ousaria me chamar por aquele apelido novamente. Eu o tinha deixado para trás, junto com meu passado.

Sim, Chris era bem diferente de seu pai, para melhor. Em pouco tempo pude perceber como ele era doce, gentil, atencioso, mas o pacote incluía também uma extensão de outras qualidades, principalmente, no físico. Chris era gostoso para caralho. Imaginei como era sem aquela cueca que o vi pela manhã.

Puta que pariu! Como eu resistiria aquele homem tão tentador, com aquele sorriso tão, foddidamente, delicioso?

– O que você acha que eu devo fazer? – perguntei ao meu amigo que franziu a testa.

– Eu não posso responder por você, mas eu acho que foder com o garoto durante o tempo que a campanha acontece, não há problema. Depois cada um vai para seu rumo. Não é como se vocês fossem casar.

– E se ele não passar na campanha? – questionei e Benny gargalhou, me mostrando suas lindas covinhas.

– Você, melhor que eu, já olhou para ele de cima a baixo, de baixo para cima. Sabemos que ele vai passar.

– Você acha que não devo resistir a ele?

– Às vezes temos que parar de resistir. Está palpável a química que

vocês tem. Se não acontecer nada hoje, vai acontecer amanhã. É melhor você parar de tentar resistir e cair de cabeça, pelo menos, como já disse, pelo tempo dá campanha.

Pensei bastante sobre tudo que Benny me disse, e mais tarde, quase no horário que Christopher disse que ia aparecer, eu decidi ir embora da agência. Na porta dela, já com minha bolsa no ombro, eu me lembrei do meu óculos de sol em cima da mesa de Benny.

Na sala dele, ele estava arrumando suas coisas para também ir embora. Peguei meu óculos e guardei na bolsa.

– Tem certeza que você não vai ficar? – Benny perguntou enquanto saíamos da sala dele.

– É melhor... Se ele aparecer provavelmente me fará mudar de opinião. – respondi sinceramente.

Benny me disse algo e foi no estúdio pegar alguma coisa, não prestei atenção em nada, só no momento que abri a porta da agência, para ir embora, e Christopher apareceu. Juro que senti meu coração parar uma batida.

Lindo, presunçoso e gostoso.

Como eu resistiria?

Lembrei do que Benny dizia sobre seu vício por cigarros, sobre não largar seu vício e sim o prender. Era isso que estava pensando sobre Christopher, e eu tinha medo de que não conseguisse largá-lo.

Eu achei que ele desistiria de vir, ou viria mais tarde, então disse a ele que não acreditava que ele realmente viria. Quando ele me disse que estava pensando em mim, nesses últimos dias, eu não tentei resistir mais e admiti que tínhamos algo em comum.

Benny ficou tão surpreso, quanto eu, sobre eu mudar de opinião em questão de segundos, quando ele me viu com Chris e aceitando ir com ele.

Mas como meu amigo mesmo me disse: "às vezes, temos que parar de resistir."

Fodam-se as consequências! Elas viriam de qualquer forma se eu não fizesse nada, melhor ter consequências pelo feito.

Christopher não queria me dizer para qual restaurante ele me levaria, e eu não insisti. Esperava que fosse algo bom, não necessariamente precisaria ser algum restaurante caríssimo. Talvez um modesto e bom.

Chris abriu a porta de seu Chevrolet para mim e eu agradeci. Engraçado que não sabia nem sua idade. Normalmente eu, quando ia a algum encontro, sabia ao menos, a idade do homem em questão.

Entrei em seu carro, coloquei minha bolsa em meu colo e pus o cinto de segurança. O tempo estava um pouco mais frio que o normal, mas sorte, que eu ainda usava meu vestido preto de mangas.

Quando Christopher sentou no assento do motorista eu senti o tempo de frio, passar para quente. Mesmo ele não me tocando, todo o ar de dentro do carro mudou e esquentou. Aquele garoto me levaria para o inferno. Se eu já não estivesse nele.

Antes de dar partida, Christopher ligou o ar-condicionado e quando ia ligar o rádio, ele olhou para mim e sorriu.

– Música? – eu assenti.

Achei que ele ligaria o rádio naquela hora, mas ele pegou minha bolsa de meu colo, roçando seu braço em meu corpo e colocou-a cuidadosamente no banco de trás. Então ele colocou seu cinto de segurança e enfim ligou o rádio.

Começou a tocar Foo Fighters, *Stranger Things Have Happened*. Sorri, a música falava literalmente que "coisas estranhas estão acontecendo". Não poderia ser um título mais apropriado ao que eu sentia nesse momento: estranheza das coisas estranhas que aconteciam comigo ao lado desse garoto.

NACIONAIS-ACHERON

Chris ligou o carro e começou a dirigir, sem muita pressa, notei. Estávamos calados, mas não existia aquele silêncio constrangedor, na verdade, era um silêncio de pura calma enquanto a música tocava.

– Você tem algum problema com pimenta? – Chris me perguntou, olhando para mim rapidamente, para depois voltar sua atenção à estrada.

– Não. – respondi com uma sobrancelha arqueada enquanto olhava para ele.

Ele não me olhava, mas eu sabia que, ele sentia que estava sendo observado.

Christopher não perguntou mais nada, apenas sorriu com a atenção focada na estrada, então eu pude olhá-lo completamente com mais calma do que todas as outras vezes.

Ele se vestia com uma outra skinny e uma camisa de manga comprida. A camisa ficava solta em seu corpo, mas era notável, que ele tinha músculos, dos quais se eu já não tivesse visto saberia, mesmo sobre aquela camisa folgada. Sua calça estava justa em seu corpo, fazendo qualquer um que olhasse perceber a protuberância entre suas pernas. Ele não estava duro, era óbvio, mas, mesmo assim, se notava o quanto ele deveria ser grande.

Imaginei tirar toda aquela sua maldita roupa e poder enfim ver seu membro exposto para mim, ereto e grande.

Christopher se mexeu um pouco no banco me dando mais espaço para olhar para ele, ou melhor, olhar para seu pau. Mordi meu lábio inferior enquanto imaginava coisas sórdidas das quais eu poderia fazer com ele aqui mesmo.

– Gosta do que vê, Ruiva? – garoto fodido, me pegou olhando para ele e o desejando sem limites.

Meus olhos deveriam estar totalmente nítidos sobre o que eu queria.

Desviei minha atenção do membro de Chris e olhei para seus olhos, ele piscou para mim, sorrindo, depois voltou sua atenção novamente à estrada. Me mexi um pouco no assento, fazendo meu vestido subir, indo até minhas coxas nuas. Christopher pegou meu ato, vendo meu vestido mais em cima que o necessário. Não coloquei ele no lugar, deixei onde estava.

Percebi que a respiração de Christopher estava entrecortada, como a minha que agora acelerava sem parar. Ele tentou colocar toda seu foco na estrada, mas parava para olhar para minhas pernas visíveis.

Christopher suspirou e com uma mão ainda no volante, tentando não me olhar, ele abaixou a outra mão, indo à minha coxa e a apertando devagar. Me inclinei mais no banco, dando total acesso para o que ele quisesse fazer.

Sua mão pegou a barra de meu vestido e começou a abaixá-lo para o lugar certo. Soltei um suspiro de frustração e inclinei minha cabeça no assento. Chris me olhou de cima a baixa e me deu seu sorriso torto.

Com a atenção na estrada ele ainda sorria, e eu me perguntei por quê, mas não disse nada. Christopher estava com sua mão agora em meu joelho e voltou a subir, levantando meu vestido junto enquanto passava seus dedos pela minha pele, me fazendo arrepiar por onde ele passava.

Sua mão parou completamente aberta em minha coxa, mais um milímetro e ele estaria com seus dedos em minha calcinha encharcada. Como eu queria que ele não me deixasse sofrendo mais e colocasse seus dedos dentro de mim, já poderia até imaginar todo prazer.

– Tire a calcinha, Ruiva! – Christopher praticamente grunhiu com a sua voz mais rouca que o normal e eu gemi baixinho, mesmo só a ouvindo de longe.

Olhei para ele e ele estava focado no trânsito, mas a protuberância maior em sua calça dizia que seu foco estava em outro lugar. Sorri e facilmente tirei minha calcinha vermelha. Christopher pegou ela com a mão

NACIONAIS-ACHERON

que estava em minha coxa e a olhou sorrindo.

– Vermelho. – ele sussurrou e guardou minha calcinha no porta-luvas.

Sem olhar para mim, ele voltou com sua mão para minha coxa e com um dedo passou pela minha fenda, fazendo movimento de vai e vem. Minha umidade estava completamente palpável para ele.

Tentadoramente ele enfiou um dedo entre minhas dobras, com uma lentidão assassina, e parou em meu clitóris. Gemi e me acomodei ainda mais no banco, deitando minha cabeça no encosto do mesmo e relaxando.

– Coloque as pernas pra cima, Agatha. – a forma como Christopher falou meu nome, me fez derreter e eu obedeci, colocando minhas pernas em cima do painel do carro, deixando-me mais aberta para ele.

O dedo de Christopher brincou com meu clitóris, fazendo movimentos circulares lentos, depois sem me deixar raciocinar muito, ele enfiou o segundo, começou a fazer movimentos mais rápidos.

– Ah! Meu Deus! – eu gemia sem me importar com compostura enquanto meu corpo inteiro se enrijecia.

Músicas e músicas aleatórias passavam, enquanto Christopher me fodia lentamente e algumas vezes, apressadamente com seus dedos ágeis.

Com seus dois dedos ele pegou meu clitóris e o apertou de leve, imaginei sua boca nele, o mordendo. Com um dos dedos ele desceu para minha entrada que ardia por ele.

– Oh! Foda! – Chris grunhiu – Tão fodidamente molhada.

Era impressionante o quanto ele conhecia o corpo feminino. Eram poucos homens que se interessavam para saber, por exemplo, onde era o ponto G da mulher, porém, Christopher sabia, e algo me dizia que ele não havia aprendido com teorias na internet.

Ele queria me matar, só poderia ser isso. Sua lentidão dentro de mim

era tentadora ao ponto que eu me sentia entrando em combustão sem explodir. Ele sabia o que causava com meu corpo, na verdade, parecia que ele conhecia meu corpo mais que eu mesma.

Eu gemi seu nome quando senti ele finalmente penetrar o segundo dedo, então ele começou com estocadas rápidas que me faziam gemer cada vez mais alto e sem parar. Ele sabia o jeito certo de me deixar cada vez mais excitada, seus toques eram precisos dentro de mim, tocando em meu ponto G e me levando à loucura de tanto prazer.

Olhei para Christopher e ele sorria, sem tirar os olhos da estrada, depois fechei meus olhos e aproveitei cada sensação que ele me proporcionava. E eram tantas sensações, não só o prazer puro e carnal, mas também, o prazer dele fazer isso dentro de seu carro, enquanto dirigia.

Com certeza meu cheiro ficaria impregnado em seu carro. Sorri, até que isso não seria mal. Ele lembraria do que me fez hoje, quando entrasse em seu carro amanhã.

– Eu já estou perto... – disse em meios aos meus gemidos.

Christopher me comia com seus dedos rapidamente, entrando e saindo de uma forma matadora. Ele acabaria comigo dessa forma. E ele sabia disso.

– Calma Ruiva! – e para enfatizar a "calma" ele começou a me foder devagar, só para me matar de vez mesmo.

– Vai Christopher! – disse – Rápido!

E ele foi bem rápido dessa vez.

– Chris... – gemi – Oh! Meu! Deus! – ouvi a risada rouca dele enquanto eu gemia.

O desgraçado estava adorando o show que eu estava dando em seu carro, por causa de seus dedos.

Christopher não foi devagar dessa vez. Suas estocadas se tornaram

mais ágeis e ásperas. Eu amava aquilo. Amava cada segundo de seus dedos dentro de mim. Senti meu clímax cada vez mais perto. Dessa vez a combustão dentro de mim, explodiu, me causando um orgasmo maravilhoso.

Sim, esse garoto tinha me levado ao inferno e ainda nem tínhamos começado a nossa noite.

XXVI



***Inferno. Era para lá que Agatha estava me levando,** e*

eu não estava reclamando. Depois de eu ter lhe proporcionado um orgasmo, eu a limpei, assim que estacionei o carro em frente ao restaurante.

Ainda bem que no meu carro tinha lenços úmidos, dos quais eu nunca tinha usado, mas Júlia dizia que era útil para ela, e deixava aqui. Agradei em silêncio à Júlia.

Agatha abriu o porta-luvas e pegou sua calcinha vermelha. Tirei de suas mãos e guardei-a novamente no porta-luvas.

– Você é algum tipo de colecionador de calcinhas? – Agatha perguntou sorrindo, sem tentar pegar a calcinha de volta e tirando seu cinto de segurança.

– A partir de agora, sim, das suas. – respondi rindo e tirando meu próprio cinto de segurança.

Lembrei do sábado, do qual eu coloquei a calcinha delicadamente nela,

mas só fiz isso, pois ela estava sem seu vestido. Agora não seria necessário calcinha alguma, e só eu saberia que ela não estava usando nada por baixo e isso me excitava, como se eu já não estivesse ereto por ela.

Agatha fez menção de abrir a porta do carro e eu a parei, saindo da minha e abrindo a dela. Eu só fazia isso com Júlia e minha tia, mas não era sempre, com Agatha eu sentia necessidade de ser o mais cavalheiro possível.

Tranquei o carro e peguei a mão de Agatha, levando-a à entrada do restaurante.

– Esqueci minha bolsa no carro. – Agatha disse e eu sorri para ela.

– Você não vai precisar dela hoje.

– Mas a conta...

– Eu pago, Ruiva. Eu convidei, eu pago. – a cortei antes que ela viesse com essa de "dividir".

Não, eu não me importava em dividir a conta, mas, no mínimo, teria que ser na segunda vez que saíssemos, não logo na primeira. Primeira que eu convidei, ainda por cima.

Agatha não retrucou e sorriu quando viu para qual restaurante eu a estava levando.

– *Caliente?* – ela disse em um espanhol quase perfeito, enquanto lia o nome do lugar.

– Sim, um restaurante tipicamente mexicano. – respondi.

– Por isso você me perguntou se eu tinha algum problema com pimenta?

– Exato...

– E se eu tivesse?

– Eu pensaria em algo. – pisquei sorrindo para ela, e ela retribuiu o sorriso.

No restaurante nós fomos muito bem atendidos e eu fiquei feliz por ter acertado na escolha do lugar. Eu já tinha ido naquele restaurante antes, mas não foram muitas vezes, e arrisquei ao trazer Agatha nele.

Comemos várias coisas, principalmente guacamole e nachos, muito apimentado.

O assunto com Agatha fluía de uma forma tranquila, não porque tínhamos obrigação de conversar, mas porque simplesmente vinha assunto e mais assunto.

– Me fale sobre você... Família, amores, amigos. – essa foi a hora que eu pequei.

Comíamos nachos e eu pude perceber toda a tensão se ponderar do corpo de Agatha.

– Não há nada demais em minha vida. – ela respondeu e colocou um bom pedaço de nacho em sua boca para fugir da resposta.

– Entendo... Comida preferida? – mudei de assunto, não querendo insistir.

– A partir de agora, nachos! – ela disse rindo, me fazendo rir também.

– Cor preferida?

– Vermelho. – quando ela respondeu eu gargalhei.

Era óbvio e vermelho tinha acabado de se tornar minha cor preferida também.

Fiz mais uma centena de perguntas bobas, das quais, Agatha respondeu sem cerimônia. Ela também me perguntou diversas coisas bestas, nunca entrando em assuntos como família e amores antigos.

Depois de eu pagar a conta, voltamos para o carro e eu já sabia para onde eu queria levá-la. Restava saber se ela queria também.

Abri a porta do carro para ela e segui para entrar do outro lado. Dentro

do carro Agatha sorria para mim, parecendo adivinhar que a noite ainda não tinha acabado. Na verdade, tinha acabado de começar.

Passei minha mão delicadamente em seu rosto e sorri para ela. Seus olhos azuis brilhavam e suas pupilas estavam dilatadas. Ela queria, com certeza ela queria, tanto quanto eu. Me aproximei mais dela e coloquei minha testa na sua, sentido sua respiração se acelerar, nesse momento, a minha respiração também se tornou irregular.

– Ruiva... – comecei, mas ela interrompeu-me, beijando-me de uma forma desesperada.

Porra! Eu já podia sentir todo meu corpo entrando em ação só com sua aproximação, ainda mais com seus lábios macios nos meus. Pude sentir seu hálito apimentado e imaginei que o meu também estava assim.

Agatha chupou meu lábio inferior, me fazendo gemer. Ela colocou uma mão em meu cabelo que agora estava completamente solto e com a outra mão descansou em minha coxa, mas não fez nada, além de deixá-la ali.

Minha Ruiva, *quer dizer*, à Ruiva puxou meu cabelo levemente, fazendo minha cabeça inclinar para trás enquanto sua língua entrou em minha boca.

Sua língua encostou na minha, fazendo quase uma dança sensual em minha boca. Aquela mulher sabia como provocar um homem. Sua mão que estava em minha coxa subiu um pouco mais, parando bem perto de meu membro duro.

Aquela posição dentro do carro não era uma das mais confortáveis, mais Agatha me fazia deixar de pensar nisso com seu beijo. Na verdade, eu não pensava em nada quando ela estava tão próxima de mim.

Deixei uma das minhas mãos em sua coxa, alisando-a, e com a outra que estava em seu rosto, passei pela sua nuca, aproximando-a ainda mais. Agatha gemeu com meus toques. E foda-se! Seu gemido era a perfeição. Não

NACIONAIS-ACHERON

me importaria em ouvi-lo o dia inteiro, contanto que fosse proporcionado por mim.

Apertei a coxa de Agatha e ela fez o mesmo com a minha, bem de leve ela passou sua mão por meu pau e eu gemi em sua boca. Afastei minha boca da dela e comecei a beijar seu pescoço, fazendo-a arrepiar pelo caminho.

Eu estava a ponto de explodir e se não saíssemos daquele carro em breve eu não aguentaria esperar mais para fazer tudo que eu queria fazer com ela.

Beijei um pouco mais seu pescoço e subi para sua orelha. Mordi seu lóbulo e Agatha gemeu. Eu precisava levar aquilo a outro lugar. Não ali na frente de um restaurante, afinal os vidros das janelas poderiam ser fumê, mas só os das janelas, ainda éramos visíveis para muitas pessoas.

Sussurrei no ouvido de Agatha: – Vamos pra minha casa?

– S-sim. – ela respondeu entre gemidos.

Eu não levava mulheres para meu apartamento (tirando Júlia, já minha tia, praticamente nunca vinha à cidade), mas Agatha não era nenhuma qualquer, e como tal, eu não tinha intenção de levá-la a um motel qualquer.



O percurso até meu apartamento parecia durar uma eternidade. Depois de eu e Agatha nos afastarmos, colocamos nossos cintos e eu liguei o rádio, para em seguida dar partida.

Meu pau estava desconfortável com aquela calça, que agora parecia mais justa que o normal. Eu dirigia me remexendo no assento e Agatha

pareceu notar. A peguei descendo seu olhar para meu membro e dando um sorriso torto, depois mordendo os lábios.

Foda-se! Essa mulher me levaria à morte se continuasse me olhando daquela forma.

Continuei a me remexer, enquanto tentava focar minha atenção na estrada, mas somente ao imaginar o olhar de Agatha eu me sentia tentado a olhar para ela.

Meu pênis estava pensando por si só, pois ele não queria de forma alguma ficar mole. "Ele", assim como eu, estava completamente enfeitiçado por Agatha. Enquanto ela continuasse do meu lado (e eu esperava que ficasse mesmo e por um bom tempo), "nós" não resistiríamos, ainda mais se ela continuasse com aquele olhar tentador.

– Eu posso ajudar... – Agatha disse, tirando seu cinto de segurança e se aproximando de mim.

Eu jurava que de início não entendi o que ela queria dizer com aquilo de "ajudar", mas quando senti sua mão em minha coxa eu parei de pensar e somente aproveitei o que quer que ela fosse fazer.

Agatha se inclinou para mim e delicadamente começou a abrir meu zíper. Depois ela ajustou a calça e minha cueca para baixo, trazendo em suas mãos, para fora da calça e cueca, meu pênis, agora totalmente exposto.

Agatha gemeu ao ver meu pau e eu sorri quando ele se pôs firmemente ereto para cima. Ela o pegou com suas mãos e eu gemi, a mesma ainda não tinha feito nada demais, no entanto apenas o simples fato dela estar com meu pau em suas mãos já me dava vontade de gemer e grunhi feito um animal.

Essa Ruiva estava acabando comigo, sem ter feito muita coisa. Eu senti que ela estava olhando para mim, só pelo calor que eu estava sentido em todo meu corpo. Desviei minha atenção da estrada e olhei para ela, que estava com o olhar tão próximo de mim que me dava vontade de estacionar naquele

NACIONAIS-ACHERON

minuto para foder duro com ela, dentro de meu carro mesmo.

Infelizmente eu tinha pressa para chegar em meu apartamento e fazer tudo que eu queria com ela, com calma e várias vezes, então voltei meu olhar para o trânsito, não sem antes ver seu sorriso torto.

Agatha enfim mexeu suas mãos e eu podia imaginar seus olhos focados em meu pau. Se eu já não estivesse completamente duro, ficaria ainda mais. Gemi quando ela começou a acelerar o ritmo, mais e mais.

Uma de suas mãos desceu para minhas bolas, fazendo uma massagem deliciosa e a mão que estava em meu pau me masturbava rapidamente. Eu não sabia como estava dirigindo direito, mas estava.

A boca de Agatha foi até o lóbulo de minha orelha, ela mordeu, sem parar de masturbar meu pau e massagear minhas bolas. Quando a boca de Agatha subiu mais um pouco, parando em minha orelha eu gemi roucamente enquanto ela soprava e lambia minha orelha.

– Ruiva, caralho! – disse entre gemidos.

– Calma garoto! – Agatha soprou fortes lufadas de ar em minha orelha enquanto falava.

Ela estava, deliberadamente, brincando comigo. Tanto que havia me pedido “calma”, como eu, há pouco tempo havia feito.

Agatha começou a beijar minha orelha e descer, até parar em meu pau, do qual ela beijou a cabeça. Suspirei, minha respiração agora estava a mil. Ela não deixou de me massagear e masturbar, mas quando ela chupou a cabeça do meu pau todo o meu corpo vibrou em resposta.

Minha Ruiva beijou, chupou e lambeu com gosto a glândula, limpando o pré-sêmen que tinha saído do mesmo. Ela era uma mulher sem frescuras e eu já estava vibrando com isso, de prazer e satisfação.

A boca de Agatha era divina e eu já podia imaginar isso, por causa de

seus beijos, mas no meu pau o prazer era incomparável. Ela chupava a cabeça sem pudor algum, com sucções bem-feitas.

Gemi alto quando Agatha começou a colocar, aos poucos, toda minha extensão, em sua boca.

– Porra! – minha voz estava entrecortada.

Focar a atenção apenas na estrada estava cada vez mais difícil, pelo menos, meu apartamento não estava muito longe.

Ela colocou quase todo o meu membro em sua boca e começou a chupar sem parar. Em alguns momentos, o tirava de sua boca e lambia toda a extensão. Sua mão em minhas bolas não parou de me massagear, devagar e com mais pressa, devagar e com mais pressa.

Agatha colocou sua mão que me masturbava em minha coxa e enfiou todo o meu pênis em sua boca macia. Meu gemido foi brutal, quase animal em meio a minha rouquidão. Ela enfiou tudo e tirou, voltando a colocar tudo de volta. Pus uma das minhas mãos em seu cabelo, enquanto ela me fazia uma garganta profunda surreal.

– Oh! Foda Ruiva! – meu corpo todo se enrijecia com aquele boquete.

Não tinha como ser diferente: aquele era o melhor boquete que eu já tinha recebido em minha vida.

Meus gemidos saiam cada mais vez mais rouco e eu sabia que se Agatha continuasse a me chupar daquela forma eu não duraria muito.

Sua mão apertou minha coxa, e eu automaticamente puxei um pouco seu cabelo, e ela não parava de me chupar fundo, algumas vezes tirando tudo de sua boca para lambar, e chupar apenas a glândula com suas leves sucções tentadoras.

– Agatha! – gemi quando ela voltou a colocar tudo sem parar – Ruiva! Eu não vou durar muito.

Agatha tirou meu pau de sua boca para falar: – Relaxe garoto!

Tentei focar totalmente minha atenção na estrada, mas era útil, meu foco estava dividido entre o trânsito e o maravilhoso boquete que eu estava recebendo.

Senti meu orgasmo cada vez mais perto e Agatha parecia saber disso, porque ela acelerava o ritmo cada vez mais. Meus gemidos estavam cada vez mais altos e entrecortados. Eu não me importava com nada, somente aproveitava o meu prazer. Agatha chupou fundo e eu senti a onda de orgasmo muito mais próxima agora.

– Eu estou perto! – disse e Agatha não tirou sua boca do meu pau. – Porra Ruiva! – gozei em sua boca e ela engoliu cada gota de meu sêmen sem reclamar.

XXVII



Christopher era incrível. Completamente. Vestido, despido, em um estúdio ou em um carro sem muito espaço. Ele era completamente tentador, dos pés à cabeça.

Provar seu sêmen não era como antes eu havia feito. Era sem obrigação, por puro prazer. Eu quis fazer aquilo, e eu engoli cada gota sem hesitar.

– Estamos chegando... – Chris disse enquanto eu colocava sua cueca e calça no lugar.

Não fiz questão de pôr o cinto de segurança novamente, já que estávamos perto. Eu esperava que estivéssemos realmente perto. Não aguentava mais esperar para sentir Christopher dentro de mim, e pelo modo como ele dirigia, ele também não estava mais aguentando.

Não demorou muito para Christopher dirigir até uma garagem e estacionar.

Não esperei para ele abrir minha porta, e fui saindo do carro enquanto

pegava minha bolsa no banco de trás. Chris rapidamente saiu do carro e o trancou, vindo até mim, e colocando sua mão em minha cintura, me direcionando a um elevador.

Não era muito tarde, então quando entramos no elevador, outras pessoas também estavam, demos um "boa noite" por educação e Chris apertou o botão de seu andar. Ele ficou atrás de mim, com as mãos em minha cintura. Estávamos perto, mas não o suficiente. Dei um passo um pouco hesitante para trás e senti sua ereção encostar em minha bunda.

Percebi que ele inclinou um pouco o corpo, já que era maior que eu, e deixou sua boca em minha orelha, dando propositalmente lufadas de ar, fazendo todo o meu corpo arrepiar.

Felizmente as pessoas desceram primeiro que nós, e Christopher não perdeu tempo e me virou, para ficar de frente para ele, em seguida colocou sua mão em minha nuca, como sempre fazia, e me puxou em um beijo delicioso. Nesse momento deixei minha bolsa cair no chão.

Minhas mãos foram para seu cabelo, e seu outro braço livre deu a volta em minha cintura, me elevando um pouco do chão. Eu não estava me importando com nada, nem com as possíveis câmeras ou que a qualquer momento as portas do elevador abrissem.

Chris soltou minha nuca e cintura, sem retirar sua boca da minha, pôs suas mãos em minha bunda, por baixo do vestido, e me carregou até eu senti a parede em minhas costas. Sem hesitar eu passei minhas pernas por sua cintura, prendendo meus saltos em volta dele e sentindo sua ereção pela calça em minha pele nua.

As portas do elevador se abriram e eu afastei a boca dele da minha no susto, mas Christopher apenas riu, pegou minha bolsa do chão, passando a alça pelo seu ombro e ainda comigo em sua cintura, me carregou como se eu não pesasse nada, para fora do elevador, indo até a porta de seu apartamento.

Sem me colocar no chão, Chris retirou suas mãos de minha bunda e passou-as pela minha cintura. Com uma certa dificuldade ele tirou sua chave do bolso e abriu a porta de seu apartamento, trancando assim que entramos. Ele jogou minha bolsa no chão e me empurrou com cuidado na parede ao lado da porta, sem pensar duas vezes ele me beijou novamente.

Deixei minhas mãos repousarem em seus ombros largos, apertando um pouco com minhas unhas, sobre o tecido de sua camisa. Chris continuou a me segurar pela cintura com uma mão e a outra pegou em minha coxa. Sem eu perceber direito ele afastou sua boca da minha, já estava levantando meu vestido e o retirando, me deixando, mais uma vez, como no sábado, exposta para ele, enquanto ele continuava vestido.

Ele jogou meu vestido em algum canto de sua sala, e olhou para todo o meu corpo com aquele seu sorriso presunçoso.

Agora eu usava apenas um sutiã preto rendado e um salto alto. O sutiã foi logo tirado de mim e jogado em qualquer lugar da sala. Sendo assim, eu estava apenas de saltos.

Eu estava completamente nua na frente daquele garoto, com minhas pernas em volta dele.

Beijei seu pescoço e Christopher gemeu, suas mãos apalpam novamente minha bunda e me levaram para outro lugar. Enfim estávamos em seu quarto. Ele me colocou no meio de sua cama e se afastou de mim para tirar sua roupa.

Finalmente eu iria vê-lo completamente despido. Christopher não parou de me olhar enquanto tirava sua camisa. Seus olhos pretos me levavam à outra dimensão. Sua camisa já estava sendo jogada em um canto do quarto e suas mãos foram até o zíper de sua calça.

Mordi meu lábio inferior e me levantei da cama. Eu podia imaginar que meu olhar estava completamente devasso. Christopher parou de abrir seu

NACIONAIS-ACHERON

zíper, afastados suas mãos do mesmo, quando eu me ajoelhei na frente dele e eu mesma terminei de abrir aquele bendito zíper.

Sua calça veio ao chão em segundos, e suas pernas afastaram a calça para longe, deixando-o agora de cueca. Me levantei um pouco e beijei seu pescoço, Christopher estremeceu e colocou suas mãos em meu cabelo, enquanto fazia um cafuné fodidamente excitante.

Beijei mais um pouco seu pescoço e o mordisquei, descendo para seu ombro e fazendo o mesmo. Sem pressa alguma fui descendo, beijando e lambendo seu corpo pelo caminho. Chris gemia baixinho o que me deixava ainda mais molhada.

Beijei seu peito, depois os gominhos de sua barriga. Passei minhas mãos nas suas costas o arranhando enquanto descia pelo seu corpo delicioso.

Enfim cheguei ao 'caminho da felicidade', com uma leve penugem da qual eu passei meus dedos e que, com certeza, aquele "caminho" seria meu maior prazer e felicidade de hoje.

Tirei uma das minhas mãos que estavam em suas costas e me ajoelhei novamente no chão. Com calma, tirei sua cueca, que assim como a calça veio ao chão, em seguida foi parar em algum canto do quarto.

Christopher não parava de ser cada vez mais tentador. Eu simplesmente amava homem de barba com o saco depilado. E era assim que Chris era. Eu detestava fazer um boquete em um homem com cabelo no saco. Ninguém merecia ficar com pentelhos na boca, mas com ele eu não tinha esse problema.

Seu membro estava totalmente ereto, como eu podia imaginar. Chupei sua glândula e Christopher gemeu mais alto dessa vez. Segurei sua bunda com uma de minhas mãos e com a outra massageei suas bolas.

Depois de chupar um pouco mais sua cabeça, enfiei tudo em minha boca. Christopher era comprido e grosso, mas eu não era nenhuma garotinha

NACIONAIS-ACHERON

inexperiente.

Meu ex marido insistia dizendo que uma mulher perfeita precisava saber foder, cozinhar e chupar. Ele era um puto de um machista, mas eu não discordava totalmente dele, contanto que o homem também soubesse fazer essas três coisinhas.

– Ruiva! Caralho! – Christopher gemeu e se eu não estivesse com seu pau todo em minha boca, eu riria. – Eu não posso gozar agora. Eu preciso te foder antes... – a voz dele quase não era audível, mas, ainda assim, me causou um forte arrepio por todo meu corpo.

Suas mãos afagaram meu cabelo, me afastando delicadamente de seu membro. Continuei de joelhos, até Chris pegar meus cotovelos e me levantar, deitando-me novamente no meio da cama.

– Você toma algum anticoncepcional? – Chris sussurrou em minha orelha, com seu corpo pairando sobre o meu.

– S-sim. – gaguejei e Christopher se afastou de minha orelha, agora encarando meus olhos.

Ele estava completamente sério, mas seu olhar demonstrava ansiedade.

– Ruiva, eu posso te comer sem camisinha?

Obviamente que ele estava perguntando sobre o anticoncepcional para isso, mas, mesmo assim, sua pergunta me causou um ardor ainda maior entre minhas pernas com o pensamento de seu pau dentro de mim, sem nada que nos dividisse.

Eu não era uma fã de camisinha, algumas tiravam muito da sensibilidade, mas era a forma mais eficaz de prevenir DST. Eu estava limpa, fazia regularmente exames, eu podia dizer por mim, mas não podia dizer por ele.

– Se você não quiser tudo bem... – ele começou – Mas tenho exames

recentes aqui para provar que eu estou completamente limpo.

– Você não se importa em saber de mim? – disse rindo com uma sobrancelha arqueada.

– Eu quero te foder Ruiva, sem nada entre nós. Provavelmente eu vá para o inferno mesmo, então tenho que aproveitar enquanto é tempo todas as coisas boas que a vida tem pra mim.

Eu não consegui conter minha gargalhada. Somente Chris conseguia me fazer rir enquanto eu estava excitada e ele estava nu em cima de mim, com minhas pernas em volta dele. Eu podia agora mesmo sentir seu pau roçar minha coxa.

Esqueci de tudo que eu estava pensando. E como o próprio Christopher disse, eu iria para o inferno de toda forma. Não custa aproveitar antes disso.

Puxei Chris pela nuca e o beijei profundamente, ele retribuiu sem hesitar, só parei de beijá-lo para falar: – Me foda Chris! Sem camisinha, com camisinha, não me importa. Só me foda agora!

Ele riu e não tirou os olhos dos meus ao dizer sério: – Sem camisinha! Eu vou te foder várias e várias vezes, sem camisinha e vou sentir todo seu corpo. Vou ouvir todas as suas respirações ofegantes, todos os seus gemidos, sussurros e súplicas enquanto te fodo duro, *minha* Ruiva.

XXVIII



Agatha sairia de meu apartamento sabendo que, para

mim, promessa era dívida.

Sem esperar mais eu enfiei meu pau em sua entrada úmida. Eu e Agatha gememos em uníssono quando eu aos poucos comecei a colocar mais e mais. Ela era perfeita. Completamente. Nossos corpos se encaixavam de um jeito surreal.

Ela era apertada, como eu já tinha sentido no sábado com meus dedos. Ela também era quente. Inferno! Eu podia dizer que eu fervia. Seu corpo era o paraíso da tentação.

Apoiei meus cotovelos na cama e Agatha enfiou seu salto em minha bunda, salto do qual eu tinha esquecido que existia. Mas foi bom para caralho senti-lo em mim. Eu sabia o quanto saltos poderiam ser sensuais, mas usando daquela forma era ainda mais.

Comecei a mexer com mais rapidez e degustando cada segundo de seu corpo. Agatha arranhou minhas costas com suas unhas e gemeu um claro pedido de mais.

– O que você quer, Ruiva? – sussurrei diminuindo o ritmo e fazendo Agatha se remexer embaixo de mim.

– Rápido Christopher! – ela pediu – Me foda rápido!

Não há um homem na face da Terra que não obedeceria um pedido daqueles... E eu não era diferente. Sorri e meti o máximo que conseguia dentro dela. Ainda faltava mais, então segurei uma coxa de Agatha e levantei um pouco mais, enfiando o resto sem pressa, para sair e entrar fundo novamente.

Agatha gemia sons irregulares e eu não ficava atrás. Meu gemido saiu entrecortado quando eu comecei a foder o mais duro que podia naquela posição e a cama começou a ranger. O vizinho de baixo estaria me odiando agora.

– Oh! Deus! – Minha Ruiva estremecia.

Eu esquentava, fervia, ardia. Qualquer coisa relacionado ao fogo tinha a ver com aquela sensação de senti-la por completo.

Agatha continuou com suas mãos em minhas costas. Amanhã eu teria marcas vermelhas provocadas por suas unhas. Me inclinei mais, deixando meu corpo sobre o de Agatha enquanto me mexia. Nossos corpos eram uma mistura inebriante de prazer e suor.

Senti os mamilos duros de Agatha roçarem meu peito com os movimentos que fazia. Era uma delícia senti-la tão perto de mim. Eu estava dentro dela, literalmente, mas eu sabia que ela estava dentro de mim também, e eu poderia adivinhar que seria por mais de uma noite.

Não! Eu não me saciaria dessa mulher em uma noite, talvez em umas ou mais noites. Seu corpo era cheio de curvas, e seus seios e bunda eram fartos... Um sonho de consumo.

Agatha se remexia embaixo de mim, mas eu não dava muita oportunidade para ela se mexer porque eu estava dando estocadas rápidas. Ela gemia, estremecia, me arranhava, chamava meu nome, sussurrava coisas incoerentes e voltava a fazer tudo de novo.

Eu amava mulher assim: sem vergonha. Mulher boa era mulher sem pudores, e Agatha era esse tipo de mulher, sem vergonha para dizer que queria mais e mais rápido, sem vergonha com seu próprio corpo... Enfim sem inibições.

Agatha era o tipo de mulher que eu sempre quis no sexo, e agora que eu a tinha não a deixaria ir tão rápido, mas a foderia depressa, sem tempo

NACIONAIS-ACHERON

para respirar. E quem precisa respirar num momento daqueles?

– Ah! Foda! Foda! – eu tinha plena consciência de que tudo que eu dizia era, de certa forma, incoerente, mas eu não estava sendo completamente coerente desde o do primeiro segundo que eu tinha visto Agatha.

A cama não parava de ranger e nós não parávamos de gemer. Minhas estocadas se tornaram cada vez mais frenéticas e nossos gemidos se misturavam quase em um só.

O corpo de Agatha era o encaixe perfeito do meu e ela parecia sentir o mesmo sobre o meu. Seus gemidos eram cada vez mais audíveis para qualquer um que estivesse perto do meu apartamento e saber disso era quente como o inferno.

– Christopher! – ela praticamente gritou fazendo todo meu corpo estremecer ao ouvi-la gritar meu nome.

Coloquei uma palma na cama e outra na coxa de Agatha, me dando mais espaço para tirar e penetrar toda minha extensão novamente. Os seios de Agatha balançavam com meus movimentos e eu abaixei minha cabeça, abocanhando um de seus mamilos, que em meus lábios ficaram ainda mais duros.

Chuei seu mamilo e o mordisquei, deixando minha barba roçar em seu seio, Agatha colocou uma de suas mãos em meu cabelo que estava todo espalhado, e o puxou de leve, me fazendo gemer em seu mamilo, mas sem tirar minha boca dele.

Eu não demoraria muito mais e achava que Agatha também não. Mordi um pouco seu mamilo e fui até o outro, sem negligenciar nada referente a seu corpo.

Quando parei de chupar seu mamilo, senti que meu clímax estava bem mais perto do que gostaria, porém essa noite estava apenas no começo.

– Oh! Ruiva! – gemi sem parar de dar rápidas estocadas.

NACIONAIS-ACHERON

– Christopher! Meu Deus! – Agatha gemeu entre sussurros e respirações ofegantes.

Pude senti quando Agatha estava tão perto quanto eu, contudo, ambos gememos em uníssono quando gozamos juntos.

XXIX

*Meu orgasmo foi uma explosão de sensações.*

Eu estava começando a aprender que, para Christopher, promessa era dívida.

Christopher descansou seu corpo sobre o meu, não colocando muito peso e não saindo de dentro de mim. Minhas mãos estavam agora em seu cabelo, fazendo um cafuné do qual ele parecia gostar, já que se acomodava em meu corpo me dando mais liberdade para acariciar seu cabelo.

Eu não precisava nem dizer que ele era tão bom no sexo, quanto era com seus dedos. Realmente Christopher era o homem mais tentador do qual eu já conheci.

Devagar ele saiu de dentro de mim, me causando uma sensação estranha de abandono, que logo foi substituída quando ele se deitou de lado e me puxou para ele, pondo um de seus braços em volta de mim, e o outro apoiava seu rosto. Fiquei com a cabeça no travesseiro, mas se eu virasse meu corpo eu me chocaria com o de Christopher, que estava com o rosto ao lado do meu. Eu sentia sua respiração em minha orelha.

Enfim tirei meu salto, jogando para fora da cama. Quando eu enfiei meu salto alto em sua bunda pouco tempo antes tinha sido foda. Havia me dado uma sensação de poder e dominação, mesmo eu estando por baixo.

Uma dúvida estúpida passou pela minha mente e eu me virei para, como eu havia dito, me chocar com o corpo grande de Christopher.

– Quantos anos você tem? – perguntei encarando seus olhos negros.

Christopher sorriu.

– Por que essa dúvida agora?

– Não sei, apenas me dei conta de quê, eu não sei praticamente nada sobre você. – *tirando quem é seu pai*; conclui para mim mesma.

– Você sabe o essencial sobre mim. Meu nome, onde moro e que eu não sou nenhum perverso. – ele piscou para mim, me fazendo sorrir.

Era estranho, mas eu me sentia tão à vontade com ele, que quase não me dava conta de que estávamos nus. Era tudo tão... natural com ele. Christopher não poderia receber o adjetivo de "simples", mas toda aquela situação sim. Aquilo tudo era simples. Um simples do qual eu não tinha provado antes.

– Não concordo sobre a parte do perverso... – brinquei – Ou não foi você que me fodeu com uma mão enquanto dirigia com outra?

Chris caiu na gargalhada e eu não resisti, rindo junto ele. Quando paramos de rir, Christopher colocou uma mão em minha bochecha, fazendo um carinho pacato com a mesma, depois colocou a mesma mão em meu cabelo, acariciando-o de leve. Fechei meus olhos, mas não antes de ver o sorriso torto dele.

– Acho que você tem razão. – Chris disse enquanto eu continuava com os olhos fechados – Ainda bem que você é tão perversa quanto eu... Pelo que me lembro, você me fez um boquete enquanto eu dirigia.

Abri um sorriso torto que foi sobreposto pela boca de Christopher na minha. De olhos fechados continuei quando senti seus lábios chuparem meu lábio inferior para em seguida largar e delicadamente entrar com sua língua

em mim.

Não hesitei. Eu estava completamente entregue a ele, mesmo que fosse só por hoje. Passei uma de minhas mãos em sua nuca, sentido seu cabelo liso embaraçar um pouco entre meus dedos.

Dessa vez o beijo de Christopher foi calmo, mas com a mesma paixão de antes. Não paixão por mim, mas aquela paixão intensa de um beijo praticamente roubado.

Da mesma forma que ele, do nada, me beijou, do nada, se afastou. Abri meus olhos e mais uma vez me deparei com seu sorriso, mas um sorriso completo de mostrar os dentes.

– Eu tenho vinte e três anos. – Christopher respondeu me fazendo olhar para seus olhos. – Mais alguma dúvida?

Eu não sabia o que perguntar, não queria saber de sua família para ele me contar sobre seu pai. Não estava e não estaria preparada tão cedo para falar dele.

– Não sei... – admiti.

– Posso fazer um resumo de minha vida então? – dei de ombros e ele não largou meu olhar enquanto falava – Eu morava no interior até meus dezoito anos, com ainda dezoito, vim parar aqui, na capital. Minha família não é grande. Tenho tios no interior que, praticamente me criaram, tenho um pai maluco, porém um bom pai e tenho bons amigos também, tanto quanto aqui na capital, quanto no interior.

Realmente ele tinha feito um resumo bem explicativo sobre sua vida. Algo me dizia que ele omitia alguma coisa. Pensei em perguntar sobre sua mãe, mas me segurei e deixei de lado, quando Christopher perguntou: – E você, não vai me dizer nada sobre si mesma?

Hesitei. Eu não tinha nada de bom para falar da minha vida a ele, contudo, eu queria conversar com ele. Queria me abrir a ele e contar sobre

NACIONAIS-ACHERON

minha vida, mesmo sabendo que meu passado o afastaria de mim. Homens como ele, não ficavam com mulheres como eu.

– Eu tenho trinta e dois anos, sou separada, – comecei ainda hesitante pelo mais fácil – comecei minha carreira como modelo, acabei me tornando modelo fotográfica, desfilei pouquíssimas vezes, eu não tinha corpo para uma modelo de passarela, foi o que me disseram.

– Graças a Deus! – Christopher brincou e eu ri, antes de continuar.

– Abandonei a profissão cedo, e usei o dinheiro que eu tinha guardado para abrir a agência. Já conhecia Benny e ele me ajudou a expandir minha agência, junto com meu ex-marido, que era meu namorado na época e tinha muitos contatos. Fiz também um curso de publicidade e propaganda à distância e fim.

Christopher não deixou de acariciar meu cabelo quando eu terminei de falar. Ele parecia pensar nas palavras certas para dizer o que queria, mas eu já podia adivinhar que ele queria saber mais, como família e meu casamento.

– Entendo... – foi tudo que ele disse antes de me beijar novamente, mas dessa vez seu beijo não foi calmo, foi cheio de tesão.

Eu podia sentir seu membro, agora duro, tocar em minha barriga.

Antes que Christopher ficasse em cima de mim, eu me pus em cima dele, fazendo nós dois rimos, porque ele era bem mais forte que eu, e quando eu o empurrei para ele ficar deitado embaixo, nenhum milímetro dele saiu do lugar. Ele enfim me obedeceu, deixando-me montar dele.

– Você vai me matar, Ruiva! – Christopher riu colocando suas mãos em meus quadris.

– Você já está me matando! – admiti.

Com um movimento rápido coloquei seu pênis em minha entrada e parei, fazendo Christopher mexer seus quadris atrás de mais. Bati em seu

ombro para ele parar e rindo ele obedeceu novamente. Devagar, como ele fez comigo, fui deixando ele entrar, sentido cada centímetro dele em mim.

Coloquei minhas mãos em seus ombros e fui me mexendo aos poucos. Ele não tirava suas próprias mãos de meu quadril e tentava decidir nosso ritmo, mas eu batia em seu ombro e ele parava, rindo e gemendo.

Soltei um longo suspiro quando senti que já tinha o máximo dele dentro de mim naquela posição, mas eu sentia que havia mais e eu queria tudo dele. Comecei a rebolar em cima de Chris e ele gemeu forte. Um gemido rouco irresistível que me fez gemer também.

Abaixei mais meu corpo, deixando meus mamilos roçarem seu peito, e minha boca tocando seu pescoço. Me mexi para frente e para trás fazendo a cama ranger ao sair um pouco de lugar.

– Oh! Agatha! – sua voz era fodidamente irresistível fazendo meu corpo inteiro estremecer.

Christopher me segurou pelo cabelo, tirando ele de seu rosto e eu lambi seu pescoço, sentindo seu gosto e cheiro viril, salgado de suor. Chris estremeceu por causa de minha língua e eu aproveitei a deixa e mordi seu pescoço, sabendo que meu ato deixaria marcas. E essa era a minha intenção: deixar marcas visíveis em Christopher.

Enquanto eu mordia seu pescoço, sentia a sua barba roçar de leve meu rosto, me fazendo estremecer.

Cravei minhas unhas em seu ombro e ele apertou meu quadril levemente, ao mesmo tempo que puxava meu cabelo, trazendo meu rosto ao dele e me beijando.

Eu desacelerei quando senti a língua fria de Chris em minha boca, tocando e excitando a minha própria língua.

Chris não deixou nosso ritmo morrer, ele levantou um pouco meu quadril e meteu fundo, duro e rápido em mim, me fazendo gemer em sua

NACIONAIS-ACHERON

boca de surpresa e de puro prazer.

Me afastei de sua boca e ainda com minhas mãos em seus ombros o apertei um pouco mais, e em seguida as pus na lateral de sua cabeça, me dando estabilidade para assumir o ritmo, fazendo Chris parar de se mexer e me deixar fazer o que quisesse. Eu estava adorando a liberdade que ele me dava. Ele não se importava em me dar espaço, ele simplesmente dava, sem tentar assumir como um Neandertal faria.

Gememos juntos quando meu ritmo se intensificou. Fiquei sentada em Chris, com minhas mãos agora em seu abdômen, se eu estava pesando ou doendo nele, ele não se pronunciou. Eu acelerava mais e mais.

Eu estava cavalgando em Chris sem nenhuma inibição, enquanto meus seios saltitavam com meu ritmo constante. As mãos dele, que estavam agora espalhadas no lençol de sua cama, vieram para meus seios, apalpando eles de uma forma maravilhosa.

– Oh! Chris! – gemi alto.

Joguei minha cabeça para trás, sem diminuir meu ritmo e me deixei levar sentindo cada centímetro do membro de Chris me preencher e foder com meu corpo e mente.

Oh! Meu Deus! Eu não queria admitir isso tão cedo, mas aquele garoto estava realmente me fodendo de fora para dentro, de dentro para fora.

– Agatha! – Chris gemeu meu nome com aquela sua voz rouca, e incredivelmente eu senti meu corpo esquentar ainda mais. – Foda-se mulher! Você é perfeita! Perfeita!

Senti uma onda de felicidade estúpida e infantil me dominar com aquela sua admissão... Mas como Benny sempre dizia: *o que é dito na cama, não se leva para vida*. E ele estava com toda razão. Na cama, no sexo, tudo era válido, fora dela a verdade das palavras e alguns atos transpareciam ou não. Mas, ainda assim, me deixei levar pelo momento, e olhei para Chris,

NACIONAIS-ACHERON

para saber então que ele já estava me olhando.

Seus olhos entravam em mim. Só seu olhar já fodia meu sistema. Aquele olhar negro, do qual mal se notavam as íris na meia-luz daquele quarto. "Meia" luz essa que só vinha da iluminação da rua e da lua pela sua cortina aberta. Seu olhar me comia. Eu sentia que ele entrava em minha alma, me investigando, me explorando, me conhecendo.

– C-chris... – pronunciei seu nome entre gemidos e engasgando, quando Christopher pegou meus mamilos entre seus dedos, fazendo todo meu corpo se arrepiar ao seu toque e aperto.

Christopher largou um de meus seios e pôs sua mão em meu quadril, me levantando um pouco e como havia feito antes, penetrou fundo em mim, fazendo eu sentir o que faltava de seu pau.

Ele se encaixava perfeitamente em mim, seu membro entrava e saía me causando uma onda de espasmos, seguido por outra de relaxamento e prazer.

– Ohhh! – gemi alto e Christopher não ficou para trás, seu gemido foi gutural.

– Caralho Ruiva! Eu não vou demorar... – Christopher deixou seu corpo desabar na cama, e eu voltei a cavalgar em cima dele.

A cama rangia e eu senti minhas paredes internas se apertarem em torno do membro de Christopher. Ele colocou ambas mãos em meus quadris e quando eu enfiei fundo nele para dentro, ele fez o mesmo no sentido contrário, fazendo nós dois, mais uma vez, gemermos juntos enquanto gozávamos.

XXX



Put a que pariu! Agatha se mostrava cada vez mais impressionante e surpreendente. Ela saiu de cima de mim, desabando seu corpo gostoso no meu. Não hesitei em passar um de meus braços em volta de sua cintura fina, Agatha descansou sua cabeça em meu ombro, e eu acariciei seu cabelo com minha mão livre.

A barriga de Agatha estava grudada na minha e eu pude ouvir quando seu estômago roncou, acabei dando risada, que ela logo acompanhou.

– Parece que alguém já está com fome... – brinquei.

– Esse "alguém" já está com *muita* fome! – Agatha levantou o rosto para me olhar e sorriu, seus olhos azuis brilhavam e me fascinavam.

– Antes um banho? – propus com um sorriso malicioso.

Minha Ruiva revirou os olhos, pegando minha brincadeira, ainda sorrindo e em seguida mordeu seu lábio inferior. Caralho! Eu já podia sentir meu membro ficar semiereto só com aquele seu olhar e mordida no lábio.

– Acho que precisamos comer antes de "tomarmos um banho".

– Vamos comer! Rápido! – disse, tirando-a delicadamente de cima de mim, e a pegando pela mão para guiá-la à cozinha.

Definitivamente precisávamos comer e logo, para irmos tomar *aquele* banho. Ainda bem que eu tinha comprado comida na sexta, porque achava que Júlia passaria o final de semana comigo. Mais uma vez, eu agradei silenciosamente à Júlia.

– Você tem comida? – Agatha perguntou quando entramos em minha cozinha e eu acendia à luz.

Estávamos tão dispersos antes, que, não tínhamos acendido nenhuma lâmpada. A única iluminação da casa era da rua, tirando agora a da cozinha.

Estávamos nus e Agatha não parecia se importar em exhibir seu corpo enquanto andava para mim. Minha Ruiva soltou minha mão e ficou de costas para o balcão em minha cozinha americana, apoiando seus cotovelos nele, e analisando toda minha cozinha como fosse algo de outro mundo.

Sorri, não entendendo o olhar dela. Minha cozinha estava arrumada, talvez fosse isso. Provavelmente ela esperava encontrar uma bagunça, já que era a casa de um homem solteiro.

– Tenho! – respondi abrindo os armários e mostrando a ela pacotes de comida fechada.

Agatha franziu o cenho.

– Você sabe cozinhar?

– Não. – encarei aqueles olhos tentadoramente azuis, que, me encaravam de volta – E você?

– Também não. – esse foi um dos momentos mais engraçados de minha vida, sem dúvida.

Eu e Agatha nos olhamos por longos segundos sem dizer absolutamente nada, então, do nada, começamos a rir. Rimos muito, de fazer

doer a barriga. Tinha muito tempo que eu não ria daquela forma, quanto mais por uma besteira como essa, de, ambos não sabermos cozinhar.

– Pizza? – Agatha sugeriu, me fazendo soltar um suspiro de alívio.

Felizmente ela não era uma dessas mulheres que se importavam fodidamente com seu corpo, ao ponto de praticamente não comer nada que fosse bom, de vez em quando.

– Pizza! – concordei provocando uma outra onda de risadas de nós dois.

Eu liguei para uma pizzeria bem próxima de minha casa. Não demoraria nem vinte minutos para eles chegarem, então, eu e Agatha fomos colocar alguma roupa. Eu vesti apenas uma bermuda e ela me pediu uma camisa minha, entreguei a ela uma camisa de mangas curtas.

Agatha era uma mulher alta, mas eu era bem mais alto que ela, com isso, minha camisa ficava no meio de suas coxas. Ela estava linda. Linda do jeito que eu gostava: com aquela simplicidade.

Ela vestia só minha camisa, sem sutiã, nem calcinha. Seu cabelo estava solto e bagunçado, dando um ar bastante sexy. Melhor era sua maquiagem, que já não existia, deixando seu rosto natural, e suas sardas mais visíveis.

Ficamos em meu sofá enquanto esperávamos o entregador com nossa pizza grande, de sabor misto.

Passou, naquele momento, diversas perguntas que eu poderia fazer à Agatha. Coisas que antes ela nitidamente omitiu, contudo, eu não perguntaria sobre essas coisas, já que, eu mesmo omiti sobre minha mãe. Não que eu quisesse esconder de Agatha, mas eu não achava que aquele momento seria apropriado para falar do suicídio de minha mãe.

Minha sala não era muito grande e como eu não levava muita gente para meu apartamento, preferi deixar a sala com um único sofá de quatro lugares, uma estante com uma tevê e uma pequena mesa com quatro cadeiras

NACIONAIS-ACHERON

em um canto da mesma.

Eu estava deitado no sofá com minha cabeça no colo de Agatha, enquanto ela fazia cafuné em mim. Eu amava cafuné. Minha mãe, antes de entrar na depressão, era a mulher mais carinhoso que eu conhecia, e ela fazia cafuné em mim, para eu dormir. Depois dela minha tia fez o mesmo, dessa vez, também era para eu conseguir dormir, mas por causa dos pesadelos que me assombravam à noite.

Minha tia achava que eu tinha que fazer terapia na época do suicídio de minha mãe, porém, eu rejeitei a ideia com todas as minhas forças. Felizmente ela concordou, me deixando ficar na casa dela, sem ir ao colégio por pouco tempo. Mas eu logo quis voltar a minha vida normal, era a única forma que eu deixaria de focar meus pensamentos daquela tragédia.

Não fiquei traumatizado com nada que aconteceu, mas que foram tempos difíceis, foram. Sem dúvida foi o tempo mais difícil em toda minha vida. Atualmente eu sabia que não havia nada que acontecesse hoje, com pessoas próximas de mim, que fosse tão trágico, quando foi aquela época.

Agatha ainda me fazia cafuné, e eu pude apreciá-la, sem ela saber, pois sua cabeça estava inclinada para trás, para o encosto do sofá, e seus olhos estavam fechados.

É claro que eu não comparava o fato de Agatha me fazer cafuné como algo materno, mas eu comparava como algo carinhoso. Fodidamente carinhoso. Como as mulheres mais importantes de minha vida fizeram para mim, contando Júlia também.

Quando eu abri a boca para falar algo, Agatha abriu os olhos, sorriu, me encarou, e enfim, disse: – Então, me fale sobre as suas antigas namoradas...

Não sei de onde ela tinha tirado essa vontade de falar isso, já que, ela não parecia que queria saber sobre nada muito pessoal, porém, eu sorri.

– Só tive uma namorada. – comentei. – Júlia, a garota que você conheceu no evento de sábado.

– Ah! – foi tudo que ela falou e desviou seu olhar do meu. *Estranho*.

– Mas temos, sei lá, cinco anos como apenas bons amigos. Terminamos quando eu vim para a capital.

Percebi que elaalaria algo mais, mas, o interfone tocou. Me levantei, um pouco relutante do sofá e fui atender.

– Oi! – disse ao porteiro.

– Chris, você pediu uma pizza grande?

– Sim, pode mandar subir. Obrigado!

Ouvi quando o porteiro falou algo ao entregador de pizza, se despediu e desligou. Não demorou quase nada quando o entregador tocou a campainha. Eu já estava com o dinheiro da pizza em mãos, então, deixei a porta entreaberta, para o entregador não ver Agatha, que só usava uma camisa em meu sofá. Falamos um para o outro, mecanicamente, "boa noite", eu entreguei o dinheiro e a gorjeta, e ele me entregou a pizza. Tranquei a porta atrás de mim quando o entregador deu as costas para ir embora.

Coloquei a pizza no chão e a tirei da embalagem. O cheiro bom da pizza se espalhou por toda à sala. Olhei para Agatha e por um momento pensei em me levantar com a pizza, pensando eu que, ela não queria comer no chão, mas quando dei por mim ela já estava sentada no chão enquanto tirava um enorme pedaço da pizza e comia. Sem guardanapo, nem nada.

Fiquei parado feito um idiota olhando Agatha comer com vontade seu pedaço de pizza. Não tinha pedido nenhum refrigerante, porque eu já tinha em minha geladeira.

– Que foi? – Agatha falou depois de engolir e em seguida começou a limpar a boca com as costas da mão – Estou com a boca suja?

Sorri e me aproximei dela, que estava na minha frente, a única coisa que nos dividia era a pizza entre nós. Pus minhas mãos em suas coxas nuas, deixando meus joelhos no chão, beijei seu pescoço, sentido seu gosto natural e fazendo minha barba roçar intencionalmente em sua pele lisa. Agatha pareceu engasgar e gemeu baixinho, pondo a mão limpa em meu cabelo. Levantei meu rosto e dei de cara com seu olhar selvagem e tentador.

Eu não conseguia resistir a essa mulher. Eu não queria resistir.

Minha Ruiva estava com as costas apoiadas no meu sofá, e eu só conseguia me imaginar fodendo-a de quatro, invés de suas costas apoiadas no sofá, os braços, para deixar sua bunda bem visível para mim.

Agatha colocou seu pedaço de pizza sobre a embalagem da mesma e arrastou-a para longe, deixando nada mais em nosso caminho. Ela queria, com fome ou sem, ela me queria, tanto quanto eu.

Beijei sua boca como um homem esfomeado que eu era... por ela. E ela retribuiu, agora com as duas mãos em meu cabelo, provavelmente o sujando de migalhas de pizza, das quais eu pouco me importava.

Levantei do chão, puxando-a comigo, ficamos cara a cara. Ela sorria e mordida seus lábios. Eu sorria torto.

Sussurrei em sua orelha, causando óbvios arrepios por todo seu corpo: – Ruiva, fique de costas para mim, com os joelhos no chão, e os braços apoiados no sofá.

Ela não hesitou em tirar a minha camisa, jogando ela no chão e em seguida ficando na posição que eu mandava. Pude apreciar sua bunda se remexendo enquanto esperava por mim, mas eu ainda não faria nada com ela. *Ainda.*

Despi-me rapidamente da bermuda, depois tirei as únicas duas almofadas do meu também único sofá e pus embaixo dos joelhos de Agatha, para evitar de feri-la. Fiquei com meu corpo inclinado, deixando meu pau, NACIONAIS-ACHERON

agora totalmente ereto, encostando na bunda de Agatha, e uma mão minha no encosto do sofá, com a outra enrolei no cabelo dela, puxando sua cabeça um pouco para trás.

Rapidamente retirei minha mão do encosto do sofá e pus em meu pau, achando sua entrada úmida facilmente e enfiando meu pau nela. Gememos em uníssono. Apoiei novamente minha mão no sofá e penetrei ainda mais fundo nela.

Agatha era quente, apertada, e fodidamente gostosa. Quando eu enfiava nela, eu não queria mais sair, tentava prolongar ao máximo meu clímax para poder senti-la por mais tempo em torno de meu pau.

Gemi rouco seu nome enquanto a fodia com força, fazendo nossos corpos se remexerem rapidamente com meus movimentos quase brutos.

– Christopher! – eu tinha certeza que todos os meus vizinhos daquele andar tinha ouvido o gemido alto de Agatha. E isso era fodidamente sensual.

– A-Agatha! – engasguei, gemendo seu nome entre respirações irregulares.

XXXI



Christopher gemeu meu nome, engasgando e entre respirações hesitantes. Era fodidamente sexy.

Eu estava com meus joelhos em cima de duas almofadas, das quais, Chris havia colocado gentilmente embaixo de mim. Sobretudo, suas estocadas em mim não eram gentis, eram selvagens, e eu adorava aquilo.

Minhas mãos estavam apertando o estofado do sofá para eu conseguir manter alguma estabilidade. Chris puxava minha cabeça para trás pelo meu cabelo, e com esse movimento eu olhava para ele, e sempre ele estava olhando para mim.

Nossos olhares se conectavam, se fundiam, se entrelaçavam um no outro. Seu olhar âmbar fazia-me esquecer de tudo, só conseguia pensar nele e em seu corpo, principalmente no prazer que ele me proporcionava.

Voltei minha cabeça para o sofá, encostando minha testa no mesmo. Chris colocou sua boca em minha nuca beijando de leve e roçando sua barba em mim, meu corpo inteiro se arrepiou. Meu corpo sempre se arrepiava quando eu sentia seus beijos e sua barba.

Suas estocadas eram rápidas, ágeis e frenéticas. Eu não conseguia parar de gemer, saía completamente involuntário. Chris tirou sua mão do encosto do sofá e pôs em minha bunda, apertando-a de leve e em seguida dando-lhe um tapa de deixar marca. Embora, seu tapa não tenha me causado dor alguma, pelo contrário, havia me causado uma onda de prazer. Bem, *ainda mais*.

Percebi que meu corpo reagia à Christopher de uma forma diferente, como nunca tinha sido com nenhum outro homem. Eu não pensava em fome, em sede ou cansaço quando ele estava dentro de mim. Eu só pensava no prazer de estar com ele, no prazer de senti-lo dentro de mim, e nada mais. Nada mais importava, além de seu membro em mim e suas fortes estocadas.

Chris deu mais um tapa em minha bunda, eu pude sentir seu gemido rouco, praticamente animal, em minha nuca. Chupei uma lufada de ar, para depois gemer. Christopher puxou, como sempre fazia, meu cabelo para trás, e novamente nossos olhares se encontraram. Embora, brevemente.

O sofá estava saindo do lugar por causa de seus movimentos. Eu tentava me mexer, mais sempre que tentava Chris me dava um leve tapa na bunda para parar meus movimentos. Ri um pouco, porque era isso que eu havia feito com ele antes.

Chris começou a desacelerar, me matando de expectativa ao esperar, sem saber, quando, ele voltaria a acelerar seu ritmo novamente.

Mais uma vez tentei me mexer, e Christopher me deu mais um leve tapa, em seguida pôs sua mão no encosto do sofá, dando-lhe apoio. Ele continuou me massacrando ao sair e entrar fundo de mim, levemente. Gemi esperando pacientemente por mais.

E não demorou para ele puxar minha cabeça, pelo meu cabelo, para trás, para me olhar e enfiar fundo, rápido e com tudo. Sua mão abandonou meu cabelo, deixando ele cair como uma cascata pelo meu rosto e senti seus

dedos descerem entre meus seios à minha barriga, até parar em meu púbis, enfim chegando em meu clitóris inchado.

– Chris! – eu gemi.

– Calma garota! – ele brincou.

Ele estava simplesmente usando tudo que eu fiz mais cedo contra, ou melhor dizendo, a favor, de mim.

Seus dedos trabalharam em mim, com movimentos circulares e o apertando entre seus dedos, para depois voltar com os movimentos circulares de antes.

Eu senti aquela combustão, tão forte quanto a primeira. Minhas paredes internas se fecharam em torno do membro de Christopher e eu tive um longo e maravilhoso orgasmo múltiplo. Uma onda se misturava com a outra, fazendo todo meu corpo soltar espasmos de prazer, seguido de uma onda de relaxamento.

Christopher ainda não tinha gozado, e continuava dentro de mim, com os dedos em meu clitóris e pau em minha entrada, me fodendo fundo e forte, como sempre. Ele mordeu meu ombro e eu suspirei.

– Caralho! – Chris suspirou e ele não precisava dizer mais para eu saber que ele estava perto – Ruiva!

Seus gemidos roucos, sua barba roçando em mim, seu toque em meu clitóris eram foddidamente tentadores. Eu sentia que eu estava novamente na borda, pronta para gozar novamente.

Chris gemeu mais duro e praticamente gritou meu nome quando encontrava seu próprio clímax. Não demorei muito para sentir a minha onda de prazer mais intenso e profundo.

Deitei-me no chão, por cima de sua camisa e bermuda, com minha barriga para baixo. Christopher saiu devagar de mim, e se deitou por cima de

mim também. Pude senti sua pele suada na minha, e sua barba roçando minhas costas.

Ficamos assim por longos minutos, até Chris se mexer em cima de mim, sem sair, e murmurar em meu pescoço: – Acho que a pizza esfriou.

Comecei a rir e ele acompanhou.

– Você acha demais. – disse.

Chris saiu de cima de mim e eu continuei deitada. Pude ver de canto de olho quando ele pegou a embalagem da pizza no chão e a levou para a cozinha. Enquanto ele caminhava eu reparei em sua bunda, Christopher parecia saber que eu o olhava, já que, do nada, ele olhou para mim por cima do ombro.

– Me desejando?

Dessa vez eu que abri um sorriso torto com meu queixo sendo apoiado pelo chão, para eu olhá-lo melhor.

– Ainda há dúvidas?

Christopher sorriu.

– É recíproco.

– À dúvida ou o desejo? – questionei.

– Definitivamente o desejo. – ele disse se virando e entrando na cozinha, me deixando na sala com um sorriso estúpido no rosto.

XXXII



Agatha era irresistível, mas agora a minha fome era intensa. Esquentei a pizza no micro-ondas e depois nós dois comemos no chão da sala, do jeito que estávamos, ficamos: completamente despídos.

Nossa noite não acabou depois disso, fomos enfim tomar aquele banho, que deixou de ser um "banho", para ser realmente um banho, porque estávamos cansados demais, mas não deixamos de roubar alguns beijos, literalmente, molhados, embaixo do chuveiro.

Nos enxugamos e deitamos nus em minha cama, Agatha pediu para eu colocar meu relógio, de uma escrivaninha ao lado da cama, para nos despertar, logo em seguida dormimos. Eu de barriga para cima e Agatha de bruços, esparramada.



Acordei na manhã seguinte, não pelo meu despertador, e sim por uma sensação de puro prazer, tanto que eu arqueei minhas costas da cama. Quando olhei para baixo, em direção ao meu pau, vi Agatha me chupando e depois, sem pudor, engolindo cada gota de meu sêmen.

Fomos tomar um *aquele* banho. Mais fodemos que realmente tomamos o tal banho. Eu não pude deixar de recompensar Agatha pelo seu oral matinal, fazendo o mesmo com ela no banheiro, até ela gozar profundamente

em minha boca.

Agatha vestiu uma cueca minha, dizendo que não ficaria sem calcinha o dia todo, e eu ri ao vê-la usando minha cueca. Ela se arrumou rapidamente com sua roupa do dia anterior que estava espalhada pela minha casa e eu fiz o mesmo, porém me vesti com uma bermuda preta de pano grosso e uma camisa larga rosa.

Depois de deixar Agatha na agência eu iria à academia. Normalmente eu deixava uma roupa prática e confortável dentro do carro para a academia, mas como hoje eu estaria indo para ela direto de casa não precisaria usá-la.

– Posso te fazer uma pergunta? – Agatha questionou.

Estávamos na garagem enquanto eu abria a porta do carona de meu carro para ela. Agatha entrou no carro e eu dei a volta rapidamente, para sentar no banco do motorista.

– Pode me perguntar qualquer coisa. – o sorriso que dei a ela era o mais sincero de todos.

Eu realmente não me importaria de responder o que quer que ela quisesse saber.

– Como você vive? – arqueei uma sobrancelha e ela sorriu antes de concluir – Você me disse que mora na capital desde os dezoito anos, então, eu estou supondo que você sempre morou sozinho, sendo assim, são cinco anos. Quero saber como você vive sozinho sem saber cozinhar?

Cai na gargalhada.

– E você mora sozinha há quanto tempo? – questionei à Agatha.

– Desde que me separei, e isso tem, quase três anos...

– Como você vive sozinha sem saber cozinhar?

– *Touché*. – o revirar de olhos seguido de um sorriso de Agatha foi o mais lindo que eu já vi em toda minha vida, tanto que eu não resisti e lhe dei

um beijo suave em seus lábios.

Como sempre, ela retribuiu, me beijando tão suavemente quanto eu fazia.



Deixei Agatha na frente de sua agência, ela não deixou que eu a levasse para a entrada da mesma, nem que eu saísse para abrir a porta do carro para ela. Ela me disse que era uma atitude *ímpar*, mas que eu pareceria um motorista particular se fizesse. Não me importei com isso, apenas ri.

Realmente, além de tudo, Agatha era uma mulher sincera, para alguns, talvez, sua sinceridade se confundisse com grosseria, eu, por outro lado, achava bastante engraçado.

Ela me disse para eu não ligar para ela (não teria como, eu não tinha o número pessoal dela, só o da agência), de início fiquei sem reação achando que ela já estava me dando um pé na bunda, mas meu corpo todo relaxou quando Agatha me disse que me ligaria avisando se eu tinha ou não passado para a campanha, mas que talvez não fosse hoje.

Eu não sabia se ela queria ou não ter algo comigo novamente, mas quando ela me deu um beijo excitante como o inferno antes de sair de meu carro, eu, mais uma vez, relaxei. Ela seria minha de novo, e eu sentia que não demoraria para isso acontecer. *Novamente*.

Fui para a academia, dessa vez, Ian não estava nela. Provavelmente ele ainda estava dormindo pesadamente em seu apartamento. Malhei por pouco tempo as pernas, minha cabeça estava focada em Agatha. Eu precisava

encontrar Ian. Só poderia conversar com ele sobre Agatha e nossa noite.

Pela primeira vez eu não pensei em mulher, (desde que vim para capital), como uma foda qualquer. Pela primeira vez eu pensava em Agatha. Uma mulher por completo. Não somente uma foda casual. Ela era mais que isso, e eu não era burro para não ver.

XXXIII



Eu cheguei na agência cedo, mas logo percebi, pelo barulho, que eu não era a única nela. Não parei para saber quem já tinha chegado, subi para minha sala.

– Bom dia senhora! – Victoria me cumprimentou enquanto passei por ela.

– Bom dia. – pausei mexendo na alça da minha bolsa – Você sabe quem já chegou?

– Jerry, alguns fotógrafos, eu e Benny. A propósito, Benny mandou eu avisar para quando à senhora chegasse, que, ele te espera na sala dele.

Assenti e sem esperar mais, fui em direção à sala de Benny. Encontrei ele fumando em uma varanda pequena que havia em sua sala espaçosa.

– Baby! – ele sorriu largando o resto de seu cigarro e vindo até mim assim que me viu.

Benny me abraçou, sorrindo e exibindo suas covinhas.

– Eu sou só ansiedade e curiosidade.

Gargalhei saindo de seu abraço.

– Acho que temos muito o que conversar. – sussurrei jogando minha bolsa em uma poltrona e Benny bateu palmas.



Contei tudo para Benny, em um tom baixo. Ele me escutou atentamente, infelizmente não tivemos a chance de conversar muito mais sobre, porque tínhamos que trabalhar.

A reunião, com os gerentes da empresa que nos contrataria para as tais campanhas, seria a tarde. Tínhamos enviado algumas fotos e dados básicos dos três pré-selecionados ontem e esperávamos hoje pessoalmente a resposta deles sobre o selecionado e aproveitaríamos para falar da garota que viria a modelar com o selecionado no comercial.

Quando a tarde chegou, eu e Benny, nos reunimos com os empresários e eles falaram o que já era óbvio para todos da agência. Eles tinham selecionado Christopher e eles não queriam decidir a tal garota que viria a modelar com ele ainda. Aceitamos e fechamos o bendito contrato.

Já estava entardecendo quando Benny apareceu em minha sala.

– Baby, você não vai ligar pra ele agora? – então como quem não quer nada, ele deixou um papel com um número em cima de minha mesa.

– Benny, para quem não queria que eu nem encostasse nele, você parece bem animado e disposto ao contrário.

– As pessoas podem mudar de opinião. – ele disse sorrindo e exibindo suas covinhas.

– O que te fez mudar de opinião sobre isso?

– O próprio garoto, é claro. – percebi naquele momento que Benny evitava ao máximo de sequer pronunciar o nome de Christopher.

– Como? – arqueei uma sobrancelha e Benny revirou seus olhos.

– Ele não é nada do que eu imaginava. Se ele fosse ruim você não estaria, nem sequer, tentada a ligar para ele.

– Nisso você tem razão.

– Eu sempre tenho razão, baby.

Olhei para o papel na mesa e depois de pensar por longos segundos peguei.

– Você já ligou para os outros dois garotos da pré-seleção? – perguntei à Benny sem olhar para ele.

Eu ainda encarava o maldito papel com o número em minha mão.

– Victoria já fez isso. – Benny deu uma risada estranha e pigarreou chamando minha atenção para olhar para ele e ver seus olhos caramelados brilhando – Liga! Não perca tempo.

– Eu nunca me senti assim... – admiti ao meu amigo que se sentou em uma cadeira do outro lado de minha mesa.

– Assim como, baby?

– Insegura. Eu nunca me senti tão insegura sobre uma pessoa.

– Eu te entendo. É realmente novo para você. Há quanto tempo que você não sai e tem um encontro seguido de fodas selvagens com um homem?

Só Benny para me fazer rir com seu sarcasmo.

– Não é isso que estou falando. – argumentei – Estou insegura sobre conhecê-lo. Há realmente muito tempo que eu não conheço alguém de verdade.

– Você quer dizer conhecê-lo no sentido de saber as coisas que ele

gosta, sua família, seus sonhos e toda essa merda desnecessária?

– Exatamente! *Toda essa merda desnecessária.*

– Mas você não precisa conhecê-lo, baby. – Benny sorriu e pegou minha mão do outro lado da mesa – Você pode simplesmente pular a parte dos encontros para as fodas.

– Eu não sei, Benny... Com ele é estranho, sabe? É como se eu não conseguisse fugir, é como se eu pudesse conversar.

O olhar que meu amigo me deu foi o mais sério que eu já vi em seu rosto.

– Agatha, ele não entenderia sua vida, muito menos seu passado e as escolhas que você tomou nele.

Aquilo doeu. Senti meu coração parar uma batida, para em seguida, bater mais forte em meu peito. Benny estava tão certo que doía. E muito. Nem Christopher, nem nenhum outro homem entenderia minhas escolhas do passado. Eu estava fadada a viver guardando tudo para mim.

Eu era considerada uma mulher grossa, fria ou até mesmo má, mas, algumas vezes, eu apenas desejava ter alguém com quem conversar, não somente Benny. Alguém que não me recriminasse, alguém que pudesse me amar acima de toda a merda que eu já fiz.

– Eu sei, Benny. – concordei com meu amigo.

E eu realmente sabia disso. Christopher não entenderia.



Fui para minha casa sozinha naquele dia. O céu estava em um

crepúsculo bonito, tinha entardecido depressa. Benny disse que faria alguns exames de rotina e pediu um táxi. Ele vivia sem seu carro.

Não tínhamos na agência uma data certa para começar a tirar as fotos da campanha de Christopher de cueca, contudo, teria que ser esta semana. Teríamos até segunda-feira da semana seguinte para entregar o material pronto, editado e impresso.

A campanha em si não teria nada de muito trabalhoso para ser feito. Christopher era simplesmente perfeito para ela, e não precisaria de uma série de edições, talvez, só alguns ajustes profissionais de Jerry na imagem, e não no modelo.

Uma parte de mim queria prolongar ao máximo essa campanha, outra queria apressar. Depois dela, Christopher e eu seguiríamos em caminhos diferentes, sem ressentimentos. Assim eu esperava. Assim seria.

Depois de tomar um banho me vesti com a primeira roupa que achei: uma calça de moletom e uma regata gasta. Deixei meu cabelo em um coque desarrumado e me deitei na cama.

Meu celular estava na beirada da cama, e o peguei antes dele cair. Um impulso maior falou por mim, e eu abri a agenda do mesmo, achando facilmente o meu novo contato: Chris Tyler. Antes que esse impulso irracional me abandonasse, eu liguei para ele.

No terceiro toque uma voz rouca e fodidamente sexy atendeu: – Alô?

XXXIV



— *Vai se foder!* — Ian esbravejou.

Estávamos na sala de seu apartamento, do qual eu tinha decidido sentar em uma poltrona, porque apenas ela estaria sem vestígios de suas fodas. Eu acreditava.

— Por que não me contou isso antes? Você simplesmente come à Agatha Lancellotti, dona de uma agência de publicidade e não me conta nada?

Quando, um pouco mais cedo, eu tinha chegado em seu apartamento, uma loira seminua atendeu à porta, grogue de sono. Estranhei Ian ter deixado uma mulher dormir em seu santuário (como ele chamava seu apartamento, mas eu preferia dizer o clichê "abatedouro" mesmo), mas não comentei nada. Perguntei por ela para ele, e ele apareceu, só de cueca e com o rosto amassado.

Ian simplesmente mandou a mulher ir embora para nos deixar conversar sozinhos. Sim, ele *mandou* ela ir, sem beijo de despedida, sem nenhum tipo de afeto, nem levá-la até a porta. Percebi que a loira ficou triste com sua frieza, mas não demonstrou para ele, ainda deu seu número e nome em um pedaço de papel, do qual Ian jogou fora.

Nesses cinco anos que eu morava na capital, eu não tinha sido o melhor

NACIONAIS-ACHERON

exemplo de homem, por isso, preferia foder em motéis, mas eu também não conseguia ser como Ian. Ele era extremamente grosso com qualquer uma que demonstrasse ter interesse de um segundo encontro. Ou melhor: segunda foda. Ian não saía para encontros.

Para Ian figurinha repetida não completava seu álbum. Eu também tinha isso de diferente dele, eu não me importava em sair com a mesma mulher por mais de uma vez, caso essa mulher valesse à pena.

– Como simplesmente você sabe quem é a Agatha? – perguntei ao meu amigo que estava sentado em seu sofá de três lugares, tomando dois dos lugares com seu tamanho.

Eu e Ian tínhamos quase a mesma altura, mas Ian era mais musculoso que eu e poucos centímetros mais alto também.

– Pelo que eu me lembro quando conversamos no meio da semana, antes do evento, você só sabia que uma mulher era dona da agência, mais não sabia quem era.

– Quando aquela garota apareceu no domingo; Victoria, acho, ela me entregou um cartão também, e eu pesquisei sobre essa Agatha.

Era verdade. Agora eu conseguia me lembrar de ver Victoria entregando para Ian um outro cartão da agência.

– Mas eu não estou aqui para falar que estou transando com ela...

– E está para quê? – Ian me cortou e concluiu, sonhadoramente: – Ela é bem quente.

– Sim, mas ela é bem diferente também...

– Foda-se! Estou perdendo um pirata? – Ian e eu brincávamos que éramos "piratas solitários", e que não haveria mulher capaz de nos dominar.

– Calma, *Howard*! – brinquei falando seu segundo nome.

Ian não riu como eu esperava, pelo contrário, ele ficou mais sério.

– Não me chame assim.

– Por quê, Howard? – perturbei. – O que isso te faz lembrar?

– Não me faz lembrar nada! – Ian praticamente gritou e eu percebi que aquele simples ato de chamá-lo pelo segundo nome realmente o fazia lembrar de algo... Ou alguém.

– Qual foi? Eu não sou seu melhor amigo?

– Me faz lembrar de uma mulher proibida pra mim, só isso. – Ian admitiu.

– *Só isso?* Chamar você de "Howard" faz você pensar em uma mulher e você me diz que é 'só isso'? E por que ela seria proibida?

– No coração ela tem um dono. – a forma como Ian falou foi tão verdadeira que eu pude ver em seus olhos um vislumbre de tristeza, quase como se ele sentisse um *ardor* em lembrar dessa mulher.

– Eu tenho certeza que você poderá conquistá-la e...

– E não estávamos falando de mim. – Ian me cortou, agora sorrindo maliciosamente – Quero explicações! Quando você fodeu à Agatha e por quê não me contou logo?

– Não é como se tivesse acontecido há tempos, foi ontem... e hoje. Ela dormiu em meu apartamento.

– Em seu apartamento? Sério? O lugar onde você não deixa nenhuma mulher qualquer entrar?

– Ela não é uma qualquer. – admiti – Porra Ian! Eu não sei explicar, beleza? Mas sinto quase como se um fio invisível me puxasse até ela. Há uma química palpável entre nós.

– Você acha que ela sente essa química "palpável" também?

– Não sei, no começo ela tentava me evitar, mas não demorou tanto assim para ceder. Eu sei que ela me quer, tanto quanto eu. Eu consigo ver,

entende?

– Entendo... – o olhar de Ian demonstrou um entendimento nítido sobre o que eu falava – Então vocês vão foder regularmente?

– Eu espero que ela não tente me evitar de novo. Ela é a mulher que eu sempre quis na cama e quero ter outra vez.

– Ela é melhor que Júlia?

Sua pergunta me fez estreitar os olhos e cerrar o maxilar.

– Que tipo de pergunta é essa, Ian?

– Calma! – Ian levantou as mãos em sinal de rendição – Só estou querendo saber se Agatha é tão boa quanto as outras que você teve.

– Júlia não foi uma *outra* que eu tive, Júlia foi a única. – disse e percebi uma expressão estranha no rosto de Ian.

Tristeza? Inveja? Raiva? Eu não sabia definir qual.

– Mas ambos éramos totalmente inexperientes na época, contudo, ela não é uma mulher da qual se pode comparar. Ela continuará sendo única para mim.

– Compreensível, *Casey* realmente não é uma outra qualquer.

– Casey? – arqueei uma sobrancelha.

– Júlia *Casey*, falando assim parece que você não sabe.

– Não é isso, só estranhei essa forma de você se referir a ela. – *estranhei, mais uma vez*, conclui para mim mesmo.

Resolvi mudar de assunto:

– E sobre essa loira que encontrei aqui hoje, você a deixou passar à noite em seu *abatedouro*?

– Meu *santuário*. – Ian me corrigiu rindo – Só deixei porque estava tarde demais para ela ir embora.

– E desde quando você se preocupa com isso?

– Eu tenho coração também, Chris! E ela não tem carro e eu não sou fodido, como você, para levá-la em casa com o meu.

– Isso não é ser fodido, é ser atencioso. – me defendi aos risos.

– Um fodido atencioso, melhorou? Pois bem, eu não sou um.



Eu fiquei no apartamento de Ian até de tarde, antes dele ir à academia e eu ir para o meu apartamento. Era uma merda ficar sozinho o dia inteiro sem ter o que fazer.

Precisava ter passado na seleção da campanha para ter um trabalho. Eu me sentia péssimo ficando em casa como um fodido desocupado.

Resolvi depois de um banho, assistir a um filme para passar o tempo.

Já estava no entardecer quando meu celular tocou, e o meu filme que eu assistia na cama com meu notebook tinha acabado.

Fechei meu notebook devagar, e sem pressa peguei meu celular, deslizando com o dedo na tela para enfim atendê-lo.

– Alô?

– Olá... – ouvi a voz do outro lado parecer um tanto insegura.

Reconheci quem era no ato, sua voz doce fez todo meu corpo ferver só de ouvi-la, e só havia uma pessoa que provocava isso em mim.

– Agatha?

– Como você adivinhou? – imaginei que ela sorria do outro lado da linha.

– Sua voz continua a mesma. – disse – Penso que, se você mesma me

NACIONAIS-ACHERON

ligou, é porque tem boas notícias, estou certo?

– Sim... Seleccionaram você para a campanha. Parabéns!

– Oh! Isso é ótimo! Quando eu começo a tirar as fotos?

– Eu tenho que ver se não há nenhum modelo para Jerry amanhã. Ele é o melhor e precisamos do nosso melhor fotógrafo liberado!

– Tem como ver isso, tipo... *agora*?

Agatha riu, uma risada gostosa e serena.

– Você esperaria na linha?

– Claro! – respondi.

Pude ouvir o clique do que Agatha estava fazendo e então a ligação ficou 'em espera' por mais ou menos um minuto, antes do som voltar, e sua voz doce voltar a falar: – Chris?

– Aqui.

– Falei com Jerry rapidamente e posso imaginá-lo saltitando do outro lado da linha para tirar suas fotos. Amanhã às 10h, está bom para você?

– Sem dúvida.

– Como eles já tinha te aceitado, vieram em uma reunião hoje comigo e Benny para comunicar que você era o selecionado deles e já com as cuecas que você vai usar nas fotos para o catálogo.

– Essa empresa vende o quê? – perguntei.

– Eles são ligados, assim como à minha agência, a um público adulto. Moda íntima para homens e mulheres é o foco da vez deles. Seu novo produto é um preservativo que garante ultra sensibilidade. "Ultra proteção, com ultra sensibilidade" é o slogan deles.

– Você tem algumas dessas camisinhas?

– Sim...

– A gente poderia testá-las e descobrir se elas são tão "ultra" assim. –

ouvi Agatha engasgar e pigarrear, sorri comigo mesmo e mudei de assunto para atormentá-la um pouco – E quem vai fazer o comercial comigo?

– Os gerentes da empresa não querem decidi-la anda, mas parece bem provável que eles escolham alguma que já tem contrato com minha agência. Sobre ela, eles não foram tão exigentes, contudo, hoje deixaram claro que ela tem que ter um *sex appel* diferenciado, *assim como você*. Palavras deles, não minha.

Ri um pouco, Agatha riu também.

– Bom saber que eles acham que eu tenho um *sex appel* "diferenciado", mesmo não sabendo o que isso do "diferenciado" signifique.

– Também não faço ideia, mas é o que eles acham...

– Então? – senti que minha voz soou mais rouca que o habitual.

Só de ouvi-la meu corpo reagia de uma forma diferente. Minha simples pergunta tinha inúmeras intenções, tanto que ouvi que Agatha suspirava.

– O quê?

– Vamos testar o preservativo? – esse foi o jeito mais delicado que eu achei para perguntar: *vamos foder?*

– Desculpe, não dá. Tenho coisas para fazer.

– Eu não posso prometer que vai ser rápido, porque não vai... Você poderia adiar essas coisas para amanhã.

– Nós vamos nos encontrar amanhã, às 10h. Esteja lá! – e com isso ela desligou.

Qual era o problema dessas mulheres por ligação? Nem sequer um "tchau" eu ouvi, apenas o sinal de que ela tinha desligado na minha cara.

Amanhã ela seria toda minha novamente. Ela não perdia por esperar...

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

XXXV



Desliguei bruscamente à ligação, tendo medo de que meu corpo me traísse e eu concordasse em vê-lo. Sim, eu queria vê-lo, mas eu precisava de um tempo para pôr meus pensamentos no lugar.

Se eu encontrasse com ele, eu ficaria uma bagunça fodida para amanhã. Queria encontrá-lo com tudo em ordem amanhã, sem nenhum devaneio ou pensamento devasso... Porém eu achava isso quase impossível. Era difícilimo estar ao lado de Christopher e não pensar em nada sórdido.

Com meu celular ainda em mãos, tentei ligar para Benny, mas a ligação caiu na caixa postal. Imaginei que ele ainda faria seus exames. Suspirei, queria tanto poder encontrar meu amigo e conversar.

Eu não podia ficar em casa parada, meu corpo me trairia e iria até Chris, então troquei de roupa, vestido um top preto, uma calça de malha também preta, deixando meu cabelo preso em um coque e calçando um tênis esporte.

Decidi malhar. O condomínio em que eu morava era um condomínio

de luxo, só de casas. Eu não precisaria sair de meu condomínio para fazer muitas coisas, mas salão de beleza eu preferia os da rua, contudo, a academia do condomínio era excelente. A maior vantagem era que era vazia, detestava academias cheias.

Malhei com meus fones de ouvido e minha música no máximo. Começou a tocar "*Stranger things have Happened*" de Foo Fighters, a mesma que tocou no carro de Christopher. A música era leve, mas só de ouvi-la eu senti meu corpo ferver, ao mesmo tempo que, meu suor descia de meu corpo enquanto eu malhava.

Aquela música me fez lembrar do corpo de Christopher e as sensações de prazer que ele me proporcionava. Malhei cada vez mais pesado tentando não pensar em minhas unhas em suas costas e suas mãos em meu corpo.

Tentei sem sucesso. Eu apenas conseguia pensar em Christopher, até mesmo quando outra música começou a tocar. Seu corpo, seus movimentos, seus toques, seus gemidos não saiam de minha mente.

Eu não conseguiria esperar até amanhã para vê-lo. Não conseguiria e não queria.

Tomei uma decisão impulsiva. Eu estava com uma bolsa carteira com meu celular, do qual ouvia minha música, meus documentos, dos quais eu não saía de casa sem e minhas chaves, de casa e do carro. Com essa bolsa carteira e nada mais além de minha calça de malha e top, fui até minha Mercedes e a liguei.

Eu mal tinha malhado, mas meu corpo estava bastante suado. Não me importei e dirigi assim mesmo até Christopher. Se ele realmente me queria, me teria, mas me teria de qualquer forma. Arrumada e cheirosa de perfume caro, e desarrumada com meu cheiro natural.

Dirigi rapidamente. Estacionei meu carro em frente ao prédio de Chris e entrei pedindo para o porteiro não me anunciar. Ele concordou, mas não

NACIONAIS-ACHERON

sem antes me olhar de cima a baixo, contudo, não comentou nada sobre minha aparência.

Agradei quando o elevador não demorou para chegar e eu o peguei sozinha até o andar de Christopher. Hesitante toquei a campainha. Com minha bolsa carteira em mãos, eu a apertei, um pouco tensa. Agi impulsivamente, com isso, eu corria riscos. Principalmente o de Christopher não estar em casa ou pior, estar, mas acompanhado.

Não tive muito tempo para pensar sobre quando vi que o olho mágico escureceu e a porta se abriu, revelando um Christopher com apenas uma toalha enrolada em sua cintura frouxamente. Seu cabelo e barba estavam molhados de seu recente banho.

Sim, eu já o tinha visto nu, mas vê-lo novamente seminu não diminuiu o efeito que ele causava em mim. Senti meu coração falhar uma batida, ao vê-lo com aquele sorriso presunçoso no rosto.

Christopher estava com uma mão na porta e outra na parede, inclinado para mim, com nada mais que um sorriso e uma toalha frouxa, exibindo aquele V, que deixaria qualquer mulher delirar com pensamentos impuros. Eu não era diferente.

Os olhos âmbar de Chris me analisaram de cima a baixo, não com curiosidade, como o porteiro, mas com aquele olhar tentador, que estava causando uma onda de arrepios por todo meu corpo, sem nem antes sentir seu toque.

– Eu não esperava te ver tão cedo. – Chris disse olhando agora para meus olhos.

– Algum problema com isso? Eu não queria atrapalhar e...

E minha boca foi calada pela boca de Christopher na minha. Ele não me beijou devagar, ele me invadiu sem pedir e eu deixei sem pensar duas vezes. Sua língua brincou e acariciou a minha, me excitando, me explorando,

NACIONAIS-ACHERON

como ele gostava de fazer, suas mãos me puxaram pela cintura para dentro do apartamento.

Sem afastar sua boca da minha, ele fechou a porta e trancou, percebi pelo som, suas mãos rapidamente voltaram para meu corpo. Deixei minha bolsa carteira cair. Chris fazia isso comigo. Ele me beijava e qualquer coisa que estivesse em minhas mãos pararia no chão.

Minhas costas estavam encostada na porta e eu nem senti quando involuntariamente minhas pernas já estavam em volta da cintura de Christopher. Com um braço me segurando pela bunda, sua outra mão desceu para minha panturrilha e parou em meu tênis, com agilidade ele tirou meu par de tênis e meia.

Percebi quando a toalha de Chris caiu e senti seu membro roçar por cima da minha entrada, sob minha calça de malha. Eu já podia me senti umedecer.

Seu braço continuou me dando apoio e sua outra mão foi para meu cabelo. Repousei minhas mãos em cada ombro de Chris. Ele começou a nos guiar para algum canto de seu apartamento, não fiz questão de abrir meus olhos para ver onde ele estava nos levando, apenas me deixei ser levada.

Quando enfim eu abri meus olhos percebi que estávamos em seu banheiro. Christopher me carregava como se eu não pesasse nada, e só veio me pôr no chão quando estávamos dentro do boxe.

Sua boca não largou a minha no percurso da sala para o banheiro, quando ele se afastou soltei um gemido de protesto e em seguida sua boca começou um caminho de beijos de minha orelha a meu pescoço fazendo cócegas em mim com sua barba.

– Para Chris! – disse em meio aos risos.

– Hmm, cócegas? – seu sorriso presunçoso estava estampado em seu rosto e seu pênis agora roçava em minha barriga.

NACIONAIS-ACHERON

Suspirei vendo seu corpo recém-tomado banho, com uma mistura do meu suor. Estava uma delícia do jeito que estava. Mordi meu lábio inferior encarando o grosso pau de Chris que se projetava orgulhosamente para cima.

Revirei meus olhos quando voltei a olhar para os olhos de Chris.

– O que você acha?

– Eu acho que você é linda assim... – então para enfatizar, Christopher me empurrou levemente para a parede e voltou a beijar um ponto mais sensível do meu pescoço me fazendo voltar a rir.

Deixei uma mão em seu ombro e com a outra puxei seu cabelo para trás, Chris grunhiu baixinho e se afastou do meu pescoço. Dei à Chris um sorriso torto e ele desobedientemente voltou a atacar meu pescoço, roçando sua barba em mim, causando-me risos descontrolados.

– Para! – praticamente gritei e Christopher abriu o chuveiro, molhando nós dois por completo. Suas mãos foram para o elástico de minha calça, da qual rapidamente já estava no chão.

O que antes eram protestos meus, se tornaram gemidos por mais, quando Chris ficou de joelhos em minha frente enquanto retirava minha calcinha de algodão.

A água escorria pelo meu rosto e fazia meu top grudar mais em mim, sem pensar me despi dele, deixando meus seios saltarem livres. Meus mamilos endureceram com o toque morno da água.

Christopher agarrou uma de minhas coxas, a colocando sobre seu ombro, com sua outra mão ele apertou uma de minhas nádegas, deixei minha cabeça repousando na parede e meus olhos fechados quando senti dois dedos de Chris abrirem meus grandes lábios como uma tesoura e sua língua tocar sabiamente meu clitóris inchado e pulsante.

– Oh! Deus! – gemi enquanto todo meu corpo estremecia de prazer.

Eu tinha certeza que eu poderia sentir essa sensação da língua de Chris dentro de mim um milhão de vezes que ainda assim eu gemeria como se fosse a primeira vez. Sua língua era fria e eu quente, um leve choque passava por todo meu corpo quando eu sentia aquela língua me lambendo como um homem faminto.

Christopher sabia o passo a passo para levar uma mulher à loucura. Comigo não era diferente. Sabiamente e delicadamente ele me abria mais com seus dedos, sua língua nunca deixava meu clitóris, lambendo e chupando e sua outra mão continuava a apertar uma de minhas nádegas, algumas vezes me dando leves tapas, enquanto me chupava.

Oh! Deus! Ah!

Eu simplesmente não conseguia parar de gemer alto. Minhas mãos repousaram em seu cabelo comprido e encharcado, assim como meu corpo. A água não molhava meu rosto, porque eu estava com minha cabeça inclinada para trás, mas ela escorria pelo meu corpo, entre morna e quente, arrepiando mais meu corpo.

Christopher pegou meu clitóris entre seus dentes, bem de leve ele mordiscou, para depois chupar com sucções calmas e rítmicas. Sua barba roçava toda minha vagina.

– Chris... – gemia e gemia.

Já disse que não conseguia parar de gemer?

– Calma, Ruiva! – Chris tirou sua boca de mim para falar, e até mesmo sua voz, agora mais rouca que o normal, fez com que todo meu corpo se enrijecesse ao ouvi-la.

Com Christopher eu não sentia que havia alguém no "comando", era como fosse apenas nós dois desfrutando de prazer, não um "acima" do outro. Éramos apenas eu e ele, nada mais importava. Apenas a tentação, apenas o nosso prazer... Era surreal. Era fascinante. Era *tentador*.

NACIONAIS-ACHERON

Chris deixou meus grandes lábios abertos com seu polegar e indicador enfiando devagar seu dedo do meio em minha entrada. Eu estava tão molhada que escorria por minhas pernas. O dedo de Chris entrou facilmente em mim e ele riu baixinho, colando sua boca novamente em meu clitóris, sua barba começou a fazer um carinho em mim. Era ao mesmo tempo engraçado e gostoso.

Ele colocou mais um dedo em mim, tirando seu indicador de meus grandes lábios e colocando devagar em minha entrada. Seus dois dedos ficaram parados por pouco tempo, depois ele começou a enfiá-lo com um ritmo constante em mim, sua língua fez movimentos circulares com meu clitóris dando ao meu corpo um prazer constante, como seus movimentos.

Ele tocava com seus dedos em meu ponto G, me deixando cada vez mais louca de prazer.

– Ah! Oh! – gemi quando Christopher começou com estocadas rápidas dentro de mim, sempre tocando em meu ponto G e seus movimentos circulares com a língua em meu clitóris se tornaram também mais rápidos.

Sua língua saiu de meu clitóris para ir à minha entrada, quando seus dedos foram em meu clitóris. Com a troca de posição eu gemi mais ao sentir sua língua entrar e sair em mim, quando seus dedos apertavam e massagearam meu clitóris inchado.

Oh! Eu não demoraria muito para gozar.

A outra mão de Chris apertou minha bunda o suficiente para deixar uma marca de sua palma.

Senti meu clímax próximo, pois minhas pernas estavam ficando moles. Chris pareceu sentir minha fraqueza, tirou sua mão de minha bunda e foi ao meu quadril, me dando algum equilíbrio. Mas sua língua não saiu por um momento de dentro de mim, e seus dedos não pararam de massagear meu clitóris.

– Oh! Estou bem perto... – meu corpo inteiro se arrepiou.

– Vem Ruiva! – Chris tirou sua língua de mim o suficiente apenas para falar, com aquela sua voz fodidamente rouca e tentadora, então sem esperar mais ele meteu fundo sua língua novamente em minha entrada.

Christopher me comia com sua língua e dedos, sem nenhum pudor ou hesitação. Ele não parava por nenhum segundo, nem quando meu corpo começou com leves espasmos e depois minha combustão foi completa, soltando enfim meu orgasmo.

Ele tirou seus dedos de meu clitóris para meu segurar pelos quadris, mas sua língua não saiu de mim, e quando eu achei que meu orgasmo tinha acabado, outra onda de prazer me dominou, seguida de outras pequenas, transformando em uma única, múltipla e intensa.

A língua dele só saiu de dentro de mim quando meu clímax tinha passado completamente. Chris continuou de joelhos enquanto me limpava, e depois de fechar o chuveiro me puxou ao chão.

Ficamos deitado sobre o piso frio do boxe por longos minutos. Sorte que o espaço de seu chuveiro era grande, para mim, porque Christopher estava com seus joelhos bastante flexionados para caber deitado, enquanto eu estava deitada em seu forte peitoral.

Eu nunca me senti daquela forma... tão tranquila, tão bem.

Eu estava em meu nirvana. *Nós* estávamos em nosso nirvana pessoal, onde não havia nada, além de nós dois.

XXXVI



Nunca me senti daquela forma. Era simplesmente incrível. Eu não estava plenamente confortável naquele espaço do chuveiro, minha altura não era compatível naquele lugar, mas ter Agatha entre minhas pernas, deitada em meu peito com seu cabelo agora solto e espalhado sobre mim era o suficiente para eu não me importar com o resto.

Ela estava linda quando eu a encontrei em frente à minha porta. Sim, linda com seu cabelo preso, top, calça de malha e tênis esportivo. Eu nunca conheci uma mulher tão segura de si. Agatha tinha aquela simplicidade da qual eu sempre procurei nas mulheres da capital. Ela não tinha problemas com seu corpo ou com sua aparência suada ou não.

Ela simplesmente era o que era, sem mais, nem menos. Agatha era uma mulher real, uma mulher decidida, trabalhadora, esforçada, engraçada, ela era meu sonho de consumo que enfim havia se tornado realidade. Não me importava quanto tempo durasse, eu não estava pensando em depois. Eu estava vivendo o agora. E nesse agora Agatha continuava deitada em meu

peito.

Acaricieei o topo de sua cabeça enquanto fazia um cafuné em seu cabelo bagunçado. Agatha mexeu seu corpo, ficando com seu queixo em meu peito e suas pernas no ar. Ela sorriu para mim, preguiçosamente. Não consegui não retribuir seu sorriso, o meu abriu automaticamente.

Deixei minhas mãos embaixo de minha cabeça, Agatha colocou suas mãos em meu peito e aproximou seu rosto do meu. Meu membro completamente ereto roçou sua barriga enquanto ela se aproximava. O sorriso de Agatha automaticamente mudou, de fraterno para malicioso.

Ela colou sua testa na minha, não tirando suas mãos de meu peito. Sua respiração estava rápida e sua boca entreaberta. Lambi meu lábio inferior e ela mordiscou o meu.

Tirei minhas mãos debaixo de minha cabeça e pus ambas nas bochechas de Agatha, afastado com uma das mãos seu cabelo rebelde para trás de sua orelha.

Agatha fechou seus olhos e eu apreciei a visão de seu rosto bonito e sereno, mesmo quando sua respiração estava rápida soprando leves lufadas de ar em meu rosto.

Afastei minha testa da dela e a beijei na bochecha bem levemente, vendo seu sorriso sem mostrar os dentes, continuei a beijar todo seu rosto, primeiro suas bochechas, depois sua testa, seu nariz cheio de sardas, seu queixo, e enfim seus lábios que não hesitaram em se abrir para mim.

Chupeei seu lábio inferior e devagar passei minha língua em sua boca, sentindo sua maciez e ouvindo seus gemidos quase guturais. Enfiei minha língua em sua boca tocando a dela como uma carícia calma. Agatha não ficou parada e rapidamente eu senti sua língua brincar com a minha, com movimentos circulares.

Grunhi em sua boca, ouvindo seu gemido. Aquilo não era um beijo
NACIONAIS-ACHERON

qualquer, estávamos fazendo sexo um com outro. Um sexo sereno, calmo, quase... amor. *Quase*.

Eu podia gozar se continuássemos a nos beijar assim. O corpo quente de Agatha me aquecia, meu pau tocava seu púbis, seus seios descansavam em meu peitoral, junto com suas mãos frias.

Afastei minha boca da dela e propositalmente passei minha barba em seu pescoço, fazendo cócegas em Agatha. Sua risada era uma delícia, ela tentava se afastar de mim, e eu gentilmente puxava seu rosto para perto de mim, não afastando minha barba de seu pescoço.

– Para Chris! – Agatha disse entre risos.

– Não, Ruiva! – mordi seu pescoço deixando Agatha entre gemidos e risos.

Desci uma de minhas mãos para a bunda de Agatha, pegando bem no meio de suas nádegas duras e deliciosas.

Deixei de pensar com a minha cabeça de cima e comecei a pensar com a minha de baixo. Apenas pensava agora em foder aquela bunda.

Eu não era um tremendo fã de sexo anal, se uma mulher não quisesse fazer (como foi o caso de Júlia), eu não me importaria nem um pouco, mas quando fiz pela primeira vez com uma garota qualquer da capital eu tinha gostado bastante, mas gostava mesmo quando uma mulher se entregava a fazer isso. Não para me agradar, porém por prazer, por simplesmente querer.

– Eu quero te comer – soprei as palavras no ouvido de Agatha, percebendo todo seu corpo enrijecer; apertei o centro de sua bunda e coloquei levemente um dedo perto de seu ânus, para enfatizar o que eu ia dizer – aqui.

– Então, qual é a demora? – se meu pau já não estivesse totalmente duro, ficaria ainda mais com sua pergunta.

– Sem problemas pra você?

Agatha riu.

– Garoto, você acha que eu tenho quantos anos?

Eu não pensava em Agatha como uma mulher muito mais velha, apenas como uma mulher, diferente das garotas do qual eu já comi, até porque ela não era "muito mais velha", somente "mais velha".

Eu tinha vinte e três anos, e ela trinta e dois. Qual era a grande diferença de meros nove anos quando se tem vontade, prazer, atração e uma puta tesão? Bem, para mim, nenhuma, tendo em vista que, não interessava a opinião de ninguém, além de mim e de Agatha.

Mordi o lóbulo da orelha de Agatha e ela suspirou.

– Eu acho que você tem o suficiente para ser perfeita. – percebi um sorriso lindo e tímido de Agatha.

Ela saiu de cima de mim, e se pôs de pé a minha frente, deixando-me apreciar todo seu corpo molhado e nu. Sorri e ela retribuiu, dessa vez ela me deu um grande sorriso cínico. Não esperei mais nenhum segundo e fiquei em pé, abri o boxe, e procurei em um armário embaixo da pia um lubrificante. Não era porque eu não levava mulher nenhuma para minha casa que significava que eu não tinha preservativos e lubrificantes nela.

Quando voltei para debaixo do chuveiro Agatha estava com uma sobrancelha arqueada para mim, mas no momento que ela viu o pequeno frasco que eu segurava em uma mão, ela sorriu entendendo.

Puxei Agatha com minha mão livre pela nuca e ela veio fácil me beijando como se o mundo fosse acabar amanhã. E poderia, mas estávamos aproveitando bem o hoje.

Agatha tirou o frasco de minha mão, e sem afastar sua boca da minha eu percebi que ela abria o frasco pelo barulho da tampa. Segurei com minhas duas mãos o cabelo dela, fazendo-a gemer com alguns leves puxões que eu dava.

Meu corpo inteiro se arrepiou quando senti uma das mãos de Agatha passar o lubrificante por toda minha extensão. O lubrificante era quente e causava uma sensação de puro prazer a cada centímetro que ele passava.

Me afastei da boca de Agatha a tempo de vê-la piscar para mim e em seguida me entregar o frasco ainda aberto, quando o peguei ela se virou e colocou suas mãos no vidro, agora embaçado, do boxe e empinou sua maravilhosa bunda.

Meu Deus! Eu estava fodido no céu e nem sequer sabia.

Coloquei um pouco do lubrificante em minha palma, fechei a tampa e joguei no banheiro. Com a outra mão passei meus dedos pela minha palma com o lubrificante e sem esperar enfiei dois dedos em seu ânus, mas não muito, só o suficiente para Agatha sentir a quentura gostosa do líquido do lubrificante e arquear sua coluna.

Aquela cena estava fodidamente tentadora. Eu não sabia se admirava ou metia mais meus dedos nela.

Encharquei três dedos meus com o lubrificante e lavei minha palma rapidamente, colocando-a no cabelo de Agatha. Ela gemeu baixinho com meu toque, eu puxei sua cabeça mais para trás e a vi morder seu lábio inferior quando eu enfiei dois dedos mais fundo em seu ânus.

– Pode ir mais fundo garoto, eu aguento! – Agatha virou seu pescoço para me ver melhor.

Inclinei meu corpo nas costas de Agatha e a fiz sentir meu membro ereto perto de sua entrada molhada. Nós gememos.

– Eu não sou um garoto, Ruiva, – sussurrei em sua orelha, ralando minha barba em seu pescoço – eu sou um homem completo, e eu já te provei isso... *Algumas vezes.*

Agatha gemeu e riu.

– Eu sei! Você é *meu* homem, *garoto*.

Eu dei um riso quase gutural. Ela tinha involuntariamente me chamado de "seu", para em seguida me sacanear me chamando de "garoto", contudo, ouvi-la dizer "meu homem" me causou uma onda diferente de satisfação.

Afastei meu corpo do dela, causando-a suspiros de protesto, mas ela não disse nada. Penetrei mais fundo em seu ânus e soltei seu cabelo para bater em sua bunda, suficientemente forte para deixar uma marca vermelha amanhã.

– Acho que você merece um castigo, áspero e duro.

– Oh! – Agatha gemeu – Acho que vou amar esse castigo.

– Talvez você odeie por não conseguir andar direito amanhã.

– Quem se importa? – sua admissão me fez rir.

Não esperei mais e enfiei mais um dedo em seu ânus que aos poucos se abriu para mim. Bati novamente em sua nádega e voltei a colocar minha mão em seu cabelo bagunçado.

Continuei preparando seu ânus para meu membro com meus três dedos, e quando achei que Agatha estava bastante lubrificada para mim e totalmente preparada, eu enfim tirei meus dedos e penetrei um pedaço de meu pau, pondo minha mão em seu quadril.

Agatha arqueou a coluna, mas não emitiu nenhum som, com isso me senti na permissão de meter um pouco mais de meu membro. Agatha soltou um suspiro profundo.

– Posso continuar? – perguntei já saindo de dentro dela, mas Agatha deu um passo para mais perto de mim, colando sua bunda ainda mais em meu pau.

– Eu estou esperando o áspero e duro que você prometeu.

– Ah minha Ruiva, ainda temos muito tempo hoje, mas antes disso, eu

não quero que você sinta dor.

Ouvi Agatha engasgar, ela não disse nada por longos segundos. Eu não sabia mais o que dizer, então eu enfiei mais dentro dela, puxando seu cabelo para trás, ela gemeu.

– Pode continuar tranquilamente, garoto.

– Bom saber disso, Ruiva.

Para enfatizar o que eu dizia meu gemido saiu entrecortado quando eu enfiei quase tudo de uma só vez em Agatha. Ela não protestou, pelo contrário, ela suspirou. Eu sabia que sexo anal para uma mulher não era completamente prazeroso, mas eu faria de tudo para se tornar para Agatha um ótimo sexo, sem dor alguma.

Tirei minha mão de seu quadril e deslizei até seu canal, sem hesitação coloquei dois dedos dentro dela. Agatha gemeu e eu senti todo seu corpo estremecer quando eu toquei em seu ponto G. Minhas estocadas em sua entrada se tornaram frenéticas, e em seu ânus eu meti fundo, para sair mais rápido, proporcionando à Agatha gemidos deliciosos de se ouvir.

Agatha tentava se equilibrar com suas mãos no vidro do boxe, mas com minhas estocadas seu corpo inteiro se mexia junto. Ela não reclamava em nenhum momento, pelo contrário, ela gemia quase tão descontroladamente quanto eu.

– Oh! Chris!

Ouvir Agatha gemer meu nome era incrível e fodidamente prazeroso, por mim ela não pararia de gemer daquela forma.

Nossas estocadas não diminuía o ritmo, enquanto eu enfiava meus dedos nela, eu levava meu pau para mais fundo em seu ânus e Agatha empinava sua bunda quando eu saía dele. Nosso ritmo era constante, praticamente ensaiado.

– Agatha! – grunhi sentindo meu clímax perto.

– Ah! Caralho! – pude sentir com meus dedos as paredes vaginais de Agatha se apertarem em volta de meus dedos, assim como eu, ela estava perto.

Dei mais algumas estocadas em seu ânus e meu corpo começou com leves espasmos seguido por uma onda forte de prazer. Meu orgasmo foi intenso.

Soltei o cabelo de Agatha e a segurei pelo seu quadril, nesse exato momento senti sua entrada ficar mais e mais úmida em meus dedos, não parei as estocadas com meus dedos, mas tirei meu pau de seu ânus.

– Ahhh! – Agatha estremeceu enquanto gozava.

Quando seu clímax a abandonou, eu fiz o mesmo que antes, colocando-a embaixo do chuveiro e a limpando, contudo, a limpei com mais calma, sem negligenciar um pedaço de seu corpo tentador.

XXXVII



Christopher me deu um banho extremamente cuidadoso. A cada momento ele se mostrava um homem melhor. Ímpar.

Quando eu falei em alto e bom tom para Chris que ele era "meu homem", simplesmente havia saído tão involuntário que eu não consegui segurar e quando percebi, eu já estava falando.

Não, ele não era nenhum pouco "meu", mas eu não me arrependia por ter dito tal coisa. Com Chris eu não pensava em futuro, eu vivia o momento. Nesse momento ele estava embaixo do chuveiro junto comigo, delicadamente me ensaboando.

As mãos de Christopher apalparam meus seios, demorando mais que o necessário para ensaboar. Eu suspirei ao sentir seus dedos de cada mão em meus mamilos duros, apertando e massageando.

– Chris... – gemi.

– Seu castigo está apenas começando, Ruiva.



Eu já tinha aprendido que com Christopher promessa era dívida, contudo, era sempre bom aprender mais uma vez.

Naquela noite transamos mais uma vez em seu banheiro, depois, tentamos nos enxugar e fomos para seu quarto, fiz um oral digno de ser lembrado para ele e caímos na cama, dormimos mais uma vez completamente nus. Acordei sem precisar de relógio, pois Chris retribuiu o que eu havia feito para ele antes, porque eu acordei sentido sua barba roçar minha coxa e sua língua entrar em meu canal.

Rimos, gememos e brincamos, e, mais uma vez, transamos pela manhã, dessa vez, em sua cama.

Era quase surreal estar com Christopher, era tudo tão simples e ao mesmo tempo tão surpreendente. Não conseguia ver nada em comum entre seu pai e ele. Ambos eram homens completamente diferentes. Eu esperava que Chris fosse sempre daquele jeito que ele era...

Bem, eu não tinha que esperar nada dele. Tudo nosso era uma questão de tempo. Quando a campanha acabasse, nós acabaríamos, mesmo que viesse outras campanhas para ele sendo organizada pela minha agência.

Me vesti logo cedo, catando e achando minhas roupas espalhadas pela sala. O apartamento de Chris era muito pequeno para meu gosto, mas para um solteiro até que ele era bem-arrumado.

A sala era simples, um grande sofá, estante e mesa, cozinha americana bem equipada e um banheiro normal. O que chamava atenção de sua sala era uma janela grande que a iluminava de uma forma muito bonita com a luz do dia.

O quarto de Chris também era comum, ele não era excêntrico, tudo estava em perfeita ordem. Seu quarto tinha uma enorme cama de casal, guarda-roupa não muito grande, escrivaninha, alguns quadros abstratos e fim.

Eu nunca pensei que eu fosse gostar de passar tanto tempo em um apartamento tão pequeno. Eu sempre gostei de muito espaço e no momento que eu tive condição de comprar minha casa, eu não hesitei, e a comprei.

Depois de me vestir e pegar minha bolsa carteira que estava na sala Christopher apareceu na sala. Ele vestia-se parecido comigo na questão "pronto para malhar", pois usava uma calça de malha, nada justa, mas que marcava um pouco seu membro e uma camisa de mangas curtas.

Chris fez questão de me levar até meu carro, até mesmo abrindo a porta para mim assim que eu destranquei o mesmo. Ele se despediu de mim com um beijo, dizendo que mais tarde nós nos veríamos. E ele tinha razão, às 10h ele teria que estar na agência para adiantar as fotografias.

Já imaginava encontrar um Jerry saltitante e um Benny curioso. Oh Céus!

Antes de tudo eu passei em casa, não iria para a agência como estava. Em minha casa tomei um longo banho e senti minhas pernas cansarem. Christopher, como sempre, cumpriu o prometido. Andar hoje estava um pouco mais complicado.

Resolvi vestir uma calça jeans, camisa de mangas preta rendada até o cotovelo, com um forro azul e sem deixar de calçar meu salto preto fodidamente alto. Penteei bem meu cabelo e o deixei solto, passei uma maquiagem leve. Afinal era uma manhã de quarta-feira, e, assim, enfim, eu estava pronta para começar meu dia.

XXXVIII



Assim que eu deixei Agatha em seu carro, eu segui para o meu. A academia tinha aberto há pouco tempo e estaria silenciosa e calma.

Vantagem.

Não era nem 8h da manhã ainda, Agatha tinha decidido sair mais cedo para passar antes em casa e depois ir na agência. Meu corpo estava exausto, e eu não reclamava disso. Adorava passar cada segundo desfrutando do prazer que o corpo de minha Ruiva me proporcionava.

Enquanto malhava meu foco tinha pulado de Agatha para Júlia, mas não de uma forma sexual, e sim do que ela havia me falado no dia que a deixei em frente ao hotel que ela estava hospedada, depois do evento. Ela disse que a culpa era minha, sobre ela e Ian, mas que culpa eu tinha?

Eu não havia falado sobre isso com Ian. Tinha deixado para essa história de lado, mas essa dúvida sobre que culpa eu tinha sobre Júlia e Ian, estava martelando em minha mente.

Ainda era cedo quando decidi passar no apartamento de Ian. Precisaria estar na agência às 10h, contudo haviam coisas ao meu favor. Primeiro: eu me arrumava rápido. Segundo: a agência não era muito longe de meu

apartamento.

– Puta que pariu! – ouvi Ian resmungando de dentro de seu apartamento quando eu toquei a campainha.

Não sei de onde ele conseguia tantas mulheres para sempre levar uma desconhecida nova todo dia para seu apartamento. Porque somente seria isso que o fazia dormir tão tarde e acordar mais tarde ainda.

– Precisamos conversar. – foi a primeira coisa que disse quando ele abriu a bendita porta e sem precisar me mandar entrar, eu entrei.

– Uau! – Ian disse depois de fechar a porta, em seguida, passando suas mãos em seu rosto amassado de tanto dormir – Não sabia que estávamos casados.

Ele só vestia uma cueca boxer branca que fazia um enorme contraste com sua pele negra. Percebi que Ian estava deixando seu cabelo crescer. Seu cabelo era liso, acho que ele era descendente de indiano ou índio, alguma merda dessas.

– Vou ser bem direto... – comecei me sentado na poltrona de Ian.

– Seja mesmo, não aguento mais sentir seu cheiro de suor. Você pode parar de vir direto da academia para minha casa? – ele suspirou dramaticamente e sentou-se em seu sofá – Sinto lhe informar, mas: você fede!

Não consegui deixar de rir, Ian não media suas palavras, ele falava isso para mim que era seu amigo, mas falaria também para qualquer um desconhecido. Uma mulher para amar esse cara teria que ter sangue frio ou ser tão sincera quanto ele.

– Você nunca reclamou do meu suor antes, *amor*. – brinquei e Ian fez cara de nojo rindo.

– Não íamos ter uma fodida D.R ou você me viu de cueca e desistiu?

– Não vamos ter uma D.R, – disse – na verdade, preciso mesmo é que você me responda uma coisa sinceramente.

– Quando eu não sou sincero? – Ian arqueou uma sobrancelha ofendido.

– Você tem razão e espero o mesmo disso. Bem, o que diabos, há ou houve, entre você e Júlia?

Ian mudou de posição no sofá, deixando transparecer sua tensão. Nunca o vi hesitar em uma resposta, mas, ali, ele hesitou.

Esperei pacientemente por sua resposta e quando ele abriu a boca para falar eu já sabia que ele não mentiria para mim. Ian não era desse tipo de homem, pelo contrário, algumas vezes sua sinceridade feria, como à de Agatha, sobretudo, eu achava mais engraçado que grosso.

– Nós nunca tivemos nada. Casey é... é... *Merda!* Não sei definir, mas parece que sempre tenta se afastar de mim do nada.

– Talvez você a deixe tensa.

– Ou amedrontada. – Ian olhou para a janela, desviando o olhar de mim.

Ele parecia triste? Eu não sabia dizer.

– Amedrontada? Por que ela ficaria amedrontada com você?

– Chris, – o olhar de Ian voltou ao meu, e eu percebi uma dor em seus olhos, como em sua voz – não é como se eu fizesse o tipo de Júlia. Tiro isso por você e pelos antigos namorados dela, que eu já vi em fotos...

– Não faz o tipo dela? Não era você que dizia que nenhuma mulher tem um tipo e que todas podem ser suscetíveis a você?

– Pelo visto não Casey.

– E que tipo é esse? – me arrependi no momento que perguntei isso em voz alta, mas eu não acreditava que ele estava dizendo realmente isso – Porra

homem! Você não está querendo dizer que o tipo dela é...

– Homens brancos. – Ian me cortou, me completando – Sim, acho que o tipo dela são branquelos, como você.

Ri como um idiota.

Ian realmente não conhecia à Júlia, ou melhor, à Casey. Ela não tinha um fodido tipo por "branquelos". Lembrei que Ian não achou nada sobre Agatha, somente sobre a agência. Ele era péssimo em buscas, obviamente, porque se ele viu as fotos dos dois antigos namorados mais sérios de Júlia, ele deixou de ver também que ambos não tinham nada a ver.

O primeiro namorado de Júlia fui eu: branco, cabelo preto, alto e modelo.

O segundo: tão alto quanto eu, um pouco mais velho que ela, moreno, cabelo raspado e lutador de boxe.

O terceiro: um médico, branco, bem mais velho, cabelinho ridículo e perfeito.

Sim, não tínhamos absolutamente nada a ver. Tirando nós três, ela não me contava sobre casos casuais, mas eu imaginava que ela tinha tido um ou outro quando estava solteira.

– Deixe de choramingar como uma garotinha, à Júlia não tem essa de tipo. – falei com convicção.

Expliquei brevemente sobre seus namorados "sem tipo", Ian pareceu ficar um pouco mais aliviado, foi quando me recordei sobre eu ser culpado de eu-não-sei-o-quê.

– Então, tem algo que não sai da minha cabeça... Eu perguntei para Júlia sobre vocês depois do evento, e ela me disse que a culpa era minha por vocês não terem tido nada.

Ian riu, mas uma risada sem vida.

– Você é mesmo um otário! Ela ainda não te esqueceu, Chris.

– Não é possível. Já tem cinco anos que acabamos e quando acabamos nossa relação estava fria...

– Não importa! Mas ela não pensa dessa forma.

Gostaria de poder conversar mais com Ian, mas olhei rapidamente para o relógio de parede de Ian e vi que precisa ir para meu apartamento me arrumar para depois ir à agência.

– Você está errado, – disse me levantando – Júlia não sente nada por mim. – pausei – Agora preciso ir para meu apartamento.

Ian deu de ombros se levantando e indo até a porta comigo.

– Trabalho?

– Sim, as fotos de cueca na agência são hoje.

Ian abriu a porta para mim, mas antes de me deixar passar ele me fitou e eu esperei, sabendo que ele falaria algo.

– Você realmente não se importa se eu tentar algo com a Casey?

– Por que essa mania de chamá-la de Casey, afinal?

– Longa história. – Ian respondeu dando novamente de ombros.

– Ela te chama de Howard, não é? – Ian assentiu com um sorriso no rosto.

Júlia nunca tinha chamado Ian de Howard na minha frente, deveria chamá-lo assim apenas para ele. *Estranho*. Balancei minha cabeça e completei olhando fixamente para Ian: – Se você encostar nela e magoá-la eu quebro a sua cara.

– Eu deixo. – e vi a verdade em seu olhar.

Ele deixaria verdadeiramente eu bater nele.

– Ela não é dessas mulheres que você come e manda embora sem pensar duas vezes.

– Eu sei Chris, eu respeito à Casey.

– Assim espero. Se é dessa forma, eu não me imponho à nada entre vocês.

– Obrigado cara! – Ian disse – Eu te abraçaria se você não estivesse suado e fedendo.

Rimos e eu sai de seu apartamento acionando o elevador, mas antes de Ian fechar a porta, eu disse, fazendo-o me encarar: – Não estou dizendo que você precisa casar com ela, até porque vocês moram em cidades diferentes, um relacionamento sério seria complicadíssimo, mas não a foda e descarte como você faz com todas.

– Casey não é descartável, muito menos pode ser comparada com todas as outras.

Assenti e entrei no elevador que tinha acabado de chegar. Dentro do elevador meus pensamentos voaram para Júlia. Eu não acreditava que ela ainda sentia algo por mim.

Será?

Definitivamente eu precisava conversar com Júlia, mas conversar com ela era tão difícil quanto falar com meu pai. Ambos era quase inacessíveis, eu esperava que eles viessem falar comigo, não o contrário.

No térreo do prédio eu praticamente corri até meu carro. Eu não estava atrasado, mas também não queria chegar em cima da hora na agência, quanto mais que ainda passaria em minha casa.

XXXIX



Cheguei na agência vendo como eu imaginei

antes: um Jerry saltitante porque tiraria fotos de Christopher de cueca, e um Benny curioso sobre a mesma pessoa.

Eu parecia ser sempre a última a chegar na agência. Ainda bem que a agência era minha. Hoje ela estava mais cheia, não de clientes ou modelos, mas sim dos empregados. Não era todo dia que todos trabalhavam, pois grande parte dos empregados da agência eram freelances.

Eu recebia bem para pagar a todos, mas não era necessário tantos empregados contratados, contudo, com esse contrato da campanha da cueca e da propaganda precisaríamos de todos para trazer um ótimo trabalho. Quem sabe eu ganharia um contrato de fidelidade com a empresa?

– Sinto o cheiro de novidades perversas no ar. – Benny disse quando me viu entrar na agência.

Benny era simplesmente minha cara metade mais estranha e gay. O homem parecia sentir tudo que meu corpo emanava e que minha cabeça

pensava. Era surreal, ao mesmo tempo que era assustador.

– Nada demais. – falei uma meia verdade.

Jerry estava ao meu lado com uma papelada, que imaginei serem fotos de alguma campanha, nas mãos. Com Jerry ao lado de meu amigo eu não poderia contar nada sobre Christopher.

Apenas em pensar em Christopher eu me sentia sendo levada por um furacão de prazer. Ele era mais jovem que eu e isso deixava-me um pouco hesitante, mas Chris havia se mostrado um homem, com um enorme H maiúsculo. Sua idade não interferia em nada seu caráter, seu jeito ou, muito menos, sua ampla experiência sobre o corpo feminino.

Eu não conseguia me lembrar quando foi a última vez que eu havia tido uma foda tão boa quanto com Christopher. Ele não tinha pressa para "finalizar", pelo contrário, ele parecia ter todo o tempo do mundo para nós, ele não tinha problemas em me satisfazer, mesmo que ele não saísse ganhando nada. Ele fazia tudo apreciando cada momento. Sem pressa, sem demora, contudo, era também, áspero, duro e fodidamente profundo.

Profundo. Eu amava profundidade, mas não aquela merda de "profundidade" sentimental, porém, profundidade sexual. Profundamente sexual soava melhor. Isso era basicamente, para mim, sobre o pau do homem, o quão profundo ele conseguia chegar. E puta que pariu! Chris era profundo. Muito. “Profundamente” grosso também. Não demais, mas o suficiente para me preencher. Amava cada centímetro daquele pau.

Oh Deus! O dia pareceu ter esquentado uns 10°C, no mínimo.

– É hoje, hein? – Jerry falou enquanto arqueava uma sobrancelha.

Qual era o problema de todos da minha agência que não davam um "bom dia" antes de qualquer outra coisa?

– Uh? – eu estava em outro mundo.

– Christopher. Fotos. Cueca. Gostoso. Sexy. Viril. Musculoso. – Jerry enfatizou cada palavra, tendo a ousadia de estalar os dedos na frente do meu rosto em cada palavra dita.

– Vejo que você está meio fora de órbita hoje. – Benny comentou pegando minha mão e subindo comigo para nossas salas.

Passamos por Victoria que nos deu um fraco "bom dia", do qual acenei em resposta.

– Problemas? – agora eu e Benny estávamos sozinhos em minha sala.

Larguei minha bolsa em cima de minha mesa e me sentei no sofá.

– Não, estou bem. – respondi me abanando.

– Baby, você está com fogo nessa sua boceta? – olhei para meu amigo com os olhos esbugalhados e os revirei, sem deixar de me abanar.

Ele sorriu me mostrando suas covinhas.

– Não adianta me olhar dessa forma com esses olhos azuis! Você está com fogo sexual, pois essa sua sala está um gelo, o ar deve estar no mínimo aqui.

– Finalmente, o que você quer saber, Benny?

– Não é óbvio? Eu quero saber de tudo. Você encontrou com ele ontem, não foi?

Benny lia mentes, não era possível... Ele simplesmente sabia de tudo que se passava comigo somente em me olhar.

– Como foi sua consulta no médico? – tentei mudar de assunto.

– Uma merda, como sempre. Daqui a mais de um mês pego os malditos resultados... Mas não mude de assunto, baby!

– Você não acha que tem nada de errado com você, não é? – perguntei verdadeiramente preocupada.

Benny suspirou e quando abriu a boca para responder ele começou a

tossir, mas não demorou muito e disse: – Não, baby. Estou ótimo. Agora deixe de enrolação, me conte tudo e depois temos trabalho.

Pensei em insistir mais falando sobre sua saúde, mas balancei minha cabeça e tentei deixar isso de lado por hora. Benny era um homem de trinta e sete anos, ele não descuidaria de sua saúde à toa, se ele disse que estava bem, ele estava. Isso não significava que eu não ficaria observando ele.

– Passamos a noite juntos, sim. – suspirei.

– Eu sabia!

– Vai deixar eu falar tudo? – ele assentiu e eu contei de nossa noite, como foi tão boa quanto a primeira.

– Uau! Esse garoto deve ser uma delícia mesmo. – murmurei uma coisa qualquer em concordância e Benny sentou-se no braço do sofá – Agora, infelizmente, precisamos trabalhar!

Então fomos trabalhar, Jerry preparou tudo, junto com sua equipe de fotografia, para as fotos de Chris. A empresa tinha nos dado uma lista de como queria as fotos: natural, sexy, despojado. Eles queriam mesmo era aquela cara de "simples", como se qualquer homem ficasse melhor com aquela cueca. Apenas se fosse mágica para deixar todos os homens como Chris, mas enfim, fingiríamos que isso era possível.

Eles tinham nos dado umas cinco cuecas para Christopher vestir, em algumas fotos ele deveria estar de calça deixando a marca da cueca à mostra. *Patético*. Mas se mandaram, nós faríamos. Bem, Christopher faria.

Como hoje era quarta-feira e tínhamos até segunda para entregar as fotos reveladas e um ou dois pôsteres, eu havia apressado Jerry para ele ter tudo pronto já na sexta, para entregarmos. No final de semana nós poderíamos passar escolhendo a garota, que faria par com Chris na propaganda, para na segunda-feira, eles concordarem com nossa escolha ou não. Sendo assim, semana que vem já gravaríamos a propaganda.

NACIONAIS-ACHERON

Infelizmente propagandas demoravam bem mais. Fotos era algo simples, poderíamos passar a manhã e tarde tirando as fotos e pronto, depois somente alguns ajustes e ela já estaria pronta para ser revelada, contudo, propagandas eram uma grande merda.

Jerry e sua equipe já tinham tudo pronto na hora que Chris chegou, dez minutos adiantado. Gostei.

Eu estava no estúdio com Benny, Jerry e sua equipe quando Chris entrou com Victoria do lado. Ela sorria timidamente para ele e ele retribuía, mas sem timidez alguma. Não me importei com aquela cena, senti meu coração falhar uma batida ao vê-lo e o sorrisinho de Victoria passou indiferente por mim.

Analisei Chris sem nenhuma vergonha, de baixo para cima. Ele calçava um sapato marrom, vestia uma bermuda jeans um pouco rasgada, suas panturrilhas grossas estavam deixando pouco para imaginação. Qualquer um que o via naquela bermuda saberia que ele era um homem musculoso por completo. Não aqueles que malhavam braço e esqueciam perna.

Demorei um pouco a mais minha "checagem" em sua virilha. Estava claro o seu volume bem maior naquela extensão. Eu já podia imaginá-lo sem aquela bermuda e cueca.

Chris usava uma camisa rosa de mangas curtas. Seus bíceps se flexionavam bastante toda vez que ele mexia seu braço para tocar em sua barba ou cabelo.

Sua barba estava mais aparada, pude perceber claramente, porque hoje mais cedo ele a passava em mim, me provocando cócegas. Para completar Chris usava uma faixa de cor escura na cabeça para afastar seu cabelo de sua testa.

Esse garoto conseguiria ser sexy de qualquer forma, mesmo com esse estilo meio grunge. Eu nunca pensei que pudesse me interessar por alguém

NACIONAIS-ACHERON

como ele. Mas seu estilo era seu charme, ele era modelo, mas se vestia diferentemente deles, sem frescura ou sem aquela coisa "engomadinha" e perfeita.

– Bom dia. – Chris disse a todos, mas seus olhos estavam em mim.

Seu sorriso presunçoso não saía de seu rosto, seus olhos âmbar pareciam estar mais escuro, se isso fosse possível. Percebi então que suas pupilas estavam dilatadas por mim. Sorri de canto de boca para ele enquanto mordida meu lábio inferior, Chris sorriu mais e lambeu seu próprio lábio inferior.

Eu estava sentada e cruzei as pernas, sentindo minha umidade descer e meu clitóris pulsar por aquele garoto e seu sorriso de quem não quer nada.

Todos responderam "bom dia" para Christopher e depois de Jerry explicar como seriam feitas as fotos ele deu uma das cuecas e uma calça à Chris e mandou ele se trocar em um provador do estúdio. Jerry achou que era melhor ele começar com as fotos de cueca e calça, concordei.

O foda do provador era que ele era apenas uma cortina grossa e todos no estúdio podiam ver a silhueta de Christopher enquanto ele tirava a roupa. Ele parecia saber que todos os viam pelos suspiros de alguns e respirações de outros, mas principalmente pela forma como ele estava se despindo, parecia quase um strip-tease.

Christopher tirou primeiro a camisa e jogou-a no chão. No provador havia um cabide, mas Chris pendurou a calça e cueca nela. Ele então tirou rapidamente seu sapato e quando abriu um botão da bermuda todos do estúdio, sem exceção (e tinha alguns héteros homens também), olhavam com atenção aos seus movimentos.

Devagar ele tirou sua bermuda e a melhor parte e tão esperada hora foi quando ele tirou sua cueca. Seu pênis estava mole, mas ainda estava grande o suficiente para arrancar suspiros de todos.

– Agora eu entendo sua fascinação pelo pê... quer dizer, *garoto*. – Benny suspirou sussurrando somente para eu ouvir.

Sorri para meu amigo e descruzei e cruzei novamente minhas pernas.

– Ele está mole, *assim*? – Jerry comentou e Victoria deu uma risadinha sem graça.

Todos ouvimos a risada de Chris do provador e Jerry corou. Eu ri.

Que cena estávamos protagonizando!

Christopher vestiu a cueca e colocou seu pau para dentro da mesma, Jerry e alguns de sua equipe se abanaram. Victoria estava com seus olhos arregalados, até Benny olhava sem piedade, mas ele era mais contido. Eu observava atentamente ao garoto, mas sem demonstrar meu tesão.

Na hora de Chris vestir a calça ele foi rápido e então saiu de trás do provador. Não precisava dizer que ele saiu do provador com aquele sorriso presunçoso de sempre. Seus passos eram firmes, e suas mãos arrumavam seu cabelo para trás da faixa.

Ele continuou descalço e a cena era foddidamente tentadora. Ele era mais que perfeito para aquela campanha: naturalmente sexual e despojado, como se ele fizesse isso todo dia.

– Parece que alguém teve uma noite intensa... – Benny sussurrou para mim.

Demorei um pouco para entender o que ele queria dizer, no entanto, quando entendi, eu sorri. Chris estava com uma marca vermelha no pescoço, e em suas costas, marcas de unhas eram ainda visíveis.

Não era apenas Benny e eu que tínhamos notado aquelas marcas. Jerry e os outros também. Jerry sorria ao vê-las com um ar de quem sabia das coisas, mesmo ele não fazendo ideia de quem havia proporcionado aquilo.

Meu Deus! Só de pensar em como aquelas marcas foram parar ali, meu

corpo inteiro entrava em combustão.

Chris não era "simples", mas seu magnetismo deixava óbvio que ele era um homem diferente, com uma própria definição de "simplicidade".

Não foi difícil para Chris tirar as fotos da forma como Jerry queria. Ele ficava em todas as posições sem reclamar. Seu sorriso era perfeito, tanto o presunçoso quanto o de canto de boca. Eu não sabia definir qual era o mais tentador.

Oh. Meu. Deus.

Para onde esse garoto me levaria? Nós tínhamos dormido duas noites seguidas juntos, com mais fudas do que eu podia contar e toda fodida vez que eu olhava para ele eu apenas conseguia pensar: quando será a próxima?

XL



Fotografar foi melhor do que eu imaginava. Jerry

explicava rapidamente como eu deveria ficar e assim eu fazia. Todos,

inclusive Agatha, decidiram que eu deveria deixar minha faixa na cabeça, a

equipe de Jerry disse que estava dando um ar de "despojado" como a empresa queria.

A equipe era constituída por poucas pessoas, dois cabeleireiros, uma maquiadora, um outro que ficava em um computador, provavelmente editando algumas fotos e outro fotógrafo, além de Jerry.

Sim, eu tinha reparado que o provador era apenas uma cortina grossa que me separava deles. Eu sabia que todos me olhavam enquanto eu tirava minha roupa, mas eu não pensava em nenhum deles, além de Agatha. Eu queria que ela me olhasse, somente ela. Quando sai de trás do provador eu sorria, mais por ver as pupilas dilatadas de minha Ruiva enquanto olhava para mim. Era fodidamente sensual ver aquele olhar azul intenso focado em mim.

– Quer almoçar comigo e Agatha? – Benny perguntou a mim quando eu calçava meu sapato.

Eu estava começando a ficar com fome, o tempo tinha passado rápido e já era mais que hora de almoçar. Queria comer, mas queria mais se Agatha fosse o prato principal.

– Onde? – questionei à Benny.

– Na sala dela. Algumas vezes, como hoje, pedimos comida.

– Aceito. – falei e Benny piscou para mim.

– Algum problema com comida japonesa?

– Nenhum.

– Que bom! – Benny colocou teatralmente uma mão no peito, mas percebi sua respiração verdadeiramente falhar um pouco, contudo, foi rapidamente substituída por um sorriso malicioso – Porque eu adoro mexer em um pau. – seu duplo sentido óbvio sobre os *hashis* japoneses me fez rir.

Benny era hilário. Enquanto ele me acompanhava até a sala de Agatha, ele ligou rapidamente para um restaurante japonês delivery e fez o pedido para nós três, dando o endereço da agência.

Passamos por Vicky ao chegar na sala de Agatha. Vicky me deu um daqueles sorrisos tímidos e voltou sua visão para o computador do qual ela mexia antes.

Benny nem sequer bateu à porta da sala de Agatha, foi entrando. Entendi porque ele se referia como "sala" e não "escritório" ao entrar. Aquele lugar não tinha nenhuma cara de escritório de trabalho, poderia facilmente ser uma sala de uma casa, porém com uma mesa de vidro e uma poltrona com ar de patrão.

O espaço era incrível e enorme.

Uma varanda espaçosa chamou minha atenção. Na mesma tinha uma espreguiçadeira, como tudo, grande. Na sala havia essa mesa, com a poltrona do outro lado, mais duas cadeiras em frente à mesa elegantíssima, um sofá de veludo cor de vinho em uma extremidade da sala, uma estante em outro e o melhor era uma janela enorme que iluminava naturalmente a sala. No centro um tapete com aparência fina.

Imaginei eu e Agatha deitados nus naquele tapete. Sua sala tinha cores claras, embora, não faltava algumas coisas vermelhas e em cor de vinho, como o sofá.

– Pedi comida japonesa para nós três. – Benny disse à Agatha que estava focada olhando para um notebook em cima de sua mesa.

A poltrona que ela estava sentada era, como tudo naquele lugar, grande, bem maior que ela. Agatha não havia me visto ainda me sua sala, seu foco era inteiramente no notebook.

– Três? – pude ver Agatha querendo adivinhar que era a terceira pessoa que almoçaria com eles quando ela levantou seu olhar e me viu entrando na

NACIONAIS-ACHERON

sua sala junto com seu amigo – Ah! – foi tudo que ela disse depois de me olhar de cima a baixo por completo.

– Algum problema? – Benny perguntou a ela sentando-se em uma das cadeiras na frente dela.

– Não, nenhum. – ela disse verdadeiramente ao fechar a tela de seu notebook sorrindo.

Sem convidarem eu me sentei na cadeira ao lado de Benny, tendo agora apenas a mesa de vidro me separando de Agatha.

– O que achou de hoje, Chris? – Benny puxou assunto.

– Muito bom, Jerry deixa qualquer um tranquilo e à vontade.

– Cuidado! – Benny me alertou – Ele gosta de deixar, principalmente garotos como você, muito mais que apenas "tranquilos".

Agatha gargalhou, Benny acompanhou sua risada.

– Mas eu acho que Chris é *muito* bem resolvido, certo? – Agatha me fuzilava com aquele olhar azul e eu senti seu pé em minha panturrilha, subindo devagar até chegar em minha virilha.

Se ela continuasse eu ficaria duro com seu amigo do meu lado mesmo. Não me intimidei em pegar o pé de Agatha e por bem em cima de meu pau semiereto. Ela mordeu seu lábio inferior quando sentiu minhas mãos fazerem uma massagem em seu pé frio, porém, seu pé continuou em cima do meu pau, sem se mexer.

Sem tirar meu olhar de Agatha eu sorri ao responder: – Sim, eu sou *muito* bem resolvido.

– Que pena pra mim, porque senão até eu entrava na fila. – Benny disse descaradamente me fazendo gargalhar.

Quando dei por mim, nós três ríamos bastante enquanto pulávamos de um assunto a outro. O pé de Agatha continuou em cima de meu membro e

minhas mãos nele em todo o momento da conversa, mas ela não o mexeu e eu continuei semiereto.

Não dava para ficar duro sabendo que Benny estava do meu lado o tempo inteiro, e não era como se ele não soubesse do pé de Agatha ali. O próprio comentava que se quiséssemos trepar logo, ele sairia. Embora ele não falasse em nenhum momento irritado, sempre fazendo piadas.

Eu entendia o porquê de Agatha gostar tanto dele. Benny era um verdadeiro amigo, daqueles que não achamos em qualquer esquina. Eles pareciam que eram mais que amigos, que eram irmãos, pois era nítido, mesmo para mim, que eles se amavam. Benny respeitava Agatha e eu tinha certeza que a defenderia como um verdadeiro irmão faria, o mesmo dela sobre ele.

Minha mente começou a pensar sobre quantas dificuldades ambos passaram juntos. Imaginei em quantos momentos Benny ajudou Agatha, momentos esses que eu, na época, deveria ser somente um adolescente qualquer. Eu não me sentia um "garoto" ao lado deles, ambos me faziam sentir acolhido e tranquilo. Eu gostava de estar na companhia deles.

Quando nosso almoço chegou eu insisti em pagar também, no fim nós três pagamos nossa parte e depois comemos em silêncio, mas não um silêncio constrangedor. Estávamos os três bem como estávamos.

Alguém bateu à porta quando tínhamos terminado de comer.

– Entre! – Agatha disse.

– Olá! – Vicky disse enquanto entrava – Uh... Espero não incomodar, mas Jerry mandou avisar que Christopher ainda tem algumas fotos para fazer.

– Estou indo. – disse já me levantando.

– Chris, você terminou agora de almoçar, não precisa ir. – Agatha retrucou.

– Não tem problema, não é como se eu fosse me exercitar agora. –
pisquei para Agatha com um sorriso de canto.

Ela retribuiu sorrindo, fazendo seus olhos azuis brilharem e meu pau latejar em minha bermuda.

Benny e Agatha continuaram na sala de Agatha e eu descii com Vicky. Jerry me esperava como todos de sua equipe: sorrindo. Eu ainda usava a cueca da empresa, Jerry havia me dado todas as cuecas, já que ninguém mais usaria de qualquer forma.

Quando tiramos as outras fotos eu não precisei me despir no provador, tirei minha camisa, bermuda e sapato ali mesmo, na frente de todos. E todos me olhavam sem vergonha nenhuma, além de Vicky. Ela era a timidez em pessoa. Era até bonitinho, mas eu preferia o jeito sem pudor de Agatha.

Vicky não ficou muito tempo, subiu quase correndo para seu espaço no outro andar. Tirei algumas fotos apenas de cueca e sem minha faixa, deixando minhas mãos em meu cabelo enquanto sorria. Jerry dizia que a câmera me amava. Ele me pegava de todos os ângulos, me mandando ficar assim ou assado.

Voltei a pôr minha faixa na cabeça, meu cabelo estava crescendo rápido e caía sempre em minha testa. Jerry resmungava algo sobre eu estar sexy para cacete, mas eu fingia não ouvir e ria baixinho. Ele mandou eu trocar de cueca, de uma azul que estava para uma vermelha.

Dessa vez eu deixei meu cabelo sem faixa enquanto tirava as fotos com a cueca vermelha. Um dos cabeleireiros, invés de arrumar meu cabelo, bagunçou, dizendo que assim ficaria mais natural. Jerry mandou eu sorrir.

Eu me imaginei atrás da câmera: próximo de uma parede branca, cabelo desarrumado, sorriso enorme no rosto e aquela cueca vermelha.

Ouvi uma respiração ofegante e olhei em direção a ela.

Agatha me devorava daquele jeito que eu amava. Ela mordeu seu lábio
NACIONAIS-ACHERON

inferior, como sempre fazia, em seguida ela caminhou até mim, sem se importar com todos os olhares em nossa volta.

– *Tentador*. – ela sussurrou em minha orelha, para quem quisesse ver, mas somente eu ouvir.

Foda-se! Tentadora era ela. Minha Ruiva vestia uma calça justa que marcava sua bunda dura e suas pernas torneadas. Sua camisa era preta até seus cotovelos e rendada, o pano que forrava era azul tão bonito quanto seus olhos. Seu cabelo estava solto e bem-arrumado, mas o melhor era seu salto. Ela calçava um salto fodidamente alto.

Eu apenas conseguia pensar em seu salto cravado novamente em minha bunda. Não reclamaria se doesse. Eu queria.

Cacete! Eu a queria agora.

XLI



"Tentador" era um eufemismo para descrever à Christopher. Ele estava simplesmente irresistível. Eu só pensava em cravar meu salto em sua bunda enquanto ele me penetrava profundamente. Sim, aquele mesmo profundo que eu amava.

Seu cabelo estava bagunçado, sem a faixa, deixando-o cair em sua testa, e me fazendo pensar em depois do sexo. Sua cueca era vermelha, exibindo todo seu corpo gostoso e musculoso.

Vi um flash forte que me tirou de meu transe. Tirei meus olhos de Chris para olhar quem tinha acabado de tirar a foto... E, como esperado, Jerry estava apontando sua câmera para nós. Ele me deu um sorriso fraco, sem graça, mas eu não me importei pela foto, sorri para ele de volta e Jerry suspirou de alívio.

Não era como se a foto tivesse sido vulgar ou algo do tipo. A câmera tinha pegado uma foto simples, de mim sussurrando no ouvido de Chris, enquanto ele sorria presunçosamente e daquela forma descontraída de

NACIONAIS-ACHERON

sempre, como se nada importasse de verdade.

– Demorará muito para finalizar a sessão de fotos? – eu perguntei à Jerry, me afastando de Chris que ainda sorria.

– Não, já tiramos o suficiente para entregar à empresa, contudo, quero mais para termos mais opções de fotos. – Jerry respondeu.

– Não vai ser preciso tirar as fotos amanhã?

– Não, Agatha. Daqui a pouco finalizamos.

Assenti para Jerry e voltei a olhar para Chris.

– Quando terminar essa sessão, quero você na minha sala, para pegar parte do dinheiro. – *e para fodermos*, pensei, mas obviamente não falei.

Era exatamente isso que eu queria com ele: foder agora. Infelizmente teria que esperar, mas seria em breve.

Chris acenou sorrindo, parecia que ele sabia de tudo enquanto me dava aquele sorriso típico dele. Seus olhos cor de âmbar, invadiam minha alma, me devoravam, exploravam e até mesmo exorcizava todos os meus demônios guardados há tempos. Seu sorriso mesmo sendo simples faziam minhas pernas ficarem bambas.

Sim, eu era uma mulher de trinta e dois anos que estava com as pernas bambas por causa de um sorriso torto... Definitivamente idade não melhorava algumas coisas, mas não era como se eu ficasse assim com qualquer homem. Era somente com Chris. Esse garoto me levava ao inferno e me puxava de volta.

Subi rapidamente, passando sem nem olhar para Victoria. Benny continuava em sua sala e eu fui até ele. Entrei sem nem bater, não havia formalidades entre nós, se um não quisesse que o outro entrasse trancaria à porta. Simples.

Benny estava em sua varanda. Fumando. Quando ele me viu entrar

sorriu e largou seu bendito cigarro. Andei até ele e antes que ele apagasse o cigarro eu o peguei e traguei, sentido um gosto doce em minha boca, em seguida soltando a fumaça.

Benny me olhava com os olhos arregalados, antes dele pegar novamente o cigarro de minha mão.

– Você fumando? – ele sorriu – Algo sério aconteceu! – não era uma pergunta, ele afirmava.

– Até agora nada aconteceu, mas vai. – disse pegando o cigarro mais uma vez e tragando-o.

Benny abriu ainda mais seu sorriso e quando abriu a boca para falar, ele tossiu um pouco.

– Conte-me mais...

– Você está bem? – perguntei preocupada.

– Estou... Por que não estaria, baby?

– Você fez exames recentemente e você quase nunca faz isso. Agora você anda tossindo...

– Só me engasguei, baby. – ele me tranquilizou sorrindo amplamente e pegando seu cigarro novamente de mim – Agora me conte logo o que vai acontecer de sério.

– Eu e Christopher. A sós. Na. Minha. Sala. – disse pausadamente.

– Uau! Vocês vão foder?

Gargalhei.

– Preciso ir, daqui a pouco ele sobe.

– Você apenas veio aqui para tragar meu cigarro e me falar isso? – Benny arqueou uma sobrancelha.

– Sim.

– Por isso que eu te amo, baby. Você é tão louca quanto eu.

– Eu também te amo. – dei um beijo na bochecha de meu amigo e sai de sua sala.

– Senhora! – Victoria falou quando me viu; franzi o cenho para ela, esperando ela completar – Chris acabou de entrar.

Assenti dando-lhe um sorriso fraco. Ela sabia que eu não deixava ninguém entrar na minha sala sem eu estar nela, felizmente, para Victoria, Christopher era exceção.

Entrei em minha sala e tranquei à porta. Não demorou para eu ver Chris deitado em minha espreguiçadeira na varanda. Ele vestia sua bermuda e usava sua faixa. Seu sapato e camisa estavam no chão ao lado da espreguiçadeira.

Chris estava deitado como se fosse sua casa, suas mãos estavam embaixo de sua cabeça, seus músculos estavam visíveis e flexionados. Suas pernas estavam completamente estiradas na espreguiçadeira.

Poucos segundos depois de eu entrar na sala, Christopher (que estava de costas para mim) virou sua cabeça para me olhar. Eu não precisava nem citar que ele sorriu. Eu me aproximei devagar.

– Oi! – ele disse.

– Olá! – retribui sentando-me na beira da espreguiçadeira, próximo de sua coluna.

Christopher abaixou sua mão para minha coxa, descansando nela e ocasionalmente apertando. Nossos olhos se conectaram. Seu olhar negro me inundava, sempre.

Ele se sentou e seu peitoral roçava em meu braço, sobre o pano fino da camisa, eu sabia que ele estava fazendo isso de propósito. Chris sabia como me tentar e isso não era novidade.

Ele descansou sua testa na lateral da minha cabeça e sua boca estava

colada em minha orelha, sua barba me arrepiava, mesmo sem ele se mexer.

– Ambos sabemos que não é apenas o dinheiro que eu vim pegar.

Adorava como esse garoto era direto, sem vergonha alguma. Uma das piores coisas para mim era um homem com pudores. Homem para mim tinha que falar o que queria claramente, com indiretas sem frescuras e diretas melhores ainda.

Christopher me deu tempo suficiente para assenti e sorrir, então, sem esperar, ele colocou sua outra mão em minha nuca e virou meu rosto delicadamente, mas não foi tão delicado quando sua boca tampou a minha.

Seu beijo foi possessivo e faminto, como se ele esperasse por isso há anos, como se não tivesse acontecido hoje pela manhã.

Eu o beijei da mesma forma que ele me beijava. Realmente parecia que não nos beijávamos há tempos. Sentir seus lábios parecia ser sempre uma novidade e eu amava cada segundo das sensações que ele me proporcionava.

Eu quebrei nosso beijo para me sentar em seu colo, mesmo sobre panos da minha calça e bermuda dele, eu conseguia sentir seu membro ereto, e ele posicionava-se perfeitamente em minha vagina. Era um encaixe certo, *perfeito*.

As mãos de Christopher passavam por todo o meu corpo, até uma parar em meu cabelo e a outra em minha coxa. As minhas mãos estavam em seu cabelo, puxando-o de leve. Chris gemia em minha boca e era foddidamente sensual ouvir o som quase gutural e totalmente rouco dele.

Christopher afastou sua boca da minha e tirou minha camisa e o forro, deixando-me de sutiã azul. Christopher grunhiu e rapidamente me carregou da espreguiçadeira, pondo-me deitada sobre ela.

Ele ficou em pé ao lado da mesma e tirou sua bermuda, sua faixa estava caindo e ele puxou de vez, jogando-a no chão. Chris vestia a cueca vermelha completamente tentadora. Ele não tirou ela tão rápido, antes disso,

ele colocou suas mãos no botão de minha calça e abriu, em seguida abriu também o zíper, sem prologar mais ele tirou minha calça, mas não meu salto alto.

Agora eu estava de lingerie azul e salto alto preto, enquanto Chris estava de cueca vermelha e mais nada. O sorriso que ele me deu foi tentador ao ponto de meu coração falhar uma batida e retornar a bater muito mais rápido.

Gemi de antecipação quando Chris começou a beijar meu corpo todo, começando pela minha panturrilha e subindo até parar em minha coxa, devagar ele tirou minha calcinha, roçando seus dedos por toda minha perna e me arrepiando completamente.

Depois de jogar minha calcinha no chão, ele começou a beijar meu pescoço, descendo até parar sobre meu seio, dessa vez ele não foi devagar ao tirar meu sutiã.

Quando dei por mim Christopher já estava nu e seu corpo pairava sobre o meu. Não hesitei em puxá-lo mais para mim, e fazer o que eu queria fazer mais cedo: cravar meu salto em sua bunda.

Ele gemeu e reivindicou minha boca para ele. Eu estava completamente entregue. Eu, naquele momento, era sua. Completamente sua.

– Ruiva, você é, sem dúvida, minha maior tentação. – ele sussurrou em minha orelha, meu corpo enrijeceu com sua voz rouca.

Christopher exalava sexo. Ele era totalmente sexual, seus passos, seus sorrisos, seu jeito, seu toque, sua voz. Tudo. Tudo nele era sexual e também sensual.

– Oh, garoto! – gemi quando senti a cabeça de seu pau em minha entrada – Estamos perdidos...

– *Tentadoramente* perdidos.

XLII



— *Tentadoramente perdidos.* – eu disse.

E era exatamente isso que estávamos, mas eu não me importava nenhum pouco. Se estávamos perdidos um no outro, eu amava estar perdido.

Sexo com minha Ruiva era sempre alucinante, esse não seria diferente. Ela gemia sem se importar se alguém ouvia ou não, contudo, depois, ela me disse que sua sala era à prova de som.

Meu orgasmo foi intenso, e Agatha deveria ter gozado umas duas ou três vezes naquela foda. Eu não conseguia definir qual foda com ela era a melhor, parecia que uma sempre era melhor que a outra.

Depois de nós nos arrumamos Agatha me entregou parte do dinheiro pela sessão de fotos, eu não aceitei, disse para ela me dar depois. Afinal, naquele momento, parecia que ela estava me pagando pela foda, ela concordou, mesmo dizendo que isso era bobagem, porém, ela me fez assinar um contrato de exclusividade temporária com a sua agência.

O contrato era pequeno e funcionava da seguinte forma: no período que eu estivesse fazendo ambas as campanhas eu não poderia participar de nada mais em outra agência.

NACIONAIS-ACHERON

O cachê que eu ganharia antes era melhor do que eu imaginava e era o suficiente para mim, mas Agatha deixou claro que teria mais, e quando a propaganda da camisinha fosse gravada e começasse a ser passava em todos os canais nacionais eu receberia x. Se a propaganda continuasse a passar nos canais depois de três meses, caso fizesse sucesso, eu receberia mais, eu e a modelo, é claro.

– Você vai para minha casa mais tarde? – perguntei à Agatha.

– Gostaria, mas não posso. – vi sinceridade em seu olhar azul fatal – Tenho que pressionar à Jerry sobre suas fotos. Quero tudo perfeito para amanhã, para amanhã mesmo já mostrarmos para a empresa. Sexta já podemos começar a escolher a modelo, se o CEO da empresa não tiver nenhuma em mente. Então, segunda-feira podemos começar a gravar a propaganda, porque não é algo tão fácil a ser gravado e editado.

– Eu entendo. – beijei seu nariz e suas bochechas cheias de sardas antes de ir.

– Até sexta, mais tardar segunda, eu te ligo.

Eu já estava com a mão na maçaneta da porta quando me virei para encarar à Agatha.

– Você tem algum compromisso no final de semana?

– Acho que não...

– Não Ruiva, diga-me que não tem... Eu quero você nesse final de semana. – a cortei e antes que ela pudesse negar eu completei enquanto saía da sala: – *Eu* te ligo.

Eu não me saciaria tão rápido da tentação que era Agatha. Eu precisava dela, mais e mais. Ela estava se tornando meu vício; um vício que eu não tinha a intenção de largar.



O restante do dia passou devagar e monótono. A única diferença de hoje a meus outros dias, era que Júlia tinha finalmente me ligado e quase como um complô, meu pai também.

Primeiro foi Júlia, eu estava saindo do banho quando meu celular tocou em cima de minha cama. Peguei-o rapidamente e o identificador de chamadas me avisou que era Júlia.

– "Quem é vivo, sempre aparece" nunca havia sido tão útil para mim. – fui direito, sem nem um cumprimento educado.

Júlia riu do outro lado da linha, me surpreendendo um pouco.

– Trabalho Tyler, muito trabalho.

– Como você está? E não venha me dizer que está bem e fim, quero detalhes de sua vida.

– Tyler, não há tanto tempo assim que nós não nos falamos...

– Mas para mim parece muito tempo, Casey. – brinquei falando seu sobrenome e me arrependi no momento em que falei, pois Júlia se calou.

Merda! Eu era um estúpido mesmo, apenas quem a chamava assim era Ian, e Júlia, pelo visto, não queria falar sobre ele.

– Desculpe. – ela disse.

– Pelo quê? – me deitei na cama, tirando a toalha de minha cintura.

Uma das muitas vantagens de morar sozinho era que você não precisava fechar a porta para ficar nu, ninguém estaria do outro lado da porta e era foddidamente confortante poder andar despido pelo apartamento sabendo que não aparecia ninguém nele.

– Por ter ido embora daquela forma... – Júlia pausou e suspirou – Eu deveria ter me explicado para você, precisávamos ter conversado, como sempre fazemos. Eu não podia ter fugido.

Tirei meu celular da orelha e olhei novamente para o identificador do mesmo. Eu estava totalmente surpreso com Júlia. Ela não agia desse modo, ela gostava de deixar tudo explicado, mas não era como se ela fosse uma mulher de dizer "desculpas" e assumir seus erros... Pelo contrário, ela era bem cabeça dura.

– Concordo. Preciso de explicações Júlia. E muitas!

– Co-como quais? – ela gaguejou.

– Sobre você e Ian, mas não quero te forçar a me dizer, diga se quiser. Obviamente quero saber também sobre aquilo de "a culpa ser minha". Culpa em quê?

Júlia suspirou e eu sabia, eu a conhecia bem para saber que ela me responderia e provavelmente começaria a falar que nem um jato...

– Você deve ter imaginado mil coisas sobre isso de você ser o culpado...

– Sim e você me deve boas explicações sobre. Você não é ainda apaixonada por mim, não é Júlia?

Minha amiga gargalhou.

Sério, ela gargalhou do outro lado da linha! Tanto que eu pensei em desligar a chamada na cara dela.

– Quem te deu essa ideia maluca? – ela pausou para rir mais, então, do nada, a linha ficou muda – Não diga! Já sei que foi o *Howard*. Típico dele achar isso.

Howard. Essa era a primeira vez que eu ouvia Júlia chamá-lo pelo seu sobrenome.

– Sim, foi ele... – disse quase envergonhado por ter pensado que poderia ser isso também.

– Não Tyler, eu não sou apaixonada por você. – suspirei aliviado, seria uma merda de confusão se Júlia ainda sentisse algo por mim – Eu te amo e muito, mas não sou apaixonada por você, o que tivemos acabou totalmente para mim, você é agora apenas meu amigo, eu não te vejo de outra forma mais e...

– Eu entendi Júlia! Sério, entendi! Página virada. – a cortei sorrindo, mas fingindo irritação, Júlia também ria – Então, por que a culpa é minha?

– Por que seu amigo imbecil acredita piamente que eu ainda sou apaixonada por você, mesmo que eu diga que não sou mil vezes, ele continua acreditando.

Dessa vez quem gargalhou fui eu. Típico de Ian, ele era outro cabeça dura, completamente cético. Ele nunca acreditaria que Júlia não era apaixonada por mim, até que, de alguma forma, ela provasse isso.

– Você terá que provar para ele que não é apaixonada por mim...

– Como? Até mesmo se nós transássemos ele acharia que eu o usaria para fazer ciúmes em você.

– Porra! – grunhi com um quê de repulsa por imaginar Ian transado com Júlia.

Não, eu não era contra eles transarem, mas Ian era como meu irmão e imaginá-lo com alguma mulher, quanto mais Júlia que sempre foi minha amiga, antes de namorada, e continuava sendo minha amiga, era um pouco bizarro. *Muito bizarro.*

– Pare de ser fresco, você sabe muito bem que não sou nenhuma virgem ou santa. – Júlia disse e eu ri.

– Sim, mas tem cenas que não quero imaginar, tipo meu melhor amigo

nu, fodendo com minha ex namorada e atual melhor amiga também.

Júlia gargalhou mais uma vez e sua risada doce me contagiou.

– Eu compreendo. – ela suspirou – Então, por isso a culpa é sua, seu melhor amigo me evita por acreditar que eu sou apaixonada por você.

– Mas ele disse que você o evita... – disse me lembrando de minha conversa com Ian em seu apartamento.

– Ele me evita primeiro que nem percebe, quando se aproxima de mim nunca tenta um assunto decente, parece que tenta me tratar como uma irmã ou sei lá, sendo assim eu obviamente me afasto.

– Ian não sabendo como falar com uma mulher? – ri alto – O Apocalipse zumbi está próximo! É oficialmente o fim dos tempos.

Ouvi Júlia murmurar um "idiota", mas quando ela falou em bom tom já era outra coisa: – Tenho que ir. Infelizmente. Espero que tudo esteja esclarecido entre nós.

– Sempre Júlia.

– Obrigada Tyler.

– Quando você vem para a capital?

– Não faço ideia.

– Que pena, Ian ficaria feliz em te ver logo.

– Idiota! – dessa vez ela disse alto, mas reparei que ria.

– Vou pressioná-lo para no próximo encontro de vocês ele agir que nem homem.

– Não! – sua voz estava afobada – Não faça isso. Se Howard não é homem o suficiente para ter uma atitude por si só, eu não o quero sendo assim.

– Porra Júlia, você tem toda razão. – isso foi o que eu disse, mas eu pensava em falar tudo para Ian, infelizmente eu não faria.

Júlia tinha razão, sua atitude deveria ser tomada por si só, sem nenhuma pressão minha.

– Meu Deus! – Júlia exclamou.

– O que foi mulher?

– Sou uma péssima amiga, apenas falamos de mim. Tenho mais um minuto me conte o que você fez nesses dias, rápido! – Júlia era isso: louca, mas um doce de garota.

Contei a ela brevemente sobre Agatha, que estávamos "saindo" e que eu estava trabalhando na agência dela, Júlia festejou do outro lado da linha, mas como prometido em um minuto ela desligou.

Depois disso eu estendi a toalha em um varal improvisado na cozinha e voltei para o quarto, ainda nu. Dormi um pouco, eu tinha acordado muito cedo e não estava acostumado. Meu celular estava em algum lugar da cama e foi ele que me acordou um par de horas depois.

Achei meu celular embaixo de lençóis, (como havia parado lá eu não sabia), e sem olhar para o identificador eu atendi.

– Alô? – minha voz estava embargada e mais rouca que o normal.

– Meu fuso horário deve estar louco, porque eu achei que não passasse das 20h. – era meu pai, reconheci sua voz no primeiro segundo.

– Pai?

– Há outro? – ele disse rindo – Estava dormindo nessa hora?

– É que eu acordei cedo...

– Trabalho?

– Sim! Uma campanha de cuecas e em breve um comercial de camisinha.

– Isso é ótimo filho! Me avise quando o comercial for lançado.

– Mas o comercial será nacional. – meu pai tinha viajado para fora do

país.

– Eu tenho internet aqui, não é como eu estivesse no fim de mundo.

Eu ri, deitando-me de barriga para cima na cama. Estava com saudades de conversar com meu pai, tanto quanto sentia de Júlia, mas conversar pessoalmente, podendo vê-los e abraçá-los.

– Tudo bem pai, eu te falo tudo, mas o senhor anda sumido...

– Desculpe, muito trabalho. Sempre há um novo evento para eu comparecer, algumas fotos para tirar e afins. – ele pausou – Como vai Júlia e Ian?

– Ambos bem, eu também estou bem, obrigado por perguntar. – brinquei.

– Eu saberia se meu único filho estivesse mal. Nós pais, simplesmente sabemos.

Mas ele não soube que eu estava mal, quebrado há anos, quando minha mãe ficou depressiva e começou a me confundir com ele, me xingando e dizendo que me odiava, até o dia que ela se matou. Meu pai nunca soube isso, ninguém nunca soube, nem mesmo minha tia.

Minha tia achava que meu pai era o culpado pela depressão e logo em seguida suicídio de sua irmã, mesmo eu nunca confirmando isso. Minha tia, Myrna, ainda hoje não falava com meu pai, apenas o necessário, nada mais que isso.

Em seus surtos minha mãe só me reconhecia quando me encarava de perto e via meus olhos pretos, então ela começava a chorar e falar coisas incompreensíveis. Eu sabia que eram pedidos de desculpas, milhares deles. Nós nos abraçávamos, eu dizia que tudo ficaria bem, ela não acreditava, eu não acreditava em minhas próprias palavras. No outro dia tudo começava novamente. Nós nunca ficamos bem, ela se suicidou antes de termos chance de ficarmos bem ou, no mínimo, perto disso.

NACIONAIS-ACHERON

Hoje em dia eu não culpava meu pai, mas a dor ainda era grande, gigantesca, porém eu fingia bem. Eu sabia que meu pai foi o responsável em uma grande parte da depressão de minha mãe, mas eu não o culpava por isso.

Eu não era idiota, sabia que tinha alguma mulher envolvida e culpada de seu sumiço, mas eu também não a responsabilizava por isso, meu pai que não deveria ceder à mulher nenhuma, ele deveria ter sido mais presente e uma série de outras coisas que eu tentava não pensar sobre.

Eu e meu pai conversamos mais, coisas fúteis e sem importância na maioria delas. Não falei sobre Agatha ou sua agência, estava muito cedo para dizer qualquer coisa sobre ela.

Meu pai sempre me perguntava sobre dinheiro, se eu precisava de mais, mas eu sempre negava. Porém, ainda assim, via em meu extrato do banco dinheiro a mais, era sempre isso. Eu nunca pedia, ele sempre depositava.

Depois de conversar com meu pai resolvi ligar para minha tia. Aquele era o dia das ligações para mim, só poderia ser.

Eu e minha tia conversamos tanto quanto eu e meu pai. As perguntas dela eram bem diferentes das dele, enquanto meu pai falava comigo sobre sexo e mulheres abertamente, minha tia me perguntava sobre namoradas e relacionamentos, mas também queria saber se eu estava comendo bem e o que eu comia.

Ela era uma mistura perfeita de mãe e tia. Eu a amava, sem ela eu não seria um terço de quem eu era hoje em dia. Felizmente eu não precisava dizer para ela o quanto eu a amava, ela sabia.

Algumas vezes amávamos em silêncio, mas não significava que esse amor "silencioso" era mais fraco que o escandaloso. Pelo contrário, amar em silêncio era amar duas vezes. Eu não precisava gritar para o mundo um "eu te amo" quando amava alguém. Quando amávamos, ficava nítido em nosso

NACIONAIS-ACHERON

olhar o amor.

Diziam que o amor não se via, se sentia. Embora, eu discordasse.

Minha tia não me dizia que me amava, mas todas as noites, quando eu era moleque, ela apagava à luz de meu quarto e sentava-se na beirada de minha cama esperando eu dormir, mesmo que, demorasse horas.

Quando eu adoecia, ela e meu tio cuidavam de mim com tanto ímpeto que eu não me sentia pior por tê-los.

Ainda assim, ambos não diziam que me amavam. Eu via o amor em suas atitudes.

Falar uma única vez, para mim, era o suficiente, para o “eu te amo” não se tornar um cumprimento banalizado, como um “bom dia”. Eu poderia amar – e eu amava muito –, mas eu amava para mim e para a outra pessoa, o mundo não precisava saber.

Amor era entre duas pessoas, apenas.

XLIII



O resto do meu dia foi tranquilo e cansativo. Muito trabalho para adiantar. Felizmente sobre as fotos de Christopher, Jerry confirmou para mim que estaria tudo pronto para amanhã, então hoje, toda a equipe dele estava trabalhando até um pouco mais tarde para finalizar logo e talvez amanhã mesmo entregarmos à empresa.

Eu estava em minha sala com Benny, não sabíamos se a empresa já tinha uma modelo selecionada ou se eles deixariam para nós pré-selecionarmos algumas, como foi com Christopher, mas para adiantar eu e Benny já estávamos olhando as fotos de várias garotas.

No fim nós não achamos uma garota que fosse boa o suficiente para Chris, deixamos para depois e começamos a trabalhar em outras coisas menores.

Saímos mais tarde que o normal naquele dia, Victoria já tinha ido embora, assim como todos, ou quase. Eu e Benny encontramos Jerry sozinho

NACIONAIS-ACHERON

em seu estúdio, ele estava concentrado enquanto teclava em seu computador.

– Jerry? – Benny disse, chamando a atenção de Jerry.

– Olá! – ele respondeu hesitante.

– Não precisa trabalhar tanto, pode ir, amanhã você termina. – eu tomei a voz, já se passavam das 19h e normalmente trabalhávamos até 17h.

Jerry concordou e saímos os três da agência. Ele estava muito animado falando que eu e Benny não esperávamos para ver as fotos e que elas estavam maravilhosas. Jerry era tão empolgado e sempre animado que até mesmo eu me rendia a sua animação.

Benny pegou carona com Jerry que morava mais perto de sua casa. Eu vivia dizendo a ele para pegar seu carro, mas Benny insistia em sair sem. Dentro de minha Mercedes eu dirigi rapidamente até meu condomínio pronta para chegar em casa e descansar.



Quando dei por mim já era manhã de quinta-feira. Hoje novamente o dia seria longo.

Levantei da cama em um pulo e me vesti metodicamente com uma saia comprida cor de vinho, uma camisa de manga curta preta e salto alto vermelho. Passei uma leve maquiagem em meu rosto e deixei meu cabelo preso em um coque simples.

Cheguei um pouco depois das 9h na agência, e como sempre todos já se encontravam nela. Não precisei entrar muito adiante em minha agência quando Jerry me abordou praticamente gritando de alegria.

– Agatha! Veja e suspire! – ele disse me entregando um pôster e algumas fotos.

Eu realmente encarei aquelas imagens e suspirei. Eram de Christopher e estavam perfeitas. Jerry não tinha me entregue várias fotos, mas era o suficiente para eu ver como Christopher era perfeito para aquela campanha, minha visão era sempre puxada para a cueca que ele vestia, mas não na intenção de comprá-las e sim de tirá-las.

No pôster estava a foto de Chris usando a cueca vermelha, a mais tentadora de todas. Ele sorria e seu cabelo estava bagunçado. Simplesmente irresistível.

– Eu me adiantei e ontem mesmo enviei algumas fotos para a empresa por e-mail... Fiz mal? – Jerry perguntou. – k – Não, claro que não. – respondi sinceramente, depois de Benny, Jerry era o homem que eu mais confiava em minha agência – Eles responderam?

– Eu mandei as fotos em meu nome, obviamente, mas pedi para eles responderem diretamente para você. Sobretudo, eles me responderam de qualquer forma e disseram que quereriam uma reunião comigo, Benny e você.

– E o que você disse?

– Pedi para eles confirmarem com Benny.

– Ótimo, você fez tudo certo, adiantou muito na verdade. – assenti para Jerry, devolvendo as imagens e subi para minha sala.

Ele realmente tinha adiantado bastante, mesmo que poderia mandar Victoria resolver tudo para mim, ela ainda era jovem demais para falar com CEO e gerentes grandes de certas empresas, principalmente a empresa que Christopher estava sendo modelo da campanha.

– Bom dia senhora. – Victoria sorria.

– Quais são meus compromissos de hoje? – fui direta.

Victoria me disse alguns compromissos, mas o único que eu gravei foi: reunião com o CEO pela tarde. Normalmente era o gerente do setor de propaganda que iria para a reunião, mas nessas últimas decisões era o próprio CEO que vinha e decidia tudo.

As horas se passaram rápido e em poucos minutos a reunião em minha sala começaria. Eu, Benny e Jerry olhávamos as fotos revelados e alguns pôsteres. Jerry tinha trabalho bem e rápido, mais do que eu imaginava.

Nessa reunião o CEO decidiria se as fotos e pôsteres estavam bons o suficiente para a campanha. As imagens seriam colocadas em algumas revistas, site oficial da empresa e talvez até mesmo em outdoors.

O cachê de Christopher seria bom, mas o que eu ganharia seria melhor ainda. Ele não quis aceitar o dinheiro ontem, mas em nosso próximo encontro eu daria antes de tudo o dinheiro para ele.

Victoria anunciou a presença do CEO e junto com um assistente dele. Eu, Benny e Jerry nos sentamos. Eu em minha poltrona e eles em cadeiras simples ao meu lado, deixando as outras duas poltronas para o CEO e seu assistente.

Ambos entraram e nós três nos levantamos para cumprimentá-los formalmente.

Nossa reunião foi simples. O CEO aceitou todas as fotos sem hesitar, ainda parabenizou Jerry e sua equipe de fotografia.

– E sobre a modelo? – Jerry perguntou como se já tivesse uma modelo em mente.

– Aceitamos a sua escolha. – o CEO respondeu e eu franzi o cenho discretamente para Jerry – De início eu fiquei surpreso, mas concordei. Realmente é a melhor opção.

Que escolha era essa? Que opção? Quem diabos era essa garota?

– Desculpe senhor, mas a Sra. Lancellotti ainda não sabe sobre a minha escolha. – era estranho ouvir Jerry falar sobre mim de uma forma tão cordial e como se eu não estivesse ali ao seu lado.

– Então eu mesmo posso fazer o comunicado. – o bendito CEO me encarava. Era um senhor com cara de bonzinho, mas que todos sabiam que de bonzinho ele não tinha nada. – Sra. Lancellotti, eu gostaria que a senhora fosse a modelo do comercial.

– Eu? – perguntei com uma sobrancelha erguida. – Eu não sou mais modelo há muito tempo e...

– E nós achamos uma ótima ideia. Seria um diferencial ver a dona da agência sendo também a modelo do comercial. – Benny tomou a voz.

Depois disso a reunião não durou mais dez minutos, o CEO deixou claro que queria o comercial gravado o quanto antes. Tudo que eles queriam que fosse feito na propaganda estava em um contrato. Eles eram direitos e simples. Gostei da praticidade.

Quando o CEO e seu assistente saíram eu encarei Jerry, furiosa.

– Quais fotos foram essa? Como e por que você enviou? E por que não me comunicou antes disso?

Jerry se encolheu, mas quando abriu a boca para responder ele me fitava sério.

– Eu tirei duas fotos de vocês juntos, você viu quando aconteceu. Enviei por e-mail, porque estavam perfeitas. Vocês juntos são perfeitos, sensuais, sexuais... *Tentadores*. Não comuniquei porque sabia que você não aprovaria.

– Baby, talvez não seja uma má ideia. – Benny tentava me acalmar com seu olhar.

– Como não? – exclamei.

– Você sempre diz o "faça você mesmo", então...

– Isso é quando eu tenho a consciência antes do que eu farei. – rebati, cortando meu amigo.

– Pense então no dinheiro. – Benny falou e eu tentei me acalmar.

– Foda-se! E tem jeito? Não pode ser tão ruim assim... – comentei.

Jerry e Benny sorriam aliviados, acharam que tinham me domado. Eu achava que estava tranquila, afinal, não seria mesmo tão ruim... Eu achava isso, mas estar ao lado de Christopher, fora da cama, mais que o necessário, seria mais do que eu aguentaria.

Não que eu reclamasse ou não gostasse de estar na presença dele, mas esse era o problema: eu não reclamava *e* eu gostava de estar com ele, tanto dentro quanto fora da cama.

XLIV



Acordei por volta das 10h nesta quinta-feira e depois

de tomar um bom café da manhã, eu fui para a academia. Dessa vez Ian

estava nela e me segurei para não falar sobre Júlia, como ele também não citou seu nome, eu acabei deixando por isso mesmo.

Eu e Ian almoçamos juntos e eu voltei para minha casa no entardecer. Eu não tinha levado meu celular para a rua e o encontrei em cima do sofá tocando.

– Sim?

– Oi, sou eu. – sua voz era fodidamente sensual, não tinha como não reconhecer à minha Ruiva.

– Uau! Você nem me deu tempo de te ligar. – brinquei.

– Pois é, decidimos tudo muito rapidamente. Amanhã já podemos começar a gravação da propaganda.

– Que ótimo! Eu conheço a modelo? – perguntei já imaginando que não.

– Sim. – a voz de Agatha era um misto de diversão e... *raiva*?

– Sim? – falei retoricamente – Quem é?

– Eu mesma.

– Vo-você? – eu até havia engasgado.

– Sim Chris, sou eu. Também estou um pouco pasma. Amanhã te explicarei, ainda preciso trabalhar. Venha às 10h novamente.

– Estarei antes. – respondi e não demorou muito para ouvir uma risada gostosa de Agatha do outro lado da linha, em seguida, sem esperar mais, ela desligou.

Gravar um comercial de camisinha com Agatha seria fodidamente sensual. Ela conseguia sempre me surpreender, sendo cada vez melhor. Imaginá-la gravando comigo já fazia meu pau latejar de antecipação.



No outro dia eu cheguei antes das 10h e Agatha me explicou o porquê dela ser a modelo do comercial: Jerry havia planejado tudo, segundo ela.

Aquela sexta-feira foi muito divertida. Agatha primeiramente me pagou o meu cachê das fotos, eu aceitei rindo. Sobre o comercial, ele era simples: Agatha teria que tirar o tal do preservativo de seu bolso e eu praticamente correr até ela, tirando o preservativo de sua mão e a jogando em uma cama. Não foi difícil, nenhum pouco, mas decidimos gravar algumas vezes, na sexta e sábado.

No sábado finalizamos tudo muito rápido e como não era um dia comum de trabalho na agência, poucas pessoas estavam nela, depois de gravarmos, eu não resisti mais e chamei Agatha para minha casa, ela aceitou e naquele sábado testamos em primeira mão a camisinha. Até que não era ruim, eu continuava com alguma sensibilidade, mas na nossa segunda foda estávamos sem nada entre nós, deixando nossas sensibilidades em alta.

No domingo eu insisti para encontrar Agatha, mas ela negou, dizendo que passaria o dia com Benny. Jerry já estava editando a propaganda, em menos de uma semana ela seria passada para a empresa.

Nessa uma semana até a propaganda ser entregue pronta e editada para a empresa Agatha tentou fugir de mim, mas eu não deixava. Não queria parecer um fodido perseguidor, mas eu não a deixaria longe por muito tempo, quanto mais que, nós se veríamos a nos encontrar profissionalmente em torno de um mês, que seria a estreia do comercial e das minhas fotos em revistas. As fotos sairiam também em outdoors.

Enfim, nessa semana eu fui até ela na agência discretamente e ela foi em meu apartamento. Nossa relação era completamente sexual, sem sentimentos e ressentimentos. Mas eu não estava fodendo ninguém, além dela. Simplesmente não sentia vontade de outra. Agatha me bastava. Não sabia se o mesmo era válido para ela, não entrávamos nesse assunto, mas eu acreditava que sim, já que passávamos um bom tempo juntos.

Algumas semanas depois eu comecei a sair com Agatha e Benny, outras vezes até mesmo Ian nos encontrava. Ian achava Benny hilário, e Benny conhecia muitas mulheres das quais apresentava à Ian.

Eu ainda não tinha ido à casa de Agatha, não insistia. Deixava sempre para ela me chamar, mas ela não chamava. Tentava não pensar muito sobre isso, nós estávamos muito bem juntos em minha casa. Não tínhamos nada oficial, mas saíamos juntos e já não ficávamos somente em meu apartamento. Eu não fazia ideia para onde isso nos levaria, mas eu estava aproveitando e gostando de cada minuto ao lado daquela mulher fascinante.

Eu conversava com Júlia, meu pai e minha tia, algumas vezes, durante a semana, mas só para Júlia eu falava de Agatha, não queria dizer nada a minha tia e ela já falar sobre nosso casamento, também não queria falar com meu pai e ele não levar a sério. No fim era só Júlia que compreendia.

Sobre Ian e Júlia, nada tinha acontecido. Com o passar das semanas ela continuava no interior sem data para vir para a capital. Ian parecia não pensar muito sobre Júlia, porque continuava fodendo mulheres diferentes. Júlia parecia não querer pensar em Ian, porque ele sempre estava com alguém diferente, ela sabia e eu nem precisava confirmar.

As coisas iam bem. Depois de Júlia, o que eu tinha com Agatha foi o mais sério de todos os outros casos, mas Agatha parecia querer fugir de algo sério e eu não discutia. Como estávamos, estava bem.

Depois de um pouco mais de um mês a propaganda da camisinha
NACIONAIS-ACHERON

protagonizada por mim e Agatha foi enfim ao ar em todo o país. Não houve uma festa ou algum evento sobre a estreia, mas o CEO da empresa e toda a equipe de Jerry, junto comigo, Agatha e Benny fizemos uma comemoração pequena. A propaganda estava simplesmente foda. Nada muito sexual, mas muito sensual. Qualquer um em sã consciência queria comprar aquele preservativo.

Eu recebi muito bem pela propaganda, e como minha Ruiva já tinha me avisado se a propaganda continuasse por mais de três meses, nós receberíamos mais, pois o contrato era de três meses sem exceção.

Nesse mês que havia se passado eu fiz muitos outros trabalhos na agência de Agatha, já que tínhamos um contrato de exclusividade provisória, contudo, ela me deixou trabalhar em outras agências depois das gravações da propaganda. Em outras agências eu não tive tantos trabalhos, mas depois que minhas fotos de cueca estavam em revistas e outdoors tudo começou a dar mais certo. Eu era chamado para uma série de eventos e desfiles.

A campanha de meu apartamento tocou, me tirando de todos os pensamentos desse último mês.

– Oi! – abri à porta e encontrei uma Agatha com um sorriso de canto.

Ela vestia um vestido simples, porém decotado, terminando no meio de suas coxas grossas e vermelho. Vermelho definitivamente era nossa cor.

– Oi! – sorri de volta, abrindo toda a porta para ela entrar.

Eu vestia uma bermuda de pano grosso marrom e mais nada. Era um milagre que ela não havia me pego sem roupa. Eu estava em meu apartamento, não precisava me vestir nele.

Agatha não entrou, como esperado, ela continuou do outro lado da porta, com o mesmo sorriso de canto. Seu cabelo estava solto e bastante volumoso. Minha única vontade era beijá-la enquanto puxava aquele seu cabelo ruivo.

NACIONAIS-ACHERON

– Eu estava pensando em irmos para um lugar diferente... – ela disse ainda na porta.

– Qual?

– Minha casa. – sua resposta me pegou totalmente de surpresa.

Eu já estava me acostumando com a ideia de nunca ir em sua casa.

– Tem certeza?

– Sim.

Eu não esperei ouvir mais, pedi para ela entrar e corri para meu quarto, colocando uma camisa preta e um sapato da mesma cor que a bermuda, marrom. Em seguida peguei o essencial: chaves de casa e carro, documentos, carteira e celular.

Quando voltei para a sala, Agatha continuava em pé e a porta ainda estava aberta. Ela deveria estar com pressa. Sorri, eu também estava.

Era um sábado, então nossa noite seria longa. *Deliciosamente* longa.

XLV



Havia passado mais de um mês, desde o dia da gravação

da propaganda. Um mês do qual eu continuava me encontrando com Chris.

Benny estava certo, sempre esteve, Chris era a minha droga. Meu vício. E eu simplesmente não conseguia me afastar dele, pelo contrário, eu me aproximava mais e mais.

Nossa relação ainda era totalmente sexual, mas em alguns momentos eu sentia a necessidade de ter algo mais com ele. Algumas vezes nós conversávamos depois de uma foda e dormíamos abraçados. Ríamos muito juntos, saíamos juntos, fodíamos mais que tudo, conversamos sobre uma centena de besteiras, tentávamos até cozinhar, mas, tanto eu, quanto ele, éramos péssimos na cozinha.

Eu tinha conhecido seu amigo Ian, ele até tinha trabalhado em alguns eventos em minha agência. Benny apresentava inúmeras mulheres para ele, e eu ficava feliz por Christopher não ter amigos preconceituosos com a orientação sexual assumida de Benny.

Benny havia emagrecido nesse mês, segundo ele, era uma nova dieta,

mas algo estava errado com ele, eu podia sentir. Meu amigo não estava de todo bem. Eu esperava que fosse coisa da minha cabeça, contudo, algo me dizia que não era. Seus benditos exames médicos ainda não estavam prontos, segundo ele, novamente. Eu insisti para ir pegar os resultados com ele, e Benny concordou depois de eu forçar muito.

Era estranho estar com Chris e não querer mais ninguém, mas era isso que acontecia comigo. Eu me sentia tão atraída por Christopher que eu não sentia a necessidade de foder com outros homens. Eu estava muito bem só estando com ele. Algumas vezes Chris dava a entender que ele também não transava com mais ninguém, além de mim. Eu acreditava nele. Simplesmente acreditava, sem pensar em discordar. Eu ficava calada quando ele falava essas coisas. Eu não estava com ninguém, nem pretendia estar, mas eu não queria que ele soubesse que eu estava totalmente à mercê dele.

Quando Chris falava qualquer coisa eu acreditava de uma forma quase estúpida. Era como se meu cérebro não desconfiasse dele. Eu não conseguia desconfiar dele. Acreditava, confiava e ponto. Sim, eu estava completamente estúpida. Não, eu não estava apaixonada. Eu apenas sentia um tesão sem limites por Chris e queria estar com ele fora da cama também... Porém, isso não era paixão. Longe disso, era apenas tesão.

Hoje era sábado e eu, como todos os outros dias, queria estar com Chris. Era quase noite e nós não havíamos nos falado o dia inteiro. Eu precisava tê-lo dentro de mim. Eu estava cansada de fugir. Eu traria Christopher para minha casa.

Eu não levava quase ninguém para minha casa. Era melhor assim, casos eu tinha na rua. Benny vivia mais em minha casa do que na dele, mas ele era uma exceção de tudo. Eu o amava. Ele era a única pessoa, além de mim mesma, que eu amava. E eu não me cansaria de dizer isso.

Victoria e outros do trabalho já tinham ido à minha casa, mas nunca

NACIONAIS-ACHERON

muitas vezes. Eu era muito reservada. Eu amava ser assim, a solidão era minha companheira, até Chris chegar.

Eu havia comprado minha casa quando comecei a fazer sucesso como modelo. O dinheiro não seria suficiente para comprar a casa hoje, mas foi para financiá-la antes, porque o condomínio não era valorizado antigamente. Eu sabia que com o passar do tempo isso mudaria e mudou. Hoje em dia, o condomínio que eu morava era um dos mais luxuosos da região.

Minha casa era grande, de dois andares, mas na época que a comprei era de um só andar, porém o terreno valeu cada centavo que eu paguei. Depois de ganhar ainda mais reformei-a, deixando com a minha cara.

Quando me casei eu sai de casa e fui morar com ele, Benny ficou com minha casa, passando-a para seu nome e tudo. Ele disse que dessa forma eu sempre teria um lugar para morar. Sim, Benny não confiava em meu ex marido, ele achava que ele tomaria tudo de mim se nosso casamento acabasse mal. E acabou, mas isso era outra história.

Enfim eu voltei para minha casa, passando-a novamente para meu nome, depois que me separei, e proibi uma série de pessoas a entrarem no condomínio, como Christopher Stuart, pai de Chris.

O pai de Chris também era outra história, para mais tarde ou para nunca. Eu esperava. Ele havia sido útil em minha antiga vida, mas era isso que aquela minha fase de modelo foi: minha antiga vida. Vida essa que eu não me orgulhava nenhum pouco.

Eu estava bem com Chris e melhor ainda porque ele não insistia em assuntos mais pesados, como meu antigo marido e família. Tudo isso me lembrava minha antiga vida. Meu passado sujo e esquecido, mas infelizmente, sempre lembrado por mim. Gostaria de apagá-lo de vez de minha memória, principalmente esquecer Christopher Stuart.

Outros homens dos quais me envolvi depois de separada queriam saber

NACIONAIS-ACHERON

demais. Queriam me conhecer detalhadamente e eu detestava isso. Não era necessário toda essa conversa se o que queríamos era um bom sexo casual e nada além.

Com o passar de um ano depois de separada, eu desisti de me envolver, comecei apenas a foder casual com os homens, e não passava de três fodas com o mesmo homem. Todos eram esquecidos. Nenhum era essencial. Nenhum perguntava mais que o necessário. Todos eram descartáveis... Até Chris.

Eu não conseguia *não me envolver* com ele. Eu queria estar com ele. Eu queria poder contá-lo sobre minha antiga vida, família, ex marido e até mesmo sobre o pai dele, mas eu não tinha coragem. Eu sabia que se falasse, ele iria embora. Eu não queria que ele fosse, eu não queria perdê-lo.

Por que os nossos vícios são tão bons e memoráveis? Por que não podemos simplesmente descartar, quem quer que seja? Por que, algumas vezes, nós somos levadas sem pensar duas vezes até ele? Por que acabamos cedendo? Por que nos apaixonamos?

Não, eu não estava apaixonada. Repetia. Não era isso, era apenas tesão. Tudo que eu fazia, era apenas por tesão. *Tesão. Atração. Química.* Qualquer um desses servia, mas não paixão. Paixão, não!

Eu estava agora tocando a campainha do apartamento de Chris. O porteiro nem sequer precisava saber se eu podia subir ou não, até ele sabia que eu podia.

Eu e Chris trocamos umas palavras e eu falei sobre irmos para um lugar diferente. Minha casa. Não tinha lugar mais diferente e quase proibido para mim como ela. Chris hesitou apenas para saber se eu tinha certeza e eu amei isso dele.

Sua atitude provava que se eu mudasse de opinião ele não discutiria. Ele nunca discutia, era sempre tão risonho e calmo, enquanto eu era uma

NACIONAIS-ACHERON

máquina de estresse e grosseria, mas ele nunca reclamava disso, sempre ria, me fazendo rir junto.

Depois que eu confirmei ele foi rapidamente colocar uma camisa e sapato. Eu avisei que iríamos no meu carro, na volta eu deixaria ele em casa. Ele não hesitou, rindo, concordou, então fomos para minha casa...

Algumas vezes eu deixava Christopher dirigir minha Mercedes, ele insistia tanto que eu deixava e sempre me compensava muito bem depois. O único que eu deixava dirigir meu carro era Benny, agora Chris. Chris cuidava bem dela e cuidava bem de mim depois também.

Dessa vez eu dirigia, para irmos mais rápido e eu não ter que ensinar o caminho. Não demoramos muito para chegar em meu condomínio. Chris olhava para tudo como uma criança, mas ele dizia que era para não se esquecer do caminho.

– Sua casa é incrível. – ele disse minutos depois, quando já estávamos dentro de minha casa.

Christopher estava com os olhos focados no meu. Eu me sentia incrível e não me importava com minha casa, se ela era incrível ou não. Nada importava.

Estávamos na sala e Chris não olhava para nada, apenas para mim, menos de um segundo depois nós já nos beijávamos como pela primeira vez. Era quase como se todo beijo fosse uma novidade.

– Onde é seu quarto? – Chris sussurrou com sua boca colada na minha.

Eu o guiei para meu quarto no segundo andar e antes de chegar em minha cama Chris me empurrou para uma parede e invadiu sua língua em minha boca. Como sempre ele me domava, me explorava e me invadia de uma forma que eu não conseguia resistir. Eu estava simplesmente entregue a ele.

Rapidamente meu vestido estava no chão, deixando-me de lingerie cor
NACIONAIS-ACHERON

de vinho e um salto não muito alto.

Coloquei minhas mãos no cós da bermuda de Chris e tirei seu cinto, depois abri um botão de sua bermuda e seu zíper, fazendo a bermuda escorregar facilmente em suas pernas. Chris descalçou seu sapato e tirou a bermuda, em seguida a camisa.

Meu Deus! Ele conseguia ser sempre impressionante, mesmo eu o vendo nu constantemente nesse mês eu ainda conseguia me surpreender ao ver seu corpo. Ele sempre fazia meu coração falhar uma batida e depois retomar a bater extremamente rápido.

Quando dei por mim Chris estava de joelhos na minha frente, mesmo naquela posição ele parecia domar a situação enquanto me olhava com seu sorriso presunçoso de sempre.

Chris retirou minha calcinha devagar, sem tirar os olhos de mim. Eu descansei minhas mãos em seu cabelo. Depois ele desafiou meu salto e em pouco tempo eu só usava um sutiã.

Ele segurou minha coxa e a colocou em seu ombro, continuou com sua mão em minha coxa e outra em meu quadril, como se me dando equilíbrio.

Devagar ele começou a beijar meu púbis. Eu já estava sentindo a eletricidade de seus beijos leves quando ele passou sua língua por toda minha fenda. Christopher estava indo devagar, de uma forma diferente de antes, ele estava me instigando mais e mais.

Sem esperar mais ele enfiou sua língua dentro de minha entrada, minhas pernas ficaram bambas e Chris me apertou um pouco mais em meu quadril para eu não cair. Seus dedos em minha coxa começaram a descer e subir por toda minha perna, fazendo todo meu corpo enrijecer com seu simples toque.

Sua língua me invadiu, daquela forma que só ele conseguia fazer comigo. Eu me esquecia de tudo e só pensava no momento. Eu não tinha

NACIONAIS-ACHERON

intenção de pensar em outra coisa que não fosse em sua barba roçando minha vagina e sua língua dentro de mim.

Christopher me comia apenas com sua língua que não parava de entrar e sair de dentro de mim. Seus dedos, que passeavam por minha perna, foram devagar até meu clitóris que pulsava por seu toque.

Com dois dele ele tocou em meu clitóris e fez movimentos circulares, sem parar de me comer com sua língua. Sua barba me causava arrepios deliciosos. Eu gemia por todas as sensações de prazer que ele me proporcionava.

Chris tirou sua língua de minha entrada e seus dedos de meu clitóris, trocando de posição. Seus dois dedos entraram fundo em mim e sua língua começou a fazer os movimentos circulares, depois sua boca abocanhou meu clitóris, mordiscando e chupando.

– Oh! Chris... – meu gemido era quase cantado pelo tempo que eu arrastava e demorava para pronunciar seu nome.

Chris riu, soprando fortes lufadas de ar em mim. Eu não sabia mais o que eu sentia. Se eram espasmos, arrepios, cócegas, prazer... Provavelmente era uma mistura de tudo isso. E eu amava. Amava cada sensação.

Eu não estava muito longe de meu clímax, na verdade, sempre que Chris se aproximava eu me sentia perto, em um êxtase, uma frenesi esquisita. Não sabia descrever ao certo, mas era Chris surgir e meu corpo inteiro respondia, como se sentisse sua chegada, como se imaginasse e desejasse seus toques.

Christopher começou a me foder ainda mais rápido com seus dedos e sua língua oscilou entre movimentos circulares e de ziguezague. Não tinha uma parte de meu corpo que não estivesse em puro estado de prazer. E um prazer cada vez maior estava crescendo e se aproximando... Era visível à Chris o que ele fazia comigo.

Eu estava com a cabeça apoiada na parede, olhos fechados e mãos apoiando-se na cabeça de Chris. Todo meu corpo estremecia e eu podia sentir Chris me olhando, mas eu não o olhei, deixei a onda de prazer chegar forte como eu imaginava que fosse.

E foi.

– Oh! Meu! Deus! Chris! – eu gemia entre exclamações fortes e respiração irregular enquanto meu orgasmo parecia explodir em força total.

XLVI



Agatha estava mais linda do que em qualquer outro momento. Ela agora estava deitada em sua cama, completamente despida e com um sorriso torto fodidamente sexy.

Ela esperava por mim. Ela sorria para mim.

Parecia o paraíso ver aquela linda mulher despida e exibida para mim com aquele sorriso sensual de quem sabia das coisas.

Não demorou muito para eu estar nu sobre o corpo de Agatha. Eu não

podia esperar muito. Eu queria estar dentro de minha Ruiva o mais rápido possível.

Passei minha barba no pescoço de Agatha e ela se arrepiou com meu toque, estava nítido em sua pele e na forma como seu corpo estremecia embaixo do meu.

Apoiei minhas mãos no colchão e enfiei meu pau profundamente em Agatha. Não precisava citar que ambos gememos como se fosse nossa primeira vez juntos. Gemíamos como se a sensação do corpo do outro fosse novidade.

Não, eu não estava apaixonado por ela, mas eu adorava cada pedaço de seu corpo, seu rosto, seu cabelo, seus toques, seus gemidos, seus arranhões, suas frases entrecortadas.

Eu sabia que paixão era mais que isso, eu já tinha me apaixonado para saber a diferença de tesão e paixão, embora pudessem rimar, nem de perto significavam a mesma coisa.

Sim, o que eu sentia por Agatha era completamente sexual, mesmo que em alguns momentos meu corpo me enganasse, e não quisesse apenas fodê-la profundamente e sem sentido, mas também queria abraçá-la forte, beijá-la lentamente, fazer cócegas (coisa que ela odiava), conversar, rir com ela.

Nossos corpos se encaixavam perfeitamente, como se fôssemos feitos um para o outro. O prazer que eu sentia estando dentro de Agatha era indescritível e surreal.

Eu saía e entrava nela rapidamente, fazendo a cama ranger. Minha Ruiva morava em uma cama belíssima, mas parecia ser um lugar solitário e não muito explorado, felizmente, a vantagem disso era que nós poderíamos fazer todo o barulho que quiséssemos.

Nós fazíamos muito barulho. Não porque queríamos, era involuntário. O prazer era grande demais para gemermos baixo. E eu amava, amava

NACIONAIS-ACHERON

mesmo ouvir os gemidos de minha Ruiva embaixo ou em cima de mim. Qualquer posição era válida, contanto que ela fosse sempre daquela forma.

Natural, simples, bela... *Perfeita*. Havia outros milhares de adjetivos dos quais serviriam para descrever à Agatha, mas eu não estava em tempo de pensar, somente de sentir e aproveitar seu corpo embaixo do meu.

Agatha gemia alto enquanto eu me mexia sem dar um segundo para nós. Nossas respirações estavam irregulares, mas não cansadas. Nós nunca ficávamos cansados do outro.

– Oh! – Agatha cravou suas unhas compridas em meu ombro, em seguida desceu uma delas para minhas costas, arranhando bastante, com certeza deixando marcas.

Ela levou sua outra mão ao meu cabelo e puxou. Agatha era assim mesmo: um pouco selvagem, muito sensual.

– Puta que pariu Ruiva! – disse entre gemidos – Você é perfeita! – eu não poupavas exclamações e elogios para Agatha.

Ela não parecia desgostar, então eu não deixava de falar.

Ela sabia, sabia que eu a achava perfeita. Eu não falava isso porque estávamos fodendo, eu falava isso porque era o que eu verdadeiramente achava.

Agatha era, às vezes, enjoada, esnobe, soberba, mal humorada, mas além de tudo ela era trabalhadora, engraçada com todo seu mal humor. Era bastante humilde quanto tentava, guerreira (era completamente notável pela forma como ela conseguiu expandir sua agência), amiga, linda e louca... Enfim, precisava repetir que ela era perfeita, com todas as suas imperfeições?

Minha Ruiva havia me transformado em um homem cheio de clichês estúpidos, logo eu. Eu nunca havia sido assim antes, nem com Júlia, mas parecia que para Agatha os clichês eram essenciais, porém não somente os clichês eram úteis, era como se eles nunca fossem suficientes. E realmente

NACIONAIS-ACHERON

não eram.

– Chris... – Agatha prolongava meu nome enquanto gemia.

Eu grunhi de um jeito um pouco selvagem demais e Agatha riu, sem deixar de gemer e rebolar seu corpo delicioso embaixo do meu.

Mordisquei sua orelha e rocei minha barba por todo seu pescoço, sabendo que ela sentia cócegas por essa região. Sorri ouvindo Agatha meio gemer, meio rir, em seguida soprei em sua orelha e passei minha língua por ela, dessa vez Agatha parou de rir e senti seu corpo arrepiar.

Eu não parava em nenhum momento de dar fortes estocadas em minha Ruiva, a cama rangia cada vez mais alto e nossos corpos eram uma mistura intensa de suor, espasmos, prazer e pura satisfação. Ali era exatamente onde queríamos estar.

– Agatha... – eu não estava muito longe de gozar e ela parecia que também não.

Algumas vezes nossos corpos reagiam igual até nisso e nós gozávamos na mesma hora, mas hoje, pelo olhar faminto, brilhante e devasso de Agatha, ela parecia estar ainda mais perto.

Beijei a bochecha de minha Ruiva, sua mão que estava em meu cabelo acariciou minha barba. Eu não sabia como ela conseguia ser tão sensual e ao mesmo tempo tão carinhosa.

Minhas mãos, que antes, passeavam pelo corpo de Agatha, me deram apoio ao lado de sua cabeça. Eu queria vê-la gozar. Normalmente Agatha virava o rosto ou gozava com os olhos fechados e a boca semiaberta, mas não seria assim hoje. Eu queria vê-la. Eu queria ver cada segundo de seu prazer iminente.

– Oh! Deus! Ah! – ela me olhava, mesmo aproveitando sua própria onda de prazer ela parecia que me invadia com seu olhar azul.

Ela não abandonou o meu olhar em nenhum instante, parecia que sabia que eu não queria que ela fizesse.

Dando estocadas ainda mais fortes e rápidas, e olhando em seus olhos eu senti o orgasmo me abater quase em sincronia com o orgasmo dela. Eu quase não senti o meu orgasmo de tão fascinado que estava, ao olhar atentamente para Agatha enquanto ela me fitava e deixava sua boca semiaberta para depois morder seu lábio inferior, como sempre fazia.

Ainda curtindo meu prazer e a visão de Agatha ter o dela, eu me deitei sobre seu corpo, sem tirar meu pênis de dentro dela. Eu queria estender o máximo de tempo possível dentro de minha Ruiva. Era tão bom estar dentro dela. Ela era quente, confortável e se ajustava perfeitamente em mim.

Agatha descansou suas duas mãos em meu cabelo e eu, mesmo sem querer, me retirei de dentro dela, contudo, continuei deitado sobre ela, tentando não pesar muito.

Depois de um tempo na mesma posição, eu sai de cima de Agatha e me deitei ao seu lado. Ela rapidamente descansou sua cabeça em meu peito e eu a abracei. Durante esse mês ficarmos dessa forma estava sendo comum, transávamos e depois ficávamos abraçados, algumas vezes, em silêncio, outras vezes, conversando e rindo.

Era difícil dormimos logo depois do sexo, normalmente esquentávamos algum congelado ou pedíamos algo para comer. Tínhamos, por incrível que pareça, várias coisas em comum, como o fato de não sabermos cozinhar. Nós até havíamos tentado, mas ambos éramos péssimos.

Agatha estava com sua cabeça exatamente sobre meu coração, e eu sabia que ele estava batendo rápido e irregular. Era sempre assim quando eu estava na presença dela. Meu corpo, mais precisamente meu coração, não me obedecia. Ele batia quase como se eu tivesse a ponto de ter um infarto a qualquer momento.

Sorri e acaricieei o cabelo bagunçado de minha Ruiva. Ela parecia sentir meu sorriso, porque virou sua cabeça para me olhar e retribuiu meu sorriso.

Admiti então, para mim mesmo, que eu estava perdido. Aquele sorriso frouxo, sincero, delicioso, com aquele olhar brilhantemente azul, junto com algumas sardas era simplesmente a visão do paraíso.

Paraíso parecia ser longe do lugar de onde Agatha viera. Ela daria mais para ser um demônio com toda aquela beleza tentadora, do que um anjo indefeso e simplório. Minha Ruiva tinha sua simplicidade, mas sua beleza estava longe de ser simples. Ela era tudo, menos simples.

Agatha mordeu meu peito, me fazendo estremecer e ela sorriu amplamente.

– Você parece com a mente em outro lugar... – *como eu poderia explicar a ela que minha mente estava nela, em todos os seus traços, sorrisos, gestos?*

Invés de responder coisas que eu sabia que ela não gostaria de ouvir, já que a própria sempre deixara claro que nossa relação era totalmente sexual, eu sorri.

– Sim, em você. E principalmente – virei Agatha, pondo ela novamente embaixo de mim e toquei em seu sexo, já úmido novamente – aqui.

XLVII



Eu e Christopher começamos uma maratona de sexo,

daquelas que não paramos tão cedo e obviamente daquelas que não queremos parar.

Parecia que sua mente estava em outro lugar, tanto que eu havia comentado exatamente isso. Não confiei em sua resposta, embora não questionei, porque em seguidas começamos nossa maratona.

Nas nossas fodas posteriores Chris não deixou de me olhar nos olhos e parecia haver algo mais em seu olhar âmbar. Eu não podia reclamar disso. Seus olhos eram minha perdição, contudo, era aquele tipo bom de perdição.

Depois de transarmos, duas ou três vezes, fomos para a minha suíte. Chris me deu um lento banho, entre algumas carícias e beijos. Eu vesti meu roupão e dei outro à Christopher, o que nos fez rir, já que era um roupão feminino e ficou apertado no corpo musculoso dele. Enfim fomos para minha cozinha, felizmente eu não deixava de comprar congelados para mim.

Comemos em silêncio, mas não aquele silêncio que constrange, apenas

um silêncio tranquilizador e calmo. Eu nunca tinha ficado dessa forma tão despojada com alguém. Estávamos sentados em minha cozinha, ambos usando meu roupão feminino, apertado nele, folgado em mim, comendo tranquilamente que até me fazia ter vontade de rir.

Christopher era a única pessoa além de Benny que me fazia rir tantas vezes. Chris estava calado enquanto comia, mas seu jeito era naturalmente engraçado. Seu cabelo comprido estava caindo em seu rosto e sua barba estava suja da comida.

Sorri para ele e mesmo sem Chris saber da sujeira em sua barba ele retribuiu meu sorriso, com um ainda maior. Ele era lindo, simplesmente lindo. Chris me chamava de perfeita, mal ele sabia que quem era perfeito era ele.

Chris era calmo, engraçado, despojado, tranquilo, animado, bem-humorado, carinhoso, atencioso... Enfim, ele era realmente o homem perfeito, e nem um pouco orgulhoso. Nos dias que eu desaparecia, ele me ligava ou, no mínimo, me mandava uma mensagem procurando saber onde eu estava e se estava tudo bem.

Ele havia sido assim desde o início, não era o tipo de pessoa que você teria que conhecer e depois de muito tempo ele se tornaria perfeito – ou imperfeito –, não com Chris. Ele sempre foi perfeito.

Eu estava divagando, eu sabia, porém com Christopher eu estava me tornando um fodido clichê, até minhas falas eram clichês. Para onde Christopher estava me levando? Eu não sabia, mas eu não me importava. Era bom e parecia ser certo estar com ele, disso eu não discutia.

Eu era uma pessoa difícil de conviver. Eu conhecia meus defeitos e não conseguia domá-los, embora, Chris convivia bem com eles. Quando eu era rude com ele, ele ria. Quando eu era rude com outras pessoas, ele apertava minha mão fazendo eu relaxar um pouco. Quando eu estava de mal humor,

ele me animava. Quando eu estava na TPM, ele não falava absolutamente nada. Christopher parecia ter um manual sobre como agir comigo perfeitamente. E ele seguia passo a passo.

Quando acabamos de comer já era tarde da noite, resolvemos ir dormir. Os lençóis de seda da minha cama cheiravam a sexo, esse cheiro vinha logo atrás do cheiro natural de Chris: másculo, viril, imponente como somente ele conseguia ser e cheirar. Dormimos abraçados e nus, em meio a todo aquele cheiro sensual do que tínhamos feito recentemente.

Acordei sentindo a respiração de Chris em minha orelha. Estávamos em uma posição esquisita, mas estranhamente confortável. Eu e Chris tínhamos mal dormir e sempre nos mexíamos muito durante a noite. Nunca acordávamos na mesma posição que dormíamos, porém sempre acordávamos com alguma parte do corpo do outro em cima da gente.

– Bom dia! – Chris sussurrou em minha orelha, dando lufadas de ar e me arrepiando com sua barba.

Virei-me para ficar cara a cara com ele e não consegui deixar de sorrir, mas não disse "bom dia". Detestava as manhãs, principalmente os falsos "bom dia", mesmo que Chris sempre falasse sinceramente e de bom humor.

Christopher estava com um sorriso de orelha a orelha, fazendo seus olhos negros brilharem. Eu não me cansava de admirá-lo.

Passei meus dedos em seu cabelo bagunçadíssimo, em seguida acariciei seu rosto, parando meus dedos em sua bochecha. Ele continuava sorridente, sobretudo, seu sorriso de agora era aquele presunçoso de sempre.

Admiti então, para mim mesma, que eu estava perdida. Aquele sorriso presunçoso, sincero, delicioso, com aquele olhar absurdamente negro, junto com aquele cabelo e barba grande era simplesmente a visão do paraíso.

Paraíso não, inferno. Christopher era o perfeito "moleque-homem" (ou "homem-moleque"). Ele tinha aquele ar brincalhão de menino, que era o

NACIONAIS-ACHERON

contraste perfeito daqueles gestos e aparência madura de homem. Ele conseguia ser simples e eu amava aquilo. Ele era completamente diferente de mim.

– Você parece com a mente em outro lugar... – Chris repetiu exatamente o que eu havia falado para ele na noite passada, sem deixar de sorrir presunçosamente.

Eu não sabia o que responder, não queria dizer a verdade sobre o que eu pensava, então sorri e dei um rápido selinho em sua boca, afinal, tínhamos acabado de acordar e eu não deveria estar com o hálito muito agradável. Em seguida, pulei da cama e entrei em minha suíte.

Lavei meu rosto com a cabeça baixa e quando levantei vi Christopher estava atrás de mim pelo espelho, mas ele não encostou seu corpo no meu. Seu peitoral estava vermelho com algumas marcas de meu lençol e outras de minha unha. Seu rosto estava tentador, como sempre. A barba de Chris estava desarrumada, pior ainda era o estado de seu cabelo.

– Você está linda! – ele me disse com a cara mais lavada do mundo, como se eu fosse acreditar nele.

Eu estava horrível. Meu cabelo estava com uma forma estranha, meu rosto estava vermelho, minhas poucas sardas estavam bastante visíveis. Felizmente na noite anterior eu tinha tirado toda minha maquiagem, porque senão ela mancharia todo meu rosto. Eu não estava acostumada comigo mesma sem maquiagem, me achava sem graça, diferente demais, Chris parecia gostar quando eu estava assim tão natural.

– Você também! – e era verdade.

Chris estava lindo, nu e perfeito, como só ele poderia ser.

Ele gargalhou e me abraçou por trás, fazendo eu sentir seu pau ereto encostar em minhas costas. Descansei minha cabeça em seu ombro e continuei ouvindo sua risada deliciosa agora em meu pescoço.

NACIONAIS-ACHERON

– Eu estou tudo, menos lindo. – Christopher ria tanto que me fez rir também.

Sim, minha manhã de domingo não foi mal humorada, longe disso. Chris e eu fizemos toda nossa higiene em minha suíte, enquanto eu tomava banho, ele escovava os dentes e vice-versa.

Eu penteei o cabelo dele e ele o meu, foi hilário. Christopher tinha prática por também ter cabelo um pouco comprido. Eu até aparei sua barba que já estava ficando grande demais.

Almoçamos outros congelados que havia em minha geladeira, e no cair da tarde chamamos Benny e Ian para jantar com a gente, dessa vez estávamos devidamente vestidos.

Benny enfim estava com seu carro consertado e ele foi prontamente buscar Ian em sua casa, para adiantar para os dois, já que Ian não sabia meu endereço.

Eles chegaram rapidamente e ambos perguntaram o que tinha para comer, eu e Chris rimos e quase em uníssono dissemos: nada. Chris e eu já tínhamos comido todos os congelados.

Benny e Ian acabaram rindo também, enfim pedimos comida italiana, eu e Chris insistimos em pagar, já que eles eram nossos convidados, logo depois Chris insistiu para pagar sozinho, no fim eu cedi e Christopher pagou, mas Benny e Ian também. Sim, todos machistas! Não me importei, mas eu não lavaria os pratos sozinha. Nunca!

O nosso jantar foi muito agradável. Éramos todos tão diferentes, mas estávamos todos reunidos juntos como bons amigos.

Algumas vezes eu me pegava olhando para Chris com um sorriso estúpido em meu rosto, algumas dessas vezes ele também olhava-me, sorrindo presunçosamente e piscando para mim, com aqueles seus olhos pretos da perdição. Conclui novamente que eu estava perdida, porque eu não

NACIONAIS-ACHERON

conseguiria me afastar dele tão facilmente.



Era tarde da noite e eu estava sozinha em casa. Benny não ficou porque me disse que tinha um encontro e eu não discuti, apenas pedi para ele avisar quando chegasse em casa. Eu continuava preocupada com ele, sua aparência não estava das melhores, mas ele não parecia doente, não visivelmente, pelo menos.

Ian foi embora com Benny, pegando sua carona, e Christopher decidiu fazer o mesmo. Acho que Christopher queria respeitar meu espaço pessoal, se eu pedisse para ele ficar, eu sabia que ele ficaria. Embora eu não pedi para ele ficar, amanhã era segunda e com isso outra semana de trabalho. No fim todos foram embora juntos, aproveitando a carona de Benny.

Aproveitei meu tempo sozinha para tomar um banho relaxante em minha banheira, embora eu já estava bastante relaxada, porém ficar mais não faria mal. Depois de meu banho vesti meu habitual roupão cor de vinho da noite passada e estava pronta para deitar em minha cama, assistir algum filme que passaria em algum canal e provavelmente dormir...

Nesse instante a campainha tocou.

Só seria Benny ou Chris, já que a portaria não tinha ligado para avisar da entrada de ninguém. Benny para me contar de seu encontro ou Chris desistindo de dormir em sua casa.

Peguei meu celular em cima da cama e olhei para o visor, nenhuma mensagem, nem de Benny, nem de Chris.

Amarrei meu roupão firmemente em meu corpo e joguei meu celular novamente em minha cama, descendo as escadas para ir até a porta.

Minha porta não tinha olho mágico. Não achava que precisava, existia portaria para eu saber quem entrava ou não. Sendo assim, destranquei-a e abri o suficiente para enxergar bem quem estava do outro lado.

Não tive reação! *Nenhuma*. Ele continuava tranquilamente parado em frente à minha porta, como se esperando eu convidá-lo para entrar, quando percebeu que eu não faria isso, ele entrou, me empurrando devagar para trás. E eu continuei sem reação!

Dentro de minha casa estava Christopher com um semblante sério, quase assassino e um olhar fodidamente azul.

XLVIII



Não queria que Agatha se sentisse sufocada, por isso

eu havia resolvido ir embora, pegando a carona de Benny. Ian resolveu dormir em minha casa e nela Benny nos deixou.

Eu e Ian assistimos a um filme, conversamos e comemos macarrão com frango, já que era única coisa que Ian e eu sabíamos fazer. Ian disse que como ele era convidado eu deveria dormir na sala e deixar a minha cama para ele, mas eu rebati dizendo que não tinha chamado ele para minha casa. Obviamente Ian não se ofendeu, pelo contrário disse que eu ia pagar. E paguei horas depois.

Eu sabia que seria péssimo para Ian dormir no meu humilde e pequeno sofá, ele era maior que eu, tanto em largura como no tamanho. Mas eu não deixaria minha cama para ele.

Eu já estava dormindo em minha enorme e confortável cama quando senti ela rebaixar, me assustei e quando me virei dei de cara com Ian sorrindo.

– Eu não vou dormir no sofá! Incomodados que se mudem! – com isso ele ficou de costas para mim, se afastando o máximo possível de meu corpo, Graças a qualquer santo por isso.

Minha cama era cheia de travesseiros, então, por prevenção, coloquei dois entre nós e fiz exatamente como Ian: fiquei de costas para ele e me afastei ao máximo de seu corpo.

Não demorei muito para pegar no sono e acordar rapidamente. Ian roncava e muito alto. Ele ainda por cima dormia de barriga para cima. O sacudi, primeiro levemente, depois mais forte, ele despertou me olhou com um olhar assassino e sorri.

– Você ronca! – esbravejei.

– Você também! – então fechou os olhos como se nada tivesse acontecido.

– Não! Eu não ronco, se rocasse a Agatha já teria me dito e me mandado dormir bem longe dela... Melhor! Ela colocaria um esparadrapo em minha boca.

– Sorte sua! – Ian disse sem abrir os olhos, mas pedi para ele deitar de lado (minha tia dizia que assim o ronco não se tornava tão alto) e ele me obedeceu resmungando.

Sim, talvez a situação que eu me encontrasse não fosse a mais viril possível, afinal tinha um homem enorme dormindo só de bermuda ao meu lado, (e eu estava vestindo uma calça de pano grosso), embora nada disso me incomodava. Ian era meu irmão e ambos éramos homens bem decididos.

Estúpidos eram aqueles que ainda tinham preconceito e homofobia. Nunca entendi porque as pessoas tinham preconceito com a orientação sexual da vida alheia.

Se você não gosta, você simplesmente não imita.

Nada disso me incomodava, porém algo parecia fora do lugar. Ian ainda roncava, mas baixo, não estava me irritando também. Algo estava errado, eu podia sentir. Não era nada com Ian, ele estava ao meu lado e completamente bem, poderia ser com todas as outras pessoas em minha vida e isso me assustava ao ponto de tirar meu sono.

Um certo alívio me dominou ao pensar que não seria nada com Agatha também. Eu a tinha deixado em casa, bem e segura. Embora Benny tinha saído para algum encontro e eu não tinha como falar com minha tia, nem Júlia, nem meu pai a essa hora da noite.

Tentei relaxar, não deveria ser nada...

Dormi mal o resto da noite e fui acordado por Ian balançando-me pelos ombros. De fato ele não conseguia ser menos bruto.

– Preciso tomar café, – ele começou sem nem me dar um "bom dia" – e não sei onde tem nada em sua casa.

– Você não sabe onde tem nada na sua, quiçá na minha.

Ian assentiu me fazendo rir.

Depois de Ian me deixar usar o banheiro “primeiro”, (pois ele já tinha feito toda sua higiene da manhã), eu fui para a cozinha, achando o pó do café e o açúcar.

Ian fez o café e surpreendentemente não estava ruim. Ele me disse que amava café preto e que isso era a única coisa que ele fazia realmente bem quando se tratava de fogão e panela.

– Tenho uma novidade! – Ian falou enquanto saíamos da cozinha e nos sentávamos no sofá, mas quando percebi que o sofá estava bastante apertado, resolvi me sentar no chão com minha xícara de café e pão.

– Boa? – perguntei com a boca cheia do pão que comia e levantando minha cabeça para olhá-lo nos olhos.

Ian parecia feliz, muito feliz e, com certeza, sua novidade era boa.

– Eu não te contei antes porque sentia que a qualquer momento eu desistiria e...

– Pare de enrolar homem! – o interrompi.

– Eu comecei um curso a distância... – Ian revelou e eu quase derramei meu café preto e quentíssimo em mim.

– Isso é ótimo! Começou quando? Qual curso? – eu estava verdadeiramente empolgado por ele.

– Enfim... – Ian parecia sem graça. Ian, sem graça? Eu deveria estar louco – Educação Física... Comecei há mais ou menos 5 anos. E eu me formei este mês, até já peguei o certificado.

– COMO? – eu gritei, gritei mesmo.

Não sabia se eu ficava feliz por ele ter se formado ou desapontado por não ter me contado antes, *bem antes*, tipo há cinco anos quando nós nos conhecêssemos.

– Desculpe não falar antes! – ele parecia realmente triste, tanto que ficou cabisbaixo esperando eu berrar e brigar.

Não fiz nenhuma coisa, nem outra. Coloquei minha xícara de café no chão, junto com meu resto de pão que estava agora em um prato e me levantei abrindo meus braços para abraçar e comemorar com meu amigo.

Ian primeiro me fitou de um jeito abismado, depois sorriu e pôs sua própria xícara de café no braço do sofá, para enfim me abraçar.

– Estou muito orgulhoso de você! – disse enquanto nos abraçávamos e nos afastávamos logo em seguida – Precisamos comemorar, porra!

Ian assentiu sorridente.

Ele me explicou, mesmo sem eu perguntar, o porquê de não ter me dito antes. Ian era o tipo de homem que esperava tudo estar em seu devido lugar para acreditar enfim que realmente aconteceu e somente então ele sentia-se na liberdade de contar para quem quer que fosse. Ele me confirmou também que essa era a única coisa que eu não sabia de sua vida. Sabia e conhecia bem a família de Ian que era tão louca e acolhedora como ele.

Decidimos comemorar em algum barzinho em breve, talvez nesse fim de semana. Ian não sabia, mas eu chamaria Júlia, querendo ele ou não, para comemorar com a gente. Eu tinha certeza que Júlia conseguiria tempo suficiente para vir para cá e voltar a tempo, ela faria isso, eu sabia que faria. Júlia não faria isso por mim, mas sim por Ian. No momento que eu contasse a novidade, ela daria um jeito de vir para a capital por Ian.

Era quase tarde quando Ian resolveu ir para seu apartamento, todo empolgado ele me disse que nessa semana já começaria a se auto divulgar. Ele queria trabalhar como personal trainer, de saúde e fitness, e ele conhecia pessoas suficientes para sempre ter um cliente, principalmente mulheres.

Não fui para a academia, resolvi ficar em casa e pensar sobre o que eu faria da minha vida. Eu era um modelo, que enfim estava sendo observado e

ganhando muito bem com isso, mas eu queria algo mais. Algo estável. Algo que não dependesse de minha aparência. Eu não sabia o que eu faria, eu não conseguia me imaginar fazendo nenhum curso em uma faculdade, talvez algum cursinho profissionalizante por fora, mas nada além disso. Eu não me encontrava em nenhum lugar e eu já não era mais um adolescente.

Eu continuava em meu apartamento e já era fim de tarde quando a campainha tocou. Eu estava estudando uma série de possíveis profissões para meu futuro próximo, infelizmente, nada me chamou atenção.

Levantei-me de minha cama e fui atender a porta. Só poderia ser Ian ou Agatha, pois o porteiro nem sequer se deu ao trabalho de interfonar, sabendo ele que os dois tinham passagem direta.

Abri a porta e involuntariamente sorri, mas meu sorriso não demorou muito para ser desfeito, indo da alegria à seriedade em uma fração de segundo.

Agatha estava parada na minha frente com um semblante péssimo. Nada de bom poderia vir dela. Lembrei-me da noite anterior quando eu não conseguia dormir pensando que coisas ruins estavam acontecendo e parecia que eu não estava errado.

– Benny está bem? – foi a primeira coisa que passou pela minha cabeça e meu coração se apertou.

– Sim... – a voz de Agatha estava arrastada, abalada e triste.

Puxei ela para dentro de meu apartamento, fechando a porta logo atrás. Acaricieei seu rosto com minhas mãos e ela fechou os olhos aproveitando meu toque, como se não o tivesse quando quisesse.

– O que aconteceu? – quando Agatha abriu seus olhos azuis não havia mais emoção nenhuma ali.

Agatha vestia um jeans justo, acompanhado de um salto alto e uma camisa regata com um decote generoso e fodidamente tentador. Seu cabelo

NACIONAIS-ACHERON

estava perfeitamente arrumado em um coque. Sua maquiagem estava perfeita, apenas seu olhar parecia desigual. Eu já a conhecia bem para saber disso. Algo estava muito mais errado do que eu havia imaginado.

Minha Ruiva, que hoje não parecia nenhum pouco "minha" se afastou de meu toque, dando dois passos largos para trás. Ela nunca tinha reagido dessa forma comigo, ela nunca tinha rejeitado meu toque e aquilo me assustou mais do que eu gostaria de admitir.

Franzi meu cenho esperando ela começar, seja o que for, que veio falar. Eu achava que estava preparado para qualquer coisa, menos para o que ouvir a seguir, da forma mais dura e dolorosa possível: – Então Christopher, foi divertido enquanto durou, mas acabamos por aqui.

XLIX



Christopher Stuart! O próprio, pai de *meu* Chris estava em minha casa. E eu não precisava ser vidente para saber que ele não estava por um bom motivo.

Quando ele começou a falar sua voz foi aguda e brutal: – Eu quero que você se afaste de meu filho.

Minha mente começou a divagar, pensando em como ele havia entrado em meu condomínio, se eu pessoalmente tinha proibido sua entrada. Depois de analisar toda essa situação eu enfim consegui digerir o que Stuart me pedia.

Ele queria que eu me afastasse de seu filho. Stuart queria que eu me afastasse de meu Chris. Eu não conseguiria fazer isso. Eu não podia! Muito menos queria. Chris era o homem perfeito, e eu tão errada do jeito que era ainda não entendia como alguém como ele estava ao meu lado.

– Acho que você não entendeu bem o que eu acabei de dizer. – ele afirmou fuzilando-me com seu olhar azul – Eu quero você longe de meu filho! Bem longe! Faça-o odiá-la para ele não tentar se aproximar novamente.

NACIONAIS-ACHERON

Meu Chris era muito parecido com seu pai, infelizmente. A única enorme diferença (além do estilo de cada um) era os olhos, enquanto Chris tinha olhos pretos, Stuart tinha os olhos de um azul profundo.

Stuart não tinha barba também, seu cabelo era bem cortado e bem engomadinho. Ele vestia-se como um executivo, por exemplo agora ele se parecia um executivo em seu traje casual: calça caqui e camisa polo.

– *Siren*, – Stuart estava com suas mãos em meus ombros, sua voz me causava nojo, mas eu não conseguia me afastar. Estava em choque, principalmente por ouvir meu antigo apelido quando era uma modelo de passarela. – você está bem, querida?

Afastei-me dele não mais em choque.

– Não me chame assim! – esbravejei – Eu não sou a Siren há anos.

Siren ou Sereia, não fazia diferença, tinha sido o apelido perfeito para as pessoas me reconhecerem. Era um trocadilho por eu ser ruiva como a sereia Ariel, mas também se encaixava por sereias serem conhecidas e imaginadas como mulheres sedutoras.

– Para mim você sempre será a Siren, e eu posso fazer com que meu filho sabia dela também... Afinal, aposto que você nunca pensou em dizer seu passado a ele, não é?

Gelei com a ameaça de Stuart.

– Chris não precisa saber de nada... – sacudi minha cabeça e cruzei meus braços.

Esse homem não poderia me colocar para baixo. Eu era Agatha, uma mulher bem-sucedida, reconhecida e respeitada.

– Afinal, como você soube de nós?

– O comercial. – Stuart respondeu simplesmente e minha ficha caiu.

O comercial sobre os preservativos que eu fiz com Chris não estava

pelo mundo todo, mas internet existia para isso e em algum momento Chris deveria ter comentado sobre para seu pai, fazendo ele procurar, assistir e me ver.

– E com esse comercial você tirou suas conclusões de que eu estava com seu filho?

– Siren, – Stuart abriu um sorriso assassino, sabendo o quanto me incomodava aquele apelido enfadonho – meu filho e eu temos bom gosto. Somos parecidos em vários aspectos, você já deve ter percebido isso. Eu sabia que ele se interessaria por uma mulher como você, – ele se aproximou mais de mim, fazendo eu sentir sua respiração em meu rosto – assim como eu.

– Saia da minha casa! – berrei empurrando Stuart para longe de mim – A propósito como você entrou aqui?

Ele deu de ombros.

– Eu falei apenas que meu nome era Christopher e mostrei minha identidade. Sua portaria não é muito eficaz.

– Saia! – empurrei ele ainda mais.

Stuart nem se abalou, ele mesmo abriu minha porta e antes de sair, mais uma vez, fuzilou-me com seu olhar azul.

– Eu te darei o dia de amanhã para terminar com meu filho ou contar tudo a ele. Se você terminar, cortando todo o interesse dele por você, eu não contarei nada para ele sobre você, e se você contar e ele escolher ficar do seu lado, o problema é dele, prometo não me envolver. Porém, se você não fizer nenhuma coisa, nem outra, na terça eu contarei tudo e ele te odiará de qualquer forma.

Stuart tinha razão, Chris me odiaria de qualquer forma, restava eu fazer o que fizesse ele me odiar menos.

Quando Stuart foi embora e eu liguei para a portaria me certificando do mesmo e novamente proibindo sua entrada. Depois disso eu me senti mais segura, porém meu peito estava apertado sabendo o que eu deveria fazer. Eu tinha consciência que eu me arrependeria, mas não tinha nada que eu pudesse fazer quanto a isso.

Eu tinha que terminar com meu Chris da forma mais insensível e dolorosa possível. Apenas desse jeito ele iria me odiar e se afastar de mim. Eu não queria que ele me odiasse, longe disso, mas precisava ser feito.



Minha segunda-feira foi uma merda!

Benny tentou me animar, mas nada seria suficiente para aplacar meu mal humor. Um pouco depois de Stuart ir embora na noite anterior, Benny havia me mandado uma mensagem avisando que estava bem e em casa, mas eu nem fiz questão de responder, acabei indo dormir.

Benny me perguntou mil vezes o que estava acontecendo, resolvi não dizer nada por hora. Ele me conhecia muito bem para saber quando algo estava fora de lugar. E como estava!

Eu precisava falar com Chris antes de tudo, então pela primeira vez em minha vida, eu escondi algo de Benny. Não queria que ele se preocupasse comigo, quando já tinha suas próprias preocupações.

– Baby, – Benny estava entrando em minha sala e já era fim de tarde, em breve eu estaria indo embora para o apartamento de Chris e isso me enjoava só de pensar – amanhã os resultados dos meus exames estarão prontos, se você não quiser ir comigo, eu...

NACIONAIS-ACHERON

– Não! – esbravejei cortando-o e levantando-me indo até meu amigo – Eu disse que eu iria e eu vou, Benny.

Ele sorriu automaticamente me fazendo sorrir ao ver seus olhos caramelos brilharem e suas covinhas aparecerem.

– Eu te amo baby, quando quiser conversar você sabe como me encontrar. Sempre!

– Eu também te amo, muito e você sabe. – abracei Benny apertadamente, logo em seguida ele foi embora.

Benny era o melhor amigo que alguém poderia pedir. Ele não insistia para que eu falasse, fosse o que fosse. Ele não brigava, só quando queria me sacudir para a realidade. Ele sempre estava do meu lado, mesmo se eu estivesse errada em qualquer situação. Não teria como não amá-lo.

Pouco tempo depois eu estava em frente ao prédio de Chris. Engoli em seco antes de entrar. Cumprimentei com um leve aceno de cabeça o porteiro. Ato que eu nunca havia feito antes de Chris, mas ele era sempre tão educado com todos, mesmo os subalternos, que me fazia ficar assim quando estava na presença dele e outras vezes, como hoje, mesmo sem ele.

Entrei no elevador meio velho, apertando o botão para o andar de Christopher e sentindo minhas mãos trêmulas.

Eu não tinha nenhum problema com locais fechados, mas hoje parecia ser uma exceção a isso. Estar naquele elevador pequeno com pouco luz estava me fazendo sentir doente. Embora eu gostaria que faltasse energia em todo o prédio ou só nesse elevador para eu ter uma desculpa para não precisar ir falar com Chris.

Christopher sorriu para mim assim que abriu a porta, mas seu sorriso foi rapidamente desfeito ao ver meu semblante. Chris perguntou se Benny estava bem e qual era o problema, respondi de um jeito mecânico, mas assim que ele me puxou para dentro de seu apartamento e me tocou, eu enfraqueci.

Cerrei meus olhos e respirei fundo.

Precisava acabar com aquilo de uma vez por todas!

Dominei uma força, da qual eu nem sabia que tinha e me afastei de Chris, como se seu toque me queimasse. Quando abri meus olhos eu sabia que eu não estava mais com o olhar triste de antes, percebi isso claramente pela forma como Christopher me olhou e logo franziu o cenho.

Eu sabia o que tinha que ser feito e como tinha que ser feito, mesmo que isso me matasse um pouco por dentro, disse: – Então Christopher, foi divertido enquanto durou, mas acabamos por aqui.

Eu tinha sido dolorosamente dura, não apenas isso, brutal, cruel, horrível, desprezível...

Eu esperei Christopher discordar, discutir, gritar, brigar, xingar, até me mandar ir para o inferno, menos fazer o que ele fez a seguir: sorrir.

Não, ele não sorriu um daqueles sorrisos felizes, ele sorriu tristemente e me abraçou. Seus braços fortes passaram em volta de meu pescoço e cintura, cobrindo-me por inteira. Ele estava me protegendo, me acolhendo.

Eu estava tão sem reação que nem sequer o abracei de volta, mas isso não fez com que ele se afastasse, pelo contrário, ele me apertou mais.

Pela primeira vez em anos, eu queria chorar. Meus olhos estavam marejados, eu podia sentir. Eu não queria que ele fosse embora, eu não queria acabar com o que tínhamos, embora eu precisasse. Infelizmente!

A vida era assim mesmo: difícil para uns, pior para outros. Não tínhamos tudo o que queríamos e muitas vezes nem tudo o que precisávamos. Eu tinha tudo que eu precisava: dinheiro, um bom amigo e sucesso, mas não tudo o que eu queria.

Eu nunca pensei que eu, Agatha Lancellotti, um dia pudesse querer tanto uma pessoa, como eu queria Christopher.

Christopher era tão fodidamente perfeito, e tentador, que me fazia pensar em como pessoas como ele e Benny ainda gostavam de mim. Logo eu que sempre fui tão errada...

– Por que não conversamos antes de qualquer atitude precipitada? – Chris se afastou de mim e me guiou até o sofá, onde ele se sentou ao meu lado, sem afastar suas mãos da minha.

Eu estava a ponto de desistir do que vir para fazer, me redimir, mentir a favor de nós, mas balancei minha cabeça para afastar qualquer possível recaída.

– Eu já estava com isso em mente há algum tempo. – menti afastando as mãos de Chris da minha e o olhei nos olhos dele, para ele acreditar em todas as minhas mentiras – Era óbvio que isso entre nós não duraria muito mais tempo, eu e você não somos compatíveis e nem um pouco parecidos...

– E isso não significa nada, Ruiva. – Chris cortou-me.

– Para mim significa. Estava claro que depois da propaganda de preservativo e das de cueca, não teríamos mais nada que nos ligassem. Não temos porquê continuar.

– Não temos porquê continuar? – ele repetiu, como uma pergunta, o que eu tinha acabado de falar de uma maneira tão triste que me fez entristecer ainda mais.

– Não, Christopher! Por que continuaríamos? Essa história por si só é ridícula. – falei da forma mais impiedosa que eu conseguia.

Como se não me doesse, como se não fosse nada, como se eu não estivesse com o coração quebrado.

– Ridícula? – Chris levantou-se do sofá e começou a dar voltar na minha frente enquanto passava suas mãos pelo seu cabelo – Eu pensei que você gostasse um pouco mais de mim, que tivesse alguma consideração comigo! Nunca esperei por isso vindo de você.

NACIONAIS-ACHERON

Ele não parecia irritado, parecia frustrado, triste, desolado, surpreso, abalado... Tudo, menos irritado. Seu tom de voz mal saía de um sussurro fraco, era audível graças a muita concentração.

Suas palavras eram como lâminas, que, mesmo sem querer, me cortavam. Lembrei vagamente de uma música, que dizia em algum momento a seguinte frase: "Cicatrizes não saram quando você continua cortando".

Como na frase, eu não poderia mais cortar, deveria enfim me deixar sarar. Mas como, se tudo que eu mais queria nesse momento era continuar ao lado de Chris e dizer que tudo não passou de uma brincadeira sem graça?

Abri a boca para continuar com minha estúpida atuação, quando Chris parou de dar voltas e me olhou profundamente nos olhos. Seu olhar âmbar naquele momento não era uma perdição e sim um olhar perdido. Meu coração falhou uma batida ao saber que aquilo era culpa minha.

– Por favor, vá embora!

Sai do apartamento de Chris com o nariz em pé, embora assim que ele fechou a porta atrás de mim tornei-me cabisbaixa.

Meu Chris, que não era mais nem um pouco meu, me odiava. E eu me odiava ainda mais.

L



I WAS ONCE POSSIBLY, MAYBE, PERHAPSBOY KING

– Asking Alexandria

(EU ERA POSSIVELMENTE, TALVEZ, UM REI COWBOY)

"Eu me vi ali esperando no acostamento Me sobrando nada além de um saco para cadáveres e as roupas que eu vestia Sem nome, sem história

Só um alvo na minha têmpora e um buraco na minha cabeça Eu posso ter sido um dos reis

Os restos de um menino do homem que eu costumava ser Um macaco fantasiado de homem

Eu fico aqui como se não valesse nada para você Aumente meus ânimos e me veja ir [...]

Cicatrizes não saram quando você continua cortando"

Quando Agatha saiu de meu apartamento eu fiquei

totalmente perdido.

Era engraçado como mesmo eu tendo a consciência de que Agatha nunca foi minha, eu sentia que havia a perdido. E era péssimo essa sensação!

Na manhã seguinte eu só acordei porque minha campainha tocava e descontroladamente.

Levantei da cama e vesti uma bermuda (só estava usando uma cueca) para ir atender a porta.

– Estou indo! – gritei caminhando até a porta.

Quando abri, meu sorriso, que antes estava morto, retornou de imediato.

– Surpreso? – meu pai disse, entrando em meu apartamento e me abraçando.

– Claro! Você nem me avisou que vinha!

Conversar com meu pai era simples, informal e apaziguador. Não havia isso de "senhor" com a gente. Conversar com ele, era como conversar com um amigo, tão tranquilo quanto conversar com Ian.

– Eu cheguei no domingo à noite, passei em um hotel e depois resolvi alguns problemas, ontem passei o dia todo descansando da viagem. – meu pai explicou, colocando uma mala (que eu ainda nem tinha visto) em um canto de minha sala.

– E não pensou em me mandar uma mensagem ou me ligar avisando?

– Sim, mas eu preferi não fazer isso.

Sorri mais amplamente para meu pai.

Meu velho tinha alguns imóveis, mas ele alugava todos. Sempre quando ele vinha para cidade ele ficava em meu apartamento, segundo ele, cortava muitos gastos.

Se ele fosse ficar por poucos dias em um local, um hotel era o melhor. Se ele fosse ficar por mais de um mês era melhor alugar uma casa, mas muitas vezes ele alugava por um trimestre e ficava algumas semanas. Todos os seus imóveis já tinham inquilinos, e comprar para não alugar era perda de dinheiro para quem não tinha tanto assim.

Algumas vezes ele me perguntava se eu não aceitaria um novo apartamento, mas deixando claro que sempre que ele viesse à capital ele ficaria nele. Eu desconversava. Eu já estava pensando em me mudar para um

apartamento maior, mas não queria que meu pai comprasse. Minha casa sempre estaria de portas abertas para ele, independente dele comprar ou não o apartamento. Eu iria me sentir morando novamente com ele, mesmo que ele mal parasse em casa.

E se eu por algum motivo não quisesse ele em casa? Eu não poderia discutir, afinal, o apartamento seria dele e não meu.

Nunca me sentiria bem assim. Em breve, se as coisas continuassem andando da maneira que estavam, eu poderia financiar um novo imóvel. Que seria totalmente meu.

Meu velho se acomodou rapidamente em meu apartamento enquanto contava sobre sua viagem, suas mulheres, seus eventos, trabalhos, anúncios... tudo.

Eu amava isso de meu pai, como ele sempre respondia as coisas que eu nem sequer tinha perguntado. Era como se soubesse o que eu queria e precisava saber.

Estava feliz por ter ele ali, mesmo que em meu peito habitava uma dor aguda, nova. A dor de não apenas ser chutado, mas ser chutado daquela maneira, por uma mulher como Agatha. Uma mulher que eu queria ficar por mais tempo.

Eu tentava não pensar em minha Ruiva, mas era como se houvesse um fio invisível que sempre fazia-me pensar nela.

Eu queria ter ouvido sua ira, sua grosseria, seu mal humor, porém não seu desprezo. A maneira como ela havia dito que nossa relação era "ridícula" doeu. Eu me senti sendo descartado, desprezado como um brinquedo que acabou a pilha e ninguém tem intenção de pôr uma nova.

Agatha não me deu muitas explicações, eu ainda achava que havia algo de muito errado. Ninguém acaba algo que está bem assim, do nada, sem um real motivo, só com a desculpa cruel de que era óbvio que não renderia mais

NACIONAIS-ACHERON

nada.

Mesmo com muitas coisas sobre Agatha passando em minha mente eu não queria pensar nela, pelo menos não por algum tempo. Remoer nossa conversa era um tanto doloroso e desnecessário. Eu precisava desligar meu cérebro desse tipo de coisa por hora.

Quanto mais eu tentava esquecê-la, mais eu lembrava dela.



O resto da semana passou rapidamente e quase mecanicamente se não fosse pela presença contínua de meu pai e de Ian em meu apartamento. Embora eu não mentiria, Agatha estava fazendo uma grande e dolorosa falta. Os dias estavam sendo mais difíceis do que eu poderia imaginar.

Não demorou muito para eu contar a meu pai toda minha "relação" com Agatha. Percebi que ele pareceu um tanto quanto chocado quando contei tudo. Não entendi o motivo exato de seu choque, se era pelo fato que eu estava me "relacionando" com uma mulher mais velha ou se era porque eu estava mal por ela ter me chutado e sem raiva nenhuma, apenas tristeza.

Em um momento achei que meu pai esperava que eu não sentisse nada demais por Agatha e que esperava que eu estivesse puto da vida por ela ter sido tão grossa e sem mais explicações comigo. Cheguei a explicar para ele que ela sempre foi assim e não mudaria totalmente por mim (mesmo que ela nunca tinha sido tão grossa comigo, só sincera ao extremo).

Meu pai não compreendeu, ficava apenas mais escorregadio comigo, quase fugindo dos assuntos que envolviam à Agatha e sua agência. Em um

dia eu questioneei o porquê dele nunca ter me falando sobre a Help Hot e mais uma vez meu pai foi escorregadio em sua resposta não muito clara.

Quando comentei que em breve eu iria procurá-la meu pai se sobressaltou, dizendo que eu não deveria fazer isso, depois, ao ver meu espanto, ele sacudiu sua cabeça e falou que ela que deveria me procurar, já que havia sido ela que tomou a decisão de terminar o que nem havia ainda começado.

Deixei o assunto Agatha de lado e decidi me focar na comemoração de formatura de Ian, afinal, independente dos meus problemas atuais, eu continuava bastante feliz por Ian.

Meu pai riu bastante quando eu contei sobre o caso não declarado de Ian e Júlia, e que chamaria Júlia para a comemoração de Ian. Melhor ainda, como seria muito em cima da hora, ela não ficaria em um hotel qualquer e também não havia espaço para ela em meu apartamento, (já bastava dormir na mesma cama que meu pai), sobrava o cavalheirismo de Ian (eu sabia que ele tinha esse cavalheirismo em algum lugar dentro dele) para convidá-la para seu apartamento, onde, como o meu, só tinha um quarto e um sofá nada confortável.

– Eu não acredito! – Ian disse abraçando meu pai, quando descobriu na quinta-feira que ele tinha reservado para o sábado à noite, para sua comemoração de formatura, dez lugares em um dos melhores restaurantes da capital.

Até eu tinha ficado surpreso, mas a reserva era merecida. Ian merecia esse presente com tudo pago para ele. Claro que Ian ficou um pouco contrariado quando meu pai disse que estaria tudo por conta dele, mas no fim, sabendo Ian que não teria jeito, ele aceitou feliz.

Eu até pensei em convidar à Agatha, mas depois desisti, convidei Benny e Vicky, convidados dos quais Ian também conhecia e gostava. Não

NACIONAIS-ACHERON

disse a ele que convidaria Júlia e ele não falou o nome dela em nenhum momento.

No fim as reservas ficaram para: eu, meu pai, Ian, Benny, Vicky, os pais de Ian e Júlia, sobrando apenas dois para quem Ian quisesse levar a mais. Ele colocou na lista o nome de uma mulher e de um de seus irmãos, (Ian tinha três irmãos, quatro com ele).

Pouco depois de eu mandar o convite para Benny e Vicky, Vicky confirmou sua presença, mas Benny me mandou uma resposta singela, dizendo que, infelizmente não compareceria, devido a um "probleminha" (segundo ele) de saúde.

Benny era o melhor amigo de Agatha, embora eu não acreditasse que ele recusaria meu convite por causa dela, até porque meu convite envolvia Ian, uma comemoração para ele, e não para mim. Eu e Ian decidimos então que depois do jantar, domingo ou segunda, iríamos visitá-lo e ajudá-lo com qualquer problema de saúde que fosse. Ninguém mentiria com algo envolvendo saúde para recusar um convite informal.

Sobrava então mais uma reserva, da qual Ian rapidamente encaixou, colocando o nome de outra irmã sua que estava pela cidade a trabalho, algo que envolvia teatro.

Obviamente que para Ian ainda faltava mais uma reserva, que era a de Júlia, mas eu havia comentado vagamente que levaria uma mulher, Ian não discutiu, e nem perguntou quem era. Melhor.

Depois que eu, meu pai e Ian resolvemos tudo para o sábado, da roupa aos convidados, e Ian já tinha ido embora para seu apartamento, eu enfim pude ligar para Júlia. Esperava que ela tivesse, no mínimo, dois dias de folga, pois só assim daria tempo para ela ir e voltar sem pressa.

Quando Júlia atendeu e depois de muita conversa com ela em alto-falante, para meu pai se manifestar também, ela pareceu uma mistura de

NACIONAIS-ACHERON

surpresa por Ian e felicidade, depois disse que tentaria ir. Tentar já era um começo. Ela disse que tentaria trocar sua folga com uma colega. Eu expliquei que sua reserva já estava feita em seu nome, e disse o endereço do restaurante.

Esperava ansiosamente que ela fosse. Compreendia que sua nova vida como médica recém-formada era difícil, árdua e exaustiva, contudo, ela precisava em algum momento viver.

Todo mundo em algum momento precisava escapar da vida uniforme e viver, tentar viver bem, mesmo que a vida não fosse a mais maravilhosa de todas. Viver bem não fazia mal a ninguém.

Capítulo Extra

Hoje era um dia daqueles,

By Benny

Nunca tive uma terça-feira pior em toda minha vida quanto aquela que eu estava "protagonizando". Sim, eu estava protagonizando pela primeira vez e não de uma boa maneira.

Gostaria de protagonizar fazendo as pessoas rirem, mas eu acho que eu acabaria fazendo-as chorar. Não que eu quisesse fazer alguém chorar, muito pelo contrário! Eu detestava lágrimas. Eu ficava horrível quando chorava, meu nariz entupia e catarreava, e meus olhos ficavam vermelhos, minha pele era o caos quando essas malditas lágrimas resolviam descer. E quando começavam a descer pareciam não querer parar mais. Felizmente, havia muito tempo que eu já não chorava.

Lembro das minhas lágrimas quando criança... Eram muitas! Porra de tantas lágrimas e motivos para chorar!

Meu pai batia em minha mãe. Espancava mesmo! E eu, filho único, sempre muito fraco e magro, não podia fazer nada. Ele parecia que queria que eu visse, que eu "aprendesse" como tratar "direito" uma mulher.

Falar "daquele homem" era sempre assim, cheio de aspas. Ele não merecia o título de pai.

Tudo já era ruim antes em casa, piorou quando minha mãe fugiu. Sim, ela fugiu e me deixou sozinho aos, sei lá, 15 anos, com aquele homem.

Ele quis me ensinar como "ser homem", vivia dizendo que era afeminado demais. Mal ele sabia que eu, assim mesmo, "afeminado", poderia ensiná-lo a como ser um homem de verdade.

Suas lições começaram assim: um soco no braço para eu aprender a controlar a dor e não chorar. *Nunca chorar!* Homem para ele não chorava. Depois os socos começaram a espalhar para todos os lugares de meu corpo e com isso a dor era sempre maior, mas eu nunca poderia chorar.

Eu sempre soube cozinhar, para aquele homem isso prestava para fazer sua comida, mas era coisa de mulher, dona de casa que deveria fazer. Ele berrava ao dizer que quando eu me casasse minha mulher deveria fazer tudo para mim, como uma empregada e eu não iria ajudá-la, já que ela faria tudo por amor a mim.

Machista de merda era aquele homem!

Quando me assumi gay aos dezoito anos, levei mais uma surra de presente. E então eu aprendi a ser homem na visão daquele homem, porque eu retribui. Eu bati em meu próprio pai.

Eu fugi de casa naquele ano, deixando ele sozinho com seu machismo e covardia. Eu sonhava em ser filósofo. Sempre gostei do que a filosofia e seus grandes nomes diziam. Eu me encaixava ali, mas não era o suficiente

NACIONAIS-ACHERON

para viver.

No fim das contas a carreira que eu acabei entrando foi a de modelo. Jovem, bonito, estúpido, sonhador, eu era perfeito para os trabalhos que me eram proporcionados. E eu aceitei quase todos eles. Se eu não aceitasse, eu não teria dinheiro nem para comer.

Poucos anos depois recebi a notícia de alguém do meu antigo bairro que meu pai havia morrido de câncer, não fiz questão de saber qual, mas paguei seu enterro. Um enterro até digno demais para ele.

Em seu velório só tinha eu. Ele morreu sem amor de ninguém, porque nunca cultivou nenhum.

Mais alguns anos se passaram e eu conheci a mulher da minha vida: Agatha. Naqueles tempos a conheci como *Siren*. Meu baby era linda, desde daqueles tempos. Carregava em seu olhar uma inocência sensual.

Eu sabia porque tantos homens a desejavam. Ela era a mistura perfeita de paraíso e inferno, de anjo e demônio.

"Baby", como eu comecei a chamá-la desde sempre, mudou bastante com o tempo, assim como eu, nossa inocência foi quebrada. Assim como eu, ela também era uma solitária. Filha única e sem pais, nós nos encaixamos de um jeito perfeito.

Agatha se tornou realmente a mulher da minha vida. Eu a defendi como um marido faria em diversas situações. De tanto que "aquele homem" me bateu, eu aprendi a rebater também, com isso, defendi e bati por Agatha.

Ela merecia. Ela sempre mereceu.

Eu a amaria aonde quer que eu fosse e a defenderia até no inferno se ela precisasse de mim.

Agatha quis que eu fosse sócio de sua agência, mas eu não almejava isso. Afinal, eu quis por tanto tempo ser um filósofo, mesmo sabendo que não

ganharia muito, então, repentinamente eu me tornei um modelo famoso, ganhei bem, ganhei mais do que eu precisava. Doei muito dinheiro, fui a diversos eventos filantrópicos, porém, infelizmente, alguns sonhos somos quase obrigados a deixá-los de lado, foi assim comigo em relação à filosofia.

Eu já tinha tudo que eu queria e precisava: uma boa casa, carro, amigos, sucesso, dinheiro, carreira.

Eu não queria mais do que eu poderia ter. E eu me sentia velho para cursar agora filosofia e quem sabe ingressar nessa carreira, logo, acabei sendo realmente obrigado a deixar meu sonho de lado.

Hoje em dia eu tinha um sonho simples: de viver cada dia da melhor forma possível. E claro: nunca, nunca deixando de ler e estudar. Esse mundo das artes, livros, teatro, cinema, dança, me envolviam bastante, sempre tinha em minhas mãos um novo livro, um novo filme. Desse jeito eu levava minha vida, e nunca me queixava dela. Eu nem tinha do que me queixar; bem, não até hoje, nesta terça-feira de merda!

Enquanto eu esperava meu médico analisar todos os meus exames e me dizer qual era o problema, (porque eu já podia pressentir que havia um), eu peguei uma folha de papel e uma caneta e comecei a rabiscar algumas coisas.

Eu odiava hospitais! Por mim eu fugiria dali correndo agora como uma mulherzinha com medo de barata. Mas então eu olhava para o lado e via o rosto de meu baby me dando um sorriso encorajador fazendo seus olhos azuis brilharem.

Sua mão repousou na minha, me dando coragem. Por Agatha, eu teria coragem!

Para me distrair de tudo aquilo, voltei para meus rabiscos, com minha caligrafia não muito boa.

"Hoje era um daqueles dias, que, você é o protagonista, porém, você não queria ser.

Hoje era um daqueles dias, que, você tem que ser defendido, porém, você quer defender.

Hoje era um daqueles dias, que, você não sabe onde se meter, porém, sabe que tem que ir para algum lugar.

Hoje era um daqueles dias, que logo você, que deixou de chorar pela dor física, tem vontade de chorar pela emocional.

Hoje era um daqueles dias, que, você sabia que, não era para levantar da cama, porém, você também sabia que os sonhos um dia acabam.

Hoje era um daqueles dias, que, você queria fazer todo mundo rir, porém, logo você tem vontade de chorar.

Hoje era um daqueles dias de dor, porém, você só queria amor.

Hoje era um daqueles dias, que, pareceu amanhecer triste com você.

Hoje era um daqueles dias, que, você queria consolar, não ser consolado.

Hoje era um dia daqueles..."

– Sr. Cardello, – o médico me fuzilou com seu olhar, que me fez sorrir, não lembrava a última vez que alguém havia me chamado de "senhor", embora eu já fosse um homem de trinta e sete anos – não temos boas notícias sobre sua radiografia!

Para mim, parecia que tudo acabava assim: em dor, fosse ela física ou emocional.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

LI



— *Não temos boas notícias sobre sua radiografia!* —

foi o que o médico disse para Benny.

Involuntariamente meu coração se apertou em meu peito, podia até dizer que ele batia mais rápido, de uma forma quase desesperada pelo medo.

Era terça-feira, aquela da qual os resultados de seus vários exames estavam enfim prontos. Por um momento egoísta eu desejei que os resultados tivessem demorado mais, para eu não necessitar ouvir aquela frase, de que tinha algo de errado com meu melhor amigo.

Meu querido Benny estava doente! Poderia ser uma gripe, mas eu estava com medo por ele, eu sabia o quanto ele odiava hospitais. Ele fazia de tudo para não ir, mesmo quando era necessário.

— Doutor, — Benny começou, retribuindo o olhar fuzilador do médico. Estávamos na sala do médico, eu e Benny sentados lado a lado, e o doutor do outro lado, os exames de Benny estavam espalhados na mesa. — pode ser direto! Eu não gosto de rodeios.

Esse era meu Benny, independentemente de qualquer situação, ele ria e

era extremamente sincero, diferentemente de mim, ele nunca era grosseiro, sempre acolhedor.

– Primeiro eu preciso saber se há em sua família algum problema hereditário. – falou o médico.

– Como por exemplo? – Benny parecia não tentar se abalar, embora eu soubesse que ele não sabia muito sobre sua família.

O médico hesitou, olhou para mim, depois para os papéis da radiografia em sua mão, respirou fundo e segundos depois voltou a encarar Benny.

– Como câncer, senhor Cardello.

– Por favor, me chame de Benny.

– Então Benny, – corrigiu-se o médico – saberia me dizer se há ou já houve algum problema hereditário, como o câncer, em sua família?

– Não, eu não sei. – Benny respirou fundo e tossiu um pouco antes de completar – Mas meu pai morreu de câncer.

– Qual?

– Eu não sei, eu não era próximo a ele.

O médico acenou como se entendendo tudo.

– Doutor, – falei pela primeira vez, fazendo tanto o médico, quanto Benny me encararem – qual é a má notícia na radiografia de Benny?

O médico mais uma vez hesitou.

Puta que pariu! Ele estava me matando!

– Por favor doutor, – Benny pediu – pode despejar tudo!

– Benny, – enfim o médico falou, olhando para mim brevemente, em seguida para meu amigo – sinto lhe dizer, mas constatamos em sua radiografia do tórax um tumor.

– Oh, – Benny riu como se aquela notícia não fosse nada demais –

ainda bem que é um tumor, não dois.

Eu apertei a mão de meu amigo, da qual já estava segurando. Eu estava tão dormente que mal sentia sua mão na minha, porém naquele momento eu a apertei e ele segurou mais forte. Eu não sabia o que fazer, nem o que falar. Não sabia nem se deveria fazer ou falar algo.

Eu estava em choque e sentia pela mão fria de Benny que ele também, ele só não queria admitir.

– Tu-tumor? – achei minha voz para perguntar ao médico.

Benny riu um pouco mais, dessa vez foi um daqueles risos tristes, um daqueles risos que te fazem vontade de chorar. Seu riso soava quase como uma frase explícita daquelas de "só poderia ser comigo".

– Infelizmente sim.

– Então, é um...

– Câncer. – o médico interveio quando percebeu que eu não conseguiria completar, dizer aquela palavra doía – Câncer de pulmão.

Então a minha ficha caiu. Estava mais que claro o porquê da perda de peso de Benny, da tosse, da respiração com um pouco de falhas.

Benny tinha câncer!

– Constatamos que Benny tem o tipo de câncer de pulmão, CPC, ou seja, carcinoma de pulmão pequenas células.

– Qual o tratamento para esse tipo? – cortei-me e deixei o resto da pergunta no ar.

– O tipo CPC normalmente responde melhor à quimioterapia e à radioterapia. Isso se dá, parcialmente, porque o CPC frequentemente se espalha muito cedo e esses tratamentos são melhores em atingir as células que já se deslocaram para outras partes do corpo. – o médico falava e falava, mas minha mente estava em outro lugar.

– Quimioterapia... – Benny disse de um jeito tão lento e triste que me doeu na alma.

O médico apenas assentiu.

– Sim, podemos fazer mais alguns exames para saber o grau da doença, se há risco dela se espalhar e começar a quimioterapia, se assim você preferir, o mais rápido possível.

– Eu não prefiro. – Benny me assustou a afastar sua mão da minha e levantar da cadeira abruptamente – Eu não vou fazer quimioterapia! – com isso ele saiu da sala, me desculpei ao médico e sai logo atrás de meu amigo.

Encontrei Benny indo embora, quase correndo do hospital. Puxei ele pelo braço, somente assim ele virou-se para me olhar.

– O que é? – ele praticamente gritou e eu o abracei.

Benny não me correspondeu rapidamente, mas aos poucos, seus braços me apertavam.

– Não me diga que vai ficar tudo bem.

– Nem pensei em dizer isso. – respondi o que nos fez rir.

Não choramos, não fizemos nada além de sentir o outro.

Benny não era muito mais alto que eu, mas ele se abaixou para passar seus braços por minha cintura, como uma criança protegendo-se com a mãe. Eu nunca me imaginei como uma mãe, principalmente mãe de um homem de trinta e sete anos, mas naquele momento eu gostaria de ser tudo que ele precisasse.

Descansei minhas mãos em seu cabelo e acariciei, fazendo um cafuné, como imaginei que uma boa mãe faria.



Poucas horas depois eu e Benny estávamos deitados em minha cama comendo pipoca doce que Benny havia feito já que eu nem isso sabia fazer, embora ele tivesse uma boa mão para cozinha.

Era de tarde e eu tinha decidido que não iríamos trabalhar o resto da semana, eu já tinha deixado sob aviso para todos da agência e qualquer coisa poderiam me contatar pelo e-mail.

Benny disse que queria trabalhar e discordou da minha opinião, mas eu insisti tanto que ele aceitou. Eu não queria que ele se sentisse triste ou sem necessidade, mas essa semana eu queria passar somente ao seu lado. Eu não insistiria sobre a quimioterapia, poucas coisas sabíamos sobre seu câncer, então, como o médico havia falado, Benny precisava fazer exames específicos sobre seu câncer, depois iniciar o tratamento.

Por enquanto eu deixaria meu amigo relaxar com suas ideias, sem nem tocar nesse assunto fatídico, embora eu, na próxima semana, teria que me tornar a amiga insuportável, daquelas que insistem mesmo, falam mesmo, brigam mesmo, para no fim, ele concordar. Fosse na marra ou não.

Benny, como eu, era muito vaidoso. Largar algumas das suas vaidades em nome da quimioterapia seria uma luta pessoal para ele. Eu o entendia, mas ele precisava lutar por sua saúde e largar de vez seu vício por cigarros, independente de sua opinião sobre os vícios, que não deveríamos largá-los.

Eu ficaria ao lado de Benny 24h durante toda a semana se isso fizesse com que ele não fumasse, pois quando ele estava comigo, nos dias normais, ele fumava um ou outro cigarro. Hoje em dia, eu não deixaria ele fumar nem um.

Eu vigiaria sua vida, como uma mulher possessiva que eu poderia ser e vigiaria sua alimentação, como um mãe psicótica.

Em um momento da tarde falei com Benny sobre a "visita" inesperada de Christopher Stuart e me arrependi logo a seguir, Benny só faltou pular de minha cama querendo saber tudo com um ódio no olhar.

Benny detestava Stuart! Esse ódio havia sido um dos motivos que fez com que Benny se assustasse tanto ao saber que Chris era filho dele, depois Benny continuou mais chocado ao conhecer Chris e ver que ele era, em questão de caráter, diferente de seu pai.

Contei tudo para meu amigo que deitou-se totalmente na cama e fitou o teto.

– Vocês terminaram? – depois do que pareceu uma eternidade, ele enfim perguntou.

– Sim!

– E o que você está sentindo sobre isso? – esse era o meu Benny.

Hoje tinha acabado de tomar uma rasteira da vida, descobrindo que tinha um câncer, mas invés de chorar pelos cantos, ele me perguntava como eu estava me sentindo sobre um término.

– Eu não sei. – respondi sinceramente – Foi ontem, mas ele faz falta. A falta não é pelo tempo que estou sem ele e sim pelo tempo que vou ficar sem, é quase como se doesse pensando no futuro.

– Você não pensa de forma alguma contar sobre tudo a ele? – Benny ficou de lado na cama, se apoiando com seu cotovelo para me fitar com aqueles olhos caramelos – Afinal, se o imprestável do Stuart disse a verdade, ele não se meterá se você contar e Chris aceitar ficar.

– Ele não aceitará ficar, você sabe.

– Não temos como saber, baby. Você não sabe o quanto ele gosta de você e...

– Gostar Benny! – intervim – Ouça o que você mesmo está me

dizendo. Ele pode sim gostar muito de mim, mas é apenas isso: gostar. Isso não é o suficiente para fazer uma pessoa ficar depois de tudo que eu já fiz.

– Quem sabe ele não sente algo mais?

– Não o suficiente para ficar depois de todas as verdades. Ele me odiaria mais... Pior, ele sentiria nojo de mim.

– Baby, – Benny passou sua mão em meu rosto, tão meigo que fechei meus olhos, descansando meu rosto em sua mão – o que você sente por ele?

– Eu gosto dele. – admiti.

– E essa falta?

Abri meus olhos e pude senti que estavam marejados, impressionantemente os de Benny também, mas seu sorriso estava ali: estampado e exibindo suas covinhas.

– Essa falta dói.

LII



Não demorou para ser sábado.

Minha vida estava tão monótona sem Agatha que eu não via os dias passarem, sempre acabava fazendo o mesmo de antes dela: ia à academia,

NACIONAIS-ACHERON

assistia inúmeros filmes e seriados, estudava para coisas das quais eu sabia que não me encaixava, (eu nunca me achava "encaixado" em algum lugar). A única diferença era ter a presença contínua de meu pai em casa. O que era muito bom, como ele me animava e me puxava para sair, eu ia.

Nessa curta semana andando ao lado de meu pai, eu já havia conhecido uma série de novas pessoas e fechado alguns trabalhos. Eu tinha a consciência que o mérito não era meu, e sim por eu ser filho de quem era, o que me aborrecia um pouco, mas como eu não estava trabalhando, não recusava.

Eu, meu pai e Ian fomos os primeiros a chegar no restaurante, queríamos estar antes de todos. Logo os pais e irmãos de Ian chegaram juntos.

Bem, o restaurante era definitivamente de uma classe social da qual eu não estava muito habituado. Embora eu me vestia como se fizesse parte daquele mundo. Eu vestia-me com uma calça social, sapato também social e uma camisa cinza, mais uma vez, social. Eu não era um fã de blazer e não necessitava disso, afinal, era um jantar informal.

Meu pai vestia-se a caráter. Com tudo social da cabeça aos pés. Diferentemente de mim, ele gostava de estar assim, era quase como sua segunda pele. E sua roupa estava sempre em harmonia com seu cabelo perfeitamente no lugar, enquanto o meu, não se encaixava em nada.

Ian estava provocando uma série de olhares, alguns de repulsa, outros de admiração. Muitos de admiração. Ele vestia-se com uma calça e sapato social, mas cobria seu peitoral com apenas um paletó, sem camisa por baixo, deixando à mostra sua pele negra e um pouco de seu peito, usando ainda uma gravata borboleta branca que em contraste com sua pele, chamava muita atenção.

– Só assim para não me confundirem com um garçom. – Ian comentou

quando eu e meu pai rimos de sua escolha de roupa.

Algumas pessoas achariam que Ian queria chamar atenção, de fato ele queria, mas não de uma forma errada. Ian era um negro que vivia (e vivia bem) em meio a brancos, porém muitas pessoas ainda eram preconceituosas com sua cor de pele e seu jeito, algumas vezes, invasivo.

Eu o conhecia bem para saber que seu jeito era uma forma de mascarar todas as suas dores, não apenas pelo preconceito racial, mas por toda uma vida de altos e baixos.

Quando os pais e irmãos de Ian chegaram meu sorriso ampliou. Eles eram todos tão extrovertidos e comunicativos que era impossível alguém não gostar deles.

A mãe de Ian, Nany, era branca dos olhos verdes, seu cabelo era castanho escuro (com alguns fios grisalhos) e ela vestia-se parecendo uma rainha.

O pai de Ian, Raj, (viera dele os genes indiano ou índio de Ian), era negro, com traços característicos e bastante expressivos. Seu cabelo parecia-se muito com o de meu pai: engomado perfeitamente no lugar. E ele também se vestia à altura.

Seu irmão, Uriel, (era o mais velho, com uns trinta anos), se parecia mais com sua mãe, porque era branco, embora seus olhos fossem negros e seu cabelo também. Ele era executivo, então, roupa social era realmente sua segunda pele.

Sua irmã, Yasmine, (ela tinha uns vinte e sete anos), era belíssima. Uma mulher de parar o trânsito. Ela era a mistura perfeita de seus pais: morena dos olhos verdes e do cabelo preto. Ela era atriz e estava na cidade a trabalho, como Ian havia comentado. Ela vestia-se com um vestido longo das cores amarelo e azul, deixando seu tom de pele mais evidente.

Depois de Yasmine, vinha Ian de filho, com vinte e cinco anos, enfim

NACIONAIS-ACHERON

vinha o caçula, com vinte anos.

Yasmine conversava muito comigo sobre sua profissão de atriz. Queria um dia eu falar sobre minha profissão com tanto amor quanto ela. Yas, como preferia ser chamada, até havia me chamado para ver um dos ensaios dela, que seria na semana seguinte, não confirmei nada, mas ponderei no assunto. Assim como eu, ela era viciada em filmes e seriados. Assunto entre nós não faltava.

Um pouco depois, Vicky chegou com seu jeitinho sem graça e educada de sempre. Ela estava linda, vestia-se com uma blusa de mangas compridas e uma saia cintura alta, até seus joelhos.

No começo ela estava bastante sem jeito com todos, mas Uriel a envolveu com algum assunto. Não demorou para os dois entrarem em uma conversa paralela de todos.

Faltava apenas a tal da mulher que Ian havia convidado e Júlia. Eu estava receoso de Júlia não poder vir, embora ela não tivesse me mandado uma única mensagem para avisar que não viria, logo acreditei que ela estava para chegar.

Em um momento da conversa ouvi Vicky falar discretamente com Ian que Benny e Agatha estavam lhe desejando toda a sorte e determinação do mundo para sua nova carreira profissional, Ian riu, pediu para eles mesmo vierem falar, mas continuou rindo e avisou que não pararia de modelar, se tivessem trabalho para ele, ele aceitaria, tanto quanto modelo ou personal trainer.

Meu coração se apertou um pouco ao lembrar de Agatha, mas como Vicky estava falando tão discretamente, eu resolvi não me meter e não perguntar nada sobre ela ou a saúde de Benny.

Todos pediam apenas bebidas, esperando as duas outras convidadas para o jantar. Ian me perguntava quem era a minha e eu desconversava,

NACIONAIS-ACHERON

quando perguntei quem era a dele, ele piscou ao dizer "uma qualquer".

MERDA! Duplamente merda! Eu nem sequer havia pensado que Ian levaria para seu jantar uma qualquer. Talvez meu "plano" não desse certo e meu pai tivesse que providenciar um hotel para ele, para Júlia dormir comigo, ou melhor, Júlia nos xingaria (a mim e a meu pai) enquanto nos mandava dividir o sofá para ela ficar com a cama sozinha.

Os minutos foram se arrastando entre bebidas, (não alcoólicas e alcoólicas) e risadas quando finalmente a tal da mulher que Ian havia convidado chegou.

Fiquei um pouco decepcionado com Ian, ele poderia não ter trazido ninguém para um evento da importância que era para o próprio.

A mulher usava vestido vermelho sangue que terminava nas coxas, deixando o resto de suas pernas expostas e que continha um decote generoso até demais. Seu cabelo era de um loiro muito claro em contraste de suas sobrancelhas pretas.

Eu era um homem e tinha um pau que funcionava muito bem entre minhas pernas... Com isso, não negaria que a mulher era gostosa, não muito bonita, mas gostosa. Seu corpo era cheio de curvas e quase sem gordura.

A mulher foi apresentada a todos, nem fez questão de gravar seu nome, mas parecia que ela havia gravado o meu, já que estava me chamando por "Chris" em diversas frases que ela direcionava para mim. Eu tentava me desviar ao máximo de seu flerte estranho, afinal, ela tinha ido ali por Ian. Yas era quem me socorria, e era com ela quem eu queria conversar.

A mulher batia suas unhas compridas na mesa provocando um barulho irritante. A mesa era de vidro e eu olhei para seu vestido, que havia subido um palmo, deixando quase sua calcinha à mostra. Quando levantei meu olhar, ela também me olhava.

Putaquepariu! Já estava ficando chato essa perseguição de olhares.

NACIONAIS-ACHERON

Não me importei em ser pego no flagra, apenas dei de ombros e voltei toda minha atenção para Yas.

Eu pedi para pedirmos o jantar, já tinha desistido de Júlia aparecer. Estranho era que ela não havia dado um sinal de vida e isso me preocupava. Tentei ligar para ela, e nada. Mandar mensagens e nada de resposta.

Quando o garçom estava dando as costas para nossa mesa, depois de ter anotado o pedido de todos, ela finalmente apareceu.

E Júlia estava linda, mesmo com um olhar cansado.

Seu cabelo estava preso em um coque mal feito, ela não usava um pingo de maquiagem, deixando suas olheiras visíveis. Em uma mão ela puxava uma mala, na outra uma bolsa. Ela vestia um sobretudo bege até os joelhos, (estilo detetive, mas em uma versão feminina), e uma sapatilha preta.

Entendi pela sua aparência e roupa que Júlia tinha vindo direto para o restaurante, sem nem parar em algum hotel para, no mínimo, um banho.

– Fica com ela! – Ian sussurrou (não tão baixo assim) para mim, pondo a tal mulher que ele havia chamado para se sentar ao meu lado, lugar que era de Júlia, deixando o lugar ao lado dele vago.

Ian estava claramente dispensando uma mulher, da qual ele teria certeza de sexo, por Júlia, que ele não teria certeza de nada, e nesse momento não estava em seus melhores dias em questão de aparência. Talvez o que Ian sentisse por Júlia não fosse tão pequeno quanto eu imaginava.

BÔNUS

Ian Howard



*(Primeiro capítulo fragmentado do conto: **Ardor**)*

Quando eu vi à Júlia Casey entrando toda atrapalhada e bastante desarrumada, em comparação ao restaurante, eu não pude deixar de admirá-la. Ela estava linda, linda mesmo estando feia.

Sorri para mim mesmo, por dentro, eu não deixaria ninguém saber as merdas que eu estava pensando, afinal, Casey era só uma mulher e eu já estive com tantas, com ela não seria tão diferente.

Era óbvio que ela era especial, porém eu gostava de dizer a mim mesmo que não, no fim, ela sempre voltava para seu interior para salvar vidas como médica, mal sabendo ela, que ela estava acabando com meu coração.

Putá merda! Eu estava virando uma garota.

Rapidamente sussurrei para Chris, meu grande amigo, para ficar com a mulher que eu havia chamado para o restaurante. Eu sabia que ele terminaria à noite bem, se quisesse (e eu não me importaria) poderia fodê-la até não aguentar mais, por mim. Aquela era só mais uma.

Eu não era de levar mulheres para eventos, mas nesse em especial (além de não saber que Casey viria) eu convidei à moça porque estava

confiante que a comeria depois.

Mas agora que eu estava em pé, caminhando até Casey e todos os meus pensamentos anteriores divagavam até desaparecerem de minha mente. Eu só pensava em uma coisa: eu precisava com todas as minhas forças, ter aquela mulher, mesmo que fosse só por uma noite.

– Oi Howard! – Casey sempre me chamava pelo meu sobrenome, fazendo eu pegar essa mesma mania dela e nunca chamá-la como "Júlia".

Ela não fazia isso apenas comigo, ela chamava Chris, por Tyler, mas não era um uma forma formal de tratamento, pelo contrário, quando Casey me chamava de Howard era quase íntimo, sensual até.

Sua voz gostosa, baixa, quase um sussurro, soava como um anjo em meus ouvidos e causava um *ardor* em minha pele.

– Oi Casey! – sem esperar mais eu a abracei.

Sua figura pequena, magra, se encaixava em mim perfeitamente. Eu a escondia em meus braços em volta de sua cintura fina e ela não reclamava. Algumas vezes eu não tinha consciência da minha força, como agora, e estava simplesmente tirando Casey do chão, fazendo-a largar sua bolsa e mala no mesmo.

Ela ria e batia fracamente com suas pequenas mãos em meus ombros. Eu não queria largá-la. Não ainda enquanto ela estava ao meu dispor. Pelo pouco tempo que durasse nosso abraço, eu poderia dizer que, nesse meio tempo, Casey era minha, rápido ou não, mas Casey era minha.

– Eu também estava com saudades... – ela estava séria, com sua cabeça em meu pescoço. Eu podia sentir sua respiração e eu não queria ir para lugar nenhum.

Quando a coloquei no chão ela sorria para mim, daquele jeito meio infantil, meio inocente, meio sem graça e totalmente apaixonante. Meu sorriso foi o mais amplo e sincero do que eu dava em dias. Com Casey eu não

NACIONAIS-ACHERON

tinha dia ruim, sempre ficava de bom humor só ao vê-la sorrir assim para mim.

Eu nem sequer tinha reparado que todos da mesa, inclusive a mulher, estavam de pé. Aquela foi a primeira vez que Casey me fez fazer uma "ceninha" e eu nem me importava.

Enfim vi que algumas outras pessoas também nos olhavam, algumas com nojo, afinal eu era um homem negro, abraçando uma mulher, que poderia ser confundida com uma garota, pequena, branca, loira. Deveriam achar que eu estava matando-a. Coitado de mim, que nunca em minha vida arranquei sequer um fio de cabelo de uma mulher... Quer dizer, a não ser no sexo. No sexo tudo feito com consentimento de ambos era válido.

Não éramos e nunca seríamos o casal do século, nem casal éramos, mas se fôssemos, não seríamos o mais perfeito. Eu nunca quis ser perfeito, nem ela. Éramos apenas humanos, errados, diferentes e nada perfeitos.

Além dos olhares de nojo, haviam uns que sorriam com os olhos, pareciam que eles queriam levantar de suas mesas, aplaudir e assobiar nosso espetáculo. Mesmo que eu achasse que não tínhamos feito nada demais, mas quem poderia entender a mente alheia?

Por fim Casey se afastou de mim, indo até a mesa, para abraçar Chris, seu pai e os demais. Elegantemente Casey cumprimentou até mesmo a *não-mais-minha-acompanhante*, que retribuiu de um jeito azedo. Casey já conhecia minha família, mas de vista e rapidamente, nunca conversaram muito tempo. Minha irmã, Yasmine, logo se deu bem com Casey, junto com Vicky.

As três, minha irmã, Casey e Vicky, que não tinham nada em comum se deram muito bem e conversam como se já se conhecessem há anos.

Como eu havia empurrado a moça, da qual o nome me falhava, para o lado de Chris, Casey obrigatoriamente sentou-se do meu lado.

NACIONAIS-ACHERON

Casey colocou uma bolsa enorme no braço de sua cadeira, e deixou para eu empurrar sua mala. Sorri, levando sem discussão a mala para ela.



O resto do jantar foi ótimo.

Eu tinha me divertido bastante, e a tal mulher não demorou muito para ir embora quando percebeu que não conseguiria nada com Chris. O mesmo estava conversando bastante com minha irmã.

Eu esperava que meu amigo não se interessasse por minha irmã, que continuasse fissurado por Agatha. Afinal, Yas o descartaria sem hesitar. Não somente Chris como qualquer homem na face da Terra.

Ela e meu irmão Uriel eram mais velhos, primeiro Uriel, depois Yas, enfim eu e o caçula. Sempre fomos muito próximos, mas depois que saímos de casa ficou um pouco mais complicado, porque cada um tinha uma profissão diferente e morava longe um do outro.

Na hora das despedidas meu coração só faltou sair do meu peito quando constatei que eu tinha, pela primeira vez, uma chance real com Casey. Uma chance de fazê-la ser minha, mesmo que na manhã seguinte ela fosse embora. Eu precisava dela. Eu precisava tê-la.

Meus pais foram embora para sua casa, que não era muito longe do restaurante. Minha irmã, (que não morava na cidade), iria ir para casa de meu irmão (que não era tão longe), meu irmão também deu uma carona à Vicky, (que morava perto), Chris obviamente ia para casa com seu pai, sendo assim sobrava: Casey, que não poderia ir para nenhum hotel qualquer naquela hora.

Quando por fim só restava eu, Casey, Chris e Christopher Pai, e todas

NACIONAIS-ACHERON

as contas já tinham sido pagas, (pelos meus pais, junto com o pai de Chris, que insistiram não deixar Chris Pai pagar tudo sozinho), Casey começou: – Gente, eu sempre fico no mesmo hotel. Deixem de drama!

Ela tinha toda razão! Mulher inteligente me causava um pouco de medo. Sempre teria uma resposta na ponta da língua para você. Em momento nenhum você, sendo homem, se superaria em respostas como à mulher inteligente poderia dar.

Casey, quando não ficava com Chris, sempre hospedava-se em um hotel pertinho de mim e Chris, ela só não tinha reservado seu quarto antes, porque, segundo ela, saiu do interior com pressa para pegar o ônibus da viagem e para não chegar muito tarde na capital.

Eu não tinha nada para perder com aquela mulher inteligente, que sempre teria uma resposta melhor que a minha, então, eu, tolo, idiota, ogro, brutamente, fosse o que fosse, tentei: – Se você pode ficar nesse hotel, pode também economizar e ficar em meu apartamento.

Casey havia dito à Chris durante o jantar que iria ir embora no domingo à noite, sendo assim, ela só estaria na capital por uma noite. Uma noite era tudo que eu precisava com Casey. Uma noite para tê-la por completo. Uma noite que eu poderia reivindicá-la como minha. Enfim uma noite. À Noite.

Para minha surpresa Casey riu.

– Claro que sim!

– Cla-ro que s-sim? – gaguejei como o tolo que eu era. Tolo por ela.

– Sim Howard, – Casey deu um pulinho para conseguir bater na minha nuca com sua pequena mão, que eu, depois de deixá-la me "bater", se é que podia chamar aquilo de "bater", em seguida a peguei, segurando na minha – eu vou economizar e ficar em seu apartamento por essa noite.

Sua mão causava um *ardor* na minha. Mesmo tão pequena ela me

NACIONAIS-ACHERON

causava tantas sensações e das mais diversas.

Ouvindo-a dizer "essa noite" tornava aquilo quase como uma promessa não declarada.

Sim, Casey, seria *essa noite*.

Só por uma noite.

LIII



O resto da semana se arrastou, mas foi muito boa, apesar de todas as notícias ruins.

Eu e Benny saíamos para vários lugares que não íamos juntos há tempos. Besteiras como: fazer compras, cinema, restaurantes, até mesmo sorveterias. Malhamos juntos também, mas eu o impedi de queimar muitas calorias, não sabia o quanto ele poderia e se poderia continuar fazendo exercícios pesados como estava. Felizmente ele não discutiu e ficou descansando.

Eu ficava com o coração apertado toda vez que Benny tossia ou sua respiração falhava. Ele não fumou um cigarro enquanto estava comigo. Decidi como uma mulher possessiva (da qual eu disse que seria) que ele viesse morar comigo e mais uma vez, surpreendentemente, Benny não discutiu, afirmou que queria mesmo ficar naquele condomínio, mesmo que tivesse que aguentar a mim de uma forma maternal, mas enquanto dizia, ele ria, me fazendo rir junto.

Mudamos nossa alimentação, embora fosse Benny que cozinhasse, mas mudamos. Ele estava comendo cada vez melhor, não havia fumado em dias,

NACIONAIS-ACHERON

(o que era um milagre), nem deixei ele beber. Acompanhei todas as mudanças com ele, se ele tivesse que só viver comendo sopa rala, eu viveria comendo sopa rala. Sobre o álcool Benny fez piada, disse que os pulmões já estava mal, só faltava o fígado, bati nele em meio a risos, só Benny para me fazer rir com humor negro de merda.

Uma coisa aconteceu na quinta de diferente, Benny recebeu um convite de Chris para ir à comemoração de formatura de Ian, disse Chris na mensagem que Ian havia escondido de todos que estava estudando, e agora estava se formando.

Benny respondeu singelamente, comentando que estava com um "probleminha" de saúde. Benny comentou a mim que Vicky ia, e então, em nome de Benny e eu, pedi para Vicky falar à Ian, discretamente, que nós desejávamos a ele toda sorte e determinação do mundo em sua nova carreira profissional.

Benny iria, se não fosse pela presença óbvio de Stuart no restaurante. Era a cara dele reservar aquele restaurante, nem Chris, nem Ian iriam ter como reservar, praticamente em cima da hora, aquele restaurante de cinco estrelas, um dos melhores da cidade.

Ainda na quinta Ian me mandou um e-mail simplório, dizendo que eu poderia aparecer quando quisesse no restaurante, ninguém negaria um lugar a uma mulher como eu, palavras dele, não minha. Ian foi educado o suficiente para me mandar o endereço do restaurante, data e hora. Ele realmente esperava minha presença, não estava falando da boca para fora.

Eu gostava de Ian, era um daqueles raríssimos homens que você olhava primeiramente com receio por parecer sério demais, no entanto, ele abria um sorriso tão verdadeiro que você se enxergaria encantada. Difícil não gostar de pessoas que sorriem com o coração, assim como ele.

Eu e Benny fomos a uma boate na sexta-feira. Curtimos, bebemos um
NACIONAIS-ACHERON

pouco, rimos mais ainda. Era bom fingir que não tínhamos problemas. Era bom fingir que tudo estava bem, quando seu coração estava em pedaços por diversos motivos diferentes.

Na madrugada do final de semana eu trabalhei em assuntos pendentes da semana, mas dormia o suficiente para ficar com Benny bem disposta. Resolvemos não fazer nada demais, mas Benny queria se mexer, então limpamos toda minha casa ao som de uma música qualquer.

Foi um trabalho árduo. Eu não limpava minha própria casa há anos, mas no fim do dia eu estava acabada, com preguiça até de tomar banho.

Na segunda-feira eu não podia deixar de ir para a agência, estava amolecendo tanto que até com pena de Vicky (que estava trabalhando bastante ao enviar tudo que eu precisava ver e ajudar Jerry) eu estava.

Benny também queria trabalhar e eu não discutiria, porém ainda hoje eu deixaria o lado mulher possessiva para lá e atuaria com o lado mãe psicótica. Eu começaria a insistir a ele sobre sua saúde e tudo que precisávamos fazer. Achava que o próprio Benny estava me achando boazinha demais e eu poderia ser tudo, menos, boazinha.

Eu e Benny chegamos tarde na agência e saímos cedo. Não havia muito a ser feito e eu tinha trabalhado como uma escrava no final de semana, resolvendo coisas pendentes e adiantando outras.

Fomos e voltamos em meu carro. Quando chegamos em minha casa eu dei tempo suficiente para ambos tomarmos um banho, comermos e então eu começaria. Antes eu precisava ter forças, para mim e para ele.

Benny estava com seu notebook no colo, no quarto de hóspedes, (um dos quartos que era mais dele que de "hóspedes"). Ele estava vestindo apenas uma bermuda. Meu amigo estava tão bonito, natural, forte, bronzeado. Seu cabelo estava bagunçado, sua barba começava a crescer, dando-lhe um ar um tanto sexy. Eu queria tanto que ele pudesse continuar assim, mesmo depois

NACIONAIS-ACHERON

de começar a quimioterapia, mas eu não era mais criança para não ter consciência dos riscos.

Eu vestia uma short minúsculo e um blusão que terminava em minhas coxas. Meu cabelo estava uma bagunça mal arrumada em um rabo de cavalo. Essa conversa seria difícil, mas seria preciso. Era para isso que amigos serviam. Na saúde e na doença, como em um casamento. Era ainda mais sério, pois ambos sabiam disso, mesmo sem ser preciso selar nenhum contrato.

– Benny, – disse enquanto tirava seu notebook de seu colo, já que queria toda sua atenção em mim – o que você vai fazer quanto à doença?

– Não está claro? – ele arregalou seus olhos caramelos para mim e eu coloquei seu notebook em outra extremidade da cama, afastando de ambos.

– Para mim não está nada claro. – disse de uma maneira quase fria.

– Baby, não vamos discutir sobre isso, ok? Eu decidi não fazer a *quimo*, pensei que você já tivesse entendido...

– Não! Eu não entendi assim. Você precisa começar a quimo e...

– Para quê, porra? – Benny me cortou gritando – Para me sentir sem vivacidade, para minha autoestima cair totalmente, junto com todos os cabelos de meu corpo? Para que merda eu preciso fazer isso, se eu já sei onde acabará?

– Onde acabará? – eu disse de um jeito estridente – Eu não sei o quê você está vendo! Eu vejo a quimo como melhora, como solução, se você entregar tudo, você nem sequer terá chances de...

Viver. Era a palavra que estava engasgada em minha garganta, mas eu não conseguia falá-la em voz alta. Doía, doía mesmo, quase como uma dor física, um soco no estômago.

As lágrimas de Benny estavam visíveis e eu sabia que as minhas

também. Há muito tempo eu não chorava, porém, naquele dia, eu não consegui me controlar.

Benny saiu de seu cantinho na cama e veio até mim, como se eu precisasse de consolo, não ele, e me abraçou.

Deitamos na cama e ficamos abraçados por uma eternidade. Eu chorava, Benny também. Nossas lágrimas se misturavam tanto que não tinha como saber quem chorava mais.

– Eu provoquei isso... – Benny dizia com sua cabeça em meu pescoço, não via sem rosto, mas podia imaginar seus olhos fechados, como os meus estavam – Eu provoquei, eu sei... Não posso reclamar, foi bem-feito. Bem feito...

– Não! – puxei seu rosto com minhas mãos e o encarei cara a cara, fazendo-o abrir os olhos – Não foi bem-feito! Você vai melhorar, mas nunca mais vai fumar...

– Poxa vida! – Benny sorria enquanto suas lágrimas derramavam pela sua bochecha.

Limpei suas lágrimas e ele limpou as minhas. Ficamos assim: encarando o outro por horas, chorando de vez em quando, falando algumas besteiras e quando eu estava preste a dormir, Benny sussurrou em meu ouvido: – Eu vou fazer a quimo. Por você, baby!

– Eu te amo tanto! – falei um pouco mais desperta, fitando aqueles olhos bonitos, aquele sorriso triste e aquelas covinhas encantadoras.

LIV



Enfim o final de semana havia acabado.

Júlia foi embora no domingo à noite, embora eu não a vi no dia todo de domingo, só à noite quando ela me chamou para levá-la à rodoviária. Fui junto com meu pai levá-la e estranhamente Ian não foi. Júlia disse que ela mandou ele não ir, e eu tentei insistir até a rodoviária o que tinha acontecido entre eles. Ela me disse apenas que foi algo de "só uma noite".

Eu não poderia discutir com isso, eles eram totalmente diferentes, e suas vidas era mais diferentes ainda. Porém, a linguagem corporal era universal. Se houvesse tesão, o resto seria arrumado e o diferente passaria a se tornar igual.

Ian não estava com a gente, mas em alguns momentos percebi Júlia distraída no seu celular, provavelmente falando com Ian. Ele não estava ali, mas se fazia presente da maneira que podia. Esse era meu amigo! Esperto!

Depois de Júlia viajar, eu e meu pai fomos jantar em um restaurante. Estávamos em meu carro, já que meu pai estava sem o dele. No restaurante meu velho insistiu no assunto Agatha e eu cortei, percebendo que eu não queria falar sobre ele mudou de assunto, falando sobre seus planos na cidade.

Eu não aguentava mais dividir à cama com meu pai. E ele também não aguentava, então eu decidi algo que há muito tempo eu pensava: financiar

outro apartamento. O meu era comprado, então eu poderia vendê-lo e usar o dinheiro para complementar o novo.

Quando falei sobre isso com meu pai, rapidamente ele entrou em contato com um corretor de imóveis. Era domingo à noite e o tal corretor deu atenção ao meu pai. Meu velho explicou-lhe minhas condições e preços e o corretor deixou alguns apartamentos reservados para nossa visita no dia seguinte.

No outro dia já fomos ver os apartamentos. Foi bastante cansativo, mas depois de vermos uns quatro não muito longe de onde eu morava, eu achei um perfeito.

Era perto da academia, mais perto do prédio de Ian, mais perto também de um dos shoppings e praticamente ao lado de um teatro. Eu nunca tinha ido em um teatro, sempre optava por cinema, mas lembrei-me de Yas e seu convite para ver seu ensaio e era, coincidentemente, naquele teatro.

Enfim, o apartamento era ótimo: três quartos, um banheiro e uma suíte, cozinha grande, sala maior ainda, uma pequena lavanderia, uma varanda na sala e outra no quarto da suíte. O prédio era tão bom quanto o apartamento. Um playground espaçoso, parquinho (não que fosse útil para mim), piscina, quiosque, salão de festas e academia, mas eu continuaria treinando na academia de fora.

Assinei todos os papéis necessários e aquela burocracia completa. Provisoriamente o apartamento já era meu, (no mesmo dia depusitei o dinheiro para financiar o apartamento), burocraticamente precisava ainda o selar o contrato no cartório, para ter valor fiscal e legal.

Eu não teria móveis para aquele apartamento, então, meu pai cuidou também de contratar um design de interiores. Ele disse que isso seria por conta dele, e não reclamei. Sairia muito caro para eu comprar o apartamento e todos os móveis novos.

Coloquei meu apartamento antigo para vender ou alugar (preferiria vender, mas se eu tivesse uma boa proposta para alugar, alugaria), já queria as propostas, mesmo que ainda não fosse sair dele, embora meu pai estava apressando tudo.

Eu e meu velho ficamos o dia inteiro com o design, decidindo tudo. Eu só me prontifiquei para decidir mesmo sobre meu quarto e a sala, mas o resto dos cômodos eu deixei meu pai decidir, confiava em seu bom gosto.

O corretor de imóveis disse que eu poderia me mudar em breve, mas eu só iria quando todos os móveis já estivessem perfeitamente colocados. Não sairia de meu apartamento, para ficar em outro incompleto.

Ainda na segunda, mais tarde, eu liguei para Ian, para lembrá-lo de irmos ver Benny, mas ele me disse que já estava para fazer isso e que Benny não estava em casa e sim na casa de Agatha.

Eu desisti de ir, mas pedi para ele perguntar se eu poderia visitá-lo algum dia da semana, Ian concordou e ambos ficamos preocupados com Benny. Se ele estava com Agatha, talvez fosse algo mais sério do que imaginávamos.

Sim, eu usaria a desculpa de ver Benny para ver também Agatha. Embora não fosse uma desculpa de verdade, eu queria saber como ele estava. Benny era sempre tão engraçado e alto-astrol, se ele estava com um "probleminha" de saúde e eu pudesse ajudá-lo em algo, (mesmo que fosse só para fazer companhia), eu faria.

Na terça-feira marquei de encontrar Yas no teatro. Ela havia pegado meu número e disse que no dia que fosse para o ensaio me avisaria com antecedência, e hoje, ela iria.

Quando ela saiu de casa, eu sai também, ambos avisamos um ao outro. Ainda não estava tão perto do teatro, mas em breve ficaria. Meu pai não passaria essas noites comigo, o que seria ótimo, ele ficaria com alguma

NACIONAIS-ACHERON

mulher, algum caso qualquer do qual eu não faria questão de conhecer.

Cheguei antes de Yas, e quando ela chegou meu sorriso se abriu facilmente. Ela estava linda com seu cabelo solto. Ela vestia-se com um short curto, mas não muito e uma camisa de mangas branca.

Eu vestia-me com uma bermuda jeans e uma camisa de mangas curtas também branca. Como meu cabelo era curto demais para ser totalmente preso, mas comprido demais para deixar solto (caia muito em meus olhos), eu o preendi, deixando-o metade solto, metade preso.

– Você está bem diferente de sábado. – Yas disse com um sorriso brilhante.

Sorrisos sinceros eram coisa da família Howard, só podia ser. Todos sorriam do mesmo jeito amplo e verdadeiro.

– Espero que eu esteja melhor. – respondi dando-lhe um abraço.

Eu já conhecia toda a família de Ian há alguns anos, mas nunca tinha tido muita intimidade com sua irmã, já que ela sempre morou longe.

Eu e Yas conversamos mais um pouco antes de entrarmos no teatro.

– Acho que meu irmão, Uriel, ficou interessado naquela garota, à Victoria.

Arregalei meus olhos para ela.

– Sim, a Vicky! Ela é um doce de garota, mas tímida demais, recatada demais...

– Você não gosta das meninas recatadas, Chris? – a forma como Yas falou me fez rir, e ela me acompanhou no riso frouxo.

– Enfim, espero que ele não magoe a Vicky, ela é boa demais também.

– Não vai, Uriel não é como meus outros irmãos. Ele é o tipo de uma mulher só...

Rindo e conversando sobre os irmãos Howard, entramos no teatro. E

puta que pariu! O lugar era lindo!

Yas riu da minha expressão e ficou chocada quando disse que nunca havia entrado em um teatro, mas tinha o *DRT* de ator. Era minha primeira vez e ela brincou dizendo que ficava feliz por me "desvirginar".

Yas era tão fácil de lidar quanto Ian. Ela era engraçada, bonita, simples, conversadora, meio maluca também.



Nunca me imaginei sendo um ator. Eu amava filmes e seriados, mas atuar não era algo que passava por minha mente. Apesar de eu ter o *DRT*, que era como um diploma de ator, o qual eu tinha após ensaiar teatro na infância e começo da adolescência, nunca pensei sobre como profissão. Era apenas algo que eu havia concluído na adolescência, junto com alguns cursos técnicos aleatórios.

Pela primeira vez em minha vida eu me senti encaixado. Eu estava há dias procurando uma profissão da qual me encaixasse e me sentisse fazendo diferença, enquanto procurava e estudava algumas coisas das quais eu não gostava, eu assistia inúmeros filmes e alguns seriados, mas nunca imaginei que eu seria ator.

Estava sempre próximo a mim essa profissão, eu que nunca cogitei, antes de hoje.

Yas percebeu meu encanto ao teatro e todos os ensaios, ela me chamou para ensaiar também, brincando, eu fui, no fim gostei mais do que imaginava. E muito mais do que havia gostado na infância quando o fiz, por fazer.

O elenco da peça não estava completo e Yas perguntou se eu tinha intenção de tentar. Aceitei, meio receoso, mas não me custaria nada. No mesmo dia o diretor da peça me disse que eu poderia me sentir como parte do elenco, como uma experiência, ele até me deu as falas. Meu papel era o antagonista, Yas e um homem eram os protagonistas e eu seria o amigo do rapaz.

Ensaíamos bastante durante o resto do dia, a peça seria apresentada em algumas semanas, por isso o elenco continuava incompleto, ainda faltavam muitas coisas e eu, felizmente, estava pegando tudo no começo.

Eu sabia que o cachê de um ator a cada peça era uma miséria, em comparação com o de um modelo, seja fotográfico ou de passarela. Eu não estava me importando com o cachê baixo, porque continuaria a trabalhar como modelo para compensar todos os meus gastos.

Eu queria apenas me sentir útil, mais do que um rosto bonito sem conteúdo.

Quando o ensaio acabou, convidei Yas para jantar e ela aceitou, como sempre, sorridente.

Yas era linda, mas não a via como nada além de uma amiga e algo me dizia que ela não daria nenhuma chance para mim, caso eu tivesse algum interesse “a mais”. Felizmente eu tinha apenas um sentimento fraternal com ela, muito longe do sexual, talvez fosse por ela ser irmã de meu melhor amigo.

Como sempre era ao lado de Yas, o jantar foi ótimo, não parávamos de falar por nenhum segundo e ela estava pasma por eu ter ido para visitar o ensaio e acabar parte do elenco. Ela me disse que os ensaios pela semana variavam, e me avisaria antes quando viesse a ter o próximo.

Deixei Yas na casa de Uriel, onde ela estava morando enquanto estava na cidade e depois fui para meu apartamento. Meu pai me avisou que não

NACIONAIS-ACHERON

viria por alguns dias, o que seria bom.

Depois de um longo banho, deitei em minha cama. Ainda não era muito tarde, mas o dia havia sido longo.

Mandeí uma mensagem para Júlia contando as novidades, sobre o teatro, comentei sobre Agatha, (Júlia ainda não sabia que tínhamos terminado há uma semana), a troca de apartamento e venda ou aluguel do velho, pedi para que quando ela pudesse, me ligasse.

Pouco depois de enviar a mensagem à Júlia, Ian me ligou, não ficamos muito tempo na linha, ele me disse o que eu precisava saber e o que fez meu coração falhar uma fodida batida.

– Agatha disse ontem que você pode ir visitar Benny em sua casa.

Eu não precisava ouvir mais nada, mas antes de desligar a chamada na cara de Ian ouvi ele dizer algo como "e eu acho que você deve ir", peguei minhas coisas, (carteira, chaves do carro e do apartamento) e fui.

Não me importava se Agatha não queria ficar comigo, eu queria ficar com ela, mesmo que só fosse para estar perto sem poder tocá-la. Queria também ver Benny, esperava que não fosse nada muito sério, porém a forma como Ian falou que achava que eu deveria ir, me assustou um pouco.

Seria difícil, tentador ao extremo estar perto de minha Ruiva, (mesmo que ela não quisesse ser considerada minha), sem estar perto o suficiente, mas eu queria tanto vê-la que doía.

Eu sentia falta até mesmo de suas grosserias, ou melhor, sinceridades.

Meu coração batia cada vez mais rápido, enquanto eu chegava cada vez mais perto de minha Ruiva.

LV



Acordei com a campainha tocando no andar de baixo.

Benny levantou na minha frente, colocou uma camisa e foi atender, ele disse que se fosse Stuart, ele sairia dali desfigurado, aos risos me levantei e fui ao meu quarto trocar de roupa. Tirei meu blusão, trocando por um vestido curto de alças azul.

Era um pouco mais das 19h.

Depois de sair do quarto ouvi vozes, felizmente, o visitante não era indesejado.

Cheguei na sala e sorri.

Ian estava sentado no sofá ao lado de Benny, disse que veio para visitar Benny, já que ele havia dito que estava com o tal "probleminha de saúde". Benny, esquecido como sempre, riu, dizendo a mim que Ian tinha perguntado a ele, onde ele estava, e ele disse que estava comigo, então Ian avisou que viria e Benny esqueceu de avisar. Não me importei, rindo dei meus parabéns pela formatura.

Ian, como sempre, era um doce, sempre engraçado, divertido, sincero e educado. Era um pouco triste ver Ian, pois era impossível não lembrar de seu amigo.

Eu estava sentindo mais falta de Chris do que eu queria admitir. Era tão bom estar com ele. Eu estava tão acostumado a ter seus beijos e carinhos nos fins de noite.

– Qual seu problema, Benny? – Ian perguntou ao meu amigo, me fazendo despertar de meus pensamentos.

Eu não sabia se Benny queria contar, fiquei calada com o coração na mão esperando sua resposta. Sentei-me no chão, próximo ao sofá.

Benny encarou Ian e respirou fundo algumas vezes, antes de dizer: – Eu tenho câncer.

Fechei meus olhos, quando abri Ian estava com uma feição chocada, acho que ele esperava que Benny falasse que era uma piada. Como eu queria que fosse uma piada! Ian me olhou rapidamente e eu assenti tristemente.

– Qual câncer? – Ian fitava Benny.

– Pulmão. – Ian respirou fundo e abraçou à Benny apertadamente, como se assim ele pudesse fazer um pouco de sua saúde transportar-se para meu amigo.



Ian ficou até mais tarde, assistimos filmes e comemos pipoca. Assim como eu, Ian não sabia o que fazer, pois não tinha o que fazer, porém sua presença foi essencial. Era bom saber que ele estaria por perto para o que

Benny precisasse. E Benny precisaria.

Eu e Benny decidimos não falar nada na agência sobre sua doença, mas caso fosse perguntado, ele me disse que falaria a verdade, mas até o momento que Ian perguntou, Benny não sabia se queria falar aquilo ou não, mas mentir em uma situação dessas era desnecessário. Infelizmente, em algum momento todos saberiam.

Antes de Ian ir embora ele perguntou, sem graça, para mim, se Chris poderia vir para visitar Benny, porque ele também estava preocupado e sem saber a magnitude do problema de saúde de Benny.

Eu pensei sobre aquilo em segundos, mas milhares de coisas passaram por minha cabeça.

- 1) Eu veria Chris, independente dele vir por causa de Benny ou não.
- 2) Eu não sabia quanta falta eu sentia dele.
- 3) Eu tinha um pouco de medo de como eu me portaria ao lado dele.
- 4) Ele estaria tão perto, mas eu tinha noção que, ao mesmo tempo, estaria longe.
- 5) Não tinha consciência se era correto ele vir em minha casa.
E se o pai dele surtasse e contasse tudo?
- 6) Eu não tinha consciência se eu não surtaria com a presença dele e o agarraria, como uma louca.
- 7) Eu queria tanto vê-lo que doía.

Depois desses segundos, eu disse enfim, que sim, Chris poderia vir. Guardei para mim a parte de que eu queria muito que ele viesse.



Quando, na terça-feira à noite, depois de um longo dia de trabalho, a campainha tocou, meu coração deu um solavanco estranho, uma batida falha e eu sabia, sabia mesmo sem ver, que era Chris.

Eu estava vestindo o mesmo vestido azul do dia anterior, curto e de alças. Benny estava no banho e eu na sala, ou seja, eu ficaria sozinha com Chris por alguns minutos, provavelmente longos minutos.

Levantei-me do sofá e parei em frente à porta, respirando fundo e arrumando meu cabelo antes de abrir.

– Oi. – Chris parecia sem graça.

Ele estava lindo, como sempre. Mas ele estava mais bonito especialmente hoje. Seu cabelo estava solto e parecia molhado, sua barba também, parecia que ele tinha tomado um banho há pouco tempo e vindo correndo para minha casa. Ele vestia-se com uma bermuda jeans gasta e uma camisa azul de mangas curtas.

– Olá. – minha voz saiu baixa, sem graça.

– Ian disse que eu podia vir... ver Benny.

– Sim. – foi tudo que eu consegui responder, antes de abrir mais a porta para dar passagem para ele entrar.

Chris acenou e entrou, ainda sem graça.

Eu pedi para ele sentar-se e ele obedeceu, ofereci algo e ele não quis nada, disse que Benny estava no banho, ele acenou. Me sentei ao seu lado e assim ficamos: um do lado do outro, mas com um lugar do sofá entre nós.

Eu estava me sentindo uma adolescente, daquelas que ficavam ruborizadas com qualquer coisa, que torciam para o garoto ter atitude, e quando ele tinha, ela se fazia de tímida, como se não quisesse, fazia charme. Quando iria atrás do garoto, o garoto estaria com outra, e ela choraria. Adolescentes eram muito iludidas, ainda bem que eu era uma mulher, porém,

hoje eu mais parecia essas adolescentes iludidas e ruborizadas.

Revirei meus olhos e ouvi o riso de Chris. Não precisei olhar para ele para saber que ele sorria um daqueles seus típicos sorrisos presunçosos.

Quando olhei para ele, ele continuava sorrindo. E eu não lembrava quanta falta sentia de seu sorriso.

– Eu senti sua falta. – Chris disse na lata com todas as letras e eu gelei.

Engoli em seco, afinal não poderia dizer o mesmo, pois ele saberia que eu estava arrependida de minha atitude, mas eu não podia estar.

Eu não voltaria atrás, nem mesmo quando ele sorria daquela forma, nem quando ele falava aquela frase com todas as letras, nem mesmo quando ele deixava claro que me queria e não me odiava, nem quando ele se aproximou de mim e seu cheiro viril e delicioso preencheu minhas narinas.

– Chris... – comecei, mas fiz a besteira de olhar para seu rosto.

Tão próximo e tão lindo. Simplesmente perdi tudo que eu pensava.

Chris colocou sua mão em minha nuca e sua boca em meu pescoço, fazendo sua barba roçar em mim, me dando cócegas. Senti ele cheirar minha pele.

– Senti falta de seu cheiro. – ele me cheirava mais forte dando ênfase a suas palavras – Falta de seu gosto. – Christopher me mordeu, bem de leve e chupou meu pescoço – Falta de você. – e então seu rosto se afastou de meu pescoço e sua mão virou, delicadamente, meu rosto, ficando cara a cara com o dele.

Chris não me beijou, mas colou sua testa na minha. Eu podia sentir sua respiração em meu rosto. Eu queria tanto me aproximar mais. Eu queria, mas eu não podia.

– Por quê, Ruiva? – falou manhosamente, usando o apelido, baixinho, rouco, sensual e ao mesmo tempo, triste.

– Porque foi preciso. – foi tudo que eu consegui dizer antes de me afastar e Benny aparecer na sala.

Preciso. Eu não sabia mais o que era preciso.

LVI



Câncer. Benny tinha câncer de pulmão.

Quando ele me contou isso eu não acreditei, esperei que ele falasse que estava de brincadeira comigo, que ele estava ótimo, que sei lá, tudo menos câncer.

A semana passou de um jeito novo para mim. Eu estava vivendo dia após dia sem pressa. Durante a semana houve mais um ensaio no teatro, meu pai não tinha ido em meu apartamento, continuava com um de seus casos, mas falava todo dia comigo sobre o novo apartamento. Eu não tinha um dia certo para me mudar, mas não demoraria.

Continuei indo à academia todo dia, encontrando Ian quase sempre, a única diferença em minha rotina era: Agatha.

Eu estava indo na casa de Agatha todo dia à noite, mas eu não tinha tentado mais nada, nem ela. Depois que ela havia me dito que "era preciso" e

Benny apareceu na sala, naquela terça, eu não discuti. Eu queria tanto ficar perto dela, que qualquer tipo de proximidade que ela deixasse eu ficar, eu aceitaria.

Sim, eu tinha ficado fodido no dia que ela terminou comigo, dizendo-me que nossa relação era ridícula e estava fadada ao fim. Fodido ao quadrado, ao cubo, enfim, muito fodido, com um pouco de raiva também, mas mais triste que tudo. Agatha me deixou na merda e não tinha consciência o poder de suas palavras. Porém, eu gostava muito dela e era egoísta ao ponto de não deixá-la se afastar.

Foda-se, se nossa relação era ridícula, mas eu a queria. Queria tanto que meu coração se apertava em meu peito toda vez que eu a via pela primeira vez no dia. *Sempre.*

Eu estava agindo como um adolescente cheio de hormônios e amores por uma mulher mais velha, sobretudo, no fim, era exatamente isso que eu estava me sentindo. Um adolescente de quatro por uma mulher impossível, como a professora, por exemplo.

Eu tinha contado à Agatha e Benny sobre ser ator e ambos adoraram a ideia. Benny ainda não tinha começado os tratamentos, tinha ido fazer exames específicos, para depois começar os tratamentos. Eu ajudava Benny (algumas vezes Ian também ia) quando os exames o cansavam, algumas vezes, eles tiravam tanto sangue que Benny ficava cansado até para andar e eu o apoiava. Ele começou a chamar-me, a mim e à Ian, de “muletas vivas”, fazendo eu e Agatha rimos.

Quando Benny começasse a quimioterapia as coisas ficariam mais difíceis, eu sabia, mas eu, junto com Ian, iríamos estar prontamente próximos a ele, o apoiando o máximo que podíamos.



Mais alguns dias se passaram e eu já estava empacotando as coisas de meu velho apartamento para o outro, não levaria muito, apenas os utensílios diários, pessoais e roupas, de resto eu deixaria para alugar ou vender. Tinha ouvido algumas propostas de aluguel, mas não aceitei nenhuma. Estava sem pressa para alugar para qualquer um, quanto mais com meus móveis no apartamento, mesmo que eu não fosse mais usá-los ainda tinha um certo apego a eles.

Meu pai tinha ido ficar no novo apartamento, deixando meu quarto intacto, segundo ele. E eu acreditava, não teria porquê ele mentir. Eu estava ansioso para me mudar e mais ainda para a apresentação.

Júlia tinha me ligado uns dias atrás, contei-lhe tudo, desde Benny ao novo apartamento e apresentação da peça, ela disse que tentaria vir à capital o quanto antes, mas não dava certeza de nada.

Rimos ao lembrar que, há pouco tempo, Júlia tinha me dito que eu era um péssimo ator. Eu estava provando a ela e a mim mesmo o contrário. Pela primeira vez eu havia encontrado em uma profissão, que não seria de todo ligada à aparência.

Na verdade, em pouco tempo ensaiando descobri que, atuar era desprender-se das aparências. O papel do qual eu fazia não era necessário nenhuma mudança em meu cabelo ou barba, apenas cortar um pouco, mas se eu continuasse nessa carreira teria que estar disposto a mudar.

Quando falei sobre Benny, ela se entristeceu, mesmo sem conhecê-lo direito, perguntou-me sobre o grau de seu câncer, eu não soube dizer, eu era péssimo para entender um terço do que os médicos diziam. Prontamente Júlia

disse que se precisassem de uma médica, ela iria. Mas infelizmente ela morava longe demais.

Perguntei sobre seu trabalho e pela primeira vez Júlia hesitou e arfou, cansada para falar sobre seu emprego. Não parecia que as coisas andavam bem e uma ideia maluca passou por minha cabeça, mas guardei-a para outra conversa.

Um pouco depois de falar com Júlia, liguei para minha tia. Morria de saudades dela e de meu tio. Conversamos por horas a fio e contei só as novidades boas: sobre ser ator, mudar de apartamento e de estar com meu pai por esses dias, falei até da formatura de Ian.

Me sentia cansado de tanto conversar quando desliguei a chamada.

Essas semanas sem poder tocar em Agatha estava me matando aos poucos. O pior era que eu não me sentia atraído por nenhuma outra mulher. Porra, Agatha tinha me castrado! Sentia-me exatamente assim: um cão sarnento, engaiolado, encoleirado, esperando seu dono aparecer para abanar o rabo.

Não queria mais me sentir como aquele cão. Era uma sexta. Eu tinha dinheiro, um carro e uma boa aparência, só a última característica já era o suficiente para eu conseguir levar uma mulher para casa, ou no meu caso, um motel.

Antes de ir a uma boate, eu fui a um bar. E eu bebi muito. Muito mais do que eu estava acostumado.

Bebi por todas as minhas mágoas, raivas, amores, dores, frustrações. Bebi porque queria extravasar. Até mesmo um cara como eu tinha seus defeitos, um deles era não conseguir guardar nada. Eu soltava todos os meus pensamentos para os ventos, apenas para não guardá-los. Detestava não poder falar. Detestava mais ainda meu cavalheirismo de merda que me fazia apenas olhar para Agatha, sempre tão linda, sempre tão sexy e sempre recuar.

Cavalheirismo era meu pau! Eu estava cansado de recuar para tentar ser sempre o bom moço e nunca invasivo. Eu queria acertar com ela, por ela.

Minha Ruiva, que já não era minha, era tão linda. Puta que pariu! Ela era a mulher mais linda que eu já conheci. E era linda quando acordava, sem maquiagem, com olheiras, cabelo bagunçado e roupa amassada.

Agatha tinha a língua mais afiada de todas. Ela não era o tipo de mulher boazinha, passiva, mansa. Pelo contrário, se ela não gostava, ela diria bem alto que odeia, e você, um fodido perdido, dando uma de cavalheiro, faria tudo de novo, somente para ouvi-la dizer em algum momento que amou.

Eu estava fodidamente, perdidamente, dolorosamente, e muitos outros "mentes", mas principalmente: apaixonadamente apaixonado pela mulher mais sincera, linda, grossa, esnobe, rude, mal humorada, humilde, soberba, carinhosa, boa, má, esforçada, trabalhadora, fria, apaixonante, impassível, amável e tentadora que eu já conheci.

Peguei meu celular e liguei para quem podia me salvar, sem brigar e sem me achar um estúpido: Benny.

LVII



Eu estava com Benny quando seu celular tocou. Não vi quem ligou, mas fiquei bastante curiosa. Meu amigo começou a rir e resmungar concordância total à pessoa do outro lado da linha.

Era sexta à noite e eu já estava de pijama (um blusão e calcinha), Benny também. Ele vestia apenas um short curto, rosa e tudo, mas depois de desligar a chamada, ele simplesmente começou a se arrumar e me disse que precisava resolver esse problema.

Benny estava reagindo bem as primeiras sessões da quimioterapia que tinha começado há dias. Seu câncer era de um alto risco, mas eu confiava arduamente na melhora de meu amigo. Ele tinha uma saúde de ferro.

– Precisa de ajuda? – perguntei já me levantado de minha cama, onde estávamos deitados.

– Não baby, vou e volto num pulo.

– Vai levar meu carro?

– Vou de táxi e volto de carro. – foi tudo o que Benny disse antes de

me dar um beijo na testa e sair sem mais explicações.

Era fácil pegar um táxi por aqui, sempre havia muitos para uma sexta à noite, mas eu continuava sem entender essa saída repentina. Peguei meu celular e mandei uma mensagem para Benny avisar sobre qualquer problema, até mesmo indício de problema. Ele respondeu rapidamente para eu não me preocupar.

Em vão tentei não me preocupar, mas meu coração não batia regularmente. Falhava umas batidas, dava um solavanco em outras.

Inferno! Eu estava tendo um ataque de ansiedade ou o quê?

Deitei mais em minha cama, tentando dormir, mas não demorou muito quando uma buzina começou a soar. Levantei da cama com intenção de fechar a janela e vi o carro de Chris. Mas não era ele quem buzinaava ferozmente.

Vesti um robe, me enrolei nele e fui até a porta. O que eu vi não foi bem o que eu esperava: Benny dirigia e Chris estava parecendo dormir no assento do carona.

Receosa fui até o carro devagar.

– Leve o garoto para dentro. – Benny disse quase como uma ordem – Amanhã eu volto com o carro dele.

– O que ele tem? – uma preocupação começava a me preencher, depois sacudi minha cabeça – E para onde você vai? – questionei arqueando uma sobrancelha.

– Álcool. – única coisa que Benny respondeu, depois ao me ver séria, esperando mais completou – Eu vou ajudar outro! – imaginei que esse outro fosse Ian – Por que as pessoas me pedem conselhos amorosos quando eu nem namoro?

Sorri dando de ombros.

– Por que você mesmo não ajuda Chris, deixando-o na casa dele?
– Ele quis vir para cá.
– E eu continuo aqui. – Chris disse com sua voz sempre rouca e fodidamente sensual.

Benny queria me matar por deixar Chris e eu sozinhos. Não ficávamos a sós desde o dia que eu chamei nossa relação de ridícula.

Oh Chris, como eu gostaria de poder falar que não achava nossa relação ridícula, longe disso. Eu adorava o que tínhamos. Eu queria tanto poder ter mais dele. Queria poder reviver nossa última foda para fazê-la ser ainda melhor, se isso fosse possível.

Depois de mais algumas meias palavras Chris entrou comigo. Não precisou de ajuda para andar.

Entrou em minha casa meio bêbado, mas parecia que era a casa dele também, porque entrou tirando a camisa.

Não discuti, achei lindo quando ele deitou no sofá como se fosse o dono do mesmo, deixando sua camisa no colo. Seu peitoral estava como algumas semanas atrás: forte, definido, delicioso. Tentador.

Eu queria aquele homem na minha cama. Em cima de mim. Dentro de mim. Profundamente. Me preenchendo até eu não aguentar mais.

Christopher me pegou olhando para ele, e me deu um sorriso, dessa vez um sorriso de bêbado, doce e engraçado.

– Vou esquentar o café. – felizmente já tinha café pronto e como desculpa eu sairia da sala.

Não demorei muito para voltar com o café preto e um comprimido (para evitar ressaca) para Chris. Ele estava sentado, ainda sem a camisa, passava as mãos no cabelo e respirava fundo, como se juntasse as melhores palavras para formular uma frase. Mas, no fim, ele não disse nada, além de

um categórico "obrigado" depois que eu lhe entreguei o café e o remédio.

Christopher pareceu queimar a língua, deu uma pausa, e logo voltou a beber rápido, engoliu o remédio um pouco depois, sem nem perguntar para que servia, confiou em mim cegamente e eu adorei isso também.

– Você quer tomar um banho? – arrisquei para tentar quebrar o gelo, mas logo percebi que seria vista com milhares outras intenções maliciosas.

Eu tinha essas outras intenções? Não. Eu queria essas outras intenções? Eu implorava por elas! Sim, muitas e muitas vezes.

Chris me olhou de uma forma que eu não soube identificar. Era mágoa? Tristeza com certeza, e um misto, ali no fundo, de diversão e malícia. Enfim, Chris estava tão confuso quanto eu.

Eu queria tudo! Queria tudo que inclusive Christopher Tyler no pacote. Tudo que viesse de ruim e bom eu aceitaria.

Aceitaria se ele fosse mal humorado. Aceitaria se ele me xingasse agora. Aceitaria se ele quebrasse alguma coisa. Aceitaria se ele colocasse um som alto pela manhã. Aceitaria se ele detestasse os filmes que eu amava. Aceitaria se ele me mandasse calar à boca. Aceitaria se ele bagunçasse minha casa. Aceitaria se ele espremesse a pasta na metade. Aceitaria se ele deixasse a tampa do vaso aberta. Aceitaria seu ronco, indisposição, má educação, grosseria, frieza. Aceitaria até mesmo seu pai. Só não aceitaria que ele fosse embora.

Mas, tirando o último quesito sobre seu pai, meu Chris não fazia nada assim. Ele era o contrário daquilo. Mesmo que ele fosse daquela outra forma, que sua faceta de bom moço mudasse para bad boy, eu aceitaria. Restava saber se, ele me aceitaria também?

Pela primeira vez eu não me achei suficientemente boa para aquele garoto tão fodidamente perfeito.

Ele poderia ter ido para outro lugar, procurado outras pessoas, mas ele

NACIONAIS-ACHERON

disse à Benny que queria vir para minha casa.

Ele estava colocando a xícara do café no chão e não deixava de olhar para mim.

Meu Chris, mesmo nessas semanas de "perto-longe", continuava sendo meu. Ele poderia não saber e não querer, mas ele era meu.

– Eu também senti sua falta. – admiti algo que ele havia dito há dias e eu não retribui.

Eu continuava em pé no meio da sala e nada mais precisou ser dito quando meu Chris levantou-se do sofá caminhando em minha direção. Ele me puxou, com uma mão na nuca, outra em minha cintura e me beijou.

Foi um beijo daqueles que vemos em despedidas e reencontros. Embora, nós não estávamos nos reencontrando e muito longe de nós nos despedirmos. Estávamos em nosso próprio mundo.

Seu beijo foi o mais tentador de todos. Era um daqueles beijos de corpo e alma, onde não era apenas a boca o protagonista. As mãos, as pernas, os braços, todo o corpo entrava em sintonia. Todo o corpo se envolvia.

Seu gosto era uma mistura de café, uísque barato e algo que era só dele, seu próprio gosto, como seu cheiro, que continha sua própria fragrância.

Seu cheiro era um amanteigado interesse, que se misturava com o cheiro da bebida, como no gosto não saía, mas havia também seu próprio cheiro. Chris, especialmente hoje, tinha cheiro de sexo e seu próprio cheiro de homem viril.

Sua boca me dominava, seu corpo me empurrava para a parede. Passei minhas pernas por sua cintura e pude sentir perfeitamente seu membro ereto cutucando minha vagina pela sua bermuda jeans.

Seus movimentos se tornaram estocadas sobre a roupa, como uma promessa do que teríamos mais tarde. Meu robe rapidamente estava no chão,

deixando-me com uma camisa comprida, mas fina e uma calcinha de algodão.

Chris era assim. Ele não precisava de autorização, ele vinha direto quando você abria uma fresta.

Eu estava divagando para dizer o óbvio: eu estava, fodidamente, perdidamente, dolorosamente, e muitos outros "mentes", mas principalmente: apaixonadamente apaixonada pelo homem mais carinhoso, carismático, lindo, sensual, brincalhão, engraçado, besta, manhoso, mimado, orgulhoso, bom, humilde, calmo, inteligente, esforçado, maduro, enjoado, malicioso e tentador que eu já conheci.

LVIII



Muitas vezes, quando eu era moleque, eu pensava comigo o que eu queria naquele momento. Poderia ser das mais diversas besteiras, porém o que eu queria naquele exato minuto?

Se eu fizesse isso, naquele exato momento, eu diria que enfim eu não

queria nada. Eu tinha literalmente em minhas mãos a mulher por quem eu era apaixonado e só ela, por si só, já era o que eu queria. Tê-la era almejar demais, ter mais que ela parecia impossível. Indesejável até. Afinal, para quê, eu queria mais, se já tinha tudo?

Beijei minha Ruiva como se minha vida dependesse disso. Beijei de todo meu coração, com uma paixão da qual estava presa há tempos. Eu necessitava daquilo. Seus toques, seus gemidos, suas frases entrecortadas, seus arranhões, enfim, tudo.

Eu necessitava de Agatha. Não qualquer uma, mas sim dela. Só dela. Esse havia sido o motivo que eu não consegui ir à boate e fiquei no bar bebendo mais do que eu aguentava. Eu não conseguiria foder outra mulher, tendo Agatha fodendo com minha mente.

Só ao beijá-la toda minha bebedeira pareceu ter sido em um passado distante. Me sentia bem, melhor que bem, ótimo. Eu tinha tudo, naquele exato momento, que eu queria ter.

Segurei Agatha pelas coxas com minhas mãos, enquanto suas pernas estavam enroscadas em minha cintura e suas mãos em meu cabelo, puxando e acariciando.

Apertei as coxas de Agatha e com uma das mãos a segurei pela coluna, tirando-nos da parede e jogando-nos no sofá. Felizmente o sofá dela era grande e confortável.

Quando minha Ruiva estava deitada no sofá eu parei um momento apenas para admirá-la. Simplesmente linda. A mulher mais tentadora que eu poderia conhecer. E ela era minha. Inteiramente minha, mesmo que ela ainda não soubesse disso.

Agatha vestia uma camisa grande e uma calcinha. Seus cabelos estavam uma bagunça e seu olhar azul estava animal, selvagem, como queira dizer.

Despi primeiramente sua camisa, a minha já estava no chão algum tempo, jogando-a também no chão, talvez próxima da minha. Seus mamilos estavam duros, só por eu estar observando-a ela já ficava excitada e imaginei o quanto deveria estar molhada.

Não precisei imaginar muito. Tirei sua calcinha simples, que saiu fácil e joguei em qualquer lugar, sem nem olhar. Minha visão estava focada em sua genitália exposta, rosada e brilhante de seus sucos que escorriam. Como eu, Agatha deveria estar me esperando, nesse meio tempo afastados, ela deveria ter pensado em mim, como eu pensei nele.

Minha Ruiva estava com seus joelhos flexionados, deixando sua vagina brilhante totalmente visível para mim. Ela estava mais linda do que eu imaginava. Seu corpo tão gostoso quanto antes, seus seios tão fartos e fodidamente perfeitos quanto antes, sua bunda tão dura, e ao mesmo tempo, tão macia, quanto antes.

Perfeita. Não havia palavra melhor para descrever essa mulher.

Mudei a posição dela, que nem discutia, deixando-a meio sentada, meio deitada no sofá e me ajoelhei na sua frente. Agarrei suas coxas torneadas e coloquei-as em meus ombros, sem demorar mais lambi toda sua fenda, provando seu gosto natural e provocando-a gemidos entrecortados e respiração irregular.

Depois de lamber sua fenda uma e outra vez, lambi seu clitóris, primeiro provocando-a mais lentamente com movimentos de vai e vem, em seguida, fazendo como toda mulher gostava, movimentos circulares, devagar, sem pressa, rápido, selvagem.

Seu gosto era definitivamente minha bebida favorita. Eu não precisava tanto de água quanto eu precisava daquilo. Era a melhor coisa do mundo saber o quanto eu provocava à minha mulher.

Mulher que geme baixo, era uma graça. Mas mulher que geme alto, era

NACIONAIS-ACHERON

tentador. Era uma sinfonia perfeita aos meus ouvidos. Era a música que eu ouviria mil vezes sem enjoar. Melhor era: mulher que geme alto, gritando seu nome. Nunca me importei tanto que alguém gritasse meu nome como Agatha.

Eu queria que ela falasse uma e outra vez, bem alto, "Chris, Chris, Chris", afinal não era um homem qualquer que estava fazendo isso a ela, era eu. E eu queria ouvi-la me chamar sempre. Era revigorante para mim e meu pau concordava veementemente.

Continuei com os movimentos circulares com minha língua em seu clitóris. Não abandonando-a em nenhum momento. Ela gemia, miava, gritava, falava. Era perfeito. Eu sentia muita falta daquilo.

Apertei suas coxas em minhas mãos e soltei uma delas indo até sua entrada cada vez mais úmida. Enfiei dois dedos e olhei para cima, vendo-a arquear as costas, fazendo seus seios pularem.

Putaquepariu! Que visão do paraíso. Do inferno! *Eu sei lá...* mas que visão! Exclamações aos montes não eram o suficiente para descrever aquela cena. Aquela visão!

Gostaria de tirar uma foto mental, gravar aquilo em minha mente para sempre. Nunca perder a visão de seus seios fartos pulando enquanto ela jogava sua cabeça para trás, deixando a boca entreaberta para puxar o ar, seus cabelos cada vez mais bagunçados, caídos em seus ombros, em seu rosto.

Dei estocadas rápidas com meus dedos e acrescentei outro. Minha Ruiva jogou sua cabeça para frente, para me olhar, fazendo seu cabelo esconder metade de seu rosto, mas ela o jogou para trás. Depois colocou suas mãos em meu cabelo, puxando para frente, fazendo minha boca ficar mais próxima de sua vagina.

Afastei minha língua de seu clitóris para lambe toda sua fenda, sentindo seu gosto, e não me dando por satisfeito, tirei meus dedos de sua entrada, fazendo-a resmungar baixinho, mas chupei meus dedos, sentindo

NACIONAIS-ACHERON

ainda mais seu gosto. Ela riu, selvagem, gostosa, tentadora.

Voltei a lambar seu clitóris e enfiei novamente meus três dedos dentro dela, procurando seu ponto G. Quando o achei Agatha gemeu alto, como se fosse a primeira vez.

– Chris! – era exatamente isso que eu queria ouvir – Chris! – meu pau latejava apertando no jeans da bermuda em concordância total – Chris! – minha Ruiva estava bem perto.

Mal ouvi alguns de seus palavrões e meu nome quando ela gozou. E devo dizer que foi uma cena maravilhosa. Parecia novidade, parecia que eu nunca a tinha visto gozar. Hoje parecia tudo uma novidade. Nós estávamos diferentes, restava eu saber o que mudava.

Agatha me olhou nos olhos segundos antes de gozar, mas quando o pico do prazer lhe atingiu, ela jogou sua cabeça novamente para trás, deixando para mim a fodida e sensual visão de seu cabelo, pescoço, seios e barriga. E enquanto gozava ela gemia, respiração de um jeito sexy, gritava meu nome, alguns palavrões também. Era outra visão do paraíso.

Não parava de chupá-la enquanto ela gozava e segundos depois quando todos os seus espasmos passaram e o relaxamento lhe abateu, eu me afastei de sua vagina, de um jeito quase relutante, por mim ficaria por mais tempo.

Sentei-me no sofá ao lado dela. Minha Ruiva me olhou de um jeito diferente, quase manhoso, ela não era normalmente assim, era selvagem, mas adorei aquele seu olhar diferente.

Suas bochechas estavam rosadas, suas pupilas dilatadas fazendo seus olhos brilharem mais, seu cabelo uma bagunça sem fim, sua pele arrepiada, seu sorriso no rosto era pura satisfação e seus sucos sujavam até mesmo o chão e podia apostar que o sofá também.

– Acho que é minha vez. – Agatha se aproximou de mim, beijando minha nuca.

NACIONAIS-ACHERON

Eu nunca fazia nada por ela esperando retorno. Fazia tudo por ela, porque queria, porque gostava de vê-la satisfeita. Mas eu amava ser satisfeito também. Por isso sexo era tão bom, agradava aos dois. Nem sempre a depender do casal, mas comigo não existia isso de: somente *eu* gozar, apenas *eu* sair satisfeito.

Gozar era o ápice do prazer, mas tudo que vinha antes era ainda melhor, porque era o complemento. Orgasmo era a cereja do bolo, o que fazia alguém ter um orgasmo era o elemento principal.

Quando perdi minha virgindade com Júlia, eu não a fiz gozar, éramos ambos tão inexperientes, mas me senti incompleto ao saber que ela poderia ter gostado mais. Assisti milhares de filmes pornôes escondidos de meus tios, pesquisei sobre diversas coisas, desde o sexo tântrico, à BDSM, à posições do Kama Sutra. No fim, não achei nada que prestasse de verdade.

Eu e Júlia transamos algumas outras vezes sem ela gozar. Júlia achava normal, ela dizia que para mulher era mais difícil mesmo. Logo eu pedi, um pouco envergonhado, que ela se masturbasse (eu sabia que ela nunca tinha se masturbado antes) e me dissesse como foi.

Júlia fez como eu pedi, e me disse que demorou bastante, mas conseguiu gozar. Fiquei um pouco triste por não ter sido eu a fazer isso por ela, mas pedi para vê-la fazer. Ela recusou, claro, éramos jovens e envergonhados (eu nem tanto), mas depois ela fez o que pedi. Na minha frente ela não demorou tanto para gozar. Vê-la gozar foi surreal, bonito mesmo, sexy ainda mais.

Um dia tomei mais coragem e pedi para que ela me ensinasse, falando e se necessário me guiasse. Júlia fez e então eu enfim aprendi como fazer uma mulher gozar. Se eu não soubesse, eu precisava perguntar, pedir para ensinar não foi vergonha nenhuma, depois disso a fiz gozar facilmente. Com meus dedos primeiro, minha língua e finalmente com meu pau.

A boca macia de Agatha estava mordiscando e beijando meu pescoço enquanto suas mãos desciam para a braguilha de minha bermuda, sua outra mão estava em meu cabelo.

Fiquei de pé, para deixá-la tirar minha bermuda e cueca, depois sentei-me novamente. Queria ficar tão relaxado quanto ela tinha ficado. Adorava uma mulher de joelhos na minha frente, mas hoje eu queria poder enxergar seu rosto enquanto me chupasse e não apenas o topo de sua cabeça.

Meu pau estava orgulhosamente ereto e minha Ruiva ao vê-lo gemeu em antecipação, sabendo que ele em breve estaria dentro dela.

Agatha primeiro sentou-se em meu colo, me fazendo sorrir. Se ela continuasse nessa posição eu enfiaria nela ali mesmo, sem esperar para mais nada.

– Eu – Agatha começou sorrindo, um sorriso selvagem, naturalmente dela – queria *provar* o quanto senti sua falta.

Não disse nada, mas peguei seu duplo sentindo no ar.

Sim, minha Ruiva, você podia "provar" o quanto quisesse para mim.

Agatha beijou meu pescoço, e eu estava bem distraído, sentindo meu pau roçando sua barriga. Ela estava sentada em minhas pernas e quando se inclinava (como agora estava) meu pau roçava nela, tirando-me de qualquer coisa que eu pudesse pensar.

Seus beijos desceram devagar de meu pescoço, passando por meu ombro, omoplata, peito e parando um pouco acima de meu umbigo. Agatha saiu de meu colo e ficou de joelhos, como eu estava a pouco, entre minhas pernas. Então ela voltou a beijar minha barriga, parando para lambe meu umbigo, o que me fez arquear as costas, enviando-me arrepios por todo meu corpo.

Agatha sorriu, satisfeita por descobrir uma nova sensibilidade, e desceu novamente, parando para me infernizar um pouco acima de meu membro.

Sem eu esperar ela lambeu devagar com movimentos circulares a minha glândula.

Seus movimentos eram leves, agonizantes e prazerosos. Uma de suas mãos cravou-se em minha coxa com suas unhas compridas e a outra segurou delicadamente meu membro. Ela me olhava como uma atriz de um filme pornô: se fazendo de inocente para depois acabar comigo.

E ela acabou.

Agatha enfim sugou minha glândula com sucções rítmicas, rápidas, prazerosas como o inferno. Gemi alto, tão alto quanto ela. Eu não tinha uma mulher me chupando assim desde o dia que terminamos, eu estava fodido, fraco, perdido. Eu estava com uma abstinência, mas não sexual, uma abstinência de Agatha.

Minha Ruiva continuou a sugar minha cabeça e aos poucos enfiá-lo mais fundo, cada vez mais fundo. Seus olhos não largavam os meus, suas unhas cravavam-se mais em minha coxa e sua outra mão segurava meu membro de uma maneira sensual para cacete.

Agatha era completamente sensual. Não havia uma parte do seu corpo que não era sexy. Ela era o pacote perfeito de mulher: inteligente, linda e tentadora. E Agatha sabia como chupar. Porra! Agatha chupava bem para caralho.

Não que fazer um bom (no caso de Agatha ótimo) oral fosse essencial em uma mulher, mas ajudava muito. Uma mulher que não tinha nojo de chupar um pau e o engolia até onde aguentava sem pudores, era foda.

Como eu já disse antes: mulher boa era mulher sem vergonha. Sim, daqueles que eram respeitadas na rua, mas umas putas na cama. Qual o problema disso afinal?

Mulher gostava de sexo tanto quanto os homens. Mulheres, assim como os homens, poderiam "pegar geral" e ainda se dar ao respeito. Sem

NACIONAIS-ACHERON

machismo e sem feminismo, mulher podia ser uma puta na cama, sem ser vulgar, ser sensual na rua, sem ser desrespeitada.

Agatha era esse tipo de mulher. O tipo perfeito de mulher. O tipo de mulher que não abaixava a cabeça, que fazia você abaixar. O tipo de mulher que não pedia, mandava, e você, tolo, obedeceria sem pensar duas vezes. O tipo de mulher que nunca era vulgar, mas era sensual para cacete. O tipo de mulher que inspiraria outras mulheres. Enfim, o meu tipo de mulher.

Com a mão que estava em meu pênis, minha Ruiva deslizou para minhas bolas, massageando, e com a boca chupou mais fundo meu membro.

Coloquei minhas mãos em seu cabelo, afastando-o de seu rosto. Eu queria ver o movimento de sua cabeça enquanto me chupava profundamente.

Eu não fazia ideia de quanta falta eu havia sentido dela. Não só do sexo, mas da sua presença dessa forma, sempre imposta, quase dominadora, sensual e sexual toda dirigida para mim.

Agatha tirou sua boca de meu membro para lamber toda a extensão, sem tirar seu olhar azul brilhante do meu. Ela queria que eu visse tudo que ela fazia comigo. Eu não tinha intenção nenhuma de perder aquele show particular. Depois de me lamber, ela abocanhou novamente quase todo meu pau e continuou com seus movimentos profundos.

– Ruiva! – dessa vez era eu quem gemia de prazer – Ruiva! – seus olhos estavam nos meus, profundos, azuis, brilhantes, selvagens, seu olhar por si só já me dava prazer – Ruiva! – suas mãos saíram de minhas bolas, e sua boca de meu pau rapidamente.

Ela chupou um de seus dedos e eu fiquei sem saber o que ela faria. Em seguida ela chupou profundamente meu membro, me fazendo esquecer de seu rápido abandono e com a mão (do dedo que havia chupado) voltou a acariciar minhas bolas, mas desceu, indo até meus a entrada de meu ânus.

Nunca uma mulher tinha me tocado em meu ânus, eu não tinha certeza

NACIONAIS-ACHERON

se queria que ela fizesse, mas acabaria com todo o clima se mandasse ela parar.

Sem eu ter chance de recuar ela enfiou e tocou, onde eu teoricamente sabia, que era o ponto G masculino, na próstata. Não tive nenhuma reação. Meu corpo todo entrou num orgasmo celestial. Facilmente poderia descrever como o melhor de minha vida.

Eu gozei com meus olhos abertos, vendo-os de Agatha em mim. Ela não tirou sua boca de meu pênis enquanto eu gozava e ela engolia sem discussão cada gota de meu sêmen.

Eu gozei meio falando seu nome, seu apelido, palavrões, gemidos, entre respirações oscilantes, numa mistura estranha de ótimo e maravilhoso.

Definitivamente eu não queria outra mulher que não fosse Agatha. Ela era tudo que eu poderia querer. Minha Ruiva tinha uma série de defeitos, mas suas qualidades ultrapassavam qualquer coisa.

– Ruiva, eu estou apaixonado por você. – disse no seco.

Afinal eu havia ido à sua casa para isso e era isso que eu faria, mesmo que isso fizesse ela se afastar de mim, eu precisava falar. Eu estava apaixonado por ela. *Muito*.

Agatha se afastou de meu pau, ainda ajoelhada me olhou, com os olhos arregalados, assustada, chocada. Talvez eu não devesse ter sido tão direto, não depois daquele boquete, mas seu oral não tinha nada a ver com isso, eu já queria falar antes, mas ela não sabia disso. Não teria como saber...

– Chris... – ela começou e eu sabia que vinha bomba.

LIX



— *Ruiva, eu estou apaixonado por você.* — Christopher

falou, assim na lata, no seco.

Me afastei de seu membro, embora continuei ajoelhada na sua frente. Meus olhos deveriam estar arregalados. Eu estava com uma mistura estranha de sentimentos. Meu coração praticamente explodia em meu peito.

— Chris... — comecei, mas eu não sabia direito o que falar.

O que falar em um momento daqueles? Eu era apaixonada por ele? Sim e muito. Mas eu não diria, haveriam tantas consequências, tantos problemas, dramas, traumas passados e futuros para enfrentarmos e eu não sabia se nossa relação era tão forte para suportar tanta coisa.

Eu não era uma mulher cheia de demônios pessoais. Há tempos eu havia tentado afogar meus demônios, mas aprendi, que eles sabiam nadar. Aprendi então, aos poucos, a superá-los, mesmo sem saber direito como.

Chris talvez tivesse seus próprios traumas do passado, mas eles acabariam se tornando uma bola gigante de neve se fosse juntá-lo com os meus. Ele não aguentaria saber de tudo que passei e fiz. Ele iria embora no

momento seguinte e eu perderia o meu bom garoto.

Algo em minha mente queria deixá-lo me conhecer mais e então deixá-lo decidir se ia embora ou ficava comigo. Mas eu não queria arriscar. Eu não queria que ele fosse embora. Não queria fazer nada que fizesse ele ir. Não mais.

– Você não me conhece por completo. – enfim completei, tentando deixar de lado toda minha besteira mental.

– Deixe-me conhecê-la então. – o modo como Chris disse, tão sincero, verdadeiro, calmo, enquanto acariciava meu rosto com uma mão, me fez concordar, mesmo eu não sabendo ao certo se deveria.

Fomos tomar um banho, na banheira de minha suíte.

Christopher massageou todo meu corpo, me fazendo relaxar, como se me amaciasse, tentando me domar, para depois saber tudo de mim.

Estávamos deitados na banheira, um do lado do outro. Algumas coisas eu queria falar sem vê-lo de frente. Eu nãoalaria tudo, mas estava decidida a contar parte de minha história, se necessário algumas meias verdades.

– Você prefere que eu comece? – Chris sussurrou e eu o encarei, assentindo.

Talvez fosse mais fácil assim, se ele começasse. Eu poderia medir seus traumas aos meus e constatar se eles se tornariam ou não uma gigante bola de neve.

– Minha mãe se suicidou quando eu era criança. – *sim, com certeza, nossos traumas se tornariam uma bola gigantesca de neve.*

Não consegui deixar de olhar para Chris e fazer um cafuné em seu cabelo enquanto ele me contava tudo, ou o que eu achava que era tudo. Ele me contou dos surtos de sua mãe quando achava que ele era seu pai, me contou quando ela ficava "bem" e o reconhecia ela se arrependia de tudo, mas

não demorava muito para começar de novo. Ele me falou sobre seu pai, como sumiu quando ele mais precisava. Explicou que sua tia o criou, que ela achava que seu pai teve uma mulher na rua. Nessa parte eu gelei.

Ela falava quantos anos ele tinha na época e eu contava quantos anos *eu* tinha na época e batia. Eu conheci Stuart antes da mãe de Chris se suicidar. Ele estava comigo, talvez em algum momento que a mãe de Chris surtava. Ele estava sendo prestativo, atencioso comigo, quando deveria ser com seu filho. Mas eu não sabia nada disso dele, na época Stuart apenas sabia meu nome verdadeiro e meu apelido, e eu só sabia seu nome, o resto não era importante.

Agora tudo parecia ser importante.

Nossos traumas não se tornariam uma bola de neve gigante. Eles já eram.

Chris continuou me contando sobre sua vida e eu tentei prestar o máximo de atenção possível, mas meu coração batia de um jeito irregular. Ele contou-me rindo sobre Júlia, sua atual amiga, que foi, no interior, sua primeira namorada. Eu sorri, mas não conseguia disfarçar minha dor.

Depois de contar as coisas pesadas e terminar nas leves, Christopher sorriu, um daqueles sorrisos presunçosos, como só ele podia dar.

– Acho que é a sua vez. – disseme.

Havia quase uma década que eu não contava minha história de vida para alguém. Quando abri a boca para contar, Chris segurou meu rosto delicadamente com suas mãos, beijou meu rosto por completo e se afastou, mas continuou com suas mãos em meu rosto.

Por onde eu começo?

Comecei pelo óbvio: o fatídico começo.

– Minha mãe era empregada doméstica, antes de eu nascer, teve um caso

com o padrão casado e quando contou da gravidez, obviamente, ele não acreditou nela. Demitiu minha mãe por justa causa e deu-lhe uma miséria de dinheiro que era para sustentar a mim, à bastarda.

– Ela então começou a se virar em mil para me criar. Minha mãe não tinha família, era mãe solteira e estava totalmente sozinha no mundo com um bebê que só fazia chorar e cagar.

– Nossa vida foi assim por um longo tempo, quando eu comecei a crescer e ficava algumas horas na escolinha ela ia trabalhar. Tínhamos o suficiente para moradia e comida. Eu não me queixava, entendia todas as dificuldades e sabia que minha mãe era orgulhosa demais para obrigar aquele seu patrão à fazer o teste de DNA e, na época, todos iriam insultá-la por ter se envolvido com homem casado, quanto mais o patrão. Afinal, onde se vende a carne, não se come o peixe.

– Minha vida mudou drasticamente para pior quando minha mãe morreu. Eu, jovem, inexperiente, humilde, idiota, estava sozinha nesse mundo. Não teria como pagar as contas e nem como comer.

Chris não tirava suas mãos e seus olhos de mim enquanto eu contava cada detalhe possível de meu passado para ele.

– Eu fui esperta, vendi todos os meus móveis desnecessários, deixando apenas: geladeira, fogão e cama. De resto vendi aos poucos, por um preço decente e comecei a procurar emprego, mas ninguém queria dar uma primeira oportunidade para uma garota que só tinha o ensino médio.

– Meu desespero começou quando o dinheiro dos móveis estava chegando ao fim. Um dia eu fui encontrada por um olheiro de modelos e ele me levou para a agência que ele trabalhava. Era pequena, desconhecida e tinha um ar estranho, mas eu ganhava bem ao desfilar. Desfilei pouco, não tinha tamanho, nem corpo para isso, comecei a ser modelo fotográfica e rendi muito mais assim...

– Fiz várias propagandas, conheci algumas pessoas indesejáveis. – essa era uma das minhas "meias verdades", eu estava pulando várias coisas, ele ainda não poderia saber, talvez nunca precisaria saber – Em uma dessas propagandas conheci Benny e meu antigo marido.

– Eu e Benny nos demos bem de cara. Ele detestava meu ex, mas continuei com ele, mesmo Benny o odiando. Não demorou muito depois de eu conhecer meu ex para largar o trabalho como modelo fotográfica. Benny era das passarelas, quase não tínhamos trabalho em comum.

– Meu ex me ajudou a abrir a agência e me ajudou com a clientela, já que ele era um empresário e tinha vários contatos. O sucesso começou cedo, Benny também largou as passarelas, focamos no mundo empresarial e meu antigo marido começou a se tornar o oposto do que era.

– Ele nunca me bateu, mas jogava na cara as coisas que eu tinha feito, me xingava, me humilhava, jogou na cara o dinheiro que tinha me dado para abrir a agência, as pessoas que tinha indicado... Enfim, em uma de nossas brigas, até Benny se meteu. Nunca vi meu Benny tão puto, eles brigaram feio, Benny me defendeu, bateu nele e tudo.

– Benny bateu em seu ex marido? – Chris questionou.

– Ele bate e muito. Aprendeu cedo.

Chris acenou, quase como se soubesse o que eu queria dizer. Benny tinha aprendido cedo a bater, porque tinha apanhado muito de seu pai.

– No fim, eu e meu antigo marido terminamos depois dessa briga. Ele era daqueles filhinhos da mamãe, que nasceu em berço de ouro, mas não podia negar que ele sempre trabalhou na empresa de sua família, nunca foi preguiçoso. Enfim, depois disso ele e eu perdemos todo o contato, mas antes disso fiz questão de devolver cada centavo do dinheiro que ele me deu para abrir a agência.

– De lá para cá minha vida foi essa de trabalhar na agência, sair para
NACIONAIS-ACHERON

eventos, festas ligadas à mesma e, vamos dizer que, minha vida social se tornou bastante limitada.

Depois que terminei meu monólogo, respirei fundo, dando ênfase que era o fim.

Pensei rapidamente sobre tudo que falei e sorri, dessa forma eu conseguia gostar da minha própria história. Dava a entender que eu era uma menina inocente e sozinha que cresceu na vida trabalhando duro e respeitosamente.

Pena que nem sempre foi assim e essa parte, Chris não precisava saber, que ele achasse que eu era apenas uma menina inocente e toda aquela merda que era a verdade, mas com partes ocultadas.

Esperei que Chris falasse algo, suas mãos abandonaram meu rosto, mas seu olhar âmbar continuou fixo ao meu. Uma tristeza tomou meu peito e meus olhos ficaram marejados, eu podia sentir.

– Chris, – eu não podia terminar essa história assim, como fosse apenas de dificuldade e superação, não depois dele ter me contado tudo – há coisas que eu não consigo contar, coisas no meu passado que eu fiz, pessoas das quais me envolvi, que eu não consigo nem pensar sem me achar suja, nojenta, pu-...

Christopher interrompeu a última palavra que eu ia dizer com um beijo. Um beijo carinhoso, um consolo. Sua língua tocava na minha de um jeito sem graça, como se estivesse me conhecendo agora, como se fosse o primeiro beijo.

Não percebi que meu rosto estava úmido pelas minhas lágrimas. Eu nunca chorava do nada, tirando o dia que chorei com Benny, não havia chorado há anos. Eu não era desse tipo de mulher que chorava sem motivo, mas hoje parecia que tudo estava saindo dos trilhos, fugindo das minhas mãos e eu não reclamava disso.

Nosso beijo foi molhado e salgado das minhas lágrimas. Foi delicioso. Christopher era meu consolo, minha perdição, minha maior tentação.

– Você não me deve nada. – Chris se afastou de mim, mas continuou tão perto que eu sentia sua respiração em meu rosto.

Não Chris, eu não devia. – pensei.

Mas infelizmente ele só dizia isso porque não sabia o que era. Era fácil aceitar sem saber. Eu queria, juro que queria, dizer tudo, desde seu pai ao resto da história, porém eu não conseguia nem pensar naquelas coisas sem me entristecer por isso.

E ele o que acharia de mim? Ele me odiaria, faria o mesmo que meu antigo marido: me xingar, me humilhar. Eu não aguentaria passar por tudo aquilo de novo. Eu não aguentaria não ver mais seu olhar profundamente escuro me olhar de uma forma diferente da que me olhava agora. Eu não suportaria!

Assenti meio sem jeito, sem saber o que dizer e o beijei. Eu não queria pensar sobre o passado, eu queria viver meu presente, pensando em um bom futuro. Eu ainda não saberia o que fazer sobre o pai de Chris, afinal ele não poderia descobrir de mim e Chris juntos novamente, mas eu não pensaria em nada disso agora.

Christopher retribuiu meu beijo vorazmente e ao mesmo tempo delicadamente, como se eu fosse frágil, de porcelana e a qualquer momento me desmontaria se ele me pegasse mais forte. Sorri com sua boca na minha. Eu não suportaria perder isso também, esse carinho, essas carícias.

Chris colocou sua mão em minha nuca, segurando meu cabelo com ele e puxando levemente para trás. Eu amava quando ele me segurava dessa forma: imponente, viril, carinhoso.

Deslizei minhas mãos (que estavam em meu colo) para seu corpo. Com uma delas segurei seu cabelo e com a outra passei em seu peito, sentindo seus

NACIONAIS-ACHERON

gominhos.

Sem eu esperar Christopher me pegou e me pôs em seu colo. Ficamos cara a cara e por um tempo não fizemos nada, apenas nos olhamos. Havia algo diferente em nós, restava eu saber como nomeá-lo. Me mexi em seu colo e senti seu pau roçar minha entrada, como se já soubesse o caminho sozinho.

Gememos em antecipação. Chris encarava meus seios, (minha cintura para baixo estava coberta com espumas da banheira) e não deixou de segurar meu cabelo, pela nuca, quando sua mão livre apalpou um de meus seios e sua boca o outro.

Com a mão ele apertou todo meu seio, com a boca tentou chupá-lo por inteiro, mas acabou desistindo e chupou meu mamilo, fazendo-me gemer. Sua boca era ótimo em qualquer parte do meu corpo. Sua mão depois de apalpar um pouco mais meu seio, beliscou fraco meu mamilo e depois o apertou entre os dedos, meu corpo todo arrepiou com seu toque.

Deixei minhas mãos em seu cabelo, como sempre fazia. Adorava seu cabelo comprido, às vezes rebelde, às vezes perfeito no lugar.

Chris mordeu meu mamilo e com a mão apertou mais o outro. Senti um pouco de dor, mas então, como se soubesse, ele chupou, fazendo movimentos circulares meu outro mamilo, e a mão foi para meu outro seio, também com movimentos circulares. Assim como sua boca, sua mão estava gelada, e meu corpo inteiro estava arrepiado.

Ele afastou sua boca de meus seios com um sorriso e um olhar selvagem. Esse garoto queria acabar comigo! Com a mão que estava em meu seio, ele passou pela minha cintura, me elevando no ar e antes que ele me preenchesse, eu disse o que estava preso em minha garganta: – Chris, eu também estou apaixonada por você. – então ele me preencheu profundamente, fazendo nós dois arfamos e gememos em uníssono.

E sem ele tirar seu típico sorriso presunçoso dos lábios.

NACIONAIS-ACHERON

LX



— *Chris, eu também estou apaixonada por você.*

— Agatha me disse segundos antes de eu enfiar meu membro em sua entrada, arfamos e gememos juntos.

Eu sorria, não conseguia deixar de sorrir.

Nós nos olhávamos enquanto eu sincronizava nosso ritmo. Eu não queria me esquecer nunca mais da sensação que era estar dentro de Agatha. Parecia que todo vez que transávamos era diferente e essa era a mais diferente de todas.

Talvez tenha sido porque nós contamos nosso passado um para o outro, mesmo ela deixando claro que havia coisas que ela não disse, mas, por hora, aquilo era o máximo que eu precisava saber.

Talvez tenha sido porque nós falamos que estávamos apaixonados, *talvez, talvez*. Mas o fato era que não era mais apenas uma foda qualquer, era algo mais.

Agatha colocou suas mãos em meus ombros, dando-se equilíbrio e

assumindo nosso ritmo. Ela cavalgava ferozmente em mim. Nossos gemidos eram uma mistura, eu mais baixo, ela mais alto que eu.

– Oh! Chris! – como disse, isso era simplesmente sinfonia para meus ouvidos, do tipo que não enjoava.

Coloquei minhas mãos em suas coxas, dentro da água.

– Agatha! – foi minha vez de gemer seu nome.

Ela cavalgava cada vez mais rápido. Minha respiração estava pesada e entrecortada, a dela também.

Eu tinha sentindo muito a falta dela, mas tê-la ali, em meu colo, em meu pau, fazia eu lembrar-me o quanto eu senti falta disso: de tê-la por completo, de senti-la em torno de meu pau, de estar dentro dela.

Eu estava muito apaixonado pela minha Ruiva, daquele tipo de paixão com os pés no chão. Eu tinha plena consciência que não seria tudo flores e que ela não era a mulher perfeita, tinha seus defeitos, e muitos deles, mas eu tinha aprendido a gostar dela assim: imperfeitamente perfeita para mim.

– Ahh! – minha Ruiva gemeu.

Ela me olhava nos olhos e eu podia gozar, agora mesmo, só por olhar seu par de olhos azuis brilhantes. Eu não conseguia deixar de admirar sua beleza. Ela era realmente uma raridade. Pouquíssimas pessoas eram ruivas, quanto mais de olhos azuis, como os dela. Ela era minha raridade, minha perdição, minha maior tentação.

Eu apertei mais suas coxas, enquanto ela cavalgava em meu colo. Era fodidamente sexy vê-la cavalgar enquanto seus seios pulavam juntos no ritmo.

Como sabendo o que me provocava, ela se aproximou mais de mim, colando seus seios em meu peito. Suas mãos, que estavam em meus ombros, passaram pelo meu pescoço, me dando um quase abraço e sua bochecha

estava junto a minha. Eu podia ouvir sua respiração forte, lufadas de ar e gemidos em meu ouvido, bem próximo e totalmente sensual.

Tirei minhas mãos de sua coxa e com uma delas repousei em suas costas, com a outra segurei seu cabelo e puxei para trás, trazendo sua boca de encontro para a minha.

Nosso beijo foi selvagem. Aquele tipo de beijo que era tão voraz que era como se estivéssemos transando com a boca.

Agatha não parava de cavalgar em mim, e com a mão que estava em suas costas eu segurei-a pelo quadril, ajudando com o ritmo. Mantendo-o rápido, voraz, selvagem, insano... Apaixonante.

Era como mesmo estando naquela posição, fazendo o que fazíamos, ainda faltasse algo do outro, algo que tentávamos chegar a ele em meio ao sexo. Não faltava nada, eu sabia, mas era como se nem estarmos dentro um do outro fosse tudo, ainda tinha mais.

Estávamos totalmente entregues um para o outro, nossos corpos mais entregues ainda, faltava nossos corações. Eu estava entregue completamente, mas não tinha certeza se ela estava e achava que ela não tinha certeza se eu estava também, por isso estávamos em uma luta pessoal para alcançar o coração do outro. Ela tinha meu coração, mas talvez não fosse com palavras que ela teria certeza disso, talvez ela precisasse ver...

Puxei o cabelo de Agatha para trás, para ver novamente seu rosto. Ela estava rosada, linda, sensual como o inferno.

– Você é perfeita. – disse o que ela já sabia.

Minha Ruiva não precisava dizer nada, eu não queria respostas. Queria só que ela soubesse o que achava, queria que ela acreditasse em mim, queria que ela soubesse que meu coração era dela.

Ela sorriu. Um sorriso que não precisava dizer mais nada. Um sorriso mostrando todos os dentes, sincero. Seus olhos sorriam junto com ela.

Sim, minha Ruiva era perfeita, perfeita com suas imperfeições, perfeita para mim.

– Chris! – Agatha colocou uma mão em meu rosto, deixando outra em minha nuca, uma das minhas mãos também voaram para seu rosto, sem tirar a outra de seu quadril.

Nosso ritmo não parava. Agatha continuava cavalgando em meu colo. A cena ainda era completamente sexual com seus seios fartos pulando enquanto ela cavalgava, mas algo em seu olhar não deixava aquilo ser apenas sexo.

Era mais que puro prazer carnal. O que eu achei que faltava antes (coração) já não faltava agora.

Com aquele sorriso eu via, sentia, percebia, qualquer coisa, mas eu sabia que Agatha estava tão entregue quanto eu.

O incompleto em pouco tempo havia se tornado completo. Mais que completo. O encaixe perfeito. Minha Ruiva era meu encaixe perfeito, tanto no sexo, quanto na vida.

– Agatha! – gemi e ela me beijou.

Nosso beijo foi tão voraz quanto o outro. Suas mãos estavam segurando meu rosto, minha mão estava em sua nuca, outra ainda em seu quadril, comandando nosso ritmo frenético.

Era um beijo sincero, como aquele seu sorriso, um beijo entregue à tentação, era a própria perdição. Nossas línguas dançavam sensualmente na boca do outro. Sua língua estava fria, seu gosto era doce. Naturalmente doce.

Eu não queria acabar com aquele beijo. Por mim continuaríamos a nos beijar sem pausas. Eu não queria sair dali! De fato era meu lugar preferido: o corpo de Agatha, principalmente tendo beijos como aqueles.

Puxei Agatha pelo cabelo, como eu sempre fazia, e mordisquei seu

pescoço, roçando minha barba por ela, fazendo-a rir e gemer.

– Estou per-perto! – Agatha engasgou.

Eu também estava perto. Queria que gozássemos na mesma hora, como acontecia muitas vezes. Nossos corpos trabalhavam em sintonia até nesse momento.

Afastei minha boca do pescoço dela e a fitei, querendo vê-la gozar. Era ainda mais linda enquanto gozava e sexy como o inferno.

– Chris! – ela gemeu quando eu comandeí nosso ritmo, dando estocadas quase brutais, selvagens.

Eu movia meu quadril para cima e para baixo, fazendo meu pau entrar e sair, então eu e Agatha entramos em harmonia. Eu elevava meu quadril para cima enquanto ela vinha para baixo, eu movia-me para baixo e ela também.

Nossa respiração acelerou em meio as nossas estocadas brutais, cada vez mais rápido, sem perder o ritmo constante e perfeito. Eu ofegava alto, Agatha gemia mais alto ainda.

Então eu senti o corpo de Agatha começar a amolecer e sua respiração ficar desenfreada, junto com seus gemidos. Ela estava preste a gozar e a explosão maior de prazer veio a seguir, a dela no mesmo momento que a minha.

Minha Ruiva não deixou de me olhar quando sua boca ficou entreaberta e até seus gemidos ficaram entrecortados. Ver uma mulher gozar era lindo, ver Agatha gozar era foda, vê-la gozar por mim, gritando meu nome, era a visão do paraíso.

– Chris! – realmente o paraíso. O melhor dos mundos.

– Agatha! – afinal não era só ela que gozava gritando meu nome.

Continuei com o ritmo das estocadas até sentir que todo meu gozo tinha cessado. Embora não tirei meu membro no segundo seguinte.

– Foi... – Agatha disse me abraçando, com meu pau ainda dentro dela, porém agora eu podia senti-lo amolecer.

– Foi? – provoquei beijando seu ombro.

– Eu não tenho palavras para descrever.

Eu ri, puxando seu rosto para o meu e beijando-a como se fosse a primeira vez.

Senti meu membro enrijecer novamente dentro dela. Nós sorrimos com ambas as bocas coladas um no outro. Nada mais precisou ser dito, só o que foi-se ouvido foi aquela sinfonia perfeita de gemidos, respirações rápidas, frases entrecortadas, lufadas de ar...



Eu e Agatha acordamos com uma leve batida na porta de seu quarto. Estávamos nus, sempre dormíamos assim. A noite passada não terminou na banheira, na verdade, exploramos a casa inteira (respeitamos apenas o quarto de Benny).

Agatha realmente provou o quanto sentia minha falta e eu não fiquei atrás. Fizemos algo além de sexo, não era totalmente carnal, havia alma, coração e paixão ali.

A batida se tornou persistente e Agatha levantou-se, vestiu um robe (eu continuei deitado, coberto com o lençol) e foi atender a porta. Perguntei se ela não preferia que eu fosse, mas ela disse que só tinha uma pessoa com a chave de sua casa e que bateria na porta do seu quarto daquela maneira: Benny.

Antes de Agatha abrir a porta vesti minha cueca e bermuda, (que eu tinha trazido para seu quarto na madrugada), e sentei-me na cama, vendo como minha Ruiva sorria ao ver seu amigo, que lhe retribuía o sorriso ainda mais amplo.

Benny apenas deu-nos um oi e mandou que fossemos tomar café com ele, depois de nós nos arrumarmos devidamente, palavras dele, não minha.

Depois de eu e Agatha termos tomado um banho e nos "arrumado devidamente" fomos até a cozinha, a qual estava com um ótimo cheiro. Para nossa sorte, Benny era um ótimo cozinheiro.

Ele estava ainda em boa aparência, infelizmente, em breve, ele já não estaria com tanto cabelo, talvez emagrecesse e ficava pálido. Uma coisa que Benny nunca perderia era seu humor.

– Pensei que nunca desceriam! – Benny resmungou arrumando a mesa com muitas coisas para comer; Ian amaria aquela mesa, toda saudável com frutas, suco natural, café, adoçante – Tenho algumas perguntas para Chris. – ele não me olhava, então não seria nada sério.

– Já estou curioso! – afirmei sentando-me em uma cadeira ao lado de Agatha que sorria.

E então Benny entrou em uma conversa inesperada: Júlia.

Ele perguntou-me se ela estava feliz morando e trabalhando no interior, respondi sinceramente tudo o que tinha conhecimento sobre minha amiga. Como se estivesse em minha mente Benny falou sobre meu apartamento.

Eu tinha pensado, recentemente, em uma ideia maluca envolvendo meu apartamento e Júlia. Em breve eu me mudaria e pensei que ela poderia alugá-lo para ela. Trabalho para uma médica era o que não faltaria em lugar nenhum.

Conversamos mais um pouco sobre e eu aceitei a difícil missão de adular e instigar Júlia ao máximo para se mudar e mudar com isso sua vida,

NACIONAIS-ACHERON

radicalmente, vindo para a capital.

Benny disse que todo seu interesse em Júlia era por causa de Ian, na noite passada Benny tinha ido à busca de Ian, como havia ido comigo, e Ian parecia estar tão mal quanto eu. Eu ri, seria típico de Ian esconder isso de mim, imaginando que eu contaria tudo à Júlia, e ele não estava errado.

Falamos sobre minha peça, que seria em breve e ambos, Benny e Agatha, concordaram veementemente que estariam no teatro por mim, me prestigiando brilhar, palavras de Benny mais uma vez.

Eu estava ansioso por isso, mesmo que meu personagem não fosse tão importante, era meu primeiro papel e seria importante para mim.

Nessas últimas semanas, além de ensaiar para a apresentação eu tinha trabalhado em alguns anúncios, propagandas e até desfiles, mas nenhuma dessas coisas me satisfazia de verdade, embora o dinheiro fosse muito bom.

Quando fitei Agatha, vendo seu sorriso amplo, que era tanto direcionado para mim quanto para Benny, eu sorri. Sorri para os dois, e Benny nos fazia gargalhar quando ele contava uma de suas histórias loucas com naturalidade.

Quando Benny sorria, suas covinhas apareciam e seus olhos caramelos, brilhavam.

Quando Agatha sorria, seus olhos sorriam junto com sua boca, fazendo seu sorriso parecer maior.

Quando eu sorria, eu não sabia como eu ficava, mas agora eu sorria. Eu estava em sentido ali, com duas pessoas que eu gostava, feliz. Quase tão feliz quanto as pessoas nos comerciais de margarina.

A diferença da minha felicidade ao do comercial de margarina, era que a minha era real. E minha família mais real e imperfeita ainda.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

LXI



Quando Christopher sorria, como aquele dia que Benny nos acordou e fez nosso desjejum, era *quase* mágico. *Quase* porque eu era velha demais para acreditar em toda essa besteira de merda. Mas enfim, quando ele sorria, olhando-me e olhando para meu amigo, sem nojo, sem preconceito, com afeto, meu coração batia mais rápido.

Seu sorriso transparecia verdade, uma quase pureza, um quase amor, uma total paixão. Ele era sempre tão calmo, sincero, doce, e seu sorriso expressava tudo que ele já era.

Alguns dias se passaram e tudo continuava perfeitamente bem. Pedi à Chris para ele não falar de nós para ninguém, além de Ian (deixando claro que seu pai não estava na lista) e ele concordou sem perguntar nada.

Estávamos muito bem, ele vinha à minha casa, me ajudava com Benny quando tinha sessão de quimo, dormia por aqui, ia aos seus compromissos, saíamos juntos (quase sempre eu, ele e Benny, algumas veze Ian) e assim

NACIONAIS-ACHERON

seguia nossa vida sem rotina preestabelecida.

Um dia Chris me comentou que seu pai estava em seu novo apartamento e que ele estava ansioso para se mudar. Perguntei discretamente quando seu pai viajaria novamente e ele não soube me dizer. Meu coração dava solavancos toda vez que o pai de Chris era pronunciado.

Eu não queria perder o que estava criando com Chris e eu não podia contar toda a minha história. Ela o partiria ao meio e ele me odiaria não me dando chances para explicações. Eu não arriscaria.

Poucos dias antes da estreia da peça que Chris atuaria, ele avisou a mim, à Benny, à Ian (que já iria por causa de sua irmã) e à Júlia, obviamente seu pai deveria estar incluso, mas quando perguntei sobre ele, Chris disseme que ele não iria, trabalharia no dia.

Pensei o quanto seu pai era podre e egoísta que não recusaria um maldito trabalho, mesmo que o cachê fosse muito bom, para prestigiar seu filho em sua primeira, de muitas, peças.

Embora eu tenha ficado feliz, sendo assim, eu não seria a vaca podre e egoísta que deixaria de ir por algum trabalho importante. Claro que usaria um trabalho como desculpa para não encontrar seu pai no teatro. Se Stuart me visse nesse teatro, ele juntaria um mais um, que eu não tinha me separado totalmente de seu filho.

Quando o dia da grande apresentação de Chris ao mundo do teatro enfim chegou eu vesti um vestido vermelho provocante. Queria chamar atenção de Chris.

Meu vestido era de alças finas, decote generoso, justo até a cintura, da cintura para baixo ele era solto, com algumas saias de cobertura, comprido e sem fenda.

Não fiz muito em meu cabelo, optei por uma trança bem-feita. Na maquiagem fui leve, embora eu tenha decidido um batom vermelho, invés de

NACIONAIS-ACHERON

nude, em meus olhos não exagerei, sobra escura e delicada.

Perfume, colar, brinco, anéis e bolsa carteira, junto com um salto preto altíssimo, compunha todo meu visual.

A peça era para maiores de dezesseis, mas a estreia para maiores de dezoito. A estreia seria lotada, muitos do elenco eram conhecidos, haveriam olheiros, críticos de alta no teatro, analisando cada acerto e criticando cada falha.

Chris não falharia. Seu papel era de amigo do protagonista. O tal protagonista tinha uma namorada, personagem de Yasmine (logo gravei o nome da irmã de Ian de tanto que Chris e o próprio Ian comentaram dela na vinda ao teatro) e essa namorada trairia o namorando, o personagem de Chris veria o ato e seu personagem ficaria entre o contar ao amigo que a mulher de sua vida o traiu ou não.

Enfim, uma besteira sem fim, até Chris concordava. Ele dizia-me que se o amigo, fosse realmente amigo, contaria sem pensar duas vezes. Mulheres tem aos montes, amigos tem poucos, palavras dele. Concordei. Ele tinha razão. Benny, por exemplo, depois de mim mesma, ele vinha em primeiro nas prioridades da minha vida.

Christopher tinha reservado lugares para seus convidados. Gelei quando me sentei logo atrás da cadeira que seria de seu pai, tinha seu nome escrito, o que me causava arrepios e me fazia engolir em seco.

Eu fiquei entre Benny e Júlia, (Júlia conseguiu vim para prestigiar seu amigo), e logo descobri como ela era educada, inteligente, interessante e uma boa garota. Perfeita para Chris. A menina era fodidamente boa.

Benny conversava com Júlia se jogando em cima de mim, para poder cochichar para só ela e eu ouvirmos o que ele dizia. Júlia ria com Benny, como todos, mas ela o fazia rir também, não só a ele, a mim também. Além de todos os adjetivos que eu já tinha dado a ela, ainda faltava: engraçada.

NACIONAIS-ACHERON

Putaque pariu! Júlia era o tipo impossível de odiar. Como não amar? Ela tocava em todos com um toque quase salvador, sereno. Deveria ser algo que aprendeu com sua profissão de médica.

Ian havia se sentado um pouco longe de nós, mas não parava de olhar para onde estávamos, mais precisamente para Júlia. Ele havia se sentado longe porque as reservas de sua cadeira era em nome de sua irmã e não de Chris.

Vi um casal, concluindo que Ian era a mistura perfeita de ambos, sentados logo à frente dele. Pelo visto os pais sentavam-se na frente dos demais convidados. Ao lado de Ian estava mais três pessoas, uma delas conhecida por mim: dois homens (que acreditei serem os irmãos de Ian) e uma garota.

Cutuquei Benny quando vi perfeitamente quem era a garota, e ela sorriu sem graça para nós. Era Victoria, e estava de mãos dadas com um homem, bonito e mais velho.

– Aquele é Uriel. – esclareceu Júlia – Irmão mais velho de Ian.

– E aquela é minha assistente. – disse rindo.

Nunca imaginei Victoria, tão tímida, se interessar logo por um homem mais velho que ela. Ela parecia fazer o tipo de menina que namorava com meninos de seu ciclo social. Mas isso não era da minha conta, contanto que não interferisse em seu desempenho profissional.

Os avisos de que a peça começaria a qualquer minuto foi soado. E logo após começou.

Me senti imersa aquele mundo paralelo e ainda mais apaixonada quando Christopher entrou em sua primeira cena. Ele era ótimo, melhor do que eu pensava. Ele merecia tudo de bom que a vida lhe proporcionasse. Cada aplauso, cada reconhecimento, cada elogio... *Tudo*. Chris merecia tudo.

A duração da peça seria um pouco mais de uma hora e depois nós

NACIONAIS-ACHERON

iríamos para um restaurante prestigiar à Chris e à irmã de Ian, que como Chris, arrasava. E ela era linda, uma beleza exótica de parar o trânsito.

Uma pontada de ciúmes me golpeou quando pensei em todo o tempo que Christopher passava próximo dela. Talvez próximo demais dela.

Meu ciúme adolescente foi posto totalmente no chão, quando eu, por alguma razão, olhei para o lado e encontrei os olhos azuis assassinos de Christopher Stuart.

LXII



A estreia da peça foi melhor do que eu poderia pedir.

Nunca sido aplaudido, muito menos por tanta gente e todas de pé. Me emocionei como um fodido estúpido e procurei, sem sucesso, a pessoa que mais importante no meio de todas...

Agatha não estava no lugar que deveria estar.

Quando os aplausos terminaram eu sai correndo, com a roupa do personagem, para encontrá-la. Yas me achou antes, gritando e me abraçando feliz: – Conseguimos! Fechamos aquele contrato! – eu estava guardando essa notícia para mim.

Era o seguinte: se a estreia da peça lotasse a casa e fosse um sucesso, como foi, nós fecharíamos um contrato com uma turnê pelo país inteiro e se fosse bem-aceita no país, talvez sairíamos até para outros países que faziam fronteira.

Tudo estava perfeito. Perfeito demais.

Depois de me afastar de Yas, decidi trocar rapidamente de roupa, colocando uma skinny e um casaco de pano de botões. Eu estava totalmente desigual ao traje que deveria, mas não me importei, só queria encontrar minha dama de vermelho.

Minha Ruiva. Minha Agatha. Eu já podia sentir sua falta, principalmente do seu corpo, depois de vê-la com aquele vestido.

Encontrei Benny com uma certa dificuldade, me desviei de várias pessoas que prestigiavam minha atuação, mesmo que tivesse sido singela. Meu coração batia mais forte, era quase como se eu soubesse que algo estava errado.

– Ela foi embora... – Benny disse quando perguntei um milhão de vezes sobre Agatha.

– Chaves! – quase gritei com ele.

– De onde porra? – ele rebateu.

– Da casa dela. Ela só pode ter ido pra lá e por coisa boa não foi. – Benny hesitou e eu, novamente, insisti muito até ele me dar o molho das chaves trêmulo.

Enquanto saia do teatro ouvi Júlia gritar algo como "cuidado" e "avise sobre qualquer coisa". Típico dela. Eu sorria se meu coração não estivesse me dizendo que algo estava muito errado.



Longos minutos depois estacionei meu carro em frente à casa de Agatha. Eu estava tão ansioso para vê-la que não reparei um outro carro conhecido, além da Mercedes de minha Ruiva.

Em frente à porta dela bati uma vez, devagar, não toquei a campainha. Hesitante fui destrancar a porta, mas ela já estava destrancada. Um medo me dominou e eu entrei rapidamente na casa de Agatha sem me preocupar de ser invasivo demais.

Ouvi barulhos, gritos, vindo de seu quarto no andar de cima e com passos largos subi as escadas, cheguei até a porta, mas me detive ao ouvir meu nome.

– Não conte ao Chris! – Agatha falava, com a voz embargada que parecia pelo choro e raiva – Não ainda! Deixe eu falar, deixe-me explicá-lo...

Pensei em invadir o quarto, perguntando o que eu deveria saber. Mas isso era tão foddidamente clichê.

Em todos os filmes o ator principal invadia o cômodo, querendo saber o que ele só descobria no final da história. Se eu invadissem o quarto naquele momento, talvez, eu me tornasse esse ator principal, que seria enrolado até o fim da história.

Decidi então ficar ouvido a conversa próximo a porta do quarto, que estava entreaberta, até quando fosse conveniente para mim.

– Não contar *Siren*? – a voz era reconhecível, dizia em escárnio.

Reconhecível demais. Era meu pai, eu não precisei analisar muito para reconhecer a voz de meu velho. Eu nem sequer sabia que eles se conheciam. Meu sangue começou a ferver. E eu não era esse tipo de cara que se

NACIONAIS-ACHERON

estressava com qualquer coisa, mas saber que meu pai e Agatha se conheciam e esconderam isso de mim era revoltante.

Não parei para pensar nesse apelido pelo qual meu pai havia chamando-a. Continuei escondido.

– Por favor... – essa era Agatha e sua voz parecia mais de súplica que qualquer outra coisa agora.

– Meu filho tem que saber das coisas que você fez e ele decidirá se tem intenção de continuar com você ou não. – rebateu meu pai, a palavra que ele cuspiu a seguir não era um palavrão, mas a forma como ele falou foi tão grossa e rude, que até eu preferia que ele tivesse xingando-a de vez – *Siren!*

Não sei o que aconteceu, mas o barulho de algo batendo me fez entrar no quarto de Agatha em um rompante.

– Oi. – disse friamente, mas meu coração não estava tão frio quanto eu gostaria.

Agatha estava com as costas no guarda-roupa, o barulho que ouvi momentos antes, era, sem dúvida, de suas costas batendo, meu pai deveria tê-la empurrado.

O rosto dela não estava dos melhores também. Agatha chorava e muito. Era nítido. Sua maquiagem sujava suas bochechas, elas estavam pretas, deixando-a com um semblante ainda mais desesperador. Seus braços estavam enrolados em si mesma, como se seu corpo todo doesse. Eu esperava que meu pai não tivesse feito nada realmente grave com ela, além de obviamente empurrá-la.

Meu pai por sua vez estava com uma expressão fria e aparentemente feliz. Ele parecia querer todo aquele drama, toda aquela cena. Ele estava de frente para Agatha, mas não perto.

– Chris... – Agatha sussurrou meu nome e dessa vez não soou como uma sinfonia perfeita.

NACIONAIS-ACHERON

Era o som mais triste que eu poderia ouvir nesse momento.

Agatha chamava meu nome enquanto chorava. Eu nunca a tinha visto chorar daquela forma tão desesperada. Ela parecia realmente acabada, triste, mas ainda havia nela aquele ar da mulher tentadora que conheci. Ela ainda era minha dama de vermelho. Continuava linda, mesmo claramente não estando.

– Então Siren, acho que agora você tem que começar à explicá-lo. – meu pai falou tão friamente que mal o reconheci.

Ele sentou-se na beirada da cama de Agatha e fitou-a, esperando ela começar suas declarações. Encarei-a também, vendo aqueles olhos azuis fixos em mim, mas eles não brilhavam.

– Primeiro, que porra é essa de Siren? – perguntei sem saber direito a qual dos dois, mas meu pai foi o primeiro a falar.

– Esse era o apelido de Agatha quando ela era...

– Cala a porra da boca! – Agatha cortou-o e rindo ele se calou – Por que você ainda está aqui? Por que você não vai logo embora?

– Quero ouvir você falando ao meu filho à verdade, então vou ficar.

– De onde vocês se conhecem finalmente? – indaguei olhando para os dois.

– Chris, – Agatha me fez olhá-la – eu vou te explicar tudo. Só por favor, tente me entender...

– Papo furado. – meu pai bufou.

– Cala a porra da sua boca, já disse! – Agatha rebateu – Você nem poderia ter entrado no condomínio em primeiro lugar.

– Vou calar Siren... – meu velho sorria de um jeito demoníaco.

Agatha balançou sua cabeça e me fez olhar para ela, dessa vez sem desviar meu olhar. Mesmo que tentasse olhar para outra coisa, eu não

conseguia. Meu foco estava totalmente em seus olhos tristes.

– Eu vou te explicar tudo. Basta prometer que me ouvirá até o fim, certo? – eu apenas assenti e me sentei no chão, quando ela também se sentou.
– Depois que minha mãe morreu e eu comecei a modelar, naquela agência que te contei, as coisas não foram sempre simples. Eu ganhava pouco, muito pouco até mesmo para comer.

Sua voz oscilava e se arrastava em alguns momentos, mas era perfeitamente audível. Eu gostaria que não fosse tão audível assim. Gostaria, sinceramente, de não ouvir sua história, de não saber das coisas que ela ocultou, mas, ao mesmo tempo, eu tinha noção que precisava ouvir cada palavra do que ela me dizia.

LXIII



Depois que vi Stuart no teatro, eu simplesmente fugi dali, não vendo o fim da peça e nem a Benny dei uma explicação. Simplesmente fugi.

Stuart veio atrás de mim, mas eu, estúpida, achei que ele não conseguiria entrar em meu condomínio, então eu não fiz questão de apenas rodar pela cidade com minha Mercedes, fui direto para minha casa. Stuart havia subornado a portaria para entrar no condomínio. Portaria que seria em breve demitida.

Tentei correr para dentro de minha casa, mas ele segurou a porta com um pé, entrou e bateu ela, sem trancar. Mais uma vez tentei fugir, indo ao meu quarto e ele veio atrás, mais rápido do que eu imaginava.

Suas ameaças foram as mesmas, mas mais pesadas, carregadas com ódio. Eu chorei, implorei, supliquei para ele me dar mais tempo que eu contaria para Chris de uma maneira mais delicada.

Supliquei pedindo até mesmo "por favor", Stuart foi impassível em

suas palavras. Eu pedia próxima a ele, com o rosto borrado pelas lágrimas e ele me segurava pelos braços, talvez marcando-os. Ele me xingou de "Siren" com tal agressividade enquanto me empurrava como lixo para trás, fazendo minhas costas chocarem no guarda-roupa.

Não tinha doido tanto, minha dor emocional era maior, maior ainda se tornou quando Chris entrou, dizendo um "oi".



Agora eu estava sentada no chão de meu quarto, contando lentamente minha fatídica história de vida para Chris. Dessa vez a história real, sem omissões, apenas evitaria propositalmente certas palavras dolorosas.

– Foi assim por um período: pouco dinheiro, pouca comida. Eu era nova demais, inexperiente demais e eles não acreditavam que eu estava inteiramente madura para ganhar mais por meios "alternativos". Embora eu soubesse que muitas garotas da minha agência ganhavam muito mais que eu, eu só não sabia como.

– Eu tive alguns namorados e tudo mais, não era uma total inexperiente. Então nesse época eu conheci seu pai, ele era de outra agência. Uma boa, reconhecida. Nós nunca tivemos nada, além de uma parceria estranha. Ele disse que eu tinha que adotar um nome, no fim, ficou "Siren".

– Seu pai me deu... possibilidades... de ganhar mais dinheiro. Eu precisava apenas sair com alguns CEOs, como acompanhante em eventos. Eu juro que não fazia nada além disso. Eu era jovem e estúpida, confiei em seu pai e como precisava de dinheiro, eu aceitei e sai.

– Era óbvio que eles queriam mais que uma companhia, mas eu me

NACIONAIS-ACHERON

recusava a ceder. Um dia eu conheci um homem, ainda estúpida, eu me apaixonei rapidamente, acabamos transando mais rápido ainda e ele desapareceu. Surtei um pouco, seu pai estava do meu lado, fingindo ser meu amigo, fingindo me apoiar e eu acreditei, confiei nele.

– Por causa dos CEOs dos quais eu sai, como acompanhante, eu estava ganhando o suficiente para me manter bem, mas reparei que depois daquele homem pelo qual me apaixonei, eu estava com muito mais na conta do que o esperado. Melhor para mim, afinal dinheiro era sempre bom.

– Continuei saindo com alguns CEOs como acompanhante, já não era mais modelo de passarela, apenas fotográfica. Conheci alguns homens, me envolvi, e o dinheiro em minha conta só aumentava. Tudo corria bem, bem demais... Um dia eu descobri que todos os homens, contando a partir daquele que eu me apaixonei e sumiu, tinham pagado para seu pai antes de me ter, digamos, por "completo".

– Depois que eu descobri isso, eu não fiquei abalada. Eu não senti nada. Eu já tinha feito, afinal das contas. E eu continuei fazendo. Se algum desses CEOs, que eu era apenas acompanhante, tentasse algo comigo, eu odiaria, sentia nojo deles, mas quando acontecia de uma maneira “artificial” demais, fingindo ser totalmente natural, eu acabava me entregando.

– Com os CEOs, dos quais eu era apenas acompanhante, eu continuei a ser apenas isso, mas continuei saindo, fingindo ser natural com aqueles outros CEOs, filhos de CEOs, enfim, todos os grandes magnatas ou filhos do mesmo. Eles não sabiam que eu sabia, e eu fingia não saber.

– Conheci meu ex marido enquanto eu ainda fazia isso, mas com ele foi diferente dos outros. Seu pai não o conheceu. Acreditei que enfim não era mais artificial. Benny me conheceu nesse período também. Ele me aceitou, mesmo sabendo o que eu fazia. Meu ex marido também demonstrou me aceitar. E isso me fez me apaixonar mais por ele, por ele eu abandonei à

carreira de modelo e todos os homens. Principalmente seu pai, meu antigo marido fez questão de deixá-lo entender, bem claro, que nunca mais eu e ele nos veríamos.

– Não demorou muito para meu ex marido mudar ou eu que fingia não ver, mas eram ainda em pequenas coisas, pequenos gestos. Que eu fingia não incomodar, mas incomodava. Depois de casada ele mostrou sua verdadeira faceta completamente. Ele me xingava constantemente, humilhava-me de diversas formas possíveis.

– Eu não queria mais ser conhecida como à Siren. Eu não queria que você me visse como uma puta, ninfomaníaca, nada disso... Eu queria que você me olhasse com todo aquele carinho que sempre me olhou. Eu queria... quero... ser à sua Ruiva, nada mais. Eu...

– Eu entendi. – Chris interveio, deixando-me entre o choque e a felicidade.

Será que ele realmente entendia?

LXIV



– *Eu entendi.* – disse e tanto meu pai quanto Agatha

pareceram chocados.

– Você entende ela ter se prostituído? – meu pai perguntou no seco.

Prostituído.

Agatha não havia falado essa palavra em nenhum momento e percebi que ela quase espumava de ódio para meu pai, com razão. Tudo que ela havia falado foi bem elaborado, evitando certas palavras, no fim, acabava com uma palavra nojenta em minha mente: prostituição. E meu pai havia sido o aliciador.

– Você deveria ter ido embora! Eu já proibi sua entrada duas vezes! – Agatha berrou para meu velho.

– Parece que vai ter que proibir uma terceira... – ele começou, mas o cortei com um soco em seu fodido nariz empinado.

Eu tinha me levantado tão rápido do chão e socando-o que ninguém, nem Agatha, esperava por aquilo. Meu soco foi tão forte que rapidamente seu nariz começou a sangrar e meus dedos latejaram.

Meu pai não reagiu, colocou a mão em seu nariz, tentando em vão parar o sangramento. Seu olhar estava fixo no meu e ele não demonstrava nada. Parecia até compreender meu soco.

– Eu entendo, entendo tudo, mas não significa que aceito. – disse, olhando para Agatha também, depois falei apenas com meu pai – Eu deveria ter reagido bem antes, no momento que minha mãe surtou, chamando seu nome e me confundido com você, mas eu te aceitei e nunca imaginaria que enquanto eu sofria calado, você aliciava uma garota dez anos mais nova que você.

– Filho...

– Eu não sou seu filho! – intervim – Eu posso me parecer com você por

fora, mas meu interior não é apodrecido como o seu. Eu não quero ser considerado seu filho! Tenho vergonha de mim mesmo por ter o mesmo nome que você. Você é um porco!

Ele, Stuart, (eu me recusaria à chamá-lo de "pai"), abriu a boca e antes que ele viesse a dizer qualquer coisa, eu o segurei pelo colarinho e fui o empurrando para fora da casa de Agatha.

– Não quero você em meu novo apartamento! – Stuart se afastou de minhas mãos e caminhou sozinho até a porta, mas ainda me olhava – Pode me dizer o quanto gastou nos móveis novos que eu te devolvo cada centavo.

– Não precisa. Foi um presente...

– Não importa! Não quero saber. Saia de meu novo apartamento, quando eu me mudar, se quiser ficar com o velho, faça bom uso. – empurrei ele porta afora.

Mas antes de bater à porta, ele gritou: – Ela não é a melhor escolha! Ainda vamos conversar.

Sim, ele ainda era meu pai e, com certeza, ainda iríamos conversar, mas não tão cedo. Eu tinha tomado uma decisão que poderia mudar minha vida e eu seguiria com ela.

Quando me virei, depois de fechar a porta, Agatha me olhava, em uma extremidade da sala. Ela não se aproximou de mim, mas seu olhar parecia querer vir correndo.

– E então? – ela perguntou com a voz trêmula.

– Tomei uma decisão.

– Qual seria?

– Eu vou viajar com o elenco do teatro em alguns dias. – era isso, um semestre longe de casa, afinal, eu precisava refrescar a mente depois de tudo.

– E quanto tempo dura sua viagem? – Agatha parecia não querer

demonstrar emoção, mas sua aparência não estava em contraste com sua voz tentando ser firme e seus olhos vermelhos, com bochechas manchadas de sua maquiagem.

– Seis meses.

– Seis meses. – ela repetiu baixinho, para si mesma.

– A estreia foi um sucesso, então fechamos um contrato para viajarmos por seis meses pelo país.

– Quando você ia me contar?

– Quando desse certo e quando eu decidisse ir.

Depois de um longo tempo de silêncio, Agatha repetiu: – E então?

– Então? – repeti, caminhando até ela.

– Como ficamos?

Balancei minha cabeça negativamente e ela entendeu.

Nós não "ficávamos". "Nós" nem sequer existiria mais. Aquele era o fim e finais infelizes eram dolorosos.

Você assistia a um filme, lia um livro e quando o final era feliz, você dizia que era clichê, quando era infeliz, você dizia que era ruim. Enfim, eu sempre gostei de finais clichês, porque os infelizes, doíam. Como esse me doía. Mas esse era o fim de um relacionamento de minha vida, não um filme ou um livro que podemos apagar e escrever de novo.

Minha história acontecia em tempo real. Não eram palavras escritas ou um roteiro premeditado.

Eu estava bem perto de, até então, minha Ruiva. Ela sorriu e seus olhos brilharam, mesmo sob toda a vermelhidão das lágrimas que teimavam, mesmo agora, a cair.

Eu sorri, meu sorriso largo de sempre, e senti meus olhos marejados. Não demorou muito para senti-las descerem pelo meu rosto.

Agatha se aproximou mais de mim, deixando seus seios, sobre o vestido, roçando em mim. Ela era sempre tentadora. *Sempre*. Ela colou sua testa na minha e ficamos assim por um tempo: ouvindo a respiração do outro.

Nossos lábios estavam perto e eu não me segurei e a beijei.

Era um beijo de despedidas no final das contas. Tinha todo aquele desespero, luxúria, paixão, dor, saudade, tristeza... Tentação. Era um beijo tentador. O beijo mais tentador que eu já havia dado em toda minha vida.

As mãos de minha Ruiva foram para meu cabelo, uma das minhas para sua nuca enquanto a outra segurava-a pela cintura. Nenhum de nós queria parar. Seu gosto era salgado pelas lágrimas, mas amanteigado com seu próprio sabor.

Quando nos afastamos, quase sem ar, sorrimos. Estávamos, como sempre, na mesma sintonia, com nossos sorrisos amplos, olhos brilhantes, pupilas dilatadas, bochechas manchadas por lágrimas e maquiagem.

– Quando você voltar, se quiser me procurar, você sabe onde eu estarei.
– Agatha disse.

Sim, eu saberia onde achá-la, mas não saberia se até lá eu queria encontrá-la. Eu precisava dessa viagem, que afinal, nem era de tão longo prazo assim.

– Não precisamos perder o contato. Há Benny, aposto que Ian estará sempre ajudando.

Ela assentiu. Eu assenti.

Era o fim afinal.

Dei um beijo em sua testa e sai de sua casa. Falhei na missão de não olhar para trás, eu olhei e a vi ali na porta, olhando-me partir.

Ela acenou e sorriu tristemente.

Ironia vê-la em um vestido vermelho, tão excitante quanto o da

primeira vez que a vi. Não que aquela fosse a última, mas seria por algum tempo.

Ela continuava linda. Tentadora.

Minha Ruiva, ou melhor, Agatha, era a mulher mais tentadora da qual já conheci. E eu estava me despedindo dela.

Quase tive certeza de ouvi-la dizer o mesmo sobre mim.

Que eu, Christopher, era o homem mais tentador do qual ela já conheceu.

EXTRA



(PRIMEIRO CAPÍTULO DE **DEVASTADOR**, SEGUNDO DESTA TRILOGIA – EM 2017)

Era fim de tarde e eu estava com taco de beisebol na mão.

Eu vestia nada além de uma camiseta folgada e uma calcinha de algodão quando ouvi um barulho no andar de baixo em minha casa.

Benny estava no hospital e eu estava sozinha, ele não voltaria por agora, logo eu não hesitei em vestir um roupão, pegar um taco de baseball no quarto dele e descer devagar as escadas para imobilizar o invasor.

A única luminosidade em minha casa era da rua, já que eu não ligava as lâmpadas tão cedo, porém, o dia de hoje nublou e escureceu mais rápido do que de costume.

Com passos lentos desci todo o lance de escadas e encontrei um olhar escuro em minha sala.

Apenas Benny tinha as chaves de minha casa, por, obviamente morar nela, mas antes disso o mesmo já as tinha. Logo não era de se esperar que eu gritasse e levantasse meu taco no ar ao encarar o invasor em questão.

Antes de meu taco acertar sua cabeça ele o pegou com uma mão e

acedeu à luz da minha sala, sorrindo e estendendo os braços em sinal de rendição.

Um sorriso frouxo, que fazia seus olhos brilharem.

Em um segundo o taco já estava no chão, longe de mim e eu cruzava meus braços, sem saber o que fazer.

Eu abria minha boca, mas não sabia por onde começar. Eu dava um passo à frente e recuava dois. Eu não sabia, nem sequer, quais movimentos tomar.

Ele apenas riu, mas parecia tão sem jeito quanto eu.

Gesticulando para o taco no chão, comentou: – Bom saber que você está preparada para tudo!

Eu sorri de volta.

– Espero não precisar usar novamente. – rebati.

Ele abaixou seus braços e sacudiu um molho de chaves na minha frente.

– Desculpe sobre isso, eu acabei ficando com as chaves de Benny, há algum tempo. Como você não ouviu à campainha, mas eu vi seu carro, resolvi entrar. Sinto muito!

Assenti, mas queria mesmo era saber o motivo dele estar ali.

Ele passou a mão pelo seu cabelo e eu enfim, deixei-me analisá-lo, como há quase oito meses não fazia.

E ele estava tão diferente.

Christopher Tyler, meu antigo Chris estava na minha casa depois de quase oito meses! Seu cabelo estava mais curto, *muito mais curto*, mas sua barba permanecia em seu rosto, no entanto, também muito melhor aparada. Ele vestia uma calça skinny e uma camisa de mangas folgada em seu corpo.

Suspirei feliz em reconhecer que seu estilo continuava o mesmo,

mesmo seu olhar estando mais amadurecido e seu cabelo cortado.

Eu adoraria dizer que eu não sentia absolutamente nada por aquele garoto parado a menos de um metro em minha frente. Adoraria descrever que havia um outro homem em minha vida ou que, até mesmo, ele estava em meu quarto. Adoraria comentar que eu não sentia falta nenhum de Chris ou que seus olhos negros não me remetiam à nada.

Eu não somente adoraria, como amaria descrever o irreal.

Mas o real era estúpido demais para eu falar de uma única vez. O real era que, simplesmente, eu estava trêmula da cabeça aos pés e não tinha uma fodida noção do que fazer sobre o garoto em minha casa.

Era ali meu Chris, o garoto que eu havia me apaixonado de maneira tão intensa, tão real, tão insana. Era ali na minha frente o garoto que sabia de toda a minha vida. Era ali na minha frente o garoto que era um homem. O tipo homem-moleque eu nunca pensei que fosse me interessar tanto quanto me interessei. Era, ali na minha frente, o garoto que tinha me dado um “até logo” com cara de “adeus” para ir fazer uma turnê nacional com sua peça de teatro. Duraria um semestre e ele estava ali em quase oito meses.

Não me interessava pensar que ele demorou mais tempo para vir até mim, somente me interessava o fato de que ele estava ali. E eu não sabia o que fazer.

Poderia abraçá-lo? Beijá-lo e fingir que os oito meses nunca existiriam e que, nesse meio tempo, nós não havíamos nos envolvido com mais ninguém? Quando, obviamente, haveria acontecido? Poderíamos fingir que os oito meses não mudaram em nada? Fingir que nossas ambições, desejos e dia a dia ainda eram os mesmos? Poderíamos fingir que não conhecíamos bem o outro?

O que poderíamos fingir, quando, nada mais sobre o outro era uma novidade, desde o sexo ao passado tempestuoso?

NACIONAIS-ACHERON

No entanto, aqueles quase oito meses eram uma lacuna. Não mantivemos contato. Eu sabia que Chris falava com Benny, mas não comigo, Ian e Júlia tornaram-se frequentes tanto em minha vida quanto de meu amigo, mas eu não sabia sobre Chris. Evitava saber.

Percebi ele engolir em seco e educadamente colocou as antigas chaves de Benny no braço do sofá.

Chris sorriu e passou, novamente, suas mãos em seu cabelo.

– E então, como você vai, *Ruiva*?

Eu sorri de volta e respirei aliviada quando constatei que não fingiríamos sobre nada, porque não tentaríamos recomeçar, embora, continuaríamos.

Porém, eu não soubesse dizer se continuaríamos nossa relação ou apenas continuaríamos a não fingir.

Descruzando meus braços eu respondi tranquilamente: – Muito trabalho. E você?

Ele sorriu largamente relaxando seus braços e ficando tão tranquilo quanto eu estava.

Merda!

Ele continuava lindo com seu sorriso presunçoso e a minha constatação era óbvia: quase oito meses não mudaram nada. Eu continuava sentindo tudo e mais um pouco por Christopher Tyler.

Porém, agora era pior, além de *tentador*, o garoto era *devastador*.

NOTA DA AUTORA

Espero que a leitura tenha sido prazerosa. Sinta-se livre para avaliar e conhecer outras obras minhas também à venda na Amazon.

Bem, inicialmente eu não tinha pretensão de transformar esse casal em uma trilogia. Afinal, não acreditava que eles teriam tanta história assim, mas, ao longo da escrita me surpreendi ao constatar que eles tinham e muita coisa ainda para viver e evoluir.

Antes de *Devastador* (sem previsão) haverá *Ardor*, até então **conto** de Ian e Júlia.

Livros:

[Deixe-me Te Amar](#) (TRILOGIA OS AMANTES LIVRO 1) [Arrisque-se e Ame](#) (TRILOGIA OS AMANTES LIVRO 2) [Envolve-se No Amor](#) (TRILOGIA OS AMANTES LIVRO 3) [Box Os Amantes](#) (BOX COMPLETO DA TRILOGIA OS AMANTES)

[Prazer, Destruidor](#) (PRIMEIRO VOLUME TRILOGIA PRAZER)

[Jasmin Palumbo no Wattpad](#)

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON